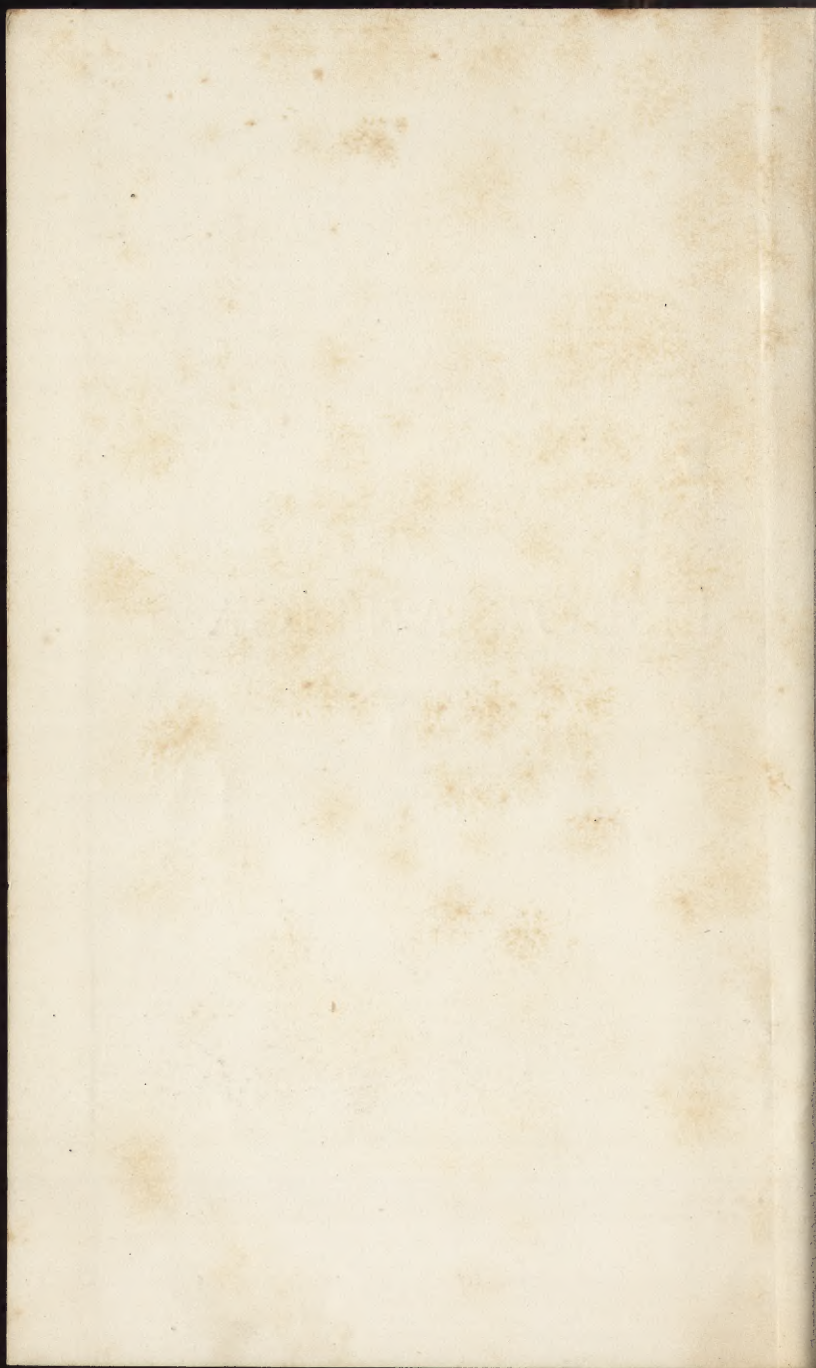
AO LEITOR

Propuz-me contar o que soubesse da fundação e engrandecimento de um dos bairros mais interessantes de Lisboa; e o frucTo dos meus estudos litterarios, genealogicos, e artisticos, constitue o presente volume, primeiro de uma serie de descripções archeologicas da nossa capital.

Apparecer com umas pobres paginas de velharias, quando conscienciosamente desenterradas, não me parece inutil, hoje que para as investigações historicas se formou uma larga corrente na opinião, hoje que o vulgarisar os mais altos assumptos, e até minucias apparentemente insignificantes, é tarefa de muitos e bons trabalhadores.

A historia de Lisboa está por escrever. Dava uma bella obra, sem duvida, que ainda falta na nossa bibliographia. A não serem escriptos dispersos e incompletos, embora eruditos e valiosos, nada temos coordenado e deduzido. Compendiarei por tanto a

LISBOA ANTIGA

LISBOA NO SECULO XVI

1, Mosteiro e palacio da Esperança? — 2, Convento dos Paulistas? — 3, Alto de Santa Catharina — 4, Egreja do Loreto — 5, Ermida dos Fieis de Deus — 6, Convento de S. Francisco? — 7, Casa da India
8, Arsenal e paço da Ribeira — 9, Corpo Santo — 10, Egreja dos Martyres — 11, Convento do Carmo — 12, S. Julião — 13, Hospital de Todos os Santos — 14, Mosteiro de Sant'Anna — 15, Convento de S. Domingos
16, Terreiro do Paço — 17, Santo Antonio — 18, Sé — 19, Paços do Castello — 20, Convento da Graça — 21, S. Vicente de Fóra — 22, Senado? — 23, S. João da Praça — 24, S. Pedro d'Alfama

LISBOA ANTIGA

POR

JULIO DE CASTILHO

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA, EDITOR
50 — Rua Augusta — 52
1879

Ao

Ill.mo e Ex.mo Sr.

DUQUE D'AVILA

E DE

BOLAMA

Ill.mo e Ex.mo Senhor

Inscrevi o nome de V. E. na frente do meu primeiro volume de estudos historicos de Lisboa.

Desejo mostrar a estima e admiração que tributo a tão nobre caracter e a tão elevado talento.

Escolhi para isso a data de hoje, segundo anniversario do dia em que parti para o meu saudoso Fayal, a desempenhar a commissão de serviço publico, de que fôra incumbido pelo governo a que V. E. presidia.

Acceitando-me tão singela dedicatoria, dar-me-ha V. E. mais uma prova da sua benignidade, e augmentará, se é possivel, a minha divida.

Tenho a honra de ser, com altissima consideração,

De V. E.

o mais attento respeitador, e o mais grato e dedicado amigo

Lisboa 15 de outubro de 1879

Castilho, Julio

Se é Portugal a digna corôa da Europa, Lisboa resplandece como digno carbunculo em tal corôa; é a acrópolis do Tejo, a cidade dos marmores, dos templos, dos palacios, dos jardins; a cingida de verdura, de flores, de abundancia; a mãe dos grandes homens, das grandes armadas, e de uma familia grande de cidades espalhadas nas cinco partes do orbe.

CASTILHO.—*Quadros historicos de Portugal.* (*Tomada de Lisboa.*)

PRIMEIRA PARTE

O BAIRRO ALTO

DE

LISBOA

AO LEITOR

Propuz-me contar o que soubesse da fundação e engrandecimento de um dos bairros mais interessantes de Lisboa; e o fructo dos meus estudos litterarios, genealogicos, e artisticos, constitue o presente volume, primeiro de uma serie de descripções archeologicas da nossa capital.

Apparecer com umas pobres paginas de velharias, quando conscienciosamente desenterradas, não me parece inutil, hoje que para as investigações historicas se formou uma larga corrente na opinião, hoje que o vulgarisar os mais altos assumptos, e até minucias apparentemente insignificantes, é tarefa de muitos e bons trabalhadores.

A historia de Lisboa está por escrever. Dava uma bella obra, sem duvida, que ainda falta na nossa bibliographia. A não serem escriptos dispersos e incompletos, embora eruditos e valiosos, nada temos coordenado e deduzido. Compendiarei por tanto a

descripção summaria de uma parte ao menos do grande todo.

Onde não chegar a prova documental, entrarão as conjecturas; mas a conjectura tem quanta vez em taes materias fóros de certeza!

Quem não tiver gosto por um tal genero de estudos, não abrirá sequer o livrinho; em troca, abril-o-hão aquelles a quem apraz divagar nos bairros velhos, esquadrinhal-os com olhos de antiquario e de artista, devanear pela Alfama pittoresca e acastellada das nossas chronicas cavalleirosas e monasticas, e d'entre o presente adivinhar o que lá vae, como Virgilio e Ovidio entreviam ainda as cabanas de Evandro e os juncaes dos paúes, entre as opulencias architectonicas das Esquilias e do Fôro romano.

Escrever um livro d'este genero é abrir de par em par uma janella para a banda do passado. Publical-o, é convidar o leitor a vir encostar-se ao peitoril, e explicar-lhe o panorama. Se pois o leitor d'este prologo me acceita o convite, passemos ao capitulo primeiro.

CAPITULO I

Quadro campestre do Bairro alto.—O que eram todos esses terrenos no primeiro quartel do seculo XVI.—Onde e como findava para o lado do poente a muralha de Lisboa.—O postigo de S. Roque.—O postigo da Trindade.—A porta de Santa Catherina.—O postigo do Duque de Bragança.—A praia deserta do Tejo.—Os Andrades ou Andradas senhores de uma grande quinta.—Quem eram elles.—João de Altero de Andrada.—Seus filhos.—Nicolau de Altero.—Bartholomeu de Andrada.

Não vão longe os fastos nobiliarios do Bairro alto de S. Roque; a pouco mais alcançam de trezentos annos.

No primeiro quartel, e na primeira metade, do seculo XVI, toda essa vasta região eram campos, já maninhos, já cultivados[1]. Aquelle taboleiro montuoso, que lá desde a lomba dos Moinhos de vento se tombava para sobre as ribeiras desertas do Tejo, sombreavam-no oliveiras, bastas para o lado onde hoje é S. Roque; matizavam-no matagaes e pastíos silvestres, e repartiam-no casaes e herdades ermas,

[1] Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea*. Dialogo 10.º

aprasiveis pela postura do chão, e pelo lavado dos ares.

Lisboa não passava n'esses tempos para fóra da cerca torrejada com que a cingira el-rei D. Fernando de 1373 a 1375. Para a banda do poente findava na torre de Alvaro Paes, cubello extremo do lanço de muralha que se empinava desde o Valle verde, por traz do velho paço dos Estáos, ao longo de uma escarpada vereda; ou mais á moderna: terminava no lado sul do largo de S. Roque, por uma torre historica onde fechava o lanço do muro, que subia desde o passeio publico, de traz do theatro de D. Maria II, ao longo da calçada do Duque[1].

Ao lado da torre, a que parece ter dado o nome

[1] Esta ingreme calçada teve varios nomes: o mais antigo que lhe conheço é o de *calçada do Postigo do Condestavel,* tomado da denominação da porta que lhe ficava ao cima, porta assim chamada em honra do santo fundador do proximo convento do Carmo. Depois chamou-se *calçada do Postigo do Carmo;* depois *calçada do Postigo de S. Roque,* quando áquella porta, ou postigo, deu nome a imagem de S. Roque collocada na sua parte superior. Este nome durou até 1715, pelo menos, porque assim o escreve a *Chorographia* do padre Carvalho fallecido em 1715. Entre esse anno e o de 1745 trocou-se o nome no de *calçada do Duque,* que hoje se conserva. Esse duque é o do Cadaval, cujo palacio existe dentro de um grande pateo na rua do Principe ao Rocio. Traz essa denominação frey José Pereira de Sant'Anna em 1745 na sua *Chronica dos Carmelitas,* t. I, pag. 380. Depois do terremoto porém, como se vê em mappas ineditos que existem na Torre do Tombo, *calçada do Carmo* se chamava ao que subia do Rocio até bifurcar para o Carmo e para S. Roque; *calçada do Duque* desde essa bifurcação até á rua da Condessa; *calçada de S. Roque* até á torre de Alvaro Paes.

antigo o venerando chanceller-mór Alvaro Paes, abria-se uma porta chamada *do Condestavel,* e mais modernamente *de S. Roque.* A muralha formava angulo e tornejava para o sul. Pouco abaixo abria-se desde 1560 o postigo da Trindade. A muralha seguia sempre para o sul. No sitio onde hoje vemos o largo do Loureto, campeava, com quatro bastiões ameiados, a importantissima porta *de Santa Catherina,* olhando ao poente. A muralha, tendo deixado, separada d'ella, e *extra muros,* a então recente egreja do Loureto, continuava a descer pelo lado oriental do que é hoje a rua do Alecrim, e, depois de se abrir no *postigo do Duque de Bragança,* encaminhava-se até ao sitio que fica entre os dois Ferregiaes, o de cima e o de baixo. Por ahi perto eram já as ribeiras fragosas do mar, medonhas e tristes (que me dizeis a isto, habitantes da rua 24 de julho?) a tal ponto, que, ainda el-rei D. Sebastião, o aventuroso rei-cavalleiro, ahi andava de noite a divagar, arrostando perigos.

A muralha formava outro angulo, e seguia para o oriente.

Não é nosso proposito aqui o costeal-a toda. Voltemos a S. Roque; e d'esse ponto elevado, se estivessemos nos primeiros vinte ou trinta annos do seculo XVI, mirariamos campo extensissimo que se nos antolhava para o lado do poente.

*

Pois quasi tudo isso, esse ambito de terrenos, semeados acaso de algum colmado solitario, rasgados de barrocaes, e ora lavradios ora vinhateiros, eram

pertença de uma quinta, cujos senhores, oriundos de Galliza, brilham nos melhores nobiliarios de Portugal: os Andrades.

Estes Andrades, ou Andradas, que, segundo diz Miguel Leitão (o da *Miscellanea*), que o devia saber, ambos esses appellidos são um, tinham-se por bons fidalgos, e gente de haveres.

A casa d'esta sua quinta que bem situada não era então! á beira da estrada que ia para os Moinhos de vento e Campolide; bella vista de campo e mar, e ás abas de Lisboa. A parte rustica da propriedade estendia-se *desde a porta de Santa Catherina até á Esperança, e desde o mar até aos Moinhos de vento,* conforme diz Miguel Leitão[1]; ou, segundo a marcação mais minuciosa que dá o genealogista Manço de Lima[2], *desde S. Roque até a baixo da porta de Santa Catherina, e d'ali até á egreja das Chagas e Boa Vista* (hoje a Esperança), *d'onde passava aos Moinhos de vento, e acabava a circumferencia em S. Roque.* Concordam inteiramente os dois escriptores.

*

Quanto ao nome do dono, ou donos, da vasta propriedade, vejamos o que até hoje se pôde averiguar como mais certo.

Vivia em Lisboa em tempo d'el-rei D. João II e d'el-rei D. Manuel, segundo parece, um homem nobre, de antiga geração de Alteros, arvore que re-

[1] *Miscell.*—Dial. 10.º

[2] *Familias de Portugal,* geneal. mss. da Bibliotheca Nac. de Lisboa.—Lettra A, tom. III, pag. 479.

monta a sua origem ás primeiras eras da monarchia. Chamava-se João de Altero de Andrada.

Que era pessoa abastada tudo o comprova; os seus haveres territoriaes estendiam-se n'essa area que demarquei pouco acima; e a morada que servia de cabeça á dita quinta, erguia-se justamente no sitio onde hoje campeia a grandiosa casa do sr. Delfim Guedes, enquadrada entre as actuaes ruas da Torre de S. Roque, dos Calafates, da Agua de Flor e da Boa Hora.

Este João de Altero casou com sua parenta Helena de Andrada, filha de Ruy Paes de Andrada, fidalgo da casa d'el-rei D. Affonso v, e senhor da quinta de Cádima em Monte-mór o velho; da qual Helena teve João de Altero tres filhos:

I.—Nicolau de Altero de Andrada, de quem logo fallarei;

II.—Francisco de Andrada que morreu solteiro; e

III.—Brites de Andrada, mulher de Sebastião da Costa, escrivão da camara d'el-rei D. João III; tiveram geração, mas não nos importa seguir essa linha.

Por morte do velho João de Altero, a sua viuva passou a segundas nupcias com seu primo co-irmão Bartholomeu de Andrada. Levou-lhe em dote metade da casa, pelo menos, do defunto; e a Nicolau de Altero, filho do primeiro matrimonio (e provavelmente a sua irmã Brites, se era viva) couberam as restantes porções da grande quinta, que ficou desmembrada, mas ainda posse do mesmo sangue.

Quem era porém Bartholomeu de Andrada? era um filho segundo, talvez sem eira nem beira, e de

quem esse casamento fez de repente um abastado cidadão.

Por sua mãe, D. Izabel Affonso de Andrada, era neto e sobrinho de dois condes de Andrada fidalgos de Galliza. Orphã de pae, recolhera-se D. Izabel a um mosteiro de franciscanas; acertára de a ver Gil Thomé Paes, portuguez natural do Pedrogam, infanção e capitão de ginetes, que se achara com o principe D. João (depois el-rei D. João II) na batalha de Toro em 1476. Ver a formosa recolhida, e ennamorar-se d'ella fôra tudo o mesmo. Concluida a paz casaram, em 1479 ou 80.

Tiveram varios filhos, e entre elles este Bartholomeu; não é muito conjecturar que nascesse por 1482 ou 1483. Tambem é provavel que desposasse a sua prima Helena antes de 1513, porque n'esse anno o vemos dar de fôro aos religiosos da Trindade o campo *de terras de pão e olival* (que certamente lhe adviera por cabeça de sua mulher), e onde existia desde os principios do seculo, como melhor direi logo, uma ermida fundada por el-rei D. Manuel. Parte d'esses campos compraram-nos depois os jesuitas para edificarem a sua casa professa de S. Roque [1]. Mas basta, que vamos anticipando de mais.

*

Do seu casamento com Helena teve Bartholomeu por unica filha a Izabel de Andrada. Veremos para o diante o que succedeu a essa herdeira; voltemos

[1] S. José.—*Hist. Chron. da Ord. da SS. Trindade*, t. I, pag. 179.

agora ao primogenito do fallecido João de Altero, e enteado de Bartholomeu: o nosso Nicolau de Altero de Andrada.

Não sei que militasse nem seguisse carreira. Continuou a viver em Lisboa, na casa que lhe coubera, que foi a que mencionei. Casou com sua prima co-irmã Martha de Andrada, filha de Pedro de Andrada e de Catherina Coelho, que eram de outro ramo da mesma familia, chamado dos Andradas do Pedrogam grande. Teve d'ella seis filhos; foi a ultima de todos Brites de Andrada, a qual casou em primeiras nupcias com Balthazar de Seixas, de quem teve dois filhos, que não deixaram prole; e em segundas nupcias com um seu primo, a quem tenho de referir-me depois mais largamente.

*

Por tanto, recapitulando, vemos o seguinte:

O farto haver de João de Altero de Andrada partiu-se por morte d'elle: uma porção para a viuva Helena, e outra porção para os filhos. O que á viuva coube passou, pelo novo casamento d'ella, para Bartholomeu de Andrada, e por isso que era extensão grande de terreno, chamam os genealogistas, e até a *Miscellanea,* a este Bartholomeu senhor das fazendas em que depois se fabricaram as ruas que hoje existem.

Mas exclusivo senhor não era elle, visto que aos seus enteados devera caber tambem bom quinhão na partilha.

Assentemos pois que pelo meio do seculo XVI eram os principaes proprietarios da quinta de João de Al-

tero (o qual não sei de quem a houve) Nicolau de Altero filho de João, e Bartholomeu de Andrada padrasto de Nicolau.

Isto posto, vejamos que edificações havia por ali n'aquelles tempos; tratemos por ora da parte fóra dos muros, e comecemos pelo olivedo, que sombreava as empinadas encostas do cabeço, já então chamado de S. Roque.

CAPITULO II

A ermidinha de S. Roque no chamado Rocio da Trindade.—Descreve-se a construcção da ermida.—Quadro de costumes.—Entra em Portugal a Companhia de Jesus.—Estabelece-se na casa de S. Roque.—As predicas dos padres.—A morada do visinho Nicolau de Altero.—Uma gravura do seculo XVI.—A capella de S. Roque na nova egreja dos jesuitas.—Progressos da Companhia.—Menciona-se entre todos os padres o bondoso Ignacio Martins.—Comprova-se com um facto curiosissimo a sua pasmosa influencia nos costumes do tempo.—Entra no espirito dos dinheirosos a construcção de um novo bairro na quinta dos Andradas.—Villa Nova de Andrade.—Cita-se Balthazar Telles.—Lisboa velha e Lisboa nova.

No sitio onde hoje se ergue a egreja de S. Roque, fundara el-rei D. Manuel uma ermidinha. Foi para albergar umas reliquias d'aquelle Santo, mandadas pela senhoria de Veneza, por occasião de uma peste que assolava Lisboa no principio do reinado do nosso monarcha.

Tudo ali eram campos; e, segundo collijo de uma trova contemporanea, chamavam a esse deserto *o rocio da Trindade*[1]. Como já as egrejas não bastas-

[1] A trova é o testamento burlesco do macho russo de Luiz

sem para os enterramentos, faziam-n-os contra o costume no frondoso olival d'esse oiteiro, por muito lavado de ares e apartado do grosso da povoação.

Extra muros da parte oriental de Lisboa, era conservada pelos conegos regrantes de S. Vicente uma reliquia de S. Sebastião, advogado da peste. Quiz el-rei que fóra d'este outro extremo occidental se levantasse casa condigna ao outro advogado da mesma doença[1].

Foi do maior enthusiasmo na Lisboa manuelina a edificação da nova ermida de S. Roque. Parecia que, depois de erguido este *sacello* piedoso, a cidade ficaria como que resguardada da invasão tão frequente das epidemias, e que deviam escudal-a aquel-

Freire, por D. Rodrigo de Monsanto. Pede o dito animalejo que seu dono o mande levar

com mui grã solemnidade
ao rocio da Trindade,
ú me mando enterrar.

Estes versos do Cancioneiro de Resende (*mihi* edição da Livraria Classica, pag. 144) devem ser do fim do seculo xv, isto é, do tempo em que a mais proxima casa religiosa do sitio era o convento dos Trinitarios.

[1] *Compromisso da irmandade do bemaventurado S. Roque em a egreja da Companhia de Jesus, ordenado pelos irmãos d'esta antiga confraria em Lisboa no anno de 1605.*—É uma copia exactissima tirada por mão do sr. conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, e que S. Ex.ª teve a bondade de facultar ao auctor d'estes estudos, pelo que elle lhe renova aqui os seus agradecimentos. D'este Compromisso tirou Balthasar Telles por certo as noticias que inseriu na sua Chronica.

las duas casas como duas atalaias mysticas, duas fortalezas sobrenaturaes. Acordou toda a população; foi uma faina nunca vista. Vinham em romaria as senhoras de Alfama trazer ellas proprias, por suas mãos, em bilhas enramadas de flores, a agua para as obras, buscada no chafariz da Ribeira; e a nobreza tomou a si a protecção da ermida, inscrevendo no registo da confraria os primeiros nomes historicos de Portugal[1].

Foi isto em 1506; as obras começaram a 24 de março, conforme inscripções achadas na fabrica primitiva, depois, ao reedificarem-na.

*

Em 1540 entrou a Companhia de Jesus em Portugal; desejosos os padres de terem casa em Lisboa, escolheram aquelle cabeço. Na propria ermida de S. Roque estabeleceram em 1553 o seu solar, e n'uns colmados e pobres choças que em roda se engenharam, os seus humillimos albergues; albergues de quem pensava mais no ceo do que na terra, albergues de quem engeitava paços (como engeitou a companhia) para melhor se saborear na contemplação da natureza.

Era pois na ermida que se empregava a maior faina da attractiva parenése dos padres. Enchia-se a nave com a diaria concorrencia de fieis, a que não faltavam a côrte, e os monarchas. Ás tardes juncavam-se os arredores com o povo de Lisboa; este ia ali com tamanha devoção, que era mister fazerem-

[1] *Compromisso* citado. Balthazar Telles, *Chronica,* etc.

se a um tempo dois sermões: um na capella, outro em pulpito provisorio junto do portal, aos que ficavam de fóra *á sombra das oliveiras;* dil-o o chronista [1].

Ora, como apontei, defronte da ermida, e separada d'ella pela estrada que levava aos Moinhos (hoje ruas de S. Roque e de S. Pedro de Alcantara) erguia-se já então a casa e quinta que herdara Nicolau de Altero de Andrada. Miguel Leitão e o padre genealogista Manço de Lima ambos a collocam, um na visinhança dos padres de S. Roque, e o outro junto ao relogio de S. Roque, do qual tirou nome a travessa do Relogio, que era no tempo de Carvalho da Costa a que é hoje do Guarda Mór. Seguindo essas indicações, e podendo examinar titulos de propriedades, e genealogias, cheguei á certeza de que a residencia dos Andradas era onde vemos o palacio do sr. Delphim Guedes, sem tirar nem pôr. A seu tempo averiguaremos isso.

Se não é miragem, das que tão frequentes enganam aos amadores das velharias, julgo reconhecer o albergue do seculo XV, com o seu pateo, a sua torre senhorial, e as suas officinas ruraes, na minuciosa gravura do livro de Jorge Braunio, impressa pelos fins do seculo XVI [2].

*

A Companhia foi lançando raizes, ao bafo pater-

[1] Balthazar Telles.—*Chr. da Comp. de Jesus,* 2.ª parte, pag. 104, 178, etc.

[2] *Theatrum urbium,* t. V.

nal d'el-rei D. João III. Planeou elle doar-lhe solar condigno de tal instituto, e de braço real; engeitou-o por humildade a Companhia; bastou-lhe começar a erigir em 1555, sobre o pequenino templo, cujo sitio exacto foi conservado por memoria, pois é a actual capella lateral dedicada a S. Roque, um templo vasto, e um hospicio limitado e commodo, sem os primores, porém, que o filho do fundador dos Jeronymos se comprouvera de imaginar. Balthazar Telles lá traz tudo isso muito por miudos.

Crescia, alava os seus braços verdes, carregados de flores e fructos, a nova casa professa de S. Roque. Continuavam as prédicas; e se entre os apostolos da roupeta me é permittido n'este logar que especialise um só, registemos o rasteiro e glorioso nome de um dos mais devotados padres da Companhia, o venerando Ignacio Martins, a quem a fama publica melhor conhece por *mestre Ignacio da cartilha*. Sim, mestre, nascido com todo o condão do ensinamento; mestre que não córava do seu ministerio, e cuja aula era aquella primeira capella do corpo da egreja, do lado da Epistola, que lá está, e a que elle trocou por suas obras o orago em Nossa Senhora da Doutrina [1]; sim, guia das creanças do bairro, pae dos pobres, mestre cujo sceptro era uma canninha verde, e cuja palavra era musica do ceo.

Isso foi, e muito mais, o mestre Ignacio da cartilha.

[1] No correr dos tempos a capella de Nossa Senhora da Doutrina mudou-se para onde hoje está: é a primeira do lado direito junto á porta; mas a primitiva do padre Ignacio é a outra.

A influencia d'elle nos costumes e na moral dos seus concidadãos era pasmosa. Escutava-se-lhe a voz suave e edificativa, como se escutaria um cantico. Não se imagina hoje a que ponto de affectuoso fanatismo chegou a veneração pelo bom do padre mestre, cuja physionomia toda riso, toda caridade e indulgencia, o povo se acostumara a ver passar pelas ruas tumultuosas da capital, entre um grupo buliçoso de alumnosinhos.

Sinite parvulos...

Abramos aqui um parenthesis. Quer o leitor ver até onde subia o respeito que tinham ao padre?

*

Uma vez (foi por aquelles tempos, não sei quando), alta noite, despertou no seu leito uma piedosa viuva, moça e formosa ainda, a quem era uso ir, no dia da festa de setembro, a pé e descalça, até á Luz, pagar á Virgem uma promessa annual. Viu que já clareava, ergueu-se, e abalou. Chegando á rua, percebeu que era do luar, e não da alvorada, o clarão que a enganara. Como quer que fosse, e visto que ali estava, poz-se a caminho.

Chegou ao alto de S. Sebastião da Pedreira, e ouviu meia noite n'um campanario. Atemorisou-a o achar-se tão tarde fóra do seu lar; mas resolveu, nem tornar á poisada, nem aventurar-se a taes deshoras pelos ermos, senão descançar ali n'alguma porta ou n'algum poial, até ser devéras manhã, e seguir então mais pelo seguro.

N'isto, ouve um tropear de cavallo, e vê vir cantarolando um cavalleiro, moço e guapo, tal como lh'o mostrava a formosa lua do nosso formosissimo setembro lisboeta. Pelos modos era algum vadio de côrte que recolhia. Ainda mais se retraiu envergonhada e temerosa a pobre solitaria.

A noite, de clara que estava, era como dia. O cavalleiro ao avistar ali, perdida, extraviada, aquella mulher mysteriosa, deteve-se. A imaginação accesa inspirou-lhe não sei que ousadias; os fumos da ceia d'onde porventura se erguera, soltaram-lhe essas despejadas ousadias em tentativa diabolica. A hora, o calado do campo, o aventuroso da expedição, levaram de vencida escrupulos.

Perguntou á penitente o que ali fazia. Respondeu ella, compondo a voz e o aspecto, a sua singela verdade. Offereceu-se logo o dissimulado moço a leval-a de garupa até á Luz; e antes que ella podesse defender-se, tomou-a, traiçoeiramente cortez, na anca do murzello, metteu de esporas com o seu furto singular, e lá se abalou galanteando. A mesquinha da viuva encommendou-se á Virgem em tão apertado lance.

A poucos passos andados pára o cavalleiro. No turbamento que lhe afogueava os sentidos ouvira... isto é, crêra ouvir... como que ali por perto, na mesma estrada, d'entre o massiço escuro de uns freixos, algures, a cantilena arrastada e musical da doutrina do tão popular mestre Ignacio, a quem elle proprio, o mancebo, como todos, venerava.

Mas áquella hora! n'aquelle descampado! Não podia ser. Tornou a andar.

Tornou a arripial-o (sem elle atinar o porquê) entre o silencio vastissimo da noite, que nem aragem nem ladridos longinquos perturbavam, a toadilha tão sabida em Lisboa, e as vozes das creanças, e entre ellas a voz paternal do santo. Tornou a parar, atonito da novidade.

—«Escusae-me um pouco;—diz o allucinado á penitente, depondo-a no chão —«aguardae-me aqui, «em quanto eu vou destrinçar o que possa isto ser. «Mestre Ignacio n'este campo! a esta hora morta! «e vem a aproximar-se! Temo me reconheça, e vou-«me primeiro a encontral-o.»

E assombrado arrancou a galope por uma azinhaga, em busca das vozes soltas com que a phantasia desvairada o embaíra. E assim deixava livre e illeza a pobre dona, que pôde apressada esconder-se-lhe de vez, e a quem este acaso providencial conseguira salvar.

Um acaso? não. Salvara-a o remorso na consciencia do seu roubador, e salvara-a, lá de longe, sem ella o suspeitar sequer, o condão sobrenatural da fama do innocente padre mestre Ignacio.

Oh! que ardentes não deveram ser as graças da penitente á Virgem que lhe fôra tão evidente amparo!

Tempos de fé.

Acabou-se o parenthesis. Voltemos a S. Roque de Lisboa.

*

Com os progressos da Companhia, com a fama das suas virtudes, com a crescente affluencia de gen-

te ás suas festas e sermões, entrou a nobilitar-se aquelle campo deserto; e, já pelo condão attractivo que tiveram sempre as casas religiosas, já pela tendencia de Lisboa a expandir-se para o occidente, foram pensando os poderosos em que de tantos olivaes e pastíos devia brotar o melhor bairro da cidade. E mais os deveu incitar n'essa idéa o desequilibrio que nas rendas de casas, e nas commodidades dos cidadãos, tinham produzido os terremotos recentes, e o subvertimento de ruas inteiras. Por isso não admira como se deixaram os dinheirosos namorar do convidativo aspecto d'aquella região. Provavelmente Nicolau de Altero, que já era rico, e seu padrasto Bartholomeu de Andrada, que tambem o era, pois desposara uma rica viuva, anteviram lucros pasmosos no arroteamento d'esses chãos lavradios, e entraram a dar de aforamento o seu latifundio. A energia monetaria da fidalga Lisboa oriental empenhou-se logo, como era claro, na construcção da nova povoa, nascida ali por encanto da palavra dos jesuitas. Havia n'aquelle instituto sagrado uma innegavel vis civilisadora, que sabia arrastar as turbas para as idéas do bom e do grande.

A povoação, o ennobrecimento, e a civilisação do *Bairro alto* de S. Roque, como depois lhe começaram a chamar, isto é, o mais consideravel augmento que teve a capital, com todas as suas consequencias pecuniarias, sociaes, economicas, e hygienicas, tudo é pois exclusivamente filho legitimo da Companhia de Jesus.

Mas não digamos ainda *bairro,* que n'esse tempo não o era; figurava o sitio como uma villa ás abas

de Lisboa; poseram-lhe *Villa nova;* e para a caracterisar coroaram-n-a com o appellido dos seus directos senhores: *Villa nova de Andrade.*

*

Fosse quem fosse o intendente das construcções, e tivesse, ou não, o senado de Lisboa ingerencia directa no traçado de *Villa nova,* o que é visivel é que se olhou com certo desvelo para o nascente povoado. Houve plano; e não foi o acaso quem o delineou, o acaso, que assim se chamava o architecto moirisco da Lisboa velha. Admira-se uma grelha quasi simetrica de formosas ruas cruzadas em angulos rectos. Ali já ha progresso palpavel, ordem, systema, que é o segredo das obras grandes; já alvorece o rigor pombalino da nossa *baixa* de hoje; já as avenidas são relativamente largas e alinhadas; em summa: sobre aquella amostra de edificação arregimentada, commoda, e clara, paira (ou eu me engano muito) e pensamento claustral, o espirito luminoso e uniforme da Companhia.

Villa nova de Andrade assim bafejada pelos padres e pela nobreza tornou-se moda. Em breve retalhou-se, ou por emphytheuses ou por compras, todo aquelle largo tracto de terreno; uns escolheram aqui, outros ali; uns queriam a vista do campo, outros a do mar; um preferia contemplar o poente, os oiteiros verdejantes, a barra do Tejo e as campinas da Outra-banda; aquelle ia buscar a saude nos ares lavados dos Moinhos de vento; aquell'outro voltava-se para o nascente, e para os morros acastellados, a mirar os azulejados corucheos da gothica Lisboa

de S. Jorge e S. Vicente, ou a espairecer a vista no olivedo densissimo do monte de Sant'Anna[1].

Houve logar para todos. A quinta dos Andradas era grande, e, segundo se vê, hospitaleira. Por devoção, e por elegancia, muitos nomes primaciaes ali edificaram os seus solares. Quasi que não ha ruas d'aquellas onde não vejamos casas nobres, algumas muito vastas e muito opulentas, se bem que a maior parte em grande decadencia hoje, e algumas em ruina.

Tudo isso foi effectivamente para a Lisboa mystica do seculo XVI agradavel novidade e proficua diversão.

É visivel a satisfação e ufania, com que Balthasar Telles, que era um peninsular enthusiasta, como o seu pittoresco estylo denuncia, exclama:

É este bairro, se não o mais frequentado, ao menos o mais gabado; as casarias, mui nobres; a obra, de architectura romana e de traça moderna; o sitio, o mais alto da cidade, o mais descoberto ao norte, o mais lavado dos ventos, o mais purificado nos ares[2].

Depois d'esta fundação arrojada, a tortuosa Alfama e a escura Mouraria ficaram sendo o passado cavalleiroso; Villa nova constituiu-se fidalga logo ao nascer, mas fidalga de paz, lavradora repousada e senhoril.

[1] O monte de Sant'Anna era em fins do seculo XVI (publicação aproximada do vol. V do *Theatrum urbium* de Braunio) tão vestido de olivedo, que diz o mesmo livro: *Collis... densissimo oliveto obsitus, ut non facile introrsus inspici possit.*

[2] *Chron. da Comp.*—Part. II, pag. 101.

Em S. Vicente e no Castello ficaram morando as chronicas sangrentas das eras mortas; pelas viellas do morro oriental ressoavam os eccos das lendas de arnezes e montantes; Villa nova de Andrade tinha na sua avoenga as tradições bucolicas dos pastíos e arvoredos, e sendo como era a morada do presente, sorria como berço auspicioso do futuro.

Alfama era a epopeia; Villa nova a egloga.

*

A crescente faina da colonia foi pois um progresso bem acceito pela opinião, e auxiliado pelos grandes e pelos opulentos. Em vez das viellas tortuosas de S. Gião e Magdalena, os coches e as liteiras encontraram boas renques de casas alinhadas, que muito pasmaram os moradores da *inclyta Ulyssêa.*

As oliveiras—diz o padre Telles—*transformaram-se em casas, os cerrados deshabitados se mudaram em edificios grandiosos, cheios de gente nobre e de fidalgos illustres; os vallados toscos se trocaram em fermosas ruas; o campo se fez cidade; o monte se converteu em côrte; e o sitio deserto se viu mudado em uma copiosa povoação: de sorte que representa hoje aquelle bairro uma bastante cidade, que por estar edificada sobre monte não se póde esconder*[1].

O padre fallava em 1640 e tantos, isto é, muito menos de um seculo depois de fundada a villa; fôra pois rapido, como se vê, o crescimento; e tanto, que o nome de *villa* bem cedo se obliterou (prova de au-

[1] *Chron.*—Part. II, pag. 101.

gmento); a villa passou a ser bairro da cidade a que tinha ficado adjacente, e o publico denominou-a *o Bairro alto*.

E note-se que, já no tempo de Miguel Leitão de Andrada, o titulo da villa andava como que meio afogado nos varios subtitulos das ruas e paragens do bairro. N'esse tempo, diz aquelle auctor que *principalmente* chamavam *Villa nova de Andrade* ao campo que ia da porta de Santa Catherina até á egreja das Chagas [1].

Depois, a pouco e pouco, tudo por aquelles contornos tomou as suas denominações particulares, os seus fóros cidadãos, e *Villa nova* ficou pertencendo á archeologia. Foi o que tinha succedido a *Villa gallega,* da banda de S. Vicente [2], a *Villa quente,* da banda da Graça [3], a *Villa nova de Gibraltar* na Ribeira [4], etc. etc.

Era a continuada invasão, bem graciosamente pintada por Herculano n'um dos primeiros capitulos do *Monge de Cister;* a absorpção dos suburbios pela incontentavel e magnifica Lisboa.

[1] *Miscell.*—Dial. 10.º

[2] Fr. M. da Esperança.—*Chron. dos francisc.*—Tom. II, pag. 317.

[3] Ainda assim chamada no principio do seculo XVIII, segundo encontrei n'uma antiga escriptura.

[4] Ainda em tempo d'el-rei D. Manuel se chamava *Villa nova* o sitio, extra-muros então, onde hoje se levanta o mutilado templo da Conceição velha, e as casarias circumvisinhas, como prova o documento de doação da casa de Belem aos religiosos de S. Jeronymo, e *escambo* da Judiaria grande com a Ordem de Christo.—*Hit. Gen. da C. R.*—Provas, tom. II, pag. 256.

CAPITULO III

Recapitulação do exposto.—Investiga-se a origem do nome de algumas ruas do novo bairro.—Feição campestre do sitio conservada nas denominações cidadãs.—Exemplos.—A rua da Barroca.—Frey João e o Mestre de Aviz.

Viu-se a quem pertenciam no seculo XVI os desertos pegados com a cerca de Lisboa; assistiu-se á fundação da casa professa de S. Roque; á faina da edificação de Villa nova de Andrade; á troca d'esse nome no de *Bairro alto;* finalmente: examinou-se o que eu sabia das origens da vasta campina metamorphoseada em cidade pela varinha magica da Companhia de Jesus.

Resta-me investigar a origem e o nome de algumas das ruas do bairro, narrar a historia succinta de algumas das suas casas religiosas e particulares, as tradições historicas e legendarias que por aquelles cunhaes e beirados habitam, como aves da noite; e por fim alguns dos caracteristicos peculiares de tão historica região.

*

É engraçado verificar que em muitas das arterias populosas que por ali atravessam, ficou impressa a feição primitiva dos sitios. Em muitos nomes d'essas ruas se rastreia o que ellas disfarçam; em muitos recantos prosaicos e de todo cidadãos do nosso *Bairro alto* se aninha, aqui, ali, com o seu bucolismo tão agradavel, a lembrança da vasta propriedade, hortelôa e vinhateira, do velho João de Altero. Vejamos:

A rua *da Vinha,* e a proxima travessa *das Parreiras* (hoje *da Cruz de Soure),* como que nos estão pintando na mente a vertente occidental toda verde, e sombreada de pampanos de uva escolhida, ufania da adega senhoril dos Andradas.

A travessa *da Horta* alastra-se aos olhos com a abundancia fresquissima do seu cognomento.

Á rua *dos Cardaes* não teriam chegado a charrua e os enxadões; por ali jazia o terreno inculto e arido, talvez para pastío do gado da quinta.

A rua *da Palmeira* e a travessa *da Palmeira* (que eram de certo no antigo Casal da Palmeira [1]) elevam os olhos do espirito a algum façanhudo estipe, que amostrava de longe a sua grimpa verde. Quem sabe se o trouxera e semeara algum parente pelejador em guerras de Africa, ou Asia, que fôra levar o nome gallego dos Andradas a pagodes mirificos de naires, a senzalas de cafres, ou a aduares de Berberia!

A rua *da Horta secca* e a travessa *do Sequei-*

[1] Carvalho da Costa.—Tom. III, pag. 490.

ro[1] dão pouco refrigerio ao coração, que se confrange quasi ao pensar na sitibunda alface, e nas renques amarelentas dos feijoeiros.

Mas lá está a travessa *do Poço da Cidade*[2], e a *do Poço da Crasta*[3] e o *Poço do Chapuz* para dessedentar a quanto nabal se alastre n'esses contornos.

Em summa: a rua *do Carvalho,* a rua *do Loureiro,* a rua *dos Jasmins,* a rua *da Era,* a travessa *da Era* (ou *hera),* a travessa *das Chagas velhas,* a travessa *da Laranjeira,* ou *das Laranjeiras,* como d'antes se chamou, a rua *das Parreiras,* a rua *das Flores,* e talvez a praça *das Flores,* são risonhas amostras de um quadro que se perdeu, um grande quadro variegado, painel muito florido, a que talvez se apegassem, aqui, ali, n'algum canteiro, n'algum alegrete, n'algum caramanchão, memorias desconhecidas das lindas mãos de Brites ou de Helena de Andrada; e digo *lindas,* porque Miguel Leitão lá confessa, com ar malicioso, que havia então parentas suas bem formosas[4].

Apraz-me o nome do *Moinho de vento,* sitio d'onde se descortinava então um panorama delicioso, a

[1] Se este nome não é acaso corrupção de *travessa do Siqueira,* que existia no tempo de Carvalho da Costa na freguezia de Santa Catherina.

[2] Chamada vulgarmente, no tempo do terremoto, *travessa do Brigadeiro,* segundo vi no tombo mandado fazer por ordem do marquez de Pombal.

[3] Ainda no tempo de Carvalho da Costa, que a menciona na *Chorographia.*—Tom. III, pag. 504.

[4] Dial. 20.º

julgar pela elevação. A vista gravada no *Urbium prœcipuarum mundi theatrum,* apresenta essa parte de Lisboa coroada de seus moinhos esguios. E ao passar ali hoje, n'aquella arteria tão concorrida, transporta-se o scismador ao deserto da grande lomba, e ouve os uivos do vento da serra no velame, e a viola ociosa dos moços do moleiro.

Tudo isto o que prova? prova o dominio absoluto da terra, a prevalencia da natureza sobre o homem, e o imperio que sobre tres longos seculos exerce ainda a sachola da jardinagem, o podão das cavas, a navalhinha das empas, e o enxadão dos hortelões.

*

Além de taes nomes, a que sem grande esforço se póde attribuir origem quintaneira, vejamos outros, e procuremos-lhes a genealogia.

A rua *da Barroca* é talvez das de mais antiga estirpe com que o bairro pode ufanar-se; ainda que outra *barroca* houve na proxima freguezia dos Martyres, que pode, com alguns fundamentos, disputar a esta a primasia.

De Jerusalem, onde ermava santamente, passou a Portugal em tempo d'el-rei D. Fernando um pobre castelhano, para algures n'este reino, onde a sua estrella o conduzisse, continuar a sua vida de emparedado, como outros muitos por cidades e villas.

A distancia não grande do velho convento de S. Francisco, e d'aquelles dorsos ermos e asperos de *Monte-fragoso*[1], sitio assim chamado seculos por

[1] Frey Apollinario da Conceição.—*Demonstração historica da parochia dos Martyres.*—Cap. I.

causa dos alcantís e quebradas de todo elle, e que já no tempo de frey Manuel da Esperança se encobria com edificações urbanas[1], rasgava-se (como heis de acredital-o, moradores da Lisboa de hoje!?) rasgava-se uma barroca, logar selvatico entre todos; ennamorou-se d'elle a santa cubiça do ermitão.

Foi essa a triste paragem eleita por aquelle servo de Deus, e onde elle achou n'uma pobre choça o seu carceresinho estreito voltado para o ceo; lá se deixou ficar embevecido na contemplação, que era todo o seu mundo, e nas orações, que eram todo o seu poder. João se dizia o forasteiro. Entrou o povo a appellidal-o Frey João da Barroca, pelo sitio onde ermava, e a consultal-o, e a veneral-o como a um douto, e a um santo. E tal era o clarão com que do alto se allumiava, que muita vez os seus avisos traziam em si mesmos os resplendores serenos de além-mundo.

As circumstancias quasi milagrosas de tal vida, perguntae-as a frey Manuel da Esperança[2], ou mais directamente ao seu informador, o sisudo Fernão Lopes[3]. Vereis como a frey João fôra inspirado que se partisse para Lisboa; como se aposentou nos seus miseros *estáos* da Barroca, onde os povos entraram o aconselhar-se com o homem bom, a visital-o com esmolas, e a chamar-lhe *o Santo*.

A nós outros baste-nos aqui memorar, que entre os consultores do bom velho, figura nada menos que

[1] *Hist. seraf. da Ordem de S. Francisco.*—Tom. I, pag. 186.
[2] Ibid.—Tom. I, pag. 237 e seg.
[3] *Chron. d'el-rei D. João I.*—Part. I, pag. 44 e seg.

o mestre d'Aviz D. João, quando, morto o conde Andeiro, andava descoroçoado, sem saber se fugisse de Portugal, se entregasse com *hardideza de coração,* como diria Fernão Lopes, a sua sorte aos vagalhões que já então o ameaçavam por cá. O ermitão encheu-o de valor, persuadiu-lhe que de animo feito commettesse o emprendimento, e abriu ao mestre o largo caminho que o levou á realeza. Grande seria a dita do bom velho, ao ver alvorecerem as immarcessiveis glorias do filho d'el-rei D. Pedro; e viu-as, pois se finou cerca do anno de 1400; jazia em S. Francisco da Cidade.

Ora bem pode ser que a toca de frey João désse o nome á rua que no volver dos tempos se abriu no bairro que estudamos, e que é tão perto de S. Francisco. Se não foi ella, sirva ao menos esse nome para recordar aos transeuntes a fama e os feitos de tamanhos varões.

CAPITULO IV

A rua da Atalaya.—A travessa da Queimada.—A rua das Gavias.—A travessa dos Fieis de Deus.—A travessa da Espera.—A rua das Salgadeiras.—A rua da Rosa.—A rua Formosa.—A rua dos Calafates.—A travessa do Poço.—A rua do Norte.

Continuarei a investigar a origem do nome de algumas d'aquellas serventias.

*

A rua *da Atalaya,* proxima á *da Barroca,* é o ponto culminante do Bairro. Todas as travessas que da rua *larga de S. Roque* a veem demandar sobem não pouco até á Atalaya. Esta circumstancia de elevação é attendivel, se a casarmos com o nome da rua. Tudo leva a crer que, na porfiosa guerra que precedeu e seguiu a eleição do mestre, uma boa parte do arraial dos castelhanos por ali estanciasse, e n'aquelle alto houvesse postado, como em crista de muito alcance, os olhos curiosos de alguma atalaya a espreitar a muralha e as duas importantes portas occidentaes, para dar aviso aos cercadores.

Era ameaçadora a postura da gente da armada castelhana em terra e mar. Como valentes pelejavam os d'el-rei D. João de Castella; como valentes lhes respondiam os da cidade. Gemia Lisboa obrigada de apertado cerco em volta dos seus setenta e sete bastiões. O grosso do arraial inimigo estendia-se por varias paragens: uma parte junto do mosteiro de Santos (hoje parochial de Santos o velho), onde se armara uma casa sobradada para o rei estrangeiro, e em roda muitas tendas para senhores e nobres; outra parte d'ahi até Alcantara; e outra no vasto escampado ao norte da cidade, o qual se ficou chamando desde então *Campo da lide,* e logo por abbreviação *Campo-lide,* por ser, diz Duarte Nunes, *campo em que os da lide estavam alojados*[1].

Campo da lide é este; aqui lidaram,
Elisa, os nossos, quando os nossos eram
lidadores por gloria! aqui prostraram
soberbas castelhanas, e venceram;
que pelo rei e patria combatendo
nunca foram vencidos portuguezes.

Este terreno é santo. Inda estás vendo
ali aquelles restos mal poupados
do tempo esquecedor,
dos homens deslembrados;
nobres reliquias são d'altas muralhas
forradas já de lucidos arnezes,
de tresdobradas malhas.

[1] *Chron. d'el-rei D. João I.*—Cap. XXIX.

Eis-ahi a nossa epopêa cantada pelo grande Garrett. É sempre grato ouvir aquella bocca de oiro.

*

Voltando ao nosso ponto, observarei que a denominação de *Campo lide* já outr'ora se estendeu muito mais do que hoje. Hoje pode dizer-se que só ella reina desde as portas da circumvallação até Sete Rios. Pois muitas dezenas de annos depois da invasão castelhana, *Campo lide* se chamou todo esse largo arredor para o poente e norte. Ao tempo da fundação do mosteiro das Trinas do Rato, no topo da actual rua *de S. Bento,* chamava-se o sitio *Campo lide;* e a quinta onde no seculo XVI se fundou S. Bento da Saude (hoje o hospital da Estrellinha) chamava-se a quinta de *Campo lide,* e pertencia, por signal, a Luiz Henriques, governador da Ilha de S. Thomé.

Manuel da Conceição, o curioso ampliador de Christovam Rodrigues de Oliveira, diz em 1755 que todo o territorio que das fabricas das sedas (fundadas creio que em 1730) vae até á ribeira de Alcantara, se chamára antigamente *Campo lide;* e que ao tempo em que elle auctor escrevia, só assim appellidavam o que ficava desde a ribeira até á quinta de S. João dos Bem-casados (Anadia [1]), sitio que hoje ninguem chamará de certo *Campo lide.*

Foi fugindo o nome para o norte, ao passo que as edificações religiosas e particulares iam demar-

[1] *Supplemento ao Summario das Noticias de Lisboa* de Chr. Rodr. de Oliveira, impresso com ellas em 1755, pag. 133.

cando e enchendo aquella extensa região deshabitada.

*

Conta o *debuxador* e *luminador* das nossas chronicas, o bom Fernão Lopes, que era para ver o como os arraiaes do invasor se compartiam em bem ordenadas ruas, que, pela multidão das tendas, e bandeiras de diversas insignias, mettiam de longe grande vista; *tanto,* acrescenta elle, *que dizem os que o viram, que tão formoso cerco de cidade não era, em memoria de homens, que fosse visto de mui longos annos até áquelle tempo.*

Que ironia, santo Deus! que sorriso melancolico o d'essas palavras!

Era o arraial uma cidadinha portatil, erguida pela ambição guerreira ás abas de Lisboa, que tão formosa e tão triste esteve a pique de succumbir.

Nada lhes faltava, ás filas multicores do vistoso acampamento; tudo ali se achava, como em povoação bem apercebida: todo o mantimento, todas as mercancias do luxo, as especiarias, os panos e sedas, as aguas rosadas, as tendas abastecidas do melhor, e as ruas dos officiaes de misteres, *como em uma grande e bem ordenada cidade* [1].

E assim, perante a penuria e crescente fome dos cercados, fanfarreava o castelhano cercador.

Não se dormia ali. Como o abarracamento de tantos mil soldados se alastrava por oiteiros e valles, velavam em volta de Lisboa os olhos fitos do in-

[1] Duarte Nunes.—*Chron. d'el-rei D. João I.*—Cap. XXIX.

invasor; guardavam-na quadrilhas ambulantes de muita gente de cavallo; e revesavam-se *em certos logares á vista da cidade* os espreitadores das vigias e atalayas, para que ninguem saisse as portas sem ser visto [1].

Ora havia porventura posto mais azado ao intento, que o alto da lomba onde veiu a ser S. Roque?

Comprova-se com alguns traços dos chronistas a opinião de que por esse campo ficassem as avançadas, quando menos, do arraial invasor. Vejamol-os; leitor, abre o teu Fernão Lopes.

Diz elle que el-rei de Castella, ao chegar junto de Lisboa, se postou *em um alto monte* chamado *Monte Olivete* (cujo nome subsiste hoje apenas n'uma rua da falda do mesmo oiteiro); e que, sabendo ali tão perto os inimigos, saíram os nossos *da cidade pela porta de Santa Catherina* para irem escaramuçar com elles [2].

Diz mais o chronista que era junto á porta de Santa Catherina *(acerqua da porta de Santa Catherina)* a parte do arraial por onde os nossos mais costumavam sair a escaramuçar [3]; o que outra vez prova que ahi perto havia inimigo.

Diz mais [4] que os de dentro não deixavam, com serem assim cercados, *de fazerem a barbacã derredor do muro, da parte do arraial* (note-se: *da parte do arraial) da porta de Santa Catherina até á*

[1] Fern. Lopes.— *Chron. d'el-rei D. João I.*— Cap. 114.
[2] Id., ibid.. cap. 115.—Duarte Nunes.— Cap. XXIX.
[3] *Chron. d'el-rei D. João I.*— Part. I, cap. 116.
[4] Ibid.

torre de Alvaro Paes. Eis-ahi a marcação exactissima.

Mais ainda: ao descrever o assentamento dos arraiaes do castelhano, escreve estas palavras: *aposentaram suas tendas por Alcantara e Campo lide, e por todo o câmaro derredor*[1]. Será ousadia conjecturar que esse *câmaro,* ou *câmoro,* ou *combro* (que tudo é o mesmo) fosse a lomba do Bairro alto? Para confirmar tal inducção lá está ainda a conduzir-nos a ingreme calçada *do Combro,* cujo nome antiquissimo parece tirado do monte a que essa ladeira leva, e conservado até hoje para corroborar o argumento.

Finalmente: Acenheiro, ao mencionar um hospital de sangue na porta de Santa Catherina, diz que o proveram *em muita abastança, porque por esta parte saiam muitas vezes a escaramuçar*[2].

Sempre, segundo é evidente, a mesma idéa.

Assento pois como certo que ali, no sitio mais elevado do campo que é hoje o Bairro de S. Roque, e com vista para a cidade, para o lado de Santos, e para o Tejo, se erguia uma atalaya de castelhanos; e que d'ahi se trocavam signaes e avisos, de dia por fumos, e de noite por *almenáras*[3], como era de uso, com a armada de sombrios galeões inimigos, que lá em baixo basteciam a beira mar em ordenança, desde as Portas da Cruz até ás terracenas de Cataquefarás.

[1] *Chron. d'el-rei D. João I.*—Part. I, cap. 115.

[2] Christovão Rodrigues Acenheiro.—*Coroniquas dos Reis de Portugal, na Coll. dos ined. da Acad.*—Tom. V, pag. 183.

[3] Viterbo.—*Elucid.*—verb. *atalaya.*

Comprazo-me pois em idear que a *queimada* das almenáras deixasse o seu nome sinistro e de mau agoiro ao sitio onde hoje corre em direcção á Atalaya, em que desemboca, a inoffensiva travessa *da Queimada.*

*

E sem sairmos d'estas pinturas guerreiras do cerco de Lisboa, reconheçamos que é bem possivel que o nome da rua *das Gavias* tenha ainda correlação com o da *atalaya* e da *queimada.* Pode vir de *gavia* que era, e é, termo nautico, e vinha a ser a guarita do mastil dos galeões, d'onde o gajeiro atalayava o mar. Em castelhano *gavia* vale o mesmo; em italiano *gabbia* é não só a gaiola dos passaros[1], mas o carcere dos presos, e a guarita da vedetta dos navios sobre o mastro; e no antigo francez *gabie* tinha sentido semelhante. Pode ser que por ali deixassem os sitiantes alguns miradoiros ou guaritas, d'onde os soldados de vela espiavam, como os da atalaya acima dita, o manobrar dos nossos.

Mas o mais acceitavel é o seguinte: em hespanhol *gavia* tambem é fosso, ou cava; é pois provavel que em frente do acampamento houvesse cavas, ou *gavias,* que ali ficassem fundas e escancaradas depois do cerco, e dessem nome ao sitio, d'onde passasse depois á rua, que é effectivamente a mais proxima da antiga muralha. E não só no castelhano; no portuguez velho encontra-se *gaiva* ou *guaiva* com o

[1] Dos diminutivos *gabbiuola* e *gabbiolina* vem talvez *gaiola* e *gaiolinha.*

mesmo significado, e descendente em linha recta do *cavea* latino [1].

A rua das Gavias tem pois, á falta de uma, duas etymologias com que se engrinalde e ensoberbeça.

Como confirmação d'esta segunda, que é a mais clara, citarei que n'uma escaramuça que os inimigos travaram com os nossos, foram estes perseguidos, e ao correrem, accossados da cavallaria contraria, para a porta de Santa Catherina (note-se), se levavam em grande confusão e destroço, e muitos *caíam na cava,* onde eram mortos [2]. Ora que outra cava podia esta ser, senão a *gaiva* ou *gavia* que ainda hoje o nome da rua proxima ao sitio dos muros nos relembra?

E não admira que esses vestigios mais ou menos profundos do assedio de Lisboa, se conservassem no terreno além de cento e cincoenta annos; a tradição popular é vivacissima. Lembremo-nos do que succedeu no Porto, por exemplo, onde uma parte do cerco ainda lá está, e estará, escrita nas chanfraduras do solo; e olhemos para a gravura sinistra cavada em roda de Lisboa pelos fortins, vallos, e anteparos das linhas liberaes. Essas coisas ficam; muito mais n'um ermo como era o campo de S. Roque. O povo aprecia-as instinctivamente; são illustrações authenticas ao texto das suas narrativas.

[1] No seculo XV chamava-se commummente *guaiva* o fosso dos castellos, como mostra a descripção do castello de Milão, que vem no interessante diario da jornada do conde de Ourem a Basilêa. *A guaiva será de altura tres lanças de armas.* — *Hist. gen. da C. R.* — Provas. — Tom. V, pag. 599.

[2] Duarte Nunes. — *Chron. d'el-rei D. João I.* — Cap. XXVIII.

Ahi deixo reliquias apreciaveis, para quem sente bater o coração, ao ver palpitarem, nas paginas de um Fernão Lopes ou de um Gomes Eannes, todas as galhardias dos nossos homens de armas.

*

A travessa *dos Fieis de Deus,* essa é toda mystica. Diz bem a cruz sobre os arnezes. Tira talvez origem de um antigo uso, que o Elucidario de Viterbo nos denuncía: montes de pedras soltas arrojadas a uma e uma pelos passageiros nas encruzilhadas, ao pé de alguma cruz que ahi houvesse, e em honra d'ella; resto de habitos pagãos transformados pelo christianismo. Parecia um modo de provar que os *fieis* não esqueciam o seu Deus, pois erguiam a pouco e pouco ao pé do symbolo da Redempção aquelles rudes calvarios, commemorativos do alcantilado theatro da Paixão de Christo. Era um genero de emphiteuses moraes (se é licito o exemplo). Cada pedra nada valia por si, mas só como signal de reverencia ao directo Senhor dos mundos. Fôro sem laudemio.

A taes acervos de cascalho chamava o povo *fieis de Deus,* pela *fidelidade* dos seus obscuros e incognitos auctores. E é para notar que a ermida de Nossa Senhora da Ajuda dos Fieis de Deus, que se acha ainda hoje no mesmo logar, foi edificada n'uma encruzilhada de dois caminhos: a actual travessa *dos Fieis de Deus,* e a actual rua *dos Caetanos.*

Herculano, cuja voz tem nos assumptos historicos auctoridade indisputada, e indisputavel, diverge um tanto da opinião de Viterbo. Segundo o insigne

mestre [1], estes *fieis de Deus* revelavam cova de justiçado. Como nos primeiros tempos da monarchia o justiçado só lograva a chamada *sepultura de asno,* isto é, no campo, longe de habitações, e quasi sempre á beira de caminho, encarregava-se tacitamente o commiserativo coração do nosso povo de compensar ao desgraçado a sua deshonra posthuma, lançando-lhe cada transeunte sobre a cova uma pedra e um suffragio christão. Estes cumulos, erguidos lentamente pela mão da piedade, como desaggravo ao morto, que era reputado depois da expiação lavado de toda a culpa e *fiel de Deus,* deram nome aos logares, e perpetuaram assim a um tempo o crime e o perdão.

Nem Viterbo nem Herculano apontam os fundamentos das suas opiniões; nem quasi careciam de o fazer auctoridades de tal ordem. Escolherá o leitor a versão que melhor lhe quadre.

*

A travessa *da Espera* deu-me que scismar. Essa *espera* não é provavelmente a *esphera,* que se escreveu d'aquelle modo, nem a peça de artilheria que teve outr'ora aquelle nome. Em tal denominação entrevejo o reluzir dos floretes, e escuto o passo cauteloso dos pardos embuçados; lobrigo no lettreiro da esquina um romance completo.

J'ai des archers de nuit vu briller les rapières.

Por ahi houve certamente scena da buliçosa tra-

[1] *Panorama.*—Serie I, t. II. pag. 357.

gicomedia das ruas. O mais antigo vestigio que me lembra do nome d'esta travessa remonta ao principio do seculo XVIII; topei-o em Carvalho da Costa.

Que andasse ali briga, não admira. A nossa velha Lisboa e seus contornos pareciam outr'ora um temivel *coupe-gorge;* e o Bairro que estudamos tem por mais de um portal nodoas de sangue.

> *... Ces lieux sont pleins d'un noir mystère.*
> *J'écoute tout ici, car tout me fait rêver.*

Quem vê hoje a nossa pacata e policiada côrte, não suspeita o que ella n'esse ponto foi, segundo attestam muitas providencias insistentes e energicas. No meio do seculo XVII era tão atrevida a ladroagem, que motivou um decreto[1], em que el-rei D. João IV incumbe ao regedor das justiças a mais severa vigilancia. O que tem graça é que um seculo depois, em 1742, um alvará renovava ao magistrado a quem isso pertencia a mesma incumbencia, nos mesmos termos asperos, que bem se vê correspondiam ás mesmas desgraçadas realidades[2].

Pois se até a musa popular, a rouca poetisa das encruzilhadas, celebra como pode as arruaças dos sitios de S. Roque!

> *Eu venho do Bairro alto*

diz ella

> *Eu venho do Bairro alto*
> *com vinte e cinco facadas;*
> *é o que succede aos galantes*
> *por causa das mal casadas.*

[1] Decreto de 11 de dezembro de 1643.

[2] Alvará em fórma de lei de 31 de março de 1742.

Eu venho do Bairro alto
com vinte e cinco feridas,
por andar tangendo amores
á adufa das raparigas.

*

Seria não acabar o querer miudear anecdotas sobre o caso. Baste-nos uma, sacada do ventre dos autos.

Não vamos mais longe do que a rua *das Salgadeiras* (nome antigo, que já se encontra em escriptores quinhentistas). N'essa rua mesmo presenceou o seculo passado, o policiado seculo de Sebastião de Carvalho, de José de Seabra, de Pina Manique, e de Novion, um caso singular que amotinou Lisboa, que dessocegou o paço, que sobresaltou muitas casas de nobres, e trouxe em bolandas o promotor fiscal das ordens militares, o juiz dos cavalleiros, os desembargadores, o corregedor do Bairro alto, e muita outra gente boa. Foi assim:

O 6.º conde de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha e Tavora, era muito gentil homem; e apesar dos seus quarenta e quatro annos, e apesar de casado com a condessa D. Luiza Caetana de Lorena, que era uma Cadaval dos quatro costados, tinha (segundo é fama) a desgraça de amar perdidamente uma actriz, uma *comica,* á moda de então, a popular Francisquinha, de alcunha *a Esteireira,* por ser filha de um esteireiro.

Tudo leva a crer que ella fosse uma Sophia Arnoud, uma Adriana Lecouvreur, na formosura, nas desenvolturas incendiarias, e talvez no talento, quem

sabe? Depois de deliciar a plateia da *rua dos Condes* ou do *Bairro alto,* trazia á sua trela amorosa os mais brilhantes satellites da vida airada dos salões, os franças, os peraltas mais assucarados da Lisboa pombalina. Nada pude averiguar do seu papel artistico; limito-me a este drama cruento, onde ella sem querer se achou emmaranhada, e onde chorou a valer lagrimas bem sinceras de tardio arrependimento.

Morava perto *das Salgadeiras,* com seus paes, e uma irmã; a poisada d'ella era mais vigiada pelos ciumes do conde, seu visinho, do que o seria pelo alcaide mór de Lisboa a torre albarrã da Alcáçova. A casa dos condes de S. Vicente era, como se sabe, ao Caes dos Soldados; mas ao tempo, devia este titular ter a sua morada ahi pelo *Bairro alto,* ou muito perto, propria ou de aluguel, conforme deprehendi das phrases dos documentos que compulsei [1].

Ora habitava tambem ali muito proximo, na propria rua *das Salgadeiras,* um mestre de campo dos auxiliares de Traz-os-montes, José Leonardo Teixeira Homem, elegante, provinciano cortesão, capaz de inspirar zelos, e capacissimo de atear amores.

Ahi estão os tres actores principaes da tragedia; temos a dama, o tyranno, e o amante. Entremos á scena I.

[1] Além dos depoimentos das testemunhas no processo d'onde extraí esta historia, dil-o frey Apollinario da Conceição na sua *Demonstração historica da parochia dos Martyres,* pag. 255, dando aos condes de S. Vicente no meio do seculo passado como domiciliarios da mesma freguezia.

Se o galã Teixeira Homem cortejava, ou não, a tentadora Francisquinha, não sei eu; o que se sabe é que por meado de novembro de 1774, cerca da meia noite, ia elle muito socegado recolhendo-se a casa, quando um magote de seis embuçados armados, o rodeia, o investe, o ennovella, e o mata.

Fez bulha o episodio. A qualidade do morto, o dramatico da aventura, interessaram a cidade inteira, e chamaram sobre o caso tenebroso as attenções geraes.

Quem era Teixeira Homem? que malquerenças podia ter? quem eram os seis arruadores? seriam sicarios, ou inimigos pessoaes?

Não é hoje facil aquilatar o grau de veracidade, com que as circumstancias minimas da tragedia da rua *das Salgadeiras* se conspiraram contra um homem só, rico e poderoso, accusando-o de instigador do crime. Não é licito ajuizar da validade da hermeneutica empregada pelo instincto publico, para deduzir d'aquellas circumstancias um rumor com grandes visos de certeza. Não é possivel investigar os porquês da furia, com que uma entidade abstracta mas muito real, complexa mas muito unida, chamada o senso popular, se ergueu terrivel e solemne, e (sem que uma unica testemunha podesse dizer *eu vi)* estampou o estygma da reprovação na fronte descuidosa do conde de S. Vicente. Acceito o facto com as cautelas devidas, sem querer manchar com suspeitas temerarias a memoria de quem não pode defender-se. Narrarei apenas, á vista dos libellos articulados, e das sentenças absolutorias do reo e seus complices.

Que houve suspeitas fundadas, é innegavel; que se formou em volta do indiciado um silencio sepulchral, tudo o comprova. Cá por fóra a opinião amotinada expandia-se em boatos, em insinuações, em vociferações, em sonetos insultantes, e em pasquins venenosos, como por exemplo aquelle que appareceu uma madrugada no pelourinho:

Está bello e excellente
P'ra o conde de S. Vicente;

sonetos e pasquins (dil-o-hei em parenthesis) attribuidos mais modernamente, sem fundamento algum, a Bocage, o qual estava então em Setubal, e era um menino de oito annos!

Em summa: urgia dar uma satisfação á opinião publica. O corregedor de *Bairro alto* devassou. Foram presos os criados da casa de S. Vicente, e inquiridos; presa a Francisca Esteireira, interrogada e acareada a familia d'ella, o pae, a mãe, a irmã, mais a visinhança; e começava-se tambem a querer proceder contra Manuel Carlos da Cunha, apesar de grande do reino, de vice-almirante, de conselheiro de guerra, e de muito mais.

Dias depois do attentado, indo o cardeal da Cunha, regedor das justiças e tio do reo, a casa do seu collega o omnipotente marquez de Pombal, na calçada da Ajuda, o marquez chamou-o de parte, e lhe disse que, não podendo já dissimular-se um caso tão grave, mas ao mesmo tempo não desejando el-rei ver uma execução na pessoa do conde de S. Vicente, não havia remedio senão retirar-se este logo logo para fóra do reino. O cardeal recolheu-se muito af-

flicto a sua casa, e mandou insinuar ao conde que sem demora abalasse.

N'essa mesma noite, indo o cardeal ao paço, el-rei D. José lhe perguntou particularmente:

—O conde já se retirou?

—Já, sim, meu senhor—foi a resposta.

E el-rei só disse, com modo significativo:

—Está bom.

O conde sumira-se a toda a pressa, caminho de Badajoz, n'essa mesma tarde pelas tres horas.

Os commentarios incançaveis do povo, eterno romancista, auctor e editor a um tempo, lá foram continuando, como podiam, a colorir o confuso e escuro desenho da aventura de Teixeira Homem. Teixeira Homem ficou legendario; e em volta da detestada casa do conde ausente, onde a innocente e espavorida condessa passava os dias em orações, pairavam hostis os odios anonymos da reparação popular.

Nada mais sei do que isto, a não ser que passados quasi quatro annos, em abril de 1778, o conde de S. Vicente e seus co-reos saíam illibados por sentença, e culpado irremissivelmente, á revelia, um cadete, creio que já fallecido então, um tal Toscano, que teve de carregar com todo o odioso da covarde façanha. Descobriram, além do mais, que elle fôra rival de José Leonardo em não sei que outra aventura de amores de alto cothurno.

Em quanto assim se dava baixa de culpa tão grave a um fidalgo da mais elevada nobreza, e protegido de toda a Lisboa influente, em quanto na mesma sentença os items da contrariedade erguiam ás nu-

vens as suas virtudes civicas e domesticas, e se verberava, em nome da rainha nossa senhora, a energica iniciativa do marquez de Pombal, já a esse tempo exillado e annulado, a verdade verdadeira só Deus a ficava sabendo. Quem pode calcular o que scismaria comsigo, ácerca da pouca firmeza das coisas humanas, o assassinado Teixeira Homem, quando no outro mundo avistasse o seu patricio Toscano! Ha de haver nos colloquios de além-tumulo apostrophes de uma terrivel eloquencia, se a podessemos nós outros penetrar.

*

Saltando da rua *das Salgadeiras* para a *da Rosa,* direi que ignoro o appellido da celebre *plaideuse,* cujas mandas ou demandas de partilhas tanta bulha fizeram na Lisboa do seculo XVI, que poseram o titulo popular da demandista a uma rua. Devia sabel-o Miguel Leitão, porque essa era propriedade d'elle, mas calou-se; chama-lhe só *da Rosa* em 1629. Carvalho da Costa em 1712 chama-lhe n'uma parte *da Rosa do Carvalho,* e n'outra *da Rosa das partilhas* [1].

*

Quanto á *rua Formosa,* é nome antigo. Esta pertencia tambem a Miguel Leitão de Andrada. N'uma escriptura que elle fez em 1622 já ella tinha a denominação que hoje conserva, e cada dia justifica melhor.

[1] *Chorogr.,* t. III, pag. 504.

*

Ácerca da rua *dos Calafates,* não posso dizer se era arruamento dos mestres d'esse officio; o que me consta é que no tempo de frey Nicolau de Santa Maria eram elles na Ribeira das naus nada menos de seiscentos, prova evidente do nosso trafego naval.

*

A travessa *do Poço* tira o nome de um poço publico, existente hoje n'uma casa particular da esquina d'essa travessa para a rua *da Atalaya.*

*

Á rua *do Norte* não pude aventar etymologia, por mais que barafustasse. Ha uma *calle del Norte* em Madrid; d'ella diz D. Antonio Capmani e Montpalau, no seu livro *Origen historico y etimologico de las calles de Madrid,* que deriva o nome da sua posição á parte do norte. Acho tão vaga a conjectura, applicavel a tantas outras, que não me atrevo a acceital-a para cá.

*

Ahi está tudo que sei, ou presumo, da origem de alguns nomes do bairro que atravessamos. É pouco; isso é; a imaginação dos leitores completará o que porventura me faltou. Convenço-me porém, de que através de outras denominações, mais ou menos vetustas, mais ou menos adulteradas, mais ou menos pittorescas, scintillam alcunhas plebêas, successos da chronica palreira dos nossos maiores, a vida de capa e espada, ou a anecdota galante contada de geração

em geração. N'outras retrata-se a feição primitiva dos logares, o destino primordial do terreno. O letreiro municipal recorda nos, ora a cruz que ali se erguia, ora o personagem bairrista que ali fez solar, ora o arvoredo silvestre que por ali vicejou. Sobre outros sitios desenrolam-se uns farrapos denegridos do codice truncado da nossa historia.

Em summa: para quem medita, e se interessa no estudo do passado, toda aquella região se antolha cheia de memorias interessantes, que é dever quasi piedoso enthesourar.

CAPITULO V

Visita aos lares de um nobre lisboeta do seculo xvi.—É apresentado o leitor na casa de Nicolau de Altero.—Penuria de noticias.—Exhortação para que todos guardem papeis antigos.—É mencionado o douto Innocencio.—Retrato de um fidalgote lisboeta.—Sobriedade e severidade do seu lar domestico.—As vivendas nobres em Portugal.—O azulejo.—A mobilia portugueza.—A renascença italiana.—As modas.—O conchego domestico do casal.—Entretenimentos fragueiros.—A caça e as cavalgadas.—O que era o Rocio no seculo xvi.—Os exercicios physicos de nossos avós.—Quadros de genero copiados de auctores antigos.—Divertimentos da plebe.—Cita-se, para concluir, o Palito metrico.

Teve o leitor d'este livro a bondade de me acompanhar nos meus passeios de tunante artistico. Agora, depois de havermos percorrido a extensa região começada a civilisar, sentido confluirem para ali as forças economicas da velha Lisboa, visto rasgar-se em ruas largas e alinhadas a face escabrosa da quinta suburbana; desejarei apresental-o mais detidamente na casa dos senhores da herdade primitiva, a fim de espreitarmos juntos, por mera curiosidade litteraria, o que podér ser da sua vida d'elles.

No entretanto, é empreza difficil o penetrarmos assim de assalto nos lares de um fidalgote lisboeta do seculo XVI; não que o homem ande, vestido de ferro e coberto do elmo de Mambrino, a afugentar da sua visinhança os viandantes; não que a sua casa, meio rural meio cidadã, possa ufanar-se com as ameias e as barbacãs de um Stolsenfelz ou de um Ehrenbreitstein. Mas é que a nossa incuria portugueza, lamentavel e incuravel, deixou perderem-se tantas minucias interessantes dos antigos *ménages* do Portugal heroico e simples, que hoje em dia o recompormos em toda a sua harmonica singeleza um quadro de costumes quinhentistas, já como litteratos, já como pintores, já como devaneadores, já como simples contra-regras, é mais difficil do que restaurar o gyneceu ou o triclinio da casa de Diomédes, ou as tardes eruditas do Tusculano ou do Laurentino.

Nada é inutil no mundo; nenhum pormenor deixa de acrescentar algum traço caracteristico ao desenho do quadro. Por isso lastimo eu que os documentos particulares se extraviem por uso e desleixo. Que melhor fonte para investigações proveitosas, do que os testamentos, as escripturas de compra e doação, os inventarios dos bens moveis e immoveis? Com taes fragmentos se recompõe muita vez um *casse-tête,* que dá luz á archeologia, ás sciencias economicas, ás artes do desenho, e até vem, não raro, allumiar algum alto facto historico deixado na sombra. Os registos genealogicos, assim commentados intelligentemente pelo tombo authentico das familias burguezas, são dos melhores subsidios a que se pode soccorrer a investigação do historiador.

—Guarda tantos papeis inuteis?—perguntei eu uma occasião ao douto e laborioso Innocencio (que tanta falta nos faz) vendo-o archivar em massos uma papelada informe de cartas mortas, recibos, roes, e outras coisas.

—Inuteis!—retorquiu o mestre com a sua bondosa rudeza.—Que mal fazem estes massos de papeis? comem alguma coisa? Deixal-os viver em paz; são no seu tanto uma pagina de historia; obscura sim, mas historia. Aprenda commigo.

E aprendi.

Um amigo meu, erudito e estudiosissimo, conseguiu recompor assim, a traço e traço, feição por feição, ponto por ponto, uma interessante galeria de avoengos, que lhe abrange quatro seculos quasi, e que é não só preciosa no recinto da familia, mas o é tambem na esphera mais larga e mais nobre da historia patria. Por ali se avalia o que foi o viver intimo de umas poucas de gerações de portuguezes da alta classe média; por ali se lhes completa a lista dos haveres, a physionomia das alfaias e dos usos caseiros, o elenco dos amigos e das allianças, o grau de illustração de cada quartel genealogico; por ali se descreve o andamento da propriedade, o desenvolvimento da riqueza nas mãos d'este e d'aquelle, a influencia dos successos publicos na administração interna do casal, o progresso das idéas geraes n'aquelle mundosinho obscuro da parentella.

*

Um nobre lisboeta do seculo XVI (não digo um fidalgo de capello da alta nobreza, mas um simples

nobre) era uma entidade em quem se espelhavam, com todas as suas feições, muitos provincianos actuaes da classe culta. Foi aquella pequena nobreza uma raça á parte, meticulosa, irrequieta, audaz, e ao mesmo tempo ordeira; raça forte, como que temperada no sangue de infieis, costumada aos trabalhos, rude como o povo, de quem saíra hontem, contendo em germen as dedicações heroicas, soffredora e leal, e anciando, sem o saber, por uma coisa sublime chamada a Liberdade.

Iam pelejar á India aquelles homens, como se vae a um folguedo; punham alto a mira das suas ambições, porque a punham na gloria; tinham no nome herdado um palladio sacratissimo, a que sacrificavam tudo; e apesar dos exageros e desmandos do tempo, aquelles homens avultam aos nossos olhos como uns modelos de hombridade e grandeza. Alvorecia n'elles a potente e fecunda classe média da sociedade contemporanea.

Essas severas temperanças do varão nomada, brigão, e trabalhador, deviam imprimir, mais ou menos, em cada lar uma feição respeitavel e austera, que em varios usos se denunciava: o amor da familia, o apego á terra natal, com ser pobre e pequenina (ou por isso mesmo que o era), a fé, muita vez cega, no mysticismo bruxuleado de lendas, que os dominava desde a infancia, a fidelidade á honra, e a fidelidade ao rei. Isto tudo, como aquecido no nosso sol vivificante, modificado pelos nossos costumes patriarchaes, que nunca souberam a feudalismo, pela nossa constituição exclusivamente municipal, pela nossa indole aldeã de campanario, que até

no viver buliçoso dos centros grandes transparece, isto, assim pouco mais ou menos, formava o coração e a intelligencia de um nobre portuguez.

*

Se penetrassemos na casa semi-rural de Nicolau de Altero, haviamos de encontrar necessariamente os mesmos predicados, e os mesmissimos defeitos da classe.

O seu lar não era o *sweet home* inglez e americano, aquelle perfumado ambiente que tanto desenvolve o coração e o amor da familia. O lar portuguez nunca possuiu, como não possue hoje, por via de regra, o segredo de se enflorar, pobre ou rico, das bagatellas intelligentes, que na casa ingleza apparecem dispostas com uma arte sempre nova, e sempre significativa. O lar portuguez é mais severo, menos embrincado, e mais sombrio.

Era Lisboa no seculo XVI o grande bazar em que a Europa, sempre sedenta de novidades, vinha aperceber-se das mais preciosas alfaias, importadas da India e da China a bordo dos galeões. Ha um capitulo [2] no apreciavel volume *Descripção de Portugal,* onde o sabio chronista conseguiu pintar superabundantemente as variadas mercancias, o trafego giganteo d'este emporio singular. E entretanto não creio que os habitos luxuosos se tivessem apoderado das classes medianas. Vivia-se entre opulencias, como n'uma feira oriental, mas nem todos se gosavam d'ellas.

[1] É o cap. XXXVI.

Por isso, penso que na vivenda de Nicolau de Altero, de que talvez algumas scenas de interior no *D. Quixote* nos dão idéa, predominasse certa feição meio sobria, até como reflexo da visinha casa professa dos padres da Companhia. Essa feição, revelada talvez no viver pautado, no cumprimento exacto do dever, na caridade sincera e não ostentosa, na observancia dos preceitos religiosos e civis, casava com o estylo chão da architectura, que não era certamente d'aquelle opulento gothico do seculo XV, que no genero de habitações particulares tantas maravilhas produziu lá fóra.

Em Portugal nunca a architectura de taes edificios se estremou por grandes bellezas nem riquezas; essas monopolizavam-nas as casas religiosas, onde se expandia todo o luxo e poderio dos cofres reaes. Nem mesmo os paços eram obras de grande apparato exterior; quanto mais as moradas singelas dos nobres! Jacques Cœur não edificou em Portugal; ainda que, segundo asserções contemporaneas, os tectos de cupola das camaras e dos salões, e as paredes e portas, eram por cá alguma vez de madeira do oriente, marchetados, com pinturas e doirados de certo custo [1].

*

Um luxo que os proprietarios se permittiam com larga mão era o azulejo; esse sim; não reluzia só nos corucheos dos templos, mas enfeitava por dentro as salas e escadarias dos casarões a que se chamava palacios. Concedamos pois a estes os seus silhares de

[1] George Braunio.—Tom. V.

bom azulejo orlando a parte inferior das paredes, de si caiadas e desnudas, revestidas porém (é provavel), no verão, dos celebres panos de guadamecins, que já cá se fabricavam, mas de que ainda assim só em Lisboa se importavam dois mil por anno [1]; ou, no inverno, das lindas tapessarias estrangeiras, os panos de Granada, por exemplo [2], que no classico seculo XVI entraram, como tudo, a conspirar com o antigo, e (contra o uso) a representar assumptos mythologicos, fabulas moraes de Esopo, ou anecdotas folhetinisticas de Ovidio.

O azulejo, esse é antigo, muito antigo em Portugal; provavelmente veiu dos moiros. Os azulejos granadinos são bellissimos; ha-os na Alhambra, relevados, coloridos, e doirados com o esmero do mais bello periodo da civilisação arabe; attestam bem a que alto grau chegara em eras remotas aquelle ramo curioso da ceramica ornamental. Esses coram dos seus degenerados netos de hoje, industria decaída em Portugal, e que de todo perdeu os seus fóros de arte, e se arrasta nos limites estreitos do molde e da imprensagem.

Os da celebre torre de la Cautiva na Alhambra, trecho intacto d'aquelle phantasioso poema dos califas, são esplendidos, no dizer dos viajantes.

Nós cá, imitadores mais ou menos aproveitados, tambem tivemos bellissimos *azorechos*. No seculo

[1] *Estatistica* manuscripta e anonyma, em bella lettra gothica moderna, do tempo d'el-rei D. João III, e existente na Bibliotheca nacional de Lisboa.

[2] *Gil Vicente.*—D. Duardos.—Mihi, ed. da Bibl. Lusitana.—Tom. II, pag. 207.

XVI importavam-se de fóra, e ao mesmo tempo faziam-se no reino; não os sei distinguir. Ha-os n'uma capella do lado da Epistola na egreja de S. Roque, bellissimos, de puro gosto italiano, mas obra portugueza, assignada por *Francisco de Mattos*. No desenho talvez lembrem um pouco as *loggie*. São preciosos, até pela data, que ainda conservam, 1584. É, segundo creio, esta a primeira vez que vão mencionados com o apreço que merecem.

Ha outros insignificantes como desenho, mas cujo merito consiste na data de 1596; são dos lados direito e esquerdo do guarda-vento da porta principal.

Onde os vi de primeira classe, provavelmente do principio do seculo XVIII, foi no hospital de S. José, antigo collegio da Companhia; perfeitos quadros de Pillement, Teniers, Van-Cuypel; e abundantissimos. Oxalá se entenda sempre que essas preciosidades valem mais que estuques!

Os dois auctores, creio, que mais proficientemente trataram d'esse assumpto, são (quanto a mim, e salvo melhor juizo) o sr. Francisco de Assiz Rodrigues, meu fallecido mestre [1], e o meu respeitavel amigo o sr. visconde de Juromenha [2]. Este escriptor sobretudo, se bem que de passagem, esgotou talvez o que em Portugal se sabe da materia.

*

Se ao longo pois do azulejo, em que as monta-

[1] *Diccion. techn. e hist.*, pag. 67.

[2] Communicação publicada no livro *Les arts en Portugal*, pelo conde Raczynski.

rias e os combates se emolduravam nos sabidos brutescos phantasiosos tão das nossas vivendas, e hoje tão vandalicamente destruidos, procurassemos em casa de Nicolau de Altero as peças artisticas de adorno, com que a alta marcenaria mobilava lá por fóra as camaras dos potentados, é provavel que não as topassemos; topariamos sim algum contador marchetado, algum lindo bofete de carvalho coberto de seu pano de damasquilho verde forrado de tafetá de cordelino [1], algum cofre axaroado recemvindo nas ultimas monções, e enfeitado das sabidas *albarradas* de loiça chineza cheias de flores da quinta; veriamos, quem sabe? as lindas mezas de coiro preto da India, de que o Venturino viu uma em 1571 n'uma sala d'el-rei D. Sebastião na Alcáçova, mais bella que o ebano, e toda lavrada em roda de folhagens doiradas [2]; assim como admirariamos os ricos leitos, os catles, ou cateis (que eram uma especie dos nossos sofás), e os escriptorios (secretárias diriamos nós hoje) com que nos opulentava a China, axaroados e doirados [3].

Por cima d'esses *escriptorios* poderiamos encontrar a salva de prata com o tinteiro e a *poeira* dentro, e os lindos castiçaes de prata, obra portugueza,

[1] Pormenores tirados, assim como a maior parte dos que seguem, de um curioso vol. *Relação individual dos bens de D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira,* etc.—Mss. da B. N. de L.

[2] Relação da viagem do cardeal Alexandrino, legado do papa Pio v á côrte de Portugal, redigida por João Baptista Venturino do sequito do mesmo cardeal. Vem traduzida no *Panorama.*—Tom. v, pag. 346.

[3] Duarte Nunes.—*Descripção de Portugal.*—Cap. xxxvi.

e orgulho da nossa adiantada ourivesaria, não faltando até o luxo da sabida *espevitadeira,* peça que morreu no nosso tempo.

Se a nossa indiscrição teimasse em ir por diante, e se pozesse a abrir gavetas e escaninhos, que variadas coisas não toparia! bocetinhas japonezas, tabaqueirinhos esmaltados, tambem do Japão, *canavetes,* tesouras, alguma mãosinha de marfim para coçar, nas horas da preguiça.

No capitulo das devoções, mil curiosas minucias de summo interesse; por exemplo: alguma bolsa de veludo carmesim, fundo de oiro, com outra dentro azul, contendo uma oração; e bolsas de tela ou tafetá, com reliquias de Santos mettidas em canudinhos de crystal.

Mora infelizmente muita vez a superstição paredes meias com a devoção, quando desallumiada; pois até as superstições tinham logar de assignatura nas gavetas dos nossos maiores; lá veriamos, é certo, o pedaço de licorne symbolico, o *grazilho* de pizar contra a peçonha, a pedra de porco-espim, e outros amuletos, em optima camaradagem com os *Agnus Dei,* preservativos contra feitiçarias, doenças, tormentas, e raios.

Se insistissemos em devassar a casa, iriamos dar com o *toilette* do dono d'ella, e só no artigo barba veriamos a bacia de prata, o pichel, o esquentador de agua com sua tapadoira da mesma prata, as escudelas de prata e os pentes, tudo á espera ante o espelho *de mui bom lume,* como elles diziam.

Tudo isto é portuguez genuino; agrada-me a pesquiza, por isso principalmente.

*

Em certos accessorios porém devia começar a imperar (a despeito do gosto oriental e arabe, muito nosso, afinal) o novo gosto romano, ou *romanisado;* era moda importada de Italia pelos viajantes, que em grande copia lá iam embuir-se nas idéas attractivas da renascença italiana.

Na mobilia por essa Europa transpyrenaica entrára um luxo estranho; mas custava-lhe a chegar á nossa côrte solteirona e fradesca. Era mais na fórma, talvez, do que nos materiaes. O sabido cedro, o pau santo, e o carvalho, tomavam feitios lindissimos, desusados. O gothico floria-se, carregava-se com todas as invenções da imaginativa do artista; as fórmas um tanto seccas e pobres enriqueciam-se ao dobrarem-se em curvas graciosas, como os acanthos da ordem jonica; o angulo recto disfarçava-se em periphrases de fórma; a ogiva abatia-se; e as credencias, os bofetes, as cadeiras de espaldar, os longos armarios, e os retabulos das capellas, rutilavam de primorosos arrendados. Parecia que a folhagem exuberante da ornamentação gothica, toda aquella convencional botanica de capricho, se tinha como que opulentado ainda, depois da regrada elegancia do classicismo.

Nada eguala, a meu ver, os cinzelados da marcenaria dos moveis da renascença italiana, de que, sem duvida, muitos especimens nos chegaram, e cá foram imitados pelo talento proverbial dos nossos artifices. Dir-se-hia que entrara um raio de sol na arte, que fez rutilar a talha.

Faz pena que alguns coevos nos não conservassem os nomes dos principaes e afreguezados torneiros, marceneiros, e encrustadores. Mais ditosos foram os dos tempos heroicos, pois lhes ficaram os nomes esculpidos para sempre nos bronzes da Odysséa.

Concedamos a medo, a Nicolau de Altero alguns moveis de desenho moderno, alguns

dos ricos crystallinos de Veneza,

a que se refere, não sei já onde, o Sá de Miranda, emfim algum d'entre os muitos primores de que a Italia dos Medicis nos ia invadindo, por intermedio seu e da França. No desenho rimavam com essas brilhantes novidades os trajos de luxo dos adamados, trajos cujo acertado uso era (como hoje) uma verdadeira sciencia, de que, para gloria dos peralvilhos e dos jubeteiros da rua nova, vemos tinha aberto escola no *Cancioneiro* o coudel mór Fernão da Silveira.

Tal invasão tendia a egualar as modas: e conseguia-o quasi inteiramente na sociedade alta, onde se preferia trajar á estrangeirada. Haja vista o chistoso prologo em verso da parte II da *Alphêa,* onde são increpados os portuguezes por andarem á franceza, á castelhana, á valoneza, e á sevilhana, e nunca á feição genuina de Portugal. Isso porém não se dava nas classes populares, onde os mantéos, os pelotes, as jaquetas, as vasquinhas, os saínhos, os capeirões, os carapuços de todos os feitios, os sombreiros de todas as procedencias, eram o protesto constante de

cada comarca, eram, por que assim o digamos, a patavinidade applicada ao trajo.

Baste-nos isto quanto ao theor da mobilia e das modas d'esta casa, obscura e illustre ao mesmo tempo, onde a minha insaciavel curiosidade entrou sem mais ceremonias, mas d'onde espero não seremos rechaçados, nem o leitor nem eu.

*

Visto que o viver antigo se concentrava no remanso do lar, e não se expandia, como o de hoje, nos clubs, nos theatros, nas reuniões semanaes, e nos cafés, deviam necessariamente ter maior importancia os entretenimentos domesticos, com que tanto se encurtam as horas feriadas dos serões.

As casas dos ricos convidavam ao conchego intimo da habitação os membros da familia, aquelle conchego que é tantas saudades para quem o não tem, para quem andava, como os filhos das casas, a moirejar nas terras da conquista.

Mas não era só no lar que se lhes passavam os dias.

A despeito do poeta camareiro mór D. João Manuel, que dizia nunca ter visto

grã santo canonisado
que fosse grã caçador,

eram muito fragueiros aquelles nobres. Os baldios e matagaes em volta de Lisboa haviam de roubar-lhes muitas horas, e justificar o canil aristocratico, e a

casa dos petrechos venatorios, que aposto não era das somenos officinas da vivenda do nosso Nicolau de Altero.

Os entretenimentos elegantes do tempo eram effectivamente a caça, as pescarias, e os exercicios equestres, já na Carreira dos cavallos, cujo nome se conserva, já (segundo Luiz Mendes) no Terreiro do Paço, nas praias de Belem, nos bellissimos campos de Alvalade, hoje o Campo grande[1], e no Rocio de Lisboa.

*

No tempo de que vimos tratando (salvos em tudo isto pequeninos anachronismos inevitaveis), era o Rocio uma formosa praça muito desafogada, que teria de largo uns cento e cincoenta a duzentos passos, e de comprido uns quinhentos[2]. Campeavam-lhe ao norte os celebres paços dos Estáos, recentemente habitados pela Inquisição, casa alta e feia, com duas torres massiças; e mais as casas que tinham sido do conde de Barcellos, muito anteriores aos ditos paços. Do nascente, os dormitorios de S. Domingos, occupando um terço d'esta linha lateral, a ermida do Amparo, e o magnifico hospital de Todos os Santos, fundado por el-rei D. João II a 15 de maio de

[1] *Do sitio de Lisboa,* dial. II. Então era uma campina baldia. Foi só no tempo da rainha a senhora D. Maria I, e no ministerio de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, segundo diz Raton *(Recordações,* pag. 167), que se plantou a grande alameda que lá vemos.

[2] Frey Nicolau de Santa Maria, *Grandezas de Lisboa*, pag. 117 e 221.

1492 nas antigas hortas de S. Domingos[1], e cuja descripção nos dava um livro. Pelo sul e poente casarias varias, a que os coevos chamam, na sua linguagem vaga e emphatica, *mui grandes e nobres.*

Apesar de tão preconisada *grandeza* e *nobreza,* o Rocio nada tinha da symetria e formosura de linhas da praça actual, tão composta e acabada. Quanto á sua antiga marcação, ás suas confrontações, etc., comparadas com a reforma pombalina, recommendo aos curiosos d'estes estudos o *Aviso* do grande ministro (então conde de Oeiras), e os documentos annexos. Encontram-se na collecção da legislação, em data de 19 de junho de 1759. Mas sem recorrer a essas peças officiaes, ha documentos de outro genero, que não nos dão do velho Rocio idéa muito brilhante, e o pintam como irregular, desalinhado, mal povoado, e entulhado de calhaus[2]. No verão de 1755, tendo de se correr toiros ahi, limpou-se toda essa área, e exterminaram-se as ignobeis barracas de commercios de todo o genero, pejamento importuno de tão nobre logradoiro.

Deixemos porém o seculo passado, e voltemos ao antigo.

Por baixo do edificio do hospital corriam trinta e cinco arcos de forte pedraria; entre elles e a parede interior uma especie de portico de trinta pés de largura[3], onde os passeantes se abrigavam da

[1] Ruy de Pina.—*Chron. d'el-rei D, João* II.—Cap. LVI.

[2] *Relação estupenda do sentimento do Apollo do Terreiro do Paço contra o Neptuno do Rocio.* Folheto.

[3] Frei Nicolau de Santa Maria, obr. cit., pag. 221; Frei Agos-

chuva, e encontravam, querendo, os physicos de mais nome.

O paralellogrammo da praça era, além de irregular, obstruido necessariamente dos detritos das feiras hebdomadarias que ahi se celebravam; o que não impedia os casquilhos da côrte, de terem ainda assim praso-dado n'aquelle terreiro vasto para as suas correrias e picarias de potros, e de ali irem procurar ás tardes os ociosos, os indifferentes, os conversadores para meia hora, os *amigos de beijo-vol-as mãos,* como se dizia.

Ao fundo da praça, ao norte, erguia-se um vistoso chafariz, a que frei Nicolau não duvida chamar *formosissimo,* com quatro bicas a correr. O chafariz tinha uma estatua de Neptuno (não sei desde que tempo), assim como o do Terreiro do paço tinha um Apollo (que não vejo na estampa de Lavanha [1]).

Para mais noticias ácerca d'esta praça, recorra-se ao meu bom Vilhena Barbosa, meu mestre e amigo, pois d'ella fez assumpto para uma pequena monographia no seu livro de estudos archeologicos. Eu concluirei dizendo apenas que ao Rocio se ligam innumeraveis scenas mais ou menos dramaticas da historia portugueza; por exemplo: foi no Rocio deixado nu e ensanguentado o miserando cadaver do bispo D. Martinho, assassinado no tempo da revolução popular do mestre de Aviz [2]; ahi foi queimado vivo

tinho de Santa Maria, *Santuario Mariano.*— Tom. VII, pag. 182; Raton, *Record.*, pag. 304.

[1] *Relação estupenda* citada.

[2] *Chronicas d'el-rei D. João* I.

Garcia Valdez, auctor de uma conspiração gorada contra o mesmo principe[1]; no sitio onde veiu a abrir-se a porta do hospital de Todos os Santos caíra, desde as alturas do Carmo, a lança que o braço do condestavel de lá arremessara, uma vez, como prova da sua força[2]; n'essa mesma egreja foi sagrado arcebispo de Braga o cardeal infante D. Henrique, e depois sagrado rei de Portugal[3]; e além d'estas scenas, tambem o Rocio se illuminou das labaredas horrorosas dos fogareos da Inquisição.

Ahi deixo esse bosquejo de quadro. Isso era, pouco mais ou menos, o Rocio de Lisboa, o qual, ainda em tempo d'el-rei D. Fernando, quando o rei castelhano D. Henrique veiu pôr cerco á nossa capital, não passava de *um grande e espaçoso arravalde, que havia arredor da cidade, des a porta do ferro atá porta de Santa Catellina* (como quem dissesse hoje: desde Santo Antonio da Sé até aos altos do Chiado[4]).

No Rocio de Lisboa vinham os terços exercitar-se; ahi costumavam passear ás tardes os gentís e alfenados cavalleiros do paço; ahi se encontrariam pois, sem duvida, os murzellos e russins de Nicolau de Altero de Andrada, colleando garbosamente em companhia de outros, não menos apreciados de seus

[1] Fernão Lopes. *Chron. d'el-rei D. João* I.

[2] Frei José Pereira de Sant'Anna. *Chron. dos Carmelitas,* pag. 444.

[3] Rebello da Silva. *Historia de Portugal* nos seculos XVII e XVIII, tom. I, pag, 257; Frey Apollinario da Conceição. *Demonstração historica; Evora gloriosa;* etc. etc.

[4] Fernão Lopes. *Chron. d'el-rei D. Fernando,* cap. 89.

donos, e como elles *ginetados de regalo* (na phrase castiça de um auctor antigo).

*

As corridas de toiros no terreiro dos paços da Ribeira, ou n'este Rocio, por festas grandes, as cannas, os exercicios quasi acrobaticos da alta equitação, os jogos da pella e do tintinini, levavam aos cavalleiros portuguezes grande parte dos dias. Da attenção, que de paes a filhos se consagrava a tão proveitosas gymnasticas, provinha n'aquellas raças o seu desenvolvimento physico. Depois que se inocularam nos usos os diminutivos affeminados, que inspiraram a Garcia de Resende o quadro epigrammatico das mesquinhezes do seu tempo, já precursoras das ridiculezes dos *mignons,* foram-se a pouco e pouco obliterando aquelles usos, que, apesar de tudo, tinham um lado util, e ainda duraram nas classes altas dezenas de annos.

No tempo de Duarte Nunes o justar, o jogar cannas, o saír aos toiros, o montear, e o continuar as carreiras, eram, diga-se a verdade, costumes decaídos em comparação do muito que tinham sido presados; e tanto, que chegava aquelle chronista a queixar-se, com uns termos onde transparece o antigo cavalleiro, de que os fidalgos, *mancebos e gentishomens,* se não envergonhassem de andar, como andavam, *vestidos á marquesota e á franceza,* passeando ante as damas em machos [1]! Que diriam á profanação da gineta e da estardiota os manes do bom rei *cavalgador de toda sella?*

[1] *Descrip. de Port.*—Cap. XXIX.

Profanação; não retiro o termo; e de tal ordem, que motivou leis repressivas a dois reinantes. O caso é que tanto se generalisara a equitação bastarda, e o uso de coches e liteiras de mulas e machos, que do excessivo emprego d'esses animaes provinha a geral decadencia e o quasi aniquilamento das caudelarias portuguezas, e das nobres praticas da gineta. A lei de 1 de agosto de 1625, sobre a carta regia de 30 de abril do mesmo anno, prohibindo em Lisboa os muares de sella ou liteira, tendia a dar impulso á creação das raças hippicas. Ha uma carta de lei d'el-rei D. João IV no mesmo designio em 2 de dezembro de 1642; e como parece não sortira effeito, outra de 12 de março de 1650 insiste nas mesmas defezas, exceptuando comtudo os ecclesiasticos e desembargadores.

Mas fiquemos por aqui. Veja-se onde, de assumpto em assumpto associado, iamos chegando. Tudo isto a proposito dos exercicios physicos, a que, cheios de razão, tanto apreço davam nossos avós.

Hoje... pensa-se menos na educação physica da mocidade, do que no desenvolvimento precoce e artificial das suas faculdades intellectuaes na estufa doentia da nossa instrucção secundaria. Quero-lhes á perna a opinião illustrada de D. Antonio da Costa no seu livro mestre *A Instrucção nacional*.

Miguel Leitão é riquissimo ainda de quadros fieis das usanças festivas da nobreza nas tardes de cannas e outros jogos dextros. Concedamos pois ao seu parente Nicolau de Altero um tal ou qual quinhão n'essa mania obrigada do seculo, e imaginemos quanta vez algum terreiro da sua quinta se enfeitou com

os palanques e vistosos apparatos de taes divertimentos senhorís, quer fossem os jogos da pella, ou as lutas e corridas que nos pinta a *Alphêa* de Simão Machado; quer fossem as justas da argolinha e as apostas equestres, que tão bem descreve Antonio Galvão de Andrade; quer fossem as escaramuças e ciladas de turcos fingidos com lanças e adargas embraçadas, e grandes gritas de «moiros! moiros!» tão pittorescamente desenhadas em miniaturas á penna pelo chronista cortesão d'el-rei D. João II; quer fossem as representações de comedias do tempo, em castelhano ou em portuguez, n'algum adro assombreado, sendo o palco de vigas e taboas estendidas em cima de quatro tinas, sendo a platéa os bancos emprestados de alguma egreja proxima, e sendo os actores mancebos nobres da cidade, tudo scenas muito para folgar e rir, em que chocarrices e dichotes nem sempre primavam de compostura [1].

Mas isto eram as representações particulares. Theatros publicos, bem se sabe que os não havia fixos; em Lisboa cumpria á meza da consciencia designar de antemão o dia e o sitio, revista por um desembargador do paço a tragicomedia ou farça que se havia de dar [2]. O que é singular é que um alvará de Filippe II estatue que não haja disfarces, e que as figuras representem *no trajo do seu sexo* [3].

Saímos outra vez um pouco fóra do meu ponto.

[1] Veja-se o quadro que a *Miscellanea* pinta de uma coisa d'estas no dialogo 12.º

[2] Alvará de novembro de 1612, na collecção da legislação.

[3] Id., ibid.

Isto de tagarellas não se calam em achando quem os escute.

Como idéa associada aos exercicios physicos, sempre direi que havia em Lisboa por essas eras quatorze escolas publicas de dança (parece-nos hoje impossivel!), afóra homens que ensinavam os nobres em casa d'elles [1]; de esgrima quatro escolas publicas, afóra *muitos gentishomens* que ensinavam *pessoas nobres,* e tinham numerosos discipulos [2].

Isto era tudo nas classes distinctas. A plebe divertia-se lá a seu modo, nas lutas, nos jogos de pau, e outras praticas toleradas, quando não era nas que os alvarás excommungavam com affinco. Por exemplo: na pouco policiada Lisboa davam-se frequentes batalhas campaes á pedrada, entre o rapasio e até os homens de bairros differentes, com grave escandalo da ordem publica, e descommodo da visinhança; e chegaram quasi aos nossos dias (que o digam as celebres *Bella Cotoviæ* do Palito Metrico), apesar de serem de Filippe II as energicas providencias legaes contra taes licenças [3], e outras parecidas.

Tudo isso felizmente acabou. Lisboa pode orgulhar-se da sua policia.

Nós acabemos tambem por hoje, e amanhã continuaremos a esquadrinhar a vida dos nossos avoengos.

[1] Christ. Rodr. de Oliv. *Summario,* pag. 108.

[2] Id., ibid.

[3] É ver os alvarás de 31 de janeiro de 1604, e de 13 de fevereiro do mesmo anno na collecção da legislação.

CAPITULO VI

A gastronomia do seculo xvi.—A loiça, os crystaes, e as iguarias.—Opinião dos estrangeiros ácerca das vitualhas em Lisboa.—Averigua-se a propriedade de mais uns terrenos pela familia Andrade.—Curiosa noticia sobre as antigas calçadas da capital.—O ladrilhador Jorge Fernandes.—É apresentado o leitor ás senhoras da casa de Nicolau de Altero.—Martha de Andrade.—Brites de Andrade.—O viver das antigas portuguezas.—Os mosteiros.—As festas de egreja.—A musica sacra.—As rebuçadas.—Providencias legislativas contra essa tal moda.—Retrato das portuguezas por um coevo. —Os serões na casa de S. Roque.—As amas e as escravas. —O macaco e o papagaio.—As leituras.—Livreiros antigos. —Os jogos dos homens.—Os serões de dança.—As allianças de familia.—Novo casamento de Brites de Andrade.—Apresenta-se ao leitor o noivo Miguel Leitão de Andrade.

D'esta feita é justo que principiemos por alguma coisa solida, visto que o final do capitulo v nos deixou exhaustos e fartos de exercicios physicos. Trataremos da meza de Nicolau de Altero.

Havia já n'esse tempo grande apuro gastronomico pela culta Europa. Em Portugal as toalhas de Flandres cobriam-se de lindas baixellas, *mimos indianos,* que faziam estremecer a philosophica e severa me-

diania da quinta da Tapada. Reluizam crystaes faceados e doirados; alvejavam gomís de prata lavrada; o saleiro, assim como as galhetas, recusariam servir se lhes não dessem para supportes pratilhos de valia. Em volta do seu prato, podia emfim cada conviva gosar-se já do nosso talher de garfo, colher, e faca, innovação que assim completa não tinha mais de uns cento e cincoenta annos. Havia-os por cá bellissimos, e como hoje não ha: de prata, com cabos de crystal guarnecidos de oiro [1].

A loiça mais vulgar devia ser a branca de Sevilha e de Talavera [2], além da ceramica nacional, já muito em voga, de Estremoz e Monte-mór o velho, a qual (com ser pobre) não deixava de figurar nas refeições d'el-rei D. Sebastião [3]; mas para honrar condignamente as invenções culinarias dos Vateis do tempo, lá estavam as loiças chinezas esmaltadas, frequentes nos nossos dominios, para assombro da Europa, onde o não eram. D'esse modo, as capoeiras, habitadas do que havia de mais apreciado, vinham triumphar entre primores na solemnidade já muito artistica dos festins.

A opinião sincera do secretario d'aquelle cardeal Alexandrino que foi enviado a Portugal pelo santo padre Pio v em 1571, o já citado Venturino, era porém que as mezas de Lisboa não podiam competir com a boa ordem, a abundancia, e o escolhido

[1] *Relação individual* citada.

[2] *Estatistica* mss. em lettra gothica moderna, obra anonyma, mas preciosissima, da Bibl. nac. de Lisboa.

[3] Segundo conta o citado Venturino na sua relação de viagem em Portugal. *Panorama*, vol. VI.

das de Madrid, porque os portuguezes, diz elle, *não teem habito de banquetear-se.* Referindo-se ás festas da côrte, diz que se conhecia a boa vontade com que os nossos davam tudo, e que ostentavam abastança de peças de oiro e prata, e eram servidos por muitos criados; mas achava as iguarias mais grosseiras que delicadas, os vinhos fortes, e a fruta pouco singular, estremando-se o pão e a carne, que eram optimos [1].

Concordam com o Venturino os legados da republica de Veneza Tron e Lippomani, que da parte da senhoria vieram em 1580 a Lisboa comprimentar Filippe I. Nas suas impressões de viagem, que são curiosas para a historia dos costumes, observam elles que a respeito de vitualhas não se hão de buscar em Lisboa coisas muito exquisitas [2].

Bem dizia Francisco de Sá com o seu feliz humor habitual:

Os bons convites antigos,
antes de tudo se alçar,
eram para conversar
os parentes e os amigos,
e não para arrebentar [3].

*

Fossem, ou não, severas de mais aquellas opiniões diplomaticas, muito desdenhosas quasi sempre (*desdem de estrangeiros,* como diz com graça o au-

[1] Relação d'essa viagem. *Panorama,* vol. VI, pag. 346.
[2] *Panorama,* vol. VII, pag. 98.
[3] Satyra 3.ª

ctor do *Auto da Ave Maria),* o que parece é que para um viver largo e luxuoso á melhor moda da sociedade culta, devia possuir os necessarios rendimentos este proprietario Nicolau de Altero, como senhor de boa porção dos terrenos do opulento bairro novo. Afóra essa tal casa onde habitava, outros chãos possuia por ali.

Sigamos um fio partido que encontrei, comprovativo d'essa posse.

Entre os haveres da familia figurava uma herdade no sitio denominado *os Cardaes,* junto á rua *Formosa.* Chamavam-lhe então os *Cardaes de S. Roque;* era sitio muito ermo. Nada mais avultava ali do que uma antiga ermida com um ermitão. Logo direi como em 1595 um tal Luiz Rodrigues, que ali veiu a possuir uma casa, a doou para se edificar o convento de Nossa Senhora de Jesus [1]; e como, depois de edificado o convento, os *cardaes* passaram a denominar-se *de Jesus,* como ainda hoje. Ainda no principio do seculo passado por ali algures existia uma quinta chamada *dos Cardaes* [2].

O tamanho exacto d'essa tal herdade *dos Cardaes* pode calcular-se ao certo; tinha dezasete chãos. O *chão,* como muitos sabem, era uma medida, de que usava a cidade de Lisboa, de sessenta palmos de comprido e trinta de largo [3]. Arbitremos pois a esta herdade 30:600 palmos quadrados. Em 1558 o seu proprietario Nicolau de Altero aforou-a por 6$800

[1] Carvalho da Costa. *Chorographia.*—Tom. III, pag. 495.
[2] Id., ibid., pag. 490.
[3] *Miscellanea.*—Dial. X.

réis annuaes a um Jorge Fernandes *ladrilhador* de officio, isto é, oleiro, como hoje diriamos, porque, segundo creio colligir do que define um contemporaneo [1], o *oleiro* era o fabricante de azulejo.

Ora muito bem: junto aos *Cardaes* existe a calçadinha *do Tijolo,* que era, ha trinta annos ainda, ladrilhada de velhissimos tijolos a pino, que desappareceram com a macadamisação, mas que bem podiam ter correlação remota com o ladrilhador Jorge Fernandes, e com o proprietario Nicolau de Altero. Quando a não tenham (e para isto principalmente é que eu trouxe esta menção), são prova presumptiva da antiguidade do sitio, e specimen, hoje perdido, da maneira por que as ruas em Lisboa eram calçadas no seculo XVI, pois assim se lê por incidente no diario da jornada da nossa infanta D. Maria filha d'el-rei D. João III, princeza das Asturias. Diz o citado escripto referindo-se á cidade de Elvas: *Esta cidade.......... é pobre um pouco, e as mais das casas são todas ladrilhadas de tijolo, da maneira que as ruas são calçadas em Lisboa* [2].

Saiâmos d'este emmaranhado labyrinto de tijolos, mais temivel que o de Creta, e voltemos a casa de Nicolau de Altero. Agora vae o leitor conhecer melhor as senhoras.

*

As senhoras d'esta casa eram: a mulher de Nicolau, Martha de Andrade, e sua filha Brites, a quem

[1] Frei Nicolau de Oliveira. *Grand. de Lisboa,* pag. 174.
[2] *Hist. Gen. da Casa Real.*—Tom. III das Provas, pag. 121.

encontramos já viuva de Balthazar de Seixas, sugeito que não pude ainda topar nas genealogias.

A acreditarmos a *Miscellanea* (e porque não?) era Brites uma honestissima senhora, piedosamente creada ali sob a vigilancia e influencia da casa de S. Roque, e educada com todas as prendas de uma rica herdeira. Era de certo, com sua mãe, uma das frequentadoras assiduas das praticas dos jesuitas, prasodado onde ás tardes as liteiras armorejadas, e os coches mais opulentos, vinham trazer a primeira sociedade de uma legua em contorno.

O viver passava para as damas concentrado, e sequestrado ao bulicio burguez, commercial, e artistico, da pittoresca *rua nova* (positivamente o Chiado de então). O tempo que os seus lavores caseiros lhes dispensavam, ía-se em visitas pelos conventos, onde as suas amigas e parentas, já freiras professas, já recolhidas, sabiam atapetar de flores, por que assim o digamos, o chão ascetico do claustro sob os chapins seculares e profanos, pouco affeitos a pisar abrolhos. Os miminhos, as flores, os doces finissimos, os bordados mirificos, eram, tanto como a conversação affectuosa, gazeteira, e assucarada das cellas, o melhor desenfado, e uma das attracções dos mosteiros femininos. Na vida secular tinham elles um papel importante, não só para os costumes da *elegancia,* como até muita vez para os enredos politicos da côrte.

A piedade e os exercicios religiosos tinham, como todos sabem, além das pompas tão eloquentes da egreja catholica, outro realce singular aos olhos da turba: era o *ayto de devoção,* verdadeiro espectaculo, em tempo em que nem S. Carlos, nem os

nossos dez ou doze theatros, eram o entretenimento da imaginação de um numeroso publico.

É verdade que já bastaria para isso a musica dos templos, que era uma instituição artistica de altos quilates. Havia-a muito notavel, como composição, e como execução.

Musica vimos chegar
á mais alta perfeição;
Sarzedo, Fonte, cantar;
Francisquilho a si juntar
tanger, cantar sem razão;
Arriaga, que tanger!
o cego, que grã saber
nos orgãos! e o Vaêna!
Badajoz! e outros, que a penna
deixa agora de escrever.

São palavras de mestre Garcia, que em muitos passos é um pintor de genero; e Andrade Caminha, o saltitante versejador, menciona alguns musicos e cantores de nomeada: Rodrigo Velho, Luiz de Victoria, Francisco Mendes, etc. Até por essa circumstancia da musica, sabia pois Lisboa estremar-se no seculo XVI como primaz no reino. Perante esses explendores da côrte se extasia no seu livro citado Duarte Nunes, e affirma Braunio que nas grandes solemnidades do calendario, quando saíam para fóra da capital, a cantarem nas villas e freguezias proximas, mais de trinta orchestras de musicos e tangedores, cá não se dava por tanta emigração, porque as festividades sacras deslumbravam como de costume, pelo bem providas e concertadas. Era em parte o zelo das cento e trinta e uma confrarias e irmanda-

des, que, além do avultado cabedal empregado na beneficencia publica, sabiam despender bizarramente com as exigencias civilisadoras do luxo na arte.

Por tanto, se podessemos entrar nos mosteiros, ou nos templos de então, certamente haviamos de encontrar frequentes vezes, no trajo modesto que tão bem realça as formosuras, e talvez com as suas mantilhas ou mantos, que as rebuçavam todas (moda que ainda hoje as senhoras usam na semana santa), a mulher e a filha de Nicolau de Altero. Se divagassemos na rua, haviamos de avistal-as, uma ou outra vez, com o seu sequito obrigado de criadas e escudeiros, encaminhando-se a passo grave e miudinho para lausperennes ou matinas, unicas partes onde era dado sairem senhoras bem nascidas, e ainda assim com os mantos modestamente derrubados sobre os olhos, e escondidas a todas as vistas, como lá diz o douto Duarte Nunes[1].

*

Escondidas? inteiramente occultas, desconheciveis; o que se prestava a abusos, como succedia hontem ainda com a capa e lenço, e succede hoje nos Açores, onde as auctoridades teem debalde tentado acabar os capuzes, perfeitos dominós, que disfarçam romances e dramas muito á vontade. Parece que assim era tambem por cá.

O desembargo do paço chegou a propor a D. Filippe III meios coercitivos para a moda das mulheres andarem *tapadas* (termo technico); e o rei

[1] *Descripção de Portugal.*—Cap. LXXXVIII.

respondeu com graça [1], e com certo conhecimento do coração feminino (seja dito sem offensa), que lhe parecia não dever prohibir tal, porque *de semelhantes prohibições se tem visto maior introducção dos excessos que se pretendem remediar, apetecendo-lhes o vedado.* Ordenou então ao desembargo que informasse de novo, syndicando primeiro dos termos a que tinha chegado o sobredito uso, se degenerava em immoralidade, etc. Provavelmente o tribunal informou contra, porque logo em 1626 uma carta regia [2] prohibe formalmente as rebuçadas, sob penas severas. As netas da mãe Eva é que fizeram pequeno caso de quem assim se queria ingerir com a lei em punho nas attribuições do que era lá o seu *mundus muliebris;* motivaram sem o quererem um decreto [3] em que se lhes veda, fossem ellas de que qualidade fossem, o andarem pelas ruas *embuçadas, com chapeo ou sem elle,* e o assistirem n'esse trajo ás festas nas egrejas. As perseguidas que fazem então? descobrem só meio rosto, e julgam illudir d'esse modo a vigilancia dos seus tyrannos; mas eis que, dois mezes depois, sae como uma vibora um alvará [4], explicando por miudos os abusos de tal pratica, declarando que n'esse tredo descobrir de meio rosto as insurgentes *ficam ainda assim desconhecidas,* e ordenando (ipsis verbis) que *toda a mulher que não andar com toda a cara descoberta, e houver de trazer biôco, trará o manto caído até aos peitos.*

[1] Em carta regia de 10 de outubro de 1623.

[2] De 19 de junho.

[3] De 11 de agosto de 1649.

[4] De 6 de outubro de 1649.

Eis-ahi como a policia antiga se estendia até aos devaneios e caprichos do gyneceu.

*

Mas francamente, avósinhas do seculo XVII, fazieis bem mal em vos tapardes assim.

As lisbonenses eram lindas, segundo affirmam estrangeiros, que nada tinham de lisongeadores. Os cabellos d'ellas eram habitualmente negros, mas ellas tingiam-nos, por moda, como as casquilhas de Ovidio, de côr loira[1]. Era um gosto do tempo, de que a litteratura nos deixou vestigios: para quasi todos os poetas, se não todos, para os Camões, os Ferreiras, os Caminhas, os Mirandas, arremataram os cabellos *de oiro* logar fixo e indisputavel nas descripções de typos femininos.

Quem sabe se até as Andradas, donas tão recatadas e honestas, cairiam na fraqueza de sacrificarem ao genio da moda a côr peninsular dos seus cabellos? quem sabe? Pois não precisavam d'esse artificio para serem interessantes.

Que retrato que das nossas bondosas portuguezas pinta o eborense Duarte Nunes do Lião, já pela suavidade dos seus rostos, já pela sua honestidade e *assocego,* já pelas suas muitas prendas caseiras de *ménagères,* já pela sua caridade inexcedivel! É digno de reler-se aquelle trecho, porque se vê, pelas nossas patricias de hoje, que foi pintura tirada do natural.

[1] Lippomani. *Panorama.*—Tom. VII, pag. 98.

*

Se á noite fossemos á casa de S. Roque, haviamos certamente de encontrar o rancho feminino ao serão mais que patriarchal das damas antigas portuguezas: ellas sentadas nos seus pares de almofadas de seda, ou mesmo sentadas no chão, francamente no chão, como até as princezas usavam; e podem ver-se sobre esta curiosidade ingenua e pouco artistica varios passos da relação do já citado Venturino. Junto das amas as servas, em redor dos candieiros amarellos de latão, pura edade média, instrumentos ainda vivos hoje em algumas classes de Lisboa, e cuja fórma tradicional se perpetúa.

Pela maior parte essas servas eram escravas. A escravaria, trazida da Guiné, custava porém carissimo; tendia a encarecer ainda esse *genero,* meado seculo XVI; e por isso muitos particulares tomavam homens e moças *de soldada* (como os actuaes criados de servir).

Complete-se por tanto o grupo em volta do candieiro com algumas physionomias negras á mistura, e até com algum bugío muito manço, ou papagaio valído, bichinhos que as conquistas nos enviavam *para delicias e recreação,* segundo um coevo [1].

O terço resado em commum (costume piedoso conservado ainda na provincia), e as leituras de chronicas ou historietas de cavallarias, deviam muita vez entreter parte do serão antes da ceia. A proposito de leitura: uma observação valiosa que me occorre:

[1] Duarte Nunes. Obra citada.

o gosto por ella não devia ser então muito diminuto, a julgar pelos cincoenta e quatro livreiros que abasteciam as sêdes litterarias da patria de Ferreira e Camões [1].

N'esses serões por tanto a historia do infante D. Pedro das sete partidas, a da princeza Magalona, o inimitavel, o epico Amadís de Gaula de Gil Vicente, e outras obras, haviam de ter entretidas as attenções do rancho, e arrancar lagrimas até ás figuras dos panos de raz, como diz algures o D. Duardos do velho troveiro, quanto mais aos formosos olhos das ouvintes sentimentaes! Para tempero lá estavam então as farças do mesmo poeta, as do Prestes, bem melhor metrificador, sim, mas sem o genio do mestre, as de Simão Machado, que haviam algumas vezes de entremear-se tambem com os *Vilhalpandos* e o *Cioso*, a *Alphêa* ou o *Bristo*, peças mais modernas, onde o gosto de Terencio e Plauto (os da moda) se reflectia. E em quanto uma voz ia lendo, os assistentes devoravam esses primores, ao som monotono e surdo das rocas de roda, ricas e torneadas peças de uso, de que alguns museus da Europa conservam com apreço especimens curiosos.

Ora eis-ahi estão as seroadas da casa de S. Roque, bem diversas das nossas *soirées* e recepções semanaes. Deviam lembrar os applicados lavores em casa de Penélope, com tanta graça e mestria pintados pelo semi-deus!

Os homens, esses jogavam jogos de cartas, está visto; mas só os homens, porque (segundo affirma

[1] Chr. Rodr. de Oliveira. *Summario*, pag. 109.

um douto informador) ás senhoras de bem era isso defezo, assim como o vinho, pela pragmatica tacita dos usos nacionaes [1]. N'esses jogos masculinos, porém, poucas vezes se encontrariam alguns tão engraçados, como o que se jogava nos serões do paço, com as doze cartas *de louvor,* e as doze *de deslouvor,* cujas coplas escriptas de proposito em tempo d'el-rei D. Manuel pelo seu ladino moço da escrevaninha, tinham feito as delicias dos cortesãos.

Tambem não digo que uma ou outra noite não houvesse propriamente serão de dança alternada com ensoadas, em que os bailes moiriscos e os turdiões baralhavam a alegre companhia, como o fazem os nossos lanceiros e as nossas contradanças; tudo á moda da polida Lisboa, que primava em cortesania exagerada, e usurpadas honrarias, segundo nota sorrindo um villão em Antonio Prestes, quando diz:

E de Lisboa se sôa
que todos lá são honrados;
que de pessoa a pessoa
se fallam desbarretados.

*

Ora agora concluirei o capitulo com uma observação: vejo nas allianças dos membros d'esta familia, quasi sempre confinadas nos dois ou tres primeiros graus de parentesco, um indicio de que viviam muito entre si, ou tinham em tanta conta o seu nome, que desejavam perpetual-o orgulhosamente nas varonias.

Assim esta rica viuva, esta mesma Brites de An-

[1] Duarte Nunes. Obra cit., cap. 88.

drade, que vimos no seu elegante *chez soi,* e que foi requestada sem duvida por próceres, preferiu arrostar o uso, tomando segundo marido, e preferiu que elle fosse um viuvo, a ir mesclar outra vez o seu sangue illustre com outro sangue não seu.

Quem era o pretendente? d'onde vinha? Já mais de uma vez me referi ao testemunho d'elle no decurso d'estes estudos; era um primo da casa, antigo pelejador de Alcacer-Kibir, escriptor applicado, abastado proprietario (creiu que já então) no Pedrogam grande, no Carregado ou em Villa nova, em Obidos, no Crato, e na Ribeira de Sôr[1]. Os seus provaveis cincoenta e tantos annos não o damnaram, segundo se vê, no conceito da viuvinha; as muitas aventuras de que fôra heroe, o seu talento, a sua graça, pleitearam por elle, e venceram. Foi aceito para noivo o cavalleiro Miguel Leitão de Andrada.

Mas agora reparo: o capitulo vae já descompassado: Aqui fico, depois da subita apparição d'esta figura nova, e deixarei consummarem-se na santa paz da casa de S. Roque as bodas da neta de João de Altero, em quanto não continúo nas minhas observações.

[1] *Miscellanea* citada.—Dial. III, pag. 63, 64 e 65 da edição de 1867: e Manço de Lima.—*Genealogias.*

CAPITULO VII

Miguel Leitão de Andrada e o seu precioso livro.—Analyse rapida da *Miscellanea*.

No meu ultimo capitulo apresentei Brites de Andrade a ponto de realisar o seu enlace matrimonial, nada menos que com o futuro auctor da *Miscellanea*. Apparecera elle pretendente á mão de sua formosa prima, e obtivera consentimento, sem que o empecesse a lenda tenebrosa, que (no dizer de um genealogista) pairava sobre o seu nome: nem mais nem menos do que a suspeita de ter sido elle o matador da sua primeira mulher, D. Ignez de Atouguia.

Em quanto a casa de S. Roque celebra as bodas da rica herdeira Brites de Andrade com seu primo Miguel, conversemos d'elle um pouco, e examinemos de espaço essa originalissima personagem.

*

A verdade é que de toda a enfunada geração de

Andradas, que tão alto remontam a grimpa da sua arvore, e de tão fundo lhe deduzem a raiz, quasi que se perderam as memorias. Vivem n'algum nobiliario, se é viver esse desterro entre as folhas amarellentas de uns livros que ninguem lê, esse reinar de mumias em mausoleo, esse jazer entre saudades do que foi, á luz crepuscular que vem das chronicas. Se viver é isso, vivem muitos Andradas nos livros de linhagens d'este reino, aventureiros da India, padroeiros de capellas, escrivães de chancellarias, capitães de ginetes, homens bons, de peleja e de conselho; vivem estirados como estatuas de tumulo, vivem da vida morta do que lá vae!...

D'entre todos porém um d'elles conserva ainda, e para sempre, uma individualidade mais vivaz; chegou intacto ao nosso tempo; traz em si mesmo toda a energia e crença do seu seculo; conversa comnosco, amavel, tagarella! e entre sorrisos consegue impor, pelos seus chistes e donaires, a sua curiosa personalidade. É Miguel Leitão; salvou-o e immortalisou-o um nada: o livro sincero e facil que elle chamou a sua *Miscellanea*.

E andou avisado na escolha do titulo do opusculo, que afinal de contas é o retrato do auctor. Miscellanea é o livro, e miscellanea é quem o escreveu. O livro é um mixto de bom e mau; o auctor é tambem (como elle tanta vez caracterisa a sua obra) uma *salada de varias plantas*.

É lel-o; é correr aquellas paginas desestudadas, onde o bom do escriptor enthesoirou sem o saber tanta riqueza; é deixal-o narrar, na fórma de dia-

logos correntios e pittorescos, o que viu, o que foi, o que amou, o que fez, e ver palpitar a sua era, com as suas superstições, a sua força, as suas fraquezas, as suas indifferenças, os seus orgulhos, o seu poder.

*

A *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrada pode dizer-se um grande basar *sui generis* de velharias. Ha ali desde o elmo reluzente, até ao livro de horas. Ha o negligente sombreiro do lavrador senhoril; ha a valente espada damasquina que pelejou em Alcacer-Kibir; ha a guitarra dos descantes, companheira fiel das longas noites do captiveiro; ha sellas e xaireis de ricos jaezes, com que se entrava galhardo nos jogos; ha deliciosos quadrinhos de genero e costumes; ha o rosario de pau santo, em que os cavalleiros portuguezes coavam orações a grão e grão; ha os retratos de familia melancolicos e esquecidos; ha o espaldar das séstas do Pedrogam, onde tão bem sonhados somnos se dormiram; ha até a arca empoeirada dos tombos e papeis velhos, d'onde sae um perfume indizivel de saudades.

Na ordem moral, contém o livro de Miguel Leitão a crença em Deus e nos seus santos, profunda, inabalavel, meticulosa; o orgulho, que em taes cavalleiros se chamava, de paes a filhos, dignidade; o desejo do bem; o afferro ás coisas da familia; e, no seu tanto, a graça portugueza á D. Francisco Manuel, o desenfadado bom humor, a franqueza gazalhadora, a cortezania antiga, os casos galantes para rir; em tudo a satisfação intima do narrar, e ao mes-

mo tempo, aqui, ali (quem tal diria?), as nostalgias amargas do cantinho natal.

Isto julgo eu a *Miscellanea*.

*

Deixar lá dizer que o auctor não poz ordem nem systema nas suas praticas, que as suas noticias são minucias de espirito ocioso, que o livreco só cura da genealogia do auctor. Quem tal diz não o apreciou; falseou-lhe o ponto de vista, e calumniou-o.

Prouvera a Deus que tivesse havido em seculos mais antigos outros Migueis Leitões, a contarem á posteridade a vida dos lidadores de Aljubarrota, ou dos infanções de Ourique! prouvera a Deus que no geral se quizesse entender o que são e o que valem as memorias intimas, porque de todas as obras as que melhor sabem no futuro são as que se escreveram sem mira na publicidade, são as autobiographias e memorias, que, por assim dizer, furtamos ao segredo de seus auctores.

Que valia não teem as cartas de Plinio, e as da marqueza de Sévigné! as de Cicero ou Voltaire, e o diario rol do Sire de Gouberville!

N'essas paginas, como que se surprehende o segredo alheio, inconfidencia inoffensiva que dá um genero de gosto litterario, a que poucos são superiores. Essas obras, apesar de impressas, teem o que quer que seja de manuscriptos, que dá um prazer de novidade, um desfructe de *estreia* á sua leitura e ao seu estudo.

Ora a *Miscellanea* não é d'esse numero precisa-

mente, e comtudo não deixa de o ser. A *Miscellanea* foi publicada por seu auctor, escripta para ser impressa, e assim mesmo captiva-nos na sua espontaneidade facil, e pelo seu pouco ou nenhum preparo attrae-nos como conversação inedita.

*

Miguel Leitão conversa bem. Tem graça, a graça do tempo, mas culta. Deixem-no narrar, e dão-lhe a maior das alegrias. Á falta de ouvintes elle a si proprio se escuta. Não se cala; e não acabo de entender como não fez quarenta dialogos em vez de vinte. Leu muito. Pertence ao numero, não escasso, dos cavalleiros lettrados. Com o seu amigo Camões pode dizer

n'uma das mãos a penna, e n'outra a lança.

Manuseia de bom grado as *breviações* dos chronistas portuguezes. Pára a escutar uma velharia, e faz-nos parar depois para lh'a ouvirmos.

Quer muito aos livros de cavallarias; manuseia-os; a sua narrativa o comprova.

Ha n'elle um *quid* de Plinio velho: naturalista, curioso investigador de porquês, e crendeiro.

Revê-se nos quadrinhos que engenha. Não é á propria um pintor historico; até nem é um retratista. Aquelle sombrio dialogo VII, com ter muitos toques grandiosos, não é alta pintura. E no emtanto ninguem mais sincero, mais vivaz de côres, e mais acertado no desenho.

Escreve uma prosa arrendada muita vez em arabescos, que lembram as m[illegible]as dos azulejos do tempo, mas de bom sabor provinciano portuguez, entresachado a partes de castelhanas louçanias.

Cita Euripides e David, Duarte Nunes e S. Thomaz de Aquino; Cicero e Tertulliano; e cita-os com certo desvanecimento muito desculpavel.

Tange uns versos taes ou quaes em portuguez e em castelhano, versos quasi tão bem medidos como os botes da sua valente espada, poesia monotona como as melopêas da toadilha popular, canções e elegias semi-camonianas e semi-cervantiscas, cheias de mysticismo, e que illumina o devoto amor que lhe merece a Virgem Senhora da Luz do seu Pedrogam.

É bom cavalgador e muito cortesão; brilhou em moço nos estrados das damas, depois de ter sido em menino o mais endiabrado gaiatete, o mais moído de quedas, brigas, e desastres, que póde imaginar-se, e em mancebo um estudante travesso e arruador, de dar certamente brado em Coimbra, onde começou a cursar a faculdade de canones.

Em pequeno foi com os outros de sua edade, por aquelles pomares e hortas da sua villa, um cavalleirosinho descobridor, sempre á beira de peripecias, sempre a correr aventuras. Em homem foi uma creança credula e mystica; entretinham-no tanto as tardes de cannas e toiros, e as carreiras desenfreadas em desenvoltos corceis, como os esplendores das festas de egreja, ou a jactancia da sua estirpe galliciana. Decididamente, este homem é uma miscellanea. Crê em Deus, mas crê tambem nos perus de qua-

tro pernas, e nos passarões com garras de leão, propriedade exclusiva do duque de Bragança.

*

Baste-nos que assim fique estudado Miguel Leitão de Andrada pelo summario que de si proprio nos deixou, sem o saber.

Isso é em duas pennadas a *Miscellanea,* e isso é em dois traços o seu auctor.

Como escriptor, é um *amador* distincto, e quasi um artista. Como pensador, encontro-lhe muito de Miguel de Montaigne, com egual bom senso, mas muito menos cultura e philosophia. Como homem, ha n'elle a altivez lhana de um nobre portuguez, e largas vistas em prol da patria. Fraqueja uma ou outra vez perante o usurpador? fraqueja. Dobra os joelhos senís ante o filho de Carlos v? dobra; porque o havemos de dissimular? Mas, santo Deus! nem todos podem ser um D. Francisco de Portugal, o grande, o gentilissimo conde de Vimioso. E depois, pergunto: os ares mephyticos d'aquelle tempo nada são? e a opinião geral não é um predominio? e os factos consummados não tiveram sempre uma força irresistivel? e a energia não se gasta? e uma vida tão trabalhada nada vale? Respeito e perdão ao octogenario cavalleiro.

E ainda assim (diga-se bem alto) poucos livros estillam tanto brio communicativo como este que elle deixou. É singular. Mas ha cordeaes litterarios.

*

A prosa da *Miscellanea* tem, ao menear-se, um

retinir de esporas e um arrastar de colubrina. Prosa de raça. E se n'esse volume vemos reflectir-se por um lado o sol poente de 1578, e o crepusculo da batalha da ponte de Alcantara; já no outro cabo da obra, apesar das nuvens, alvorece o arrebol de 1640.

CAPITULO VIII

Resolve-se o auctor a bosquejar a biographia de Miguel Leitão de Andrada.—Em que anno nasceu o cavalleiro é ponto controverso.—Seu pae o bondoso Belchior de Andrada.—Infancia de Miguel no Pedrogam Grande.—Recordações da sua buliçosa meninice.—Sua mãe Catherina Leitôa, grande mãe e digna esposa.—Mencionam-se a correr os irmãos do nosso heroe.

Suspeito que o leitor se não deu por satisfeito com os traços em que esbocei, com broxa de scenographo, o retrato moral e litterario de Miguel Leitão, e deseja que lh'o complete com alguns pormenores biographicos. Annuo. Direi o que souber, ainda que isso nos vae fazer sair um pouco fóra do nosso proposito, que era só o estudo do Bairro alto. Afinal de contas parece-me tem razão a exigencia. O fallarmos de Miguel, aquelle typo original da nossa litteratura palaciana e cavalleirosa, não desdiz do assumpto d'estas excursões archeologicas; tanto mais, que pelo seu casamento com Brites de Andrade veiu o auctor da *Miscellanea* a ser proprietario de uma boa parte do mesmo Bairro; isto é: veiu a possuir

ali o dominio directo de seis ruas: a *da Rosa,* a *de S. Boaventura,* a *da Vinha,* a *do Loureiro,* a *da Cruz,* a *Formosa,* e mais um casal não sei por onde.

Enganar-se-hão porventura os doutissimos escriptores Barbosa Machado e Innocencio, dizendo que Miguel Leitão de Andrada nasceu em 1555? Supponho que sim; creiu que os induziu em menos exacção a gravura da *Miscellanea,* o retrato do auctor, cuja data referem ao anno da publicação do livro, 1629. Pode ser que essa estampa, que marca ao nosso cavalleiro setenta e quatro annos, fosse feita em 1627, ou copia de algum retrato a oleo executado no mesmo anno. O que tenho por certo é que no testamento authentico, visto e citado pelo investigador Manço de Lima, o proprio Andrada declára em 28 de setembro de 1627 cumprir *setenta e quatro annos;* logo confessa implicitamente ter nascido em 28 de setembro de 1553.

É verdade que n'outra parte[1] elle tambem declara que ao tempo da morte de seu pae Belchior de Andrada, em 1568, tinha uns treze annos, o que transtorna a affirmação do testamento, e repõe o anno de 1555. Mas é não menos verdade que:

1.º—N'este segundo caso elle diz vagamente *uns treze annos,* o que pode provir, ou de lapso da sua memoria senil, ou de desejo innocente de se remoçar;

2.º—O testamento é feito com solemnidade, talvez á vista do documento, e tão repoisadamente, que até cita com exacção o mez e o dia.

[1] *Miscellanea.*—Dial. VII, pag. 126.

Logo, julgo militarem em favor da data de 1553 mais algumas probabilidades.

A sua infancia no Pedrogam natal foi, como elle deixa entrever, muito conchegada e alegre. As recordações d'aquellas edades teem não sei que influencia affectiva, que se exerce pelos annos fóra, e que alguns passos do livro nos communicam. Nada lhe esqueceu: nem as paizagens amenas do Pedrogam, á borda do Zezere, com as suas quintas tão verdes [1]; nem a toadilha melancolica da xácara

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei,

que elle se recordava de ter ouvido cantar *muito sentida* a uma algarvia de avançada edade, sendo elle muito menino [2]; nem os pomares sombrios do convento da Luz, tão querido de frei Luiz de Granada [3]; nem o santinho frei Antonio de Ourem, affectuosamente mencionado no dialogo III [4]: nem o outro velho, muito da sua creação, o bom frei Gonçalinho [5]; nem as tropelias da creançada, narradas tão ingenuamente e de que o leitor erudito certamente se recorda; nada emfim do que nos seus primeiros annos lhe encheu a vida, que tão aventurosa lhe havia de correr.

Belchior de Andrada, seu pae, está-se a ver que era um fidalgo devoto e bondoso á maneira antiga

[1] Dial. I.
[2] Pag. 25.
[3] Pag. 16 e 103.
[4] Pag. 56.
[5] Pag. 82.

portugueza [1]; d'elle pouco sei; teve a ventura de deixar pequeno rasto pelas genealogias: gosou a felicidade obscura do lar domestico, e nada mais ambicionou. Contentou-se com succeder, como succedeu, na casa de seu pae, e nas capellas de seus avós Domingos Affonso Barreiros e Domingas Annes, ser cavalleiro fidalgo, e mais juiz dos orphãos na sua villa natal, o que lhe suppõe lettras; mas ignoro quando as cursasse.

Miguel Leitão, que era caçador de minucias, e um tanto supersticioso, como tudo comprova, não deixa de notar que na existencia de seu pae a data de 6 de janeiro marcou tres épocas importantes: o nascimento, o casamento, e a morte [2].

O casamento foi antes de 1529, como constava das notas do tabellião Diniz Camacho na Certã, em documento que o genealogista Manço de Lima viu e extractou. A morte foi em 1568 [3]. O enterramento, no mosteiro da Luz do Pedrogam, padroado dos seus passados e dos de sua mulher: Andrades, e Leitões [4].

Fallecido Belchior, procedeu-se a inventario no juizo orphanologico do Pedrogam em 1569 [5], e por ahi se vê que ficaram dez filhos.

Coube á viuva o encargo pesadissimo da educação da ninhada infantil; saiu-se d'elle como quem era a virtuosa Catherina Leitoa, suave figura singe-

[1] Pag. 81.
[2] Pag. 99.
[3] Pag. 99 e 126.
[4] Pag. 12.
[5] Manço de Lima.

lamente desenhada por seu filho[1], e entrevista por nós na penumbra dos livros genealogicos; mulher virtuosa como ha tantas na lista das mães portuguezas, provinciana cheia de caridade, trasbordando de piedade sincera, e, mais por instincto de coração do que por illustração talvez, comprehendendo em toda a sua grandeza a augusta missão educativa.

É verdade que a tradição, que tanta influencia tem na virtude hereditaria das familias, impunha a Catherina Leitoa obrigações severas. Não fallando no lustre heraldico da estirpe, lustre de que se ufana e apresenta certidão official o auctor da *Miscellanea,* brilhavam, como astros dos melhores na constellação nobiliaria dos Leitões, alguns nomes; cito Paulina Leitoa, tia de Catherina, viuva, fundadora do mosteiro de Santa Clara em Figueiró dos Vinhos; Brites Leitoa, tambem parenta, fundadora do mosteiro de Jesus de Aveiro; a santa freirinha Francisca da Paixão; o padre frei Nicolau do Rosario Leitão, depois martyrisado na Ethiopia, e outros.

Tudo isso, essa voz composta de muitas vozes solemnes e tristes, que veem dos tumulos, esses exemplos de abnegação e fé, inspiraram sem duvida a alma da boa mãe, e perfumaram o seu lar de um mysticismo que ainda ressumbra de todas as paginas de seu filho.

Educou-se este no convento da Luz, no Pedrogam[2]. Os conventos eram em toda a parte as melhores piscinas dos estudos de humanidades; o cabedal

[1] *Miscellanea,*—Dial. v, pag. 96.
[2] Id., pag. 2 e pag. 56.

de sciencia que se accumulava com desvelo em cada casa mystica, repartiam-no sem avareza os successivos administradores d'aquelles morgados religiosos. Entre os mestres do menino menciona elle a frei Manuel de Sousa, a frei Lopo de Sousa, e a frei Antonio de Ourem [1].

A creação domestica, e a educação monastica, estiveram a ponto de fazer do futuro aventureiro de Alcacer-Kibir um monge da Luz [2]. Transparece um amor seraphico indizivel nas bellas scenas das conferencias de Miguel Leitão de Andrada com o seu confessor e conselheiro espiritual, o octogenario frei Nicolau Dias, entre as sombras verdes das latadas da cerca, ao som melancolico das aguas da rega dos pomares [3].

D'aquillo tudo lhe ficou para toda a vida no fundo d'alma uma devoção inabalavel á Virgem da Luz da sua terra natal, como no fundo de uma taça um perfume suavissimo. Essa devoção foi-lhe nos trabalhos o maior conforto, e a melhor esforçadora.

Entretanto, passados os primeiros arrôbos semi-lyricos do mysticismo da infancia, abandonou o projecto de sair do seculo, e já o leitor vae ver (se é que lhe não estou a repetir o que a sua memoria lhe está recordando) como depois da morte de Belchior de Andrada começaram para o nosso gorado noviço as peregrinações pelo mundo.

[1] *Miscellanea,* pag. 2.
[2] Dial. VI, pag. 110.
[3] Dial. V.

Eram, como disse, dez irmãos ao todo. Mencionemol-os:

I.—Pedro de Andrada. Este succedeu na casa e nas capellas de seu pae, e instituiu uma capella com encargo de quatro missas, a qual nomeou em sua mulher. Fez justificação de nobreza, com seus irmãos, em 1571. Falleceu em 3 de dezembro de 1594. Foi casado com Monica Diniz, do Pedrogam; tiveram geração, que não vem para o caso.

II.—João de Andrada, clerigo e frade da ordem de S. Bernardo. Parece ter sido muito amigo de Miguel Leitão, que o menciona com affecto respeitoso em varios passos do seu livro. A sua morte rodeou-se de certos prodigios sobrenaturaes, de que trata a mesma obra [1].

III.—Gaspar de Andrada, frade de S. Domingos; trocou o nome no de Claudio.

IV.—Miguel Leitão de Andrada, o nosso heroe, graças a quem nos achamos embrenhados n'esta silva genealogica, d'onde creio não sairemos mais. Andamos como os cavalleiros de Wieland, ou como os paladins de Ariosto, transviados nas florestas seculares pelo poder da magia. Vamos andando, e apupando a ver se alguem nos vem valer. No emtanto aqui vae uma observação para matar o tempo:

Manço de Lima, que examinou o inventario orphanologico de Belchior, põe Miguel Leitão em quarto logar, quando elle com certeza não era o quarto filho, mas sim o nono [2]. Tal discordancia provém

[1] Dial. v, pag. 102.
[2] Dial. VII, pag. 126.

certamente de que o genealogista agrupou a um lado os filhos varões, e para o outro as senhoras.

v.—Lourenço de Andrada. Este perdeu-se indo para a India na nau Santa Clara, de que era capitão sabe o leitor quem? Luiz de Altero de Andrade, seu primo, irmão de Brites de Andrade mulher do nosso Miguel Leitão.

vi.—Maria de Andrada; casou a 10 de junho de 1552 no Pedrogam com Jacome da Costa, de quem houve geração, que não interessa mencionar-se aqui. Esta senhora falleceu (tambem com circumstancias sobrenaturaes) em 1596 na quinta que seu irmão Miguel possuia no Carregado[1].

vii.—Catherina Leitoa de Andrada; casou com Belchior Godinho Pereira, do Pedrogam. Uma filha d'ella, tambem Catherina (o nome da mãe e da avó) mereceu a seu tio Miguel grande affeição; tanto, que em 1622, como veremos logo, elle a dotou por escriptura publica, para poder casar. A um irmão d'esta sobrinha, Antonio Pereira (mas não era o senhor do Basto, amigo de Sá de Miranda), rapaz que conjecturo seria estudioso e dado a lettras, escolheu o velho cavalleiro auctor da *Miscellanea* para lhe legar os seus livros e papeis. Dil-o Manço de Lima. Que papeis seriam? a *Miscellanea* imprimiu-se em vida do auctor. Eis-ahi pois presumida a existencia de ineditos, que era curioso se ainda algum dia viam a luz.

viii.—Antonia de Andrada. Casou duas vezes: a primeira com Manuel Fernandes de Almeida; a segunda com Gregorio Ribeiro Florim.

[1] Dial. v, pag. 102.

IX.—Marqueza de Andrada; freira em S. Bernardo de Portalegre.

X.—Violante Leitoa. Casou em 31 de dezembro de 1580 com Gaspar de Almeida, da Lousã, a quem Miguel menciona algures[1].

Basta; basta. Sentemo-nos n'esta pedra a descançar. Eu por mim confesso-me aniquilado com o *autem genuit* quinhentista. Saiâmos da necrópole; ámanhã cá voltaremos.

[1] Dial. IX, pag. 192.

CAPITULO IX

Frei João de Andrada.— Partida para Salamanca.—Volta a Coimbra.— A faculdade de canones.— Historia de mais um mau estudante.— Rebate geral em todo o reino.— Sôa em Coimbra a trombeta de alarma.— A segunda jornada de Africa.— Parte a expedição.— O dialogo VII.— Quadro historico.— Tornada de Miguel Leitão ao reino.— Entrada na casa materna.— Morte da boa mãe.— O prior do Crato.— A sua ultima casa em Lisboa.— Ingrato comportamento de Miguel Leitão de Andrada.

D'aquella irmandade toda, que mencionei no meu ultimo artigo, sempre o mais buliçoso e inquieto havia de ter sido o menino Miguel. Talvez por isso parece tel-o como que tomado á sua conta, depois da morte do pae, seu irmão frei João de Andrada, sisudo mancebo, que, não sei se com algum caracter official, se achou (de certo em annos pouco adiantados) no concilio de Trento [1].

Em 1568 partiu frei João para Salamanca, a seguir estudos n'aquella famosa universidade, que era um luzeiro na peninsula; levou comsigo seu irmão

[1] Dial. VII, pag. 126.

Miguel. Quando lá estavam ambos, ordenou o cardeal infante D. Henrique, então abbade commendatario de Alcobaça, que frei João viesse doutorar-se em Coimbra [1]. Antes que regressasse a Portugal foi porém o frade (já se sabe com o seu protegido) até Madrid visitar *um parente de valia, que d'este reino havia ido com a imperatriz mulher de Carlos* V *irmã d'el-rei D. João* III. Em Madrid se demoraram alguns mezes [2]; d'onde vieram para Portugal: frei João para Coimbra; Miguel para o seu Pedrogam, e d'ahi, obtida licença materna, appeteceu ir tambem para Coimbra com o pretexto de estudar [3].

Effectivamente encontramol-o matriculado em canones, e cursando o primeiro anno, ali por 1577.

A gloria das armas portuguezas, e o exito da primeira jornada de Africa, inflammaram a tal ponto os brios intempestivos d'aquelle mancebo sem mãe, travesso e infeliz, chamado D. Sebastião, que já nas altas regiões do paço estava planeada e resolvida a segunda jornada, a despeito dos conselhos de D. Aleixo de Menezes, que era o bom senso, e até dos de D. Filippe o Prudente, que era a dissimulação. Eccoaram taes novas na mocidade de Coimbra, como eccoam sempre n'essa generosa cohorte as idéas nobres e ousadas.

Era um rei mancebo como elles, atrevido, singular, com uma lenda de Arthur da Tavola Redonda, com um pensamento grandioso a devoral-o, com um

[1] Dial. VII, pag. 126.
[2] Dial. III, pag. 63 e 64.
[3] Dial. III, pag. 59 e dial. VII, pag. 126.

reino aos pés, e com um porvir de Godofredo de Bulhões. Como não havia de acompanhal-o a juventude das escolas? acompanhou-o. Eram acolhidas com ancia as noticias de Lisboa: aprestava-se a armada a toda a pressa; a nobreza porfiava no zelo marcial, que lisongeava a el-rei; e para talabartes e cavallos empenhava de ante-mão rendas de muitos annos. Ia faina desusada em todo Portugal.

Entre os estudantes de Coimbra, um dos que mais se commoveram com o rebate foi o nosso aventuroso Miguel. Quem sabe se não teria que vencer alguma admoestação paternal de seu irmão e tutor, o bom frei João de Andrada? o que é certo é que, mettendo no projecto dois beirões nobres, estudantes tambem, aprestaram todos entre si *o seu fatinho* (diz elle), *que era pouco mais que de coelho,* e deram comsigo na estrada de Lisboa. Acharam cá o que suspeitavam, ou mais: acharam todo o homem com as esporas calçadas para a jornada, e o nosso porto coalhado de velas.

O como embarcaram n'um navio, que ia por conta do parente de um dos camaradas; o como sairam n'aquelle dia triste de S. João de 1578, ao som das musicas e dos vivas, com o grosso da real armada; o como, passando em Cadiz, foi el-rei recebido do duque hespanhol de Medina Sidonia com grandes festejos e apparatos; o como finalmente chegaram a Arzilla, e o que ahi lhes succedeu, diga-o o auctor da *Miscellanea,* que não quero eu tirar a palavra a quem tão honrado uso d'ella sabe fazer.

Chegou o dia fatal de 4 de agosto aos campos de Alcacer-Kibir. Aqui recresce o interesse. A obra fu-

gaz e palreira da *Miscellanea* transfigura-se n'este passo, e eleva-se quasi á altura de historia. Em toda a narrativa do soldado transparecem as suas qualidades sinceras de christão e de portuguez. O seu estylo, triste e sombrio como um crepusculo, lampeja a espaços dos clarões funéreos da batalha; e ao longo d'aquellas paginas cahoticas e desfallecidas, entrevê-se a desordem da peleja, o fumo da mosquetaria e da artilheria, as grandes massas a moverem-se sem plano, os arrojos herculeos do desespero patriotico, e a grita da soldadesca pedindo a morte ou a victoria.

Quem relê o dialogo VII pasma da má estrella sinistra que presidiu ao nosso desbarate. Aquella batalha não se pode estudar a sangue frio em nenhum dos seus narradores, alguns dos quaes Miguel Leitão, boa testemunha que pelejava na vanguarda com os *ventureiros,* rebate e rectifica. Releio sempre cheio de commoção a desventurada jornada, em que as armas portuguezas alcançaram mais um destroço, e uma gloria mais. As paginas de Miguel Leitão de Andrada são um esboço de quadro, cheio de *primera intencion,* como diz o calão artistico, cheio de enthusiasmo. Pelo meio da confusão, desenhada com vigoroso desleixo, atravessam a espaços, ante os nossos olhos estupefactos, as grandes figuras do duque de Aveiro e d'el-rei, a galope dos seus ginetes, no delirio da peleja, descompostos e pallidos, quebrantados e sublimes. Pelo sussurro da narrativa entreouve-se aquella voz lamentavel e maldita de *Ter! ter!* que trouxe a confusão e o desanimo ás nossas fileiras. Em summa: a relação do valente soldado é

das mais sinceras e arrojadas pinturas, que de tão destroçada loucura nos ficaram.

Como Miguel Leitão, com o seu espirito observador e affectuoso, é um escriptor de pormenores (o que é um dos *senões* e um dos encantos da *Miscellanea)* não quero deixar de mencionar um pormenor, que se não pode quasi ler a olhos enxutos; é este:

No fim da batalha, duas vezes ferido na cabeça, e tres na perna esquerda, sentara-se o soldado n'uma pedra a resfolgar um pouco, e eis que avista de repente um pobre frade de S. Domingos estendido morto no chão; e n'esse minuto o que lembrou ao nosso aventureiro? lembrou-lhe o convento do Pedrogam, e a sua creação, e os dominicanos seus mestres, e as ruas do pomar da cerca, e a sua mãe, e a sua meninice morta para sempre!...

A mim, ao folheal-o, vem-me sempre á memoria aquella quadra, que Rebello da Silva me dizia valer uma pagina de historia:

Em campos de Guadalete
acabado se era o dia;
co'o o dia, a grande batalha;
co'a batalha, a monarchia!

*

Posto o desgraçado ponto final n'esse capitulo de sangue, poude Andrada, apesar de captivo, achar azo de escrever para Portugal; a quem? ao seu querido irmão mais velho, frei João. Dava-lhe conta de tudo como sabia. A carta chegou ao seu destino; foi mostrada ao cardeal, a quem a orphandade prematura de um reino inteiro erguera a rei. Segundo pa-

rece, por essa missiva é que se soube primeiro a triste nova; e sendo assim, o quadro de Marciano Henriques, que lá está na galeria das Bellas Artes, e representa o cardeal recebendo a noticia que o traspassa, bem pode referir-se a esta primeira carta de Miguel Leitão. É curiosidade, que não quiz deixar passar despercebida.

Fôra Miguel Leitão de Andrada reservado pela Providencia para ser um dos melhores exemplares que se conhecem da desfortuna e da paciencia humana. Por isso lhe diz Galacio no dialogo III: *Parece que todo o discurso da vossa vida foi um continuo perigo!* E assim succedeu. O dialogo VIII é um perfeito romance á moda do tempo, d'aquelles com que muito se apraziam as leituras populares pelas lareiras de provincia. Compor taes scenas, achal-as no tinteiro, como as acharia Cervantes, Lope de Vega Carpio, ou Barros no Clarimundo, é para o escriptor grande gosto: mas vivel-as é grandissima desaventura. Pois viveu-as o nosso cavalleiro, e viveu-as com animo, e viveu-as sem fraquejar, e viveu-as sustido das suas crenças religiosas, e viveu-as sempre com os olhos na Senhora da Luz do seu Pedrogam.

Não quero extractar aqui esse dialogo, nem os estranhissimos successos de captiveiro tão triste e tão cortado de saudades. Oxalá o sr. Camillo Castello Branco se lembrasse de o tomar alguma vez para talagarça de um romance historico.

Depois de casos inauditos, perigos imminentes e atrocissimos, temol-o finalmente em Portugal, o nosso aventureiro de Africa, fugido e escapo das cadeias moiras, graças á sua ousadia e ás suas sau-

dades. Chegado a Lisboa, partiu logo logo para Almeirim, onde estava o cardeal rei, fugido da peste cruelmente acceza em Lisboa, mas tão mal de saude, que não poude receber o recem-vindo. D'ahi saíu elle logo para o Pedrogam. Devia ser isto nos primeiros dias de 1580, visto que el-rei D. Henrique falleceu em 30 de janeiro.

Ao passar o nosso viajante em Santarem, na Terrugem (?), aguardava-o uma singular novidade: salta n'um barco para atravessar o Tejo, e quem ha de encontrar? seu irmão Pero de Andrada, e Gaspar de Almeida futuro cunhado de ambos. Vinham de Lisboa, de fazer compras para as bodas de Gaspar com Violante Leitoa. *Vede agora* — diz o escriptor — *que alegria seria em todos!* Seguiram juntos, e juntos entraram de surpreza no lar materno. Desgraçado d'aquelle que não avaliar o que deveu ser aquella tornada! . . .

Anno e meio de ausencia, de captiveiro, e de desesperanças, envelheceram o ex-estudante de Coimbra. Todos o queriam vêr; todos o vinham escutar; ninguem o reconhecia.

Satisfeitas as primeiras e anciosissimas saudades, tratou logo de pagar uma divida; que divida? promessa á Virgem da Assumpção, de lhe fazer uma grande festa, caso escapasse. Não sei que demoras houve, que o fizeram protrahil-a até agosto de 1582. Sua mãe, a piedosa Catherina Leitoa, não fazia senão instigal-o a que pagasse o devido, dando-se por bem contente se depois o Senhor a chamasse para si. Altos juizos! assim foi: durou tres dias a festa: 15, 16 e 17; n'essa noite adoeceu Catherina Leitoa,

e durou apenas cinco dias mais, entre a vida e a morte, vindo por tanto a fallecer em 22 ou 23 d'esse mesmo agosto. Os seus momentos ultimos, tão resignados e christãos, lá os commemora o saudoso filho.

Passados doze annos, ao abrir-se-lhe a sepultura para o enterramento de Pedro, o seu primogenito, encontraram-na incorrupta, e expirando suavissima fragrancia. Tornou a dar-se o mesmo, por occasião de quererem sepultar sua neta, filha do dito seu filho.

Não sei ao certo porque foram as demoras no pagamento da promessa, mas conjecturo-as. Primeiro que tudo, a bolsa do triste cavalleiro devia vir menos anafada do que elle, que era de fibra de resistir a todos os trabalhos. Em segundo logar, como vimos pouco acima, preparava-se a boda de Violante Leitoa; e é de crer que isso absorvesse bastante da fazenda do casal, mui cerceada de certo pelos apertos que todo o reino padecia. Em terceiro logar, finalmente, Miguel Leitão de Andrada, chegado em principios de 1580, via abrir-se-lhe um caminho escabroso com que não contara: fallo das pretenções do senhor D. Antonio prior do Crato, sustentadas pelas armas perante o reino todo.

De feito, este pretensor infeliz, portuguez dos quatro costados, acceito ao povo, mas desacceito á omnipotencia castelhana, despresara todas as seducções com que o chamara a partido o astuto D. Filippe, e uns quatro mezes depois de fallecido o cardeal em Almeirim, conseguira, com um troço dos seus sequazes, e com poucas ceremonias, como diz o *Por-*

tugal restaurado, e repete a *Historia genealogica*, fazer-se acclamar na villa de Santarem a 24 de junho de 1580 (dois annos dia por dia desde a brilhante saida da armada).

Ora entre esses taes sequazes, mas não entre os mais devotados, encontrou-se, por obrigação de officio, pois era fidalgo da casa do prior do Crato, o aventureiro de Alcacer-Kibir.

N'isto o duque de Alva marchava sobre Lisboa; entrara por Elvas, sujeitara o Alemtejo, embarcara em Setubal, e subira até Cascaes. Pretende D. Antonio com os seus escassos quatro mil homens mal armados defender Lisboa dos vinte mil veteranos aguerridos de D. Fernando de Toledo. A desastrosa batalha da ponte de Alcantara deu o desengano ao pretensor.

Uma curiosidade agora, que nem todos sabem: destroçado em Alcantara, poude o prior do Crato acolher-se disfarçado aos suburbios de Lisboa, d'onde seguiu para o norte, e depois teve de fugir para França; ora a casa onde pela ultima vez pernoitou aquelle rei sem corôa foi, segundo ouvi, um palacete, de antigo aspecto ha dois annos ainda, hoje reedificado sob um risco burguez moderno, sito na actual rua dos Poyaes de S. Bento, onde era a loja de papel do sr. Verissimo José Baptista, meu amigo. Essa casa tinha uma feição nobre, e eu proprio vi antigas pinturas de ornato, como paquifes, nos tectos de cupula, e antigos azulejos no que era ultimamente cosinha, o que tudo demonstrava grande vetustez no edificio. Não sei em que se funda a tradição para dar a esta casa como o ultimo *estáo*

do pobre principe; transmitto a lenda (se o é) como me chegou [1].

Ora voltando ao nosso Miguel Leitão: o que é certo é que, desembarcado em Cascaes o duque de Alva, se rendeu ao general castelhano o forte de S. Gião; e que fez o cavalleiro do pretensor? que fez? reflectiu na pouca validade das razões de seu amo, e entendeu, visto que estava perdida aquella causa, apresentar-se como servidor a el-rei D. Filippe, por quem tinha voz grande parte da nobreza. Isto não é calumnia da historia, nem baléla; conta-o o proprio Miguel [2].

Quer elle que eu o defenda da coima de ingrato? não posso. Foi ingrato. Essa nodoa ninguem lh'a tira. A sua posição, o seu nome, impunham-lhe outro comportamento. Mas ao menos, o que não está provado, nem o pode estar, é que para esse desamparo da causa que abraçara fosse comprado, vilissimamente comprado, como tantos outros contemporaneos seus. Além d'isso podia ser fidalgo da casa do prior do Crato, e não achar justiça ás suas presumpções a rei, como succedeu, e succede, a muita gente boa; elle não o esconde em varios passos da *Miscellanea* [3]. As opiniões politicas são livres, liberrimas. Não o louvo pois, mas entendo-o.

[1] Consta-me por via fidedigna que nos titulos da casa, quando ella pertencia ha poucos annos ao sr. Manuel Maria Coutinho de Albergaria Freire, havia menção do facto. O que em boa verdade não affirmarei é que se não referisse á segunda tentativa do mallogrado rei em 1589. Não pude examinar o ponto, por falta de documentos.

[2] No seu dialogo III, a pag. 63 da edição de 1867.

[3] Por exemplo a pag. 136, 142, 159 da edição citada.

CAPITULO X

Casamento de Miguel Leitão.—D. Ignez de Atouguia.—Trata-se de investigar um caso escurissimo.—Drama domestico.—Folheiam-se debalde os tombos do reino, e os archivos genealogicos.—Instituição de um morgado de Leitões e Andradas.—Enumeração de varios bens do vinculo.—Onde morava em Lisboa o cavalleiro Miguel Leitão.—As freiras de Sant'Anna e Luiz de Camões.—Monumentosinho á memoria do grande poeta.—D. Brites de Andrada segunda mulher de Miguel Leitão.—D. Francisca de Sousa sua terceira mulher.—Testamento d'elle em 1627.—Seu fallecimento em 1630.—Conclusão.

No anno tenebroso de 1580 tinha Miguel Leitão de Andrada seus 25 annos. Não sei quando mudou de estado; o que vejo é que desposou uma D. Ignez de Atouguia, que julgo filha de Francisco de Figueiredo Ribeiro.

Estava essa senhora destinada a trazer ao ex-captivo da moirama a sua mais triste pagina; crer-se-ha? assacaram ao marido a morte de sua propria mulher. Os motivos não constam; consta apenas a suspeita formulada por um genealogista.

Em que se fundava o laborioso Manço de Lima,

escrevendo taes asserções a mais de um seculo de distancia? teria visto o processo? teria compulsado documentos particulares coevos do crime? seria o ecco de atoardas authenticas passadas de geração em geração proxima? ou bastou-lhe interpretar com uma hermeneutica pouco benevola certas palavras da propria *Miscellanea?* Não sei decidir de qual d'essas origens brotou a asserção peremptoria e secca do padre; o que por mim affirmo é que procurei na Torre do Tombo, e debalde, o processo respectivo (que existiu e não devia ser muito magro); que o procurei nas sentenças de Moreira; que o procurei nas sentenças manuscriptas da Bibliotheca nacional, e que em parte nenhuma o encontrei. Arderia? teria ido para Castella? sumir-se-hia por qualquer fórma? pode ser; de não me apparecer não infiro que não esteja ahi algures, e muito á mão.

Vamos ao que importa n'este momento; o passo da *Miscellanea* em que o auctor allude a certos trabalhos e miserias que atravessou, é por tanto o unico documento que me é dado seguir. Examinal-o-hei com o microscopio. Das palavras do dialogo x deduzo simplesmente o seguinte:

Foi (não sei quando) imputada uma morte ao cavalleiro da ordem de Christo Miguel Leitão de Andrada. Todo o publico fallou, e se amotinou. Eram partes contra o reo homens poderosos, alguns até desembargadores, corregedores, relacionados em todos os tribunaes, e no proprio conselho de Madrid. Que morte lhe attribuiam? quem eram essas partes, que assim pareciam tão directamente interessadas em accusar?

Procedeu-se por ordem de um corregedor da côrte a severos exames, com medicos, com cirurgiões, e até com *parteiras*. Ahi rompe um luzeirinho: tratava-se pois de uma mulher, e cumpria averiguar se fallecera de morte natural, ou se fôra assassinada; mas nada prova por ora que fosse esposa do indiciado matador. Cercaram-no de perguntas ardilosas, a ver se o faziam confessar; e elle *confessou* o que quer que fosse, de que depois se justifica.

O governo central de Madrid deu-lhe uma *carta de seguro*, com a qual o accusado julgou seria respeitado; pois de nada lhe serviu, porque, na propria audiencia a que o chamaram, o prenderam sem mais ceremonias, mandando o vice-rei dizer para Madrid que não devia D. Filippe livral-o da prisão, porque não era caso aquelle *a que devesse valer nenhum favor das leis*.

Soube d'isto um amigo de Miguel Leitão, e ainda seu parente, D. Fernando de Noronha conde de Linhares, e foi-lh'o logo dizer. Elle desesperou, cheio de razão, com tal abuso de confiança e tamanha deslealdade; e possuido da sua justa indignação, mas sem largar nunca o seu chiste, appelou do vice-rei para o rei, rogando-lhe por grande mercê uma coisa só: que o não houvesse de julgar como a portuguez vassallo seu, senão como a turco ou hollandez, «*porque* — diziam as palavras textuaes — «*que hollandez «ou turco não vem muito seguro a vossas fortalezas «com um só escrito de qualquer vosso capitão em «vosso nome? Pois a mim, Senhor, não me prende- «ram na raia de Castella fugindo, senão na vossa «audiencia, onde fui confiado no seguro que em no-*

«me de Vossa Magestade me foi dado. Este mande «Vossa Magestade se me guarde, sendo justiça, que «não peço favor das leis, senão que não se torçam «leis em minha destruição.»

Levantou-se discussão no conselho real em Madrid; opinavam uns que se deferisse como pedia o supplicante, e outros que se fizesse o que dizia o vice-rei. As partes contrarias a Miguel de Andrada subornaram as justiças (segundo elle quer deixar entrever), e por fim de contas o rei decidiu que se fizesse ao preso justiça ordinaria, a cabo de cinco mezes de prisão no Limoeiro de Lisboa.

O preso aggravara da injusta prisão perante a meza da consciencia, que era o juizo dos cavalleiros das ordens militares, a que elle pertencia como cavalleiro de Christo. Esse tribunal representou ao vice-rei; ainda sobre isso houve *grandes reluctancias e contradicções;* afinal, e breve, expediu-se uma portaria da vice-regencia mandando soltar o indiciado. Pode calcular-se pouco mais ou menos quando foi o livramento: Miguel diz que quem despachou o seu feito foi já o marquez de Castello Rodrigo D. Christovam de Moura; este entrou em 1608. Ahi está pois fixada com certa aproximação aquella data.

Como seriam as alegres expansões de uma tal natureza enthusiasta ao ver-se outra vez ao sol de Deus, e livre dos horrores dos carceres do Limoeiro!

E as partes quasi não fallaram mais, — diz elle com jubilo sincero — *que deviam ter bem visto e sabido não haver na devassa coisa alguma; e elles não tinham outra que dizer contra mim, e por isso esfriaram na accusação, que d'antes faziam acerrima.*

Mas o processo continuou, creio, apesar de solto o reo. Este contrariou por negação o libello accusatorio, o que parece tel-o feito cair em contradicção com as confissões a que o obrigaram quando obteve a *carta de seguro*. Eram usos da rabula do tempo, que Andrade diz foram depois vedados por lei. Emfim, saiu a sentença declarando-o innocente, mandando-lhe dar baixa de culpa, e deixando-o ir em paz solto e livre.

Eis ahi tudo que diz na sua linguagem de ir e vir, no seu estylo de azinhagas e altibaixos, a preciosa *Miscellanea,* fonte unica genuina que pude encontrar d'esta historia de trevas e lagrimas. Do arrasoado conclue-se pouco, mas conclue-se que houve caso. Entrevê-se na sombra a mulher morta; junto d'ella um homem, a quem a voz publica (muita vez infame) e as justiças indigitam como assassino; mas aquella mulher, nem depoimentos nol-a pintam, nem genealogias nol-a dão a reconhecer; permanece no escuro, vagamente desenhada, vagamente victima, serena e triste como uma Desdemona, sem se queixar, e sem accusar....

*

Seja ou não seja a mysteriosa dona uma Ignez de Atouguia, filha de Francisco de Figueiredo Ribeiro, e primeira mulher do cavalleiro Miguel Leitão, o caso é que não lhe pude por ora achar ao certo o rasto. Affirma que é ella o nobiliarchista Manço de Lima. O auctor da *Miscellanea* diz algures: *meu sogro é Ribeiro*[1]. Pois em Atouguias, em Ribeiros, e em Figuei-

[1] Dial. IV, pag. 80 da edição de 1867.

redos procurei com affinco, e não encontrei a victimada Ignez; encontrei sim um Francisco de Figueiredo Ribeiro, filho de João Vaz Rebello, e successor de um morgado[1]. Casou elle com D. Margarida de Vasconcellos filha de Francisco Pedrosa Rebello, que era dos Pedrosas do Algarve. Na filiação não vejo Ignez, o que pode ser uma d'aquellas ommissões tão frequentes nos tombos genealogicos, mas vejo Simão Rabello casado com uma filha do mesmo Francisco de Figueiredo; e Miguel Leitão diz algures na *Miscellanea: Simão Rabello meu cunhado;* isso pois me induz a crer que D. Ignez de Atouguia era filha d'este Francisco de Figueiredo, e que por qualquer motivo a ommittissem. A ser assim, podia Miguel Leitão gabar-se de ter como outro cunhado um dos maiores perversos (a ser verdade o que d'elle está escripto), um dos arruadores mais acabados, de que resam as memorias, o senhor da casa, João de Figueiredo de Vasconcellos, de quem alguma vez terei de fallar, e que n'este momento me levaria longe.

*

Mas vejamos: o que ha de romance, e o que ha de historia em tudo isto? Não posso destrinçal-o. Confundiu-me primeiramente o tom peremptorio em que o citado escriptor, que era lá visinho do Pedrogam, e por tanto podia ter recolhido tradições oraes, e que além d'isso era laborioso e investigador de documentos, escreve sem mais rebuço:

[1] Manço de Lima. *Rabellos,* n.º 251.

D. Ignez de Atouguia, a qual elle matou, e não devia ser por culpa muito averiguada, pois esteve por essa causa preso muitos annos.

Mas por outro lado observo que n'essas poucas palavras ha fel, e ha inexacções. Primeiro que tudo Manço de Lima detesta litterariamente o tagarella da *Miscellanea;* não perde occasião de dizer que o livro é mau, futil, pessimo, etc. [1] Ás vezes nas naturezas peninsulares ha uns certos enthusiasmos que arrastam, e tiram ás criticas a sua fleugma; por isso desconfio de que o padre se deixasse, sem o saber, dominar de alguma lenda provinciana, de alguma tradição malevola de comarca, ao escrever *D. Ignez de Atouguia, a qual elle matou;* e noto que um tal nobiliarchista, que só escrevia á vista de testamentos, escripturas, justificações, accordãos, e mais papelada documental, não adduz para aquella tão grave affirmação uma prova unica.

De mais, que significam as phrases *Não devia ser por culpa muito averiguada, pois esteve por essa causa preso muitos annos?* suppõem *a contrario sensu* que, se fosse por culpas muito averiguadas da esposa, o marido estaria pouco tempo preso, pois lhe seria como que licito matal-a; o que tudo dá o absurdo. Mas é que não esteve tal preso *muitos annos,* e sim *cinco mezes,* segundo o proprio affirma em lettra redonda, e na presença de todos os seus contemporaneos (questão de facto).

Á vista de todo o exposto, não me atrevo, como jurado em tal pleito, a affirmar se o bravo cavalleiro

[1] Essas são as idéas, e não as palavras textuaes.

de Alcacer-Kibir fez ou não o que um seculo antes fizera o duque D. Jayme de Bragança; não me atrevo; faltam-me provas. Mas tenho em contrario os seguintes indicios:

1.º—O tom desassombrado e livre com que elle narra os trabalhos do processo, não se limitando a defender-se, accusando até;

2.º—A sua illibação declarada por sentença publica (embora lhe não conheçamos os fundamentos, e os porquês);

3.º—O seu segundo e terceiro casamento, que suppõem que entre os parentes e o publico illustrado era reputado fabula o caso do assassinio;

4.º—emfim: O ter recommendado em testamento aos herdeiros de D. Ignez suffragios por alma d'ella, o que mostra que mantinha ainda relações com esses affins, e que a defunta merecia ao coração do viuvo o culto da estima, e da saudade.

Descarregue-se pois por ora o cavalleiro do peso maior da culpa, e illibe-se sobretudo a triste morta. Tenha paciencia Manço de Lima; não lhe accuso as intenções, ainda assim; julgo-o precipitado; e se o não foi, queixe-se de si: apresentasse as provas.

*

Foi durante esta sua primeira viuvez, que se nos deparou, como vimos, n'um dos serões da casa de Nicolau de Altero, o novo pretendente á mão de Brites de Andrade, o primo da casa, a quem, segundo lá apontei, não prejudicou a lenda tenebrosa que pairava sobre o seu nome. Celebrou-se o matrimonio, que não sei quanto tempo durou, e que foi in-

fecundo como o antecedente. Em virtude d'elle passaram para a posse de Miguel Leitão de Andrada algumas das melhores propriedades do *Bairro alto*. Vinculou-as ao morgado que instituiu em 1627.

Na instituição, que eu proprio vi, nada ha de notavel; é sempre a mesma idéa da perpetuidade, e da representação genealogica. Como o fundador não teve filhos, passou o vinculo para sua irmã mais velha Antonia de Andrade, o que mostra que os filhos varões do velho Belchior tinham fallecido todos antes de 1630. Esta senhora, de quem fallei no logar proprio, casou com Manuel Fernandes de Almeida, e teve em Condeixa um filho chamado Francisco, o qual, para poder succeder no morgado, usou, conforme a clausula da instituição, os appellidos maternos de Leitão e Andrada. Foi desembargador do paço d'el-rei D. João IV, seu embaixador na Suecia e na Inglaterra, escriptor citado por Barbosa, e teve uma filha herdeira, por quem se perpetuou a linha [1].

Os bens do morgadío eram (além de outros em varias partes do reino) o dominio directo de seis ruas no *Bairro alto* de Lisboa: a da Rosa, a de S. Boaventura, a da Vinha, a do Loureiro, a da Cruz, e a Formosa, com as suas respectivas travessas e becos, além de uma herdade junto a S. Roque chamada o Monturo [2]. Havia mais a herdade dos Cardaes, que mencionei n'um dos capitulos supra; fôra aforada por Nicolau de Altero em 1558 ao ladrilha-

[1] Manço de Lima; e Manuel Alvares Pedrosa,—*Nobiliario de familias portuguezas*, mss. da Bibl. nac. de Lisboa.

[2] *Miscellanea.*—Dial. 10.º

dor Jorge Fernandes; coube em partilha a Brites de Andrade no valor de 150$000 réis, e legou-a esta senhora por sua morte a seu marido Miguel Leitão. Elle por escriptura feita em Lisboa a 22 de abril de 1622 na casa onde vivia, que era á calçada de Sant'Anna, declara ter contractado com as freiras de Santa Martha o trocar-lhes a dita herdade por uma capella que possuiam no Pedrogam.

*

A proposito de Pedrogam: noto que apesar da profunda affeição que sempre mereceu ao cavalleiro aquella boa villa, teve elle, por qualquer motivo, de fixar em Lisboa a sua residencia, segundo se vê de varios pontos do livro que nos deixou; por exemplo no dialogo X leio: *Miguel Leitão de Andrade, que hoje vive, morador em Lisboa;* no dialogo II: *Sant'Anna de Lisboa, onde ora vivo;* no dialogo XIII: *Lisboa, onde tenho minha vivenda;* e no dialogo III: *morando junto da Sé de Lisboa.* Habitou pois Lisboa; habitou-a muitos annos; habitava-a em 1622 ao celebrar a escriptura que Manço de Lima viu; habitava-a ao tempo do seu fallecimento. Por um ou outro fugitivo trecho da *Miscellanea,* vê-se porém que essas conversações noticiosas e eruditas foram escriptas a espaços, e muita vez no Pedrogam.

*

Quer-me parecer que a visinhança das monjas de Sant'Anna, as visitas frequentes ás festas do mosteiro, e o perfume suave e inspirativo que da campa de um morto illustre se derrama, fortaleceriam no

valente pelejador de Africa o seu culto de admiração ao immortal cantor das nossas glorias, seu contemporaneo ainda, e talvez conhecido seu, ou antes, provavelmente conhecido seu, apesar da muita differença de edades. Pelo menos o Camões era relacionado com parentes de Miguel Leitão; haja vista o soneto

Em flor vos arrancou, de então crescida,
ah! senhor Dom Antonio, a dura sorte,
d'onde fazendo andava o braço forte
a fama dos antigos esquecida.

Esse D. Antonio era filho do segundo conde de Linhares D. Francisco de Noronha, marido de D. Violante de Andrade, prima dos Andrades e Leitões. Bem pode ser por tanto que um moço tão curioso e applicado, como este Miguel, forcejasse por travar relações com o poeta; e bem pode ser que a recordação d'essas relações lhe ficasse presente no espirito ao longo dos annos, depois de apagado o grande luzeiro.

*

Ao entrar a porta principal da egreja do mosteirinho de franciscanas, lá no alto do monte de Sant'Anna, e ao topo d'aquella ingreme calçada que saía por uma porta da cidade, quanta vez não deteve Miguel os passos, e não encarou com olhos de tristeza uma sepultura raza que desde poucos annos se achava ali, á esquerda, e sob a qual jaziam os restos de um pobre poeta cego e desvalido, que escrevera os Lusiadas! quanta vez não considerou aquella pedra sin-

gelissima, que estava dizendo estas palavras melancolicas!:

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEU TEMPO.
MORREU NO ANNO DE 1579.
ESTA CAMPA LHE MANDOU POER D. GONÇALO COUTINHO
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ NINGUEM.

Alguma occasião, tendo talvez a vibrar-lhe n'alma versos do poeta, pensou em erigir a tão illustre conterraneo um pequenino padrão; e que fez? mandou azulejar uma parte da parede junto á loisa; mandou pintar no azulejo uma cruz rodeada de uma tarja; na base da cruz esta inscripção:

O GRÃ CAMÕES AQUI JAZ
EM POUCA TERRA ENTERRADO,
NAS TERRAS TÃO NOMEADO,
DE ESPADA TÃO EFFICAZ,
QUANTO NA PENNA AFAMADO.

A cada banda mandou pintar uma figura; a primeira com um ramo verde na mão; a segunda com um livro, que sustentava um tinteiro e uma penna [1].

Não vedes ahi, n'esse quadro symbolico, o preito sincero do admirador devoto ao grande epico? Não vedes ahi, n'essa manifestação piedosa, um como

[1] Frei Fern. da Soledade. *Hist. seraf. da Ordem de S. Francisco.* Tom. IV. pag. 527 e seg., e livro mss. de Diogo de Moura de Sousa citado na biographia de Camões pelo meu respeitavel amigo e mestre o sr. visconde de Juromenha, a quem agradeço os seus affectuosos e sabios conselhos e esclarecimentos.

protesto politico em nome da independencia da patria? Ha uma intenção sublime n'aquelle brado significativo proferido por um poeta cavalleiro ao ouvido de um morto, o mais cavalleiroso dos bardos de Portugal[1].

*

Não se sabe até que anno viveu Brites de Andrade, segunda mulher de Miguel Leitão. Em 1622 era já fallecida desde muito, e direi o porquê: em 1622 celebrou o seu viuvo a escriptura que citei pouco acima, e n'ella dá já sua prima como morta, sendo certo, pois elle o confessa na *Miscellanea*[2], que d'essa segunda companheira do seu lar se conservara viuvo uns sete ou oito annos.

Depois casou terceira vez com D. Francisca de Sousa, cuja filiação ignoro, como os melhores genealogistas consultados. Esta senhora sobreviveu a seu marido, e ficou por testamenteira, mais seu sobrinho Francisco de Andrade Leitão, de quem ainda agora fallei, e que herdou o morgado, sendo já então desembargador dos aggravos.

*

O testamento de Miguel é de 28 de setembro de

[1] Quem ler attentamente na edição Juromenha das obras de Camões a descripção minuciosa de todo o epitaphio, descripção que só apresentei por alto, encontrará a confirmação da minha conjectura de que Miguel Leitão tivesse tratado a Camões: é a *gratidão,* que elle encapotadamente dá como motivo do seu emprendimento.

[2] Dial. x, pag. 194.

1627; é um documento piedoso, serio, e triste, cheio de legados pios; foi escripto em Lisboa na casa da calçada de Sant'Anna.

Falleceu o cançado cavalleiro em 7 de setembro de 1630, cumprindo setenta e sete annos lidados e aventurosos como os que o são mais. Levaram-no a enterrar na casa do capitulo do proximo convento de S. Domingos, onde ainda no seculo passado o cobria uma lapide com as armas dos Andrades e Leitões.

*

E assim se apagou uma das vontades mais firmes, uma das personalidades mais variadas e coloridas das nossas lettras, um homem notavel pelo que fez e pelo que passou, e mais notavel pelo que podia ter feito e deixado. Para ser grande só lhe faltou a opportunidade das circumstancias, e a firmeza perseverante; mas apesar das suas fraquezas, das suas vulgaridades, das suas maculas litterarias, apparece-nos este curioso aventureiro illuminado de não sei que lampejos, com que se illuminam os heroes.

CAPITULO XI

Menciona-se de novo Bartholomeu de Andrade.—Sua filha Izabel, riquissima herdeira.—Casa com Vasco de Pina.—Quem é o noivo.—Menção de Ruy de Pina.—Izabel de Andrade casa segunda vez com D. Martinho da Cunha.—Passa todo o seu haver para a geração dos senhores de Taboa.—A casa das Chagas.—A Horta secca.—Apresenta-se ao leitor outro Andrade illustre.—A sua casa á Annunciada.—A residencia dos condes da Ericeira.—Um Niza bibliophilo.—Francisco de Andrade chronista e guarda mór.—Diogo de Paiva de Andrade.—Frei Thomé de Jesus.

Deixando agora de vez o auctor da *Miscellanea,* tornemos a tomar um fio genealogico partido n'um dos capitulos supra, e mencionemos a Bartholomeu de Andrade, que é, como o seu enteado Nicolau de Altero de Andrade, chamado pelos genealogistas *senhor* das terras onde se edificou o *Bairro alto*.

Já lá averiguei quem elle era por ascendencia; vejamos agora a sua prole [1].

[1] A respeito da data approximada do casamento de Bartholomeu de Andrade, pode discordar do que eu escrevi quem ler as genealogias de Manço de Lima na familia Pina; peço licença para me explicar, additando o que disse a pag. 10.

Vejo na chronica dos trinitarios que em 1513 Bartholomeu

Foi sua filha unica e herdeira Izabel de Andrade, rica proprietaria de grande extensão do novo bairro. Casou-a el-rei D. João III, e casou-a bem, escolhendo-lhe para marido um cavalleiro de tanto merito como era Vasco de Pina. Observa Miguel, com apparente orgulho de familia, ter el-rei com um tal casamento querido pagar os serviços do noivo; a observação mostra da parte do primo da noiva certa má vontade, que elle depois confirma, dizendo que foi o matrimonio muito contra a opinião dos Andrades. Não é já possivel saber em que se fundavam essas repugnancias domesticas. Ás vezes prendem n'uma questão de physionomia, de maneiras, n'um

afora aos mesmos monges um terreno; conjecturando com toda a probabilidade que esse terreno adviesse ao directo senhor por cabeça de sua mulher, digo: casou antes de 1513. Tendo seus paes, Gil Thomé Paes e Isabel Affonso de Andrada, casado em 1479 ou 80, podia Bartholomeu em 1513 ter uns trinta annos, pouco mais, ser casado, e ter já tido sua filha unica, e herdeira, Isabel de Andrada. N'estas presumpções nada ha inverosimil. Esta Izabel casou com Vasco de Pina, é certo; Manço de Lima diz que em 1527 já havia d'este matrimonio um filho, que, embora muito novo, foi para a India com 30$000 réis de tença. Isto viu elle algures; mas a data não a julgo certa, porque um filho já militar em 1527 remonta o casamento de seus paes á primeira dezena do seculo, pelo menos, e é certo, segundo Miguel Leitão, que esse casamento foi em tempo d'el-rei D. João III, isto é depois de 1521. Tendo pois como menos exacta essa asserção de Manço de Lima, que é aliás sempre muito pontual, julgo que todas as outras datas concordam, ou pelo menos não discordam entre si, e podem defender-se. Isto de fallar sem os documentos á vista é arriscado; ás vezes edificam-se bellos palacios, que um sopro vem depois a derribar. Não tenho porém maneira de compulsar certidões que não existem.

dito, n'uma precedencia, n'uma rivalidade pueril; a pobre natureza humana assim é feita. Quanto a estirpe e valia não versavam por certo as antipathias dos orgulhosos Andrades e Leitões, pois era Vasco de Pina um fidalgo de linhagem, tão boa ou melhor que a d'elles.

Era filho de Diogo de Pina, e capitão que deixou nome pelas chronicas. Damião de Goes menciona-lhe os feitos, e insculpe-lhe o nome. Os moiros de Africa deviam mencional-os tambem, mas cheios de terror. Foi commendador do Rosmaninhal, não sei em que ordem, vedor da fazenda dos infantes D. Affonso e D. Henrique, alcaide mór de Alcobaça, e vedor dos pinhaes reaes de Leiria.

Acompanhou em 1510 a Nuno Fernandes de Ataide capitão de Safim, e foi dos que tiveram a gloria de rechaçar os cercadores da praça.

No anno seguinte passaram os moiros de assaltados a assaltantes, e o valoroso Vasco lá se encontra tambem nas incursões ou entradas (*razzias* diriamos hoje), com que os portuguezes varreram oito leguas de territorio turquesco, destruiram vinte e tres aduares, e trouxeram mais de quinhentos prisioneiros.

Seria alongar demasiadamente este ponto accessorio do livro querer amontoar aqui os muitos recontros, em que brilhou o nome de Vasco de Pina, depois dos quaes elle recolheu ao reino, e gosou a sua decente aposentadoria na administração dos pinhaes reaes, e na do casal que recebeu ao desposar Izabel de Andrade, a qual devia ser uma das sortes grandes de Lisboa.

Houve do casamento varios filhos. Manuel de Pina, o primogenito, e Gonçalo de Pina, morreram moços na India; os mais, que alguns genealogistas nem sequer especificam, morreram pequeninos.

Outra illustração da familia era o chronista Ruy de Pina, que julgo primo co-irmão d'este Vasco, netos ambos de Fernão de Pina, e por tanto com bisavós e trisavós communs. Armas e lettras.

*

Por fallecimento do celebre Vasco de Pina, que tão pouco aceito parece ao escriptor da *Miscellanea,* casou a sua viuva Izabel de Andrade segunda vez com D. Martinho da Cunha filho de Ayres da Cunha senhor de Taboa. Este D. Martinho ficou pois padrasto de Manuel e de Gonçalo de Pina. Por morte de Izabel senhora da casa, metade dos bens ficou a esses rapazes, e a outra metade a seu padrasto. Elles deram o chão para a edificação das egrejas das Chagas e Santa Catherina, falleceram solteiros, e deixaram a sua fortuna á Misericordia de Lisboa. D. Martinho da Cunha comprou á dita Misericordia esse quinhão dos enteados, por 9:000 cruzados, ficando por tanto sua toda a fazenda do seu opulento sogro Bartholomeu, isto é, como diz Miguel Leitão, passando inteira dos Andrades para os Cunhas [1], casa importante e de valia, pois era segundo a *Miscellanea,* nada menos que *todo* ou *quasi todo* o *Bairro alto* depois de *quasi todo* aforado.

[1] Essas noticias trazem-nas alguns nobiliarios, e completa-as a *Miscellanea.*

Proveiu certamente d'estas partilhas a casa ás Chagas, que no principio do seculo passado pertencia a D. Pedro da Cunha senhor de Taboa [1]. Era situada entre as travessas *do Sequeiro* e *da Laranjeira,* e creio ter sido sempre a residencia da familia Cunha na capital. Foi vendida pelos senhores condes de Cunha não ha muitos annos, e em seu logar se levanta hoje o opulento palacio moderno dos herdeiros do sr. Gaspar José Vianna [2].

A proxima rua *da Horta secca* ainda tem relação com Vasco de Pina; essa horta sequiosa e arida, tão visinha do sequeiro que deu nome á travessa, era do vedor dos pinhaes de Leiria, e como tal é mencionada nas confrontações do aforamento de um chão ali pelos sitios do actual largo do barão de Quintella [3].

Horta sem agua, casa sem telhado—diz o rifão. Desmentiu-o a horta secca de Vasco de Pina, senhor, como vimos, de casa farta e poderosa.

*

De tudo que fica exposto deduzo a maneira por que a larga propriedade do velho João de Altero foi dividida, conforme indiquei no capitulo I d'este livro, entre a viuva e os filhos do primitivo dono:

[1] *Chorogr.* de Carv. Tom III, pag. 502.

[2] Fallecido, se não me engano, em abril de 1878.

[3] Indicação obsequiosamente communicada pelo sr. José Ferreira Chaves, distinctissimo pintor, e zeloso empregado na camara municipal de Lisboa. Agradeço n'este logar ao mesmo senhor o muito favor e zelo com que me auxiliou nas minhas buscas.

coube o alto do monte a Nicolau de Altero, e a falda á viuva. Assim, achamos que todos os haveres de Nicolau eram lá por S. Roque, Cardaes, rua da Rosa, etc.; e os de Bartholomeu para baixo da porta de Santa Catherina, pelas Chagas, e por Belver.

*

Já se reconhece pois, que bem dotada era de fundos territoriaes esta gente, cuja divisa genealogica parece ter sido *união, força.* E além d'estes, outro membro da familia edificou em Lisboa casa, que deu merecido brado por sua opulencia e elegancia; fallo de Fernando Alvares de Andrade, fidalgo da casa d'el-rei D. João III, e do seu conselho, escrivão da fazenda e thesoureiro mór, cavalleiro da ordem de Christo, padroeiro do priorado de Santa Maria de Aguiar, e fundador do mosteiro dominicano da Annunciada de Lisboa.

Era um fidalgo hespanhol da mesma casa dos condes de Andrada em Galliza, d'onde descendiam os ramos portuguezes, e por tanto proximo parente de Nicolau e de Bartholomeu de Andrade, de Miguel Leitão, e dos mais, que já conhecemos. Que foi considerado e estimado, tudo o demonstra, até o proprio casamento de sua filha D. Violante de Andrade com o segundo conde de Linhares D. Francisco de Noronha em 1535 [1].

A casa a que me refiro, edificada por Fernando

[1] Pode consultar-se a *Hist. gen. da casa real.* Tom. v. pag. 257.

Alvares de Andrade era defronte do mosteiro, lá em baixo, ás hortas do Valle verde, extramuros. Faziam moldura ao vastissimo quarteirão do palacio e suas pertenças as hortas ao poente (hoje rua oriental do Passeio); ao norte o terreiro que é o largo da Annunciada; ao nascente a rua que saía das portas de Santo Antão, rua que no seculo XIV se tinha chamado *a carreira dos cavallos*[1]; e ao sul a viella que era a prolongação da actual calçada da Gloria, e que veiu a chamar-se rua dos Condes. Essa vivenda senhoril, erguida em 1530, e vinculada, veiu a pertencer á casa da Ericeira do seguinte modo:

Alvaro Peres de Andrade, que (se me não engano) era filho de Fernão Alvares, casou e teve por herdeira sua filha D. Izabel de Castro. Esta casou com D. Fernando de Menezes, de quem foram representantes os condes da Ericeira, senhores do dito vinculo da Annunciada[2]. Tal é a historia da residencia fastuosa, onde as artes e as sciencias se achavam como em solar muito a seu gosto.

Os Menezes com a sua bizarria e grandeza fizeram ahi melhoramentos, que tornaram o palacio da Annunciada um dos melhores da cidade; João Baptista de Castro dá-lhe 120 casas, 10 pateos, mais de 200 pinturas[3], etc. Logo os aditos eram magnificos: entrava-se por um claustro de columnas; ao meio repuxava uma fonte, como nos atrios dos re-

[1] Segundo refere Balthazar Telles, que o viu n'uma escriptura do anno de 1400.— *Chron. da Comp.*, part. I, l. I, cap. 17, n.º 6, pag. 84.

[2] *Theatro gen. de D. Tivisco,* arvore Menezes.

[3] *Mappa de Portugal.* Tom. III, pag. 170.

galões romanos. O rez do chão era uma região phantastica, adornada de grutas e fontinhas, e onde não penetrava a calma torrida de Lisboa; ahi se encontrava a celebre livraria dos condes da Ericeira, que viu tantos doutos, e ouviu tantas conferencias academicas aos primeiros engenhos do antigo regimen; era a melhor de Portugal, dizem, pela quantidade e selecção dos volumes, e não menos pelos adornos adequados, globos, instrumentos de physica, bustos, e medalheiro [1]. A tão inspirativa bibliotheca deviam muito os estudiosos, n'um tempo em que não havia livrarias propriamente publicas e nacionaes. N'ella, segundo diz um contemporaneo, se achava asylo e direcção, e tinha cada um aquellas riquezas como proprias suas, podendo até levar de emprestimo as obras, sem reserva das melhores e mais raras, e ouvir os conselhos do generoso hospedeiro [2].

Aquelles Ericeiras eram assim; foram devéras uma gente notavel, em quem o talento se transmittia com o sangue; se até nas senhoras resplandecia! Para honra do patriciado portuguez é preciso dizer-se, que taes casos não foram raros por cá. Os Nizas, por exemplo, tiveram varões de grande cunho, até nas lettras. O conde da Vidigueira e primeiro marquez de Niza D. Vasco Luiz da Gama, além de estadista e diplomata era homem estudiosissimo; conserva-se-lhe a correspondencia em muitos volumes manuscriptos, infelizmente dispersos na Torre do Tombo, na Bibliotheca nacional de Lisboa, e na

[1] Castro. *Mappa de Portugal.* Tom. III, pag. 170.
[2] Sousa. *Hist. Gen. da Casa Real.*—Tom. V, pag. 377.

de Evora, correspondência sem a qual ninguem poderá escrever a historia de parte do nosso seculo XVII.

Como vinhamos fallando de livrarias, acrescentarei um pormenor, que me foi communicado pelo meu bom amigo e estimado collega José Ramos Coelho: o marquez tinha bons livros, e andava no verão de 1649 organisando no seu palacio uma optima bibliotheca, para a qual recebia constantemente obras de Italia e França. Os duplicados vendia-os a seu primo Ruy Lourenço de Tavora. Illustrado como era, e rasgado, tencionava abrir ao publico esse manancial de sciencia, situado n'uma bella sala de nove janellas, e de tecto magnificamente doirado; parece até que chegou a abril-o, se não ao publico em geral, ao menos a certa classe escolhida de leitores, por isso que n'uma das suas cartas elle se queixa de que a livraria fosse pouco frequentada [1].

Saiâmos de casa dos Nizas, e tornemo-nos á dos Ericeiras, que andavamos devassando.

Das salas dos livros no palacio da Annunciada descia-se para o jardim, sombreado certamente de buxos recortados e arvores, pela mão do rigido Le Nôtre, e adornado de uma fonte esculpida pelo celebre Bernini [2], que era tida pela melhor do reino. Seguia-se uma grande rua coberta de redes para viveiro, onde chilreavam os melhores passaros cantores. Depois o pomar e as hortas circumjacentes.

[1] Carta do marquez ao seu amigo D. Vicente Nogueira, de Lisboa para Roma, em 29 de junho de 1649. Bibl. nac. de L. — 3.ª Rep. F. — 4 — 5.

[2] Não sei, nem posso verificar, se a fonte que ha na quinta de Bellas, e que é do Bernini, seria a dos Ericeiras.

A escadaria que levava ao andar nobre era sumptuosa; desembocava em quatro salões aderessados de preciosas pinturas de Ticiano, Corregio, Rubens, e outros. As salas davam de plano para um eirado todo de mosaico, cheio de estatuas de marmore.

Tal era a casa dos eruditissimos Menezes, como nol-a descreve uma testemunha ocular de tantas elegancias.

Tudo isso já lá vae![1]

*

Fallei ainda agora a proposito de Vasco de Pina, no celebre chronista dos nossos reis Ruy de Pina. Concluirei o capitulo citando, a proposito de Fernando Alvares e do seu palacio, outros nomes litterarios não menos illustres, os de seus filhos Francisco de Andrada, chronista d'el-rei D. João III, Diogo de Paiva de Andrada, e frei Thomé de Jesus, irmandade toda estudiosa, que soube honrar o velho tronco galliciano, e a sua adoptiva patria portugueza.

[1] Veja-se Carvalho, *Chorogr.* Tom. III, pag. 438.

CAPITULO XII

Excursão archeologica pelo bairro. — O largo de S. Roque.— Enumeram-se os principaes palacios e casas nobres do Bairro alto.— Memorias celebres concentradas no estreito recinto do largo de S. Roque.— A torre de Alvaro Paes.— Sua demolição em 1836.— Palacio de D. Henrique de Noronha.— Palacio Niza e suas tradições.— O alfarrabista.— O theatrinho do pateo do patriarcha.

Agora vamos correr muito pela rama os sitios mais famosos do *Bairro alto,* e a chronica das suas principaes casas religiosas e particulares. Onde souber noticias ineditas, dal-as-hei; onde só tivesse de repetir o que outros apuraram, passarei rapido; e como as fontes são conhecidas, o leitor pode ir em pessoa encher a ellas o seu cantarinho.

Começarei pelo largo de S. Roque, um dos trechos lisbonenses de maior interesse historico. Aqui ha palacios, ha recordações publicas, e ha uma egreja dignissima de detido exame.

Antes de tudo: as vivendas do *Bairro alto* merecedoras de menção seriam mais de trinta. Para não alongar a volumes este escripto despretencioso, não

irei investigar a origem de cada uma d'ellas; mas quer o leitor fazer uma idéa rapida da mina que podiamos explorar? aqui lhe cito sem ordem o que me lembra: o palacio dos condes de Soure, na travessa *do Conde de Soure;* o dos srs. marquezes de Ficalho, na rua *do Carvalho;* o dos srs. marquezes de Niza em *S. Roque;* o de D. Estevam de Faro, e de D. Henrique de Noronha defronte da portaria de S. Roque; o do Cunhal das Bolas na rua *do Carvalho;* o dos srs. marquezes de Olhão (onde é o correio geral, ao *Calhariz);* o dos srs. marquezes de Pombal na rua *Formosa;* o dos srs. duques de Palmella, ao *Calhariz;* o dos srs. condes do Sobral, ao *Calhariz;* o dos srs. Galvões Mexias, na rua *dos Mouros;* o dos srs. viscondes da Lançada, na rua *Formosa;* o do antigo negociante Jacome Raton, na mesma rua; o dos Cunhas morgados de Paio Pires, depois Lumiares, e hoje Delfim Guedes; o do celebre architecto d'el-rei D. João v Ludovice, em *S. Pedro de Alcantara;* o dos Rebellos, hoje dos srs. marquezes de Vallada, na travessa *da Queimada;* o da sr.ª baroneza de Almeida na rua *da Barroca;* o do *Diario de Noticias* na rua *dos Calafates;* o dos srs. marquezes de Vallada, ao Calhariz, hoje do sr. Torres; o do sr. Carlos Relvas na rua *da Atalaya;* o do sr. Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa em S. Roque, fundado por Gaspar de Brito Freire; o do sr. visconde de Seabra na rua *da Barroca;* o dos srs. Moraes de Carvalho na mesma rua; o do *Jornal do Commercio* e typographia Castro, nas ruas *de Belver* e *da Cruz de Pau;* o do *Diario Illustrado* na rua *da Atalaya;* o do sr. conselheiro José Sil-

vestre Ribeiro na rua *de Belver;* o palacio da esquina da rua *das Chagas* para o *Calhariz,* onde esteve a legação de Hespanha; o que foi dos srs. viscondes de Condeixa na rua *da Horta secca,* onde fôra residencia dos condes da Torre; o dos herdeiros do sr. Vianna, e que fôra dos srs. condes de Cunha na rua *das Chagas;* o do sr. conde de Casal Ribeiro ás *Chagas,* que foi dos Castros (Novas Gôas); sem fallar em palacios transformados ou destruidos, como o dos condes de Avintes onde se fundou o convento de S. Pedro de Alcantara; o dos condes da Feira; o dos marquezes de Marialva na praça *de Luiz de Camões;* o dos condes de Vimioso na actual rua *do Alecrim,* etc. etc.

É evidente que não havia paciencia para ler tantas noticias; muito menos para as escrever; os benedictinos de S. Mauro não moram aqui. Iremos por tanto depressa, como quem vae a novos descobrimentos. Começaremos sim pela cabeça do bairro, pelo largo, onde são tantas e taes as tentações dos assumptos, que duvido se conseguirei pol-os em ordem.

Tinhamos para volumes; e se não, vejamos: as tradições do santo condestavel, cujo nome nobilitava o postigo da cerca; as do chanceller Alvaro Paes, que parece ter dado appellido á celebre torre; a ermidinha d'el-rei D. Manuel; o cemiterio da peste de 1569; o olivedo, famigerado pelos desafios que ali vinham ter os casquilhos espadachins; a casa dos jesuitas com todas as suas phases, com o seu nobre papel na sociedade, com os seus homens illustres; a parenése de S. Francisco de Borja; as obras ar-

tisticas do templo e da sachristia; o palacio habitado pelos Vidigueiras, e a auréola d'essa casa nobre; o mesmo palacio habitado pelos cardeaes patriarchas; as scenas tumultuarias da extincção da Companhia; as scenas agitadas no theatrinho do largo, e a estreia de Garrett; as *troupes* francezas; a procissão dos Passos, tão popular e concorrida; o monumento ao casamento d'el-rei D. Luiz; tudo isso condensado n'uma área de poucas braças, tudo a fallar, tudo ao mesmo tempo a chamar pela penna de um chronista.

—Tanta coisa no largo de S. Roque? e de que tamanho é elle?—pergunta o leitor, maravilhado de ter passado tantissimas vezes por lá, sem suspeitar tal affluencia de phantasmas historicos n'aquelle pequenino Josaphat.

*

Quem d'antes subia a rua que Balthazar Telles chama *de todas a mais fermosa, a mais alegre, e por proprio nome a rua larga, a que leva á egreja de S. Roque e á casa da Companhia* [1], encontrava, logo ao desembocar na praça, uma torre historica, do lado direito, *senhoreando ao rez do caminho o populoso largo e a rua larga de S. Roque,* segundo informa outro escriptor portuguez [2]; era a torre de Alvaro Paes, já assim chamada no tempo do Mestre, e do proprio chanceller (ou logo depois), como se vê em

[1] *Chron. da Comp.*— Part. II, pag. 102.

[2] Castilho.— Artigos intitulados *Homenagem ao antigo e ao moderno,* na *Revista Universal.*— Tom. II, pag. 80 e seg.

Fernão Lopes[1]. Não sei a origem de tão significativa alcunha.

Foi Alvaro Paes, conforme o chronista, um cidadão nobre e rico, chanceller mór d'el-rei D. Pedro I, e depois d'el-rei D. Fernando. Era padrasto de João das Regras, como segundo marido de Sentil Esteves, mãe do grande legista[2]. Possuia casa em Lisboa. Gosava de tal fama e respeito, que nada se decidia na vereação, sem elle ser ouvido. Como era gottoso, na sua propria residencia muita vez recebia os vereadores em sessão.

Não entendo o que podesse haver de commum entre o honrado cidadão e a torre; mas não me parece tambem que se usasse ainda impôr nomes illustres a sitios que nada teem com elles. Se o povo chamou *de Alvaro Paes* áquelle cubello, é porque teve motivo para isso: ou o *chançarel* ali morava perto, ou contribuiu de seu bolsinho para a construcção, ou deu o terreno, ou coisa assim[3].

O que é certo é que, juntamente com a visinha porta de Santa Catherina, teve aquella torre a grande honra de pelejar com a vanguarda dos nossos defensores nas guerras da independencia. *Fallava recordações nobres aos que passavam* —exclama um poeta, a quem sempre interessou a causa dos desvalidos e desamparados;— *mas a velha torre de Alvaro Paes foi accommettida, e não por castelhanos*[4].

[1] *Chron. d'el-rei D. João I.*—Cap. XXVIII.

[2] *Hist. gen.*—Tom. XI, pag. 790.

[3] Fernão Lopes chama-lhe algures uma vez, no cap. 114 *torre de Alvaro Pires*, mas creio ser lapso de copia ou de impressão.

[4] Castilho.—*Rev. Univ.* citada.

Não foi pelos castelhanos, não; foi pela camara de Lisboa. Os antigos vereadores honraram o chanceller; os de 1835 e 1836 deshonraram-lhe o singelo e unico monumento, que o recordava aos povos.

Que tyranno cego e surdo não é o camartello demolidor! Triste quasi sempre, vandalica muita vez, é a civilisação feita a camartello; em certos casos não ha outra. O que é deveras lamentavel é que na maior parte dos nossos municipios tem avultado de sobra junto ao elemento illustrado, tolerante, e artista, o elemento *bande-noire,* o mais ridiculamente parvo de todos os elementos administrativos (perdoe-me gabal-o).

E não só a torre; o postigo do Condestavel mereceu tambem sentença de exterminio, em nome de não sei que falsa idéa de embellezamento do sitio. Tudo assim vae. E quando a imprensa grita contra as profanações, as auctoridades riem.

*

Defronte da portaria de S. Roque (*bem defronte*, diz Balthazar Telles) edificaram-se nos dias do mesmo padre as nobres casas de D. Henrique de Noronha [1], e de D. Estevam de Faro, adquiridas depois pelo conde almirante [2]; são os restos d'ellas que habita hoje o *Diario popular*.

*

No topo da calçada, e com pateo sobre o largo,

[1] *Chron.*—Tom. II, pag. 93.
[2] Pinho Leal.—*Port. ant. e mod.*—Tom. IV, pag. 166.

vê-se um resto do palacio dos Nizas, fabrica do seculo XVI ampliada e reconstruida posteriormente. Ahi habitou a familia; e no seculo passado tantos annos residiram lá o primeiro patriarcha de Lisboa D. Thomaz de Almeida, da casa de Avintes, e o seu successor D. José Manuel, da casa da Atalaya, que o povo habituado ás pompas ecclesiasticas d'aquelles prelados, passou a dizer *pateo do Patriarcha*.

Veiu o terremoto de 1755; o palacio padeceu muito; das alterosas paredes que restavam vimos arrear algumas ha bem poucos annos; e o que lá permanece é um pobre paragrapho mutilado do grande todo. Depois de destruidos em parte, alugavam-se aquelles vastos casarões a varios inquilinos. De dois, pelo menos, sei eu: um foi Francisco Coelho de Figueiredo (que lá falleceu), irmão e editor do poeta dramatico Manuel de Figueiredo; o outro foi, na mesma parte do predio, o alfarrabista Antonio Henriques.

D'esse tal deposito conservo noticia por meu pae, que em pequeno ahi concorria com seus irmãos a comprar livros (de que ainda possuo alguns). Muita vez lhe ouvi descrever os tres avantajados salões onde era a feira da ladra bibliographica. Nada hoje na nossa Lisboa pode dar idéa d'aquelle mar immenso, revolto, acachoado, de volumes truncados de todos os feitios, generos, e idiomas, alastrado pelo chão. Os freguezes andavam á pesca (mas litteralmente á pesca) pelas profundezas do abysmo; desentranhava-se aqui o segundo volume, além o oitavo, acolá o primeiro, e ámanhã ou depois os ou-

tros, de alguma obra importante entre milheiros de inutilidades. Encontrava-se, a bem dizer, tudo; o essencial era perseverança. Rebolcavam-se juntos n'uma desordem licenciosa os folios mais graves, com os oitavinhos mais aventureiros; a theologia, com as viagens; a alta sciencia, com a poesia; as odes de Anacreonte com os quartos de Larraga. Se jámais houve republica nas lettras, na calçada *do Duque* a deveram procurar.

Quem menos idéa tinha do seu haver, me dizia Innocencio, que julgo ter conhecido ainda o alfarrabista, era elle proprio. O homem parecia, mal comparado, como a Sibylla de Cumas: as folhas revôltas do seu antro, nem já tentava pôl-as em ordem. Fiava-se, com uma boa fé sem egual, na probidade dos rabuscadores; nada mais inoffensivo e mais honesto que o bibliómano; as paixões innocentes melhoram a alma. O homemsinho deixava levar por baixo preço aos freguezes o que elle por baixissimo tinha adquirido. Tal era o estado descurioso da capital.

Que diriam a isso os manes errabundos do applicado marquez de Niza, a quem me referi pouco acima, o collector da magnifica livraria d'aquella mesma casa, o hospitaleiro biblióphilo d'aquelle solar!

*

Por cima justamente das salas do bibliopóla era a platéa do theatrinho novo do *Bairro alto* (logo falaremos dos theatros velhos). É hoje o deposito dos trens da Companhia lisbonense de carroagens. Foi obra de Joaquim da Costa, depois de 1812 [1].

[1] C. Wolkmar Machado.—*Memorias,* pag. 227.

Não posso exarar aqui a chronica d'este popular theatrinho. Remetto o leitor ao *Archivo Pittoresco,* e tambem ao *Diario de Noticias,* aos artigos em que o talento do sr. dr. Paulo Midosi compoz com muita verdade um quadro historico cheio de retratos celebres, que muito interessam aos enthusiastas do passado, e com que por tanto fez um bom serviço ás nossas lettras. Oxalá seguissem outros escriptores o mesmo exemplo![1].

Sei que em 1818 havia lá uma companhia hespanhola; que em 29 de setembro de 1821 subio á scena a estreia de Garrett, a sua tragedia *Catão;* que em janeiro de 1823 ahi esteve uma companhia franceza até 9 de março; em 1827 uma companhia ingleza; oiço mais que por escrupulos da senhora marqueza de Nisa D. Eugenia era desmanchada a sala em 1836[2]; e sei finalmente que hoje ninguem sabe d'estas coisas, que tão de perto interessam as lettras, a arte, os costumes, e em summa: a historia!

[1] Silva Tullio.—*Arch. Pittoresco.* Tom. VII, pag. 382.—Midosi.—Serie de artigos publicados em outubro de 1878 no *Diario de Noticias*, sob o titulo de *Os ensaios do Catão.*

[2] Pinho Leal.—*Port. ant. e mod.* Tom. IV, pag. 196.

CAPITULO XIII

Dá-se uma vista de olhos pela encosta abaixo.— Incurias da velha Lisboa.— A calçada do Duque e a linda casa do sr. Caldas Aulete.— Onde se escreveram os *Quadros historicos de Portugal.*— O mercado das flores em S. Roque.— Entra-se com o leitor na egreja dos jesuitas.— O adro.— As festas de S. Roque reflectidas no espelho da poesia popular.— A cerca da casa professa e os Recreios Whittoyne.— Analyse esthetica do templo de S. Roque.

Se do alto do monte de S. Roque olharmos para baixo, para a banda do nascente, das janellas da Misericordia, vemos de certo alguma porção das paredes da *Escola academica,* levantadas no verão de 1863, no sitio onde, ainda em 1834, jazia *um informe cahos de ruinas,* segundo um bom guia d'essas paragens. *Eram* — diz elle [1] — *começando pelo alto, o muro velho de D. Fernando, e os paços dos condes da Vidigueira; .... e .... descaindo já para o valle do Rocio terrenos quebrados e perdidos, para onde nem já lançavam olhos os fidalgos seus*

[1] Castilho. *Rev. Univ.*— Tom. II. *Homenagem ao antigo e ao moderno.*

senhores. N'esta porção da cidade....... enxameava em pardieiros immundos e doentios, em becos enleiados, em pateos encantados, e quasi incognitos á propria policia, tudo que a sociedade tem de fezes.

A nossa Lisboa, que tantas e tão desencontradas revoluções convulsaram sempre, achava-se desde o terremoto grande cheia de empachos grosseiros, contra os quaes não bastavam os trabalhos e empenhos constantes das vereações. Havia nos sitios mais centraes accumulações de casebres ridiculissimos, menos que aldeãos. Hesitava-se em dizer se eram ruinas deixadas pelas opulencias derruidas, se eram desde o seu principio cabanas de pastores e cavernas de troglodytos.

Na carcassa informe do cadaver do paço dos duques de Bragança, ao *Thesouro velho,* nas ruinas do dos marquezes de Marialva, ao *Loreto,* nas da sumptuosa residencia dos condes de Soure, ao *Bairro alto,* aninhara a miseria uma alluvião de casebres parasitas, baiúcas esfomeadas, tropegas, e cegas, accumuladas a esmo. Nas abas do grande convento do Espirito Santo (ao topo do *Chiado,* palacio Barcellinhos, hoje hotel Gibraltar e dos Embaixadores) o mesmo; e ahi (digo-o entre parenthesis) nem signaes havia das casas grandes que bordam as ruas novas *do Almada* e *do Carmo* pelo lado do nascente; eram, ainda em 1834, umas ribanceiras, segundo me afirmam, cheias de herva, onde pastavam durante o dia os rebanhos convencionaes dos idyllios de Virgilio, Watteau, ou Pillement!

Pois o sitio que estudamos era no mesmo theor desalinhado da Lisboa de nossos paes. Ao cimo,

como vimos, o velho palacio Niza; mais abaixo, costeando a muralha, casebres de todos os feitios, entre os quaes colleava a muito custo a viella tortuosa e ingreme chamada calçada *do Duque*.

Foi o sr. Francisco José de Caldas Aulete, cavalheiro intelligente, energico, e activo, sogro do sr. Silva Tullio, quem tomando de aforamento em 1835 aquellas ruinas, começou com ousadia e bom gosto o despejamento e arborisação do pequenino largo que fica no topo da rua *da Condessa,* e a edificação do palacio, hoje afogado nas informes construcções da Escola academica. Á iniciativa do sr. Caldas se deve exclusivamente a completa metamorphose d'aquella encosta. Das obras d'elle pouco se pode já apreciar, porque a Escola demoliu em parte, e em parte recobriu, o que havia.

O largosinho a meio da calçada, onde desemboca a rua *da Condessa,* era antes das obras ultimas um sitio lindo, com um *quid* de nobreza e distincção, que em poucas paragens d'esta Lisboa se encontrava. Ao fundo, com umas heras pendentes, aqui, ali, um farto lanço da muralha guerreira d'el-rei D. Fernando. Lembra-me que havia lá no alto uma pequena porta ogival, puro *moyen age,* e para que levava uma escadaria estreita, de lanços, ao rez da parede. Aquella linha extravagante e inesperada quebrava a extensão do muro, e compunha.

O pateo ajardinado e sombrio era o digno atrio de tão recatada residencia, dominada pittorescamente pelas ameias da muralha feudal.

... Tour vieille, et maison neuve.

Aos lados da entrada, dentro do pateo, dois leões collossaes, de pedra, que tinham pertencido á quinta do marquez de Ponte de Lima em Mafra. Todo o muro exterior junto ao portão fôra pintado pelo nosso insigne e phantasioso Cinatti[1]; eram rosaças e ornamento a claro escuro, e do mais apurado gosto.

Por dentro, que vivenda luxuosa e elegante! os bellos salões caíam sobre uma densa matta chilreada, e desfrutavam, como pano de fundo, através da rota cortina verde florida dos arvoredos, a nobre vista da Alcaçova. O architecto foi o scenographo italiano Luiz Chiari, já então velhissimo[2]. O vestibulo, que era oitavado, pintou-o o nosso André Monteiro, assim como a casa de jantar, adornada de caçadas e paizagens; finalmente foi o brilhante pincel de José Francisco de Freitas, que encheu de flores as paredes das salas, cujos magnificos espelhos tinham pertencido á rainha a senhora D. Carlota, e vindo do Ramalhão.

No palacio do sr. Caldas varias pessoas conhecidas habitaram, além dos proprietarios que ali estiveram muitos annos. Sei do ministro hespanhol con-

[1] Fallecido não ha ainda dois mezes. Aproveito a occasião para tributar á honrada memoria do grande scenographo a homenagem da minha admiração, e da minha saudade. Poucas almas de artista haverá no mundo tão nobremente dotadas como aquella.

[2] Vi d'este mestre uma pintura a tinta da China na casa do despacho da egreja do Loureto; representa as exequias de um papa do seculo passado celebradas n'aquelle templo; e possuí duas magnificas aguarellas scenographicas, assignadas L. C., que attribuia ao mesmo artista.

de de Colombi, do sr. Costa Lobo, par do reino, do sr. visconde da Praia, do sr. conde de Claranges Lucotte, e lembro-me de lá ter ido com meu pae varias vezes visitar o eloquente Alcalá Galleano, embaixador de Hespanha[1].

*

Sobre o pateo, ao lado do portão, no sitio onde hoje é a gradaria, alvejava uma pequena casa independente, clara, pintadinha, *coquette* (hoje demolida) onde viveu em 1838, 39, 40 e 41, o poeta dos *Ciumes do bardo,* e onde se escreveram os *Quadros historicos de Portugal.*

*

Voltemos agora a trepar a ladeira, e demos as ultimas vistas ao largo *de S. Roque.*

N'elle projectara a camara em 1836 varios embellezamentos; entre esses um mercado de flores. Pena é que se não tivesse podido realisar a idéa. Lisboa encravada entre jardins, e entremeada de flores, devia abastecer uma feira de tal genero, que era linda e não custosa. Podia ser a praça da figueira do bello, deixem-me chamar-lhe assim.

É curioso aproximar d'este gorado alvitre da camara de Lisboa uma antigalha quinhentista: houve por cá ha tres seculos essa mesma venda *de boninas* todo o anno, á porta da Misericordia, e n'outras par-

[3] Muitas das noticias supra foram-me communicadas pelo meu bom amigo o sr. Silva Tullio. Aperto-lhe cordealmente a mão pelos seus repetidos obsequios.

tes da cidade[1]. A coincidencia é galante: á porta da nova Misericordia em S. Roque ia pois estabelecer-se o tal mercado das boninas, que, hoje principalmente, bem rendoso podia ser. Era bonito, não pegou. Porque não se renova na camara a proposta? que haveria mais proprio do que uma feira de flores em proveito dos pobres, ali, onde se exerce (e tão bem!) a caridade de Vicente de Paulo! ali onde campeia o monumento modesto do *Anjo da caridade!*

*

Uma das egrejas de que mais gosto em Lisboa, é essa ahi mesmo em frente, é o templo de S. Roque.

Por felicidade respeitou-a o terremoto de 1755. Quem a visitar acompanhado de Balthazar Telles, ha de ver que fieis que não eram as descripções do padre.

O terremoto alluiu na casa professa a portaria, a cimalha e o frontão da egreja, a torre do relogio, e poucas mais officinas[2]. A egreja ficou, e teve a fortuna de não ser deturpada em tres seculos pela brocha dos caiadores, nem pelo colherim dos estucadores.

Ha talvez, em certos sitios, doirados de mais, me parece; a talha em pau Brasil ou em cedro é tida por pouco artistica, se não esconde sob uma camada de oiro os seus tons quentes de sépia, que a meu

[1] Dil-o Nicolau de Santa Maria.— *Grandezas de Lisboa,* pag. 181.

[2] Moreira de Mendonça. *Historia dos terremotos,* pag. 131, e *Archivo Pittoresco.*—Tom. v, pag. 312.

ver são tão nobres, e tão adequados á ornamentação religiosa. No mais, os acrescentos que successivamente se teem feito á primitiva traça foram dignos d'ella: paineis de Avellar Rebello, de André Reinoso, de Bento Coelho, de Gaspar Dias; telas primaciaes de Vieira Lusitano; azulejos preciosos, dos melhores que tenho encontrado; finalmente uma joia como a celebre capella de S. João, obra de Vanvitelli, e onde não se sabe escolher entre a valia dos quadros de Miguel Angelo, Guido Reni, e Raphael, reproduzidos em mozaico, e a dos candelabros, lampadarios, e columnas, de bronze e porfido, de amethista e lapislázuli; em summa: é tudo aquillo um conjuncto de optimo e finissimo sabor, para quem se deleita com os regalos da arte.

Por este lado merecia a egreja de S. Roque monographia especial; aqui não a pode ter. O conde Raczynski menciona com o seu bom gosto habitual alguns quadros; especialiso os de Rebello, os de Vieira Lusitano, que são da sua primeira maneira, o S. Roque de Gaspar Dias, os da sachristia, para a historia dos trajos, os retratos d'el-rei D. João III e da rainha D. Catherina, que se achavam ainda, haverá dois annos ou tres, por baixo do côro aos lados do guarda vento, e eram de optimo pincel estrangeiro, provavelmente de Antonio Moor; e outros, e outros.

*

A frontaria sobre o largo é simples e pobre, como era a roupeta. O timpano é ridiculo, renascença de cal e areia! O campanario não apparece; era isso

moda jesuitica; não a sei explicar, mas vejo-a quasi sempre seguida no debuxo dos templos da Companhia.

O adro foi muito maior do que é hoje; occupava talvez um terço da praça ha poucas dezenas de annos. Lá por baixo corria um vasto carneiro de não sei qual confraria, com uns respiradoiros estreitos sob os degraus.

Uma vez... (contou-me isto meu pae, em cuja meninice, creio, se deu este caso) levaram para o carneiro de S. Roque uma mulher que julgavam morta, mas que estava apenas cataleptica. Passados dias, vão a entrar no carneiro com outro novo morador, e que hão de ver? a pobre mulher, que, tendo acordado do ataque, reconhecido nas trevas todo o horror do caso, e conseguido sair do caixão, se arrastára até uma fresta, por onde coava um raio de luz e um bafejo de ar. Fartara-se talvez de chamar os que ella julgava a ouviriam, e depois apagara-se de vez. Ali a encontraram, pallida, embrulhada na mortalha, como quem tiríta de frio, e na postura mais resignada que se pode imaginar, encostada ás mãos, ralada e desfeita de padecer só comsigo...

*

As festas de S. Roque foram sempre, por antiga tradição, das mais frequentadas e queridas do alto publico de Lisboa. Que o diga com os seus toantes uma cançoneta, cuja linda melodia popular os nossos campanarios não esqueceram, e que remonta aos annos em que era elegantissimo trajo dos nossos franças o lusitano capote de pano com seu cabeção,

toga peninsular de que nem vestigios restam. Cantavam assim as nossas avós dedilhando na viola:

Passarinho trigueiro,
põe-te no ramo;
quando vires que é noite
vem-te chegando.

Toque! toque! toque!
vamos a S. Roque!
vamos ver os peraltas
se têm capote!

*

Foi a carta regia de 8 de fevereiro de 1768 que, depois de extincta a Companhia, concedeu a casa e egreja á Misericordia de Lisboa; e depois d'isso, aforando-se a grande cerca, se foi retalhando nos predios que hoje formam a calçada *da Gloria,* e a rua occidental *do Passeio.* Onde só divagavam de breviario em punho os doutos padres da casa professa, acotovela-se toda Lisboa, a ouvir cada noite o estrondear das fanfarras e dos bailes infantis na esplanada dos Recreios Whittoyne. Onde só penetrava a custo a lua, rutilam as borboletas de gaz e as vistosas filas dos balões de mil côres. Onde só chilreavam em doce paz os passaros mysticos do arvoredo, gorgeiam entre applausos *jotas* aragonezas, *malagueñas* e *seguidillas* andaluzas, os rouxinoes que se chamam a Moriones e a Nadal.

*

Por todas as circumstancias historicas e artisticas apontadas, deve merecer ao lisboeta genuino singular predilecção o templo de S. Roque. As capellas são um conjuncto de objectos de alto apreço, dignos do melhor museu; o tecto, onde foi cuidadosamente restaurada em 1862 aquella complicada composição monumental, do genero a que os italianos chamam *di sotto in sù,* é um bom especimen da nossa arte antiga; até as gelosias das tribunas collateraes, coisa já rara hoje, dão um aspecto monastico ao templo, de todo secularisado. Por muitos outros pormenores que ainda não pereceram, que seria impossivel enumerar aqui, mas que saboreia o estudioso lido em livros empoeirados, o penetrar n'aquelle santuario é surprehender quasi intacta a vida antiga da notavel casa professa da Companhia de Jesus.

Ha, quanto a mim, uma desusada serenidade, um repoiso singular n'aquella architectura austera e grande, onde, pela muita largura do templo, de uma só nave e todo desobstruido, dominam as longas parallellas horisontaes, affirmadas ainda, segundo as regras estheticas, pelas series verticaes das varias capellas e prumadas de alvenaria. Sente-se o espirito dominado logo de uma idéa accessivel de ordem, subjugado por não sei que symetria compassada, fria sem duvida, mas de um indizivel caracter de ascetismo, e de um encanto que nos conchega, se nos não eleva, para a oração. Não ha os raptos ideaes e apaixonados da ogiva, mas ha uma serena confiança, que restaura.

Mora ali o pensamento classico da renascença, mui succintamente expresso, sem marmores fastuosos, sem archaismos pagãos, e sem os devaneios italianos dos Borrominis, que sempre me parecem fiorituras de mau gosto enroladas na singeleza de uma melopêa religiosa.

Na sobriedade da arte antiga ha um eloquente silencio, pelo meio do qual se ouve só o que se deve ouvir. Nas variações da arte moderna decadente ha como uma confusão aspera de vozes gárrulas que se crusam e neutralisam.

Artisticamente a egreja de S. Roque estava de todo no caracter da casa a que pertencia. Filippe Tercio, o architecto, revelou bem a sua intelligencia, e a sua sagacidade. Impera ali o desapego das grandezas, a lucidez da consciencia, e a linha recta e resignada da disciplina claustral.

CAPITULO XIV

Estado actual do palacio de Nicolau de Altero de Andrade.— Sua reconstrucção no principio do seculo XVIII.—Investigações genealogicas frustradas.—Dividas que oneraram o palacio.—Seus actuaes donos.

Vamos agora outra vez dar uma vista de olhos ao que, segundo indiquei nos primeiros capitulos, foi solar da quinta dos Alteros. É a casa que hoje pertence ao sr. Delphim Guedes, vice-inspector da Academia Real de Bellas Artes. Com o fino trato que o distingue, teve o sr. Guedes a bondade de me facultar os titulos da sua propriedade, e foi por elles principalmente que pude reconstruir as noticias que passo a offerecer ao publico.

Fica o palacio defronte da calçada *da Gloria,* na rua *de S. Pedro de Alcantara,* e fórma elle só o quarteirão emmoldurado por essa rua e pelas *da Boa Hora, dos Calafates,* e *do Guarda-mór*. Já se vê que é uma vasta mole, imponente pela sua arrogante extensão; é tambem, no seu tanto, pela nobreza das

linhas, especimen bem conservado da architectura particular lisbonense do seculo XVIII no seu principio.

Os nossos palacios não teem, por via de regra, o porte garboso de muitos lá de fóra, os dos nobres da Italia, por exemplo, onde a tradição das *villas* de Mecenas, Lucullos e Plinios, se perpetua. Falta-lhes a linha, a ousadia, o imprevisto, a harmoniosa consonancia da dessymetria, o calculo das massas equilibradas com o pormenor, todo aquelle conjuncto sabio, que faz de muitos palacios de Roma, de Florença, e de Milão obras de verdadeiro cunho. Nunca se deu grande apreço por cá aos primores da ornamentação da habitação particular; são raras as *Berjoeiras;* somos pouco artistas em geral, e depois não temos a educação, que suppre a indole.

Este é uma reconstrucção dos primeiros annos d'el-rei D. João V; na seccura da apparencia bem o indica. Pertencia então a avoengos dos srs. condes de Lumiares. O que o reedificou foi o morgado Manuel Ignacio da Cunha e Menezes, ou antes sua mãe e tutora D. Leonor Thomasia de Tavora, viuva de Tristão Antonio da Cunha, filho de Manuel da Cunha e de D. Francisca de Albuquerque.

Bem mostra esta senhora, D. Leonor, ter sido uma zelosa administradora dos bens do filho menor que lhe ficou; viu as suas *casas nobres sitas ao relogio de S. Roque*, onde residiam, carecerem de arranjo e concerto; não tinha de contado somma disponivel; pois por escriptura de 3 de fevereiro de 1703 tomou-a de emprestimo, e logo depois, representada por seu procurador e capellão o padre José

da Silva Nogueira, celebrou contracto com o mestre pedreiro Manuel da Silva, obrigando-se este a determinadas condições, e a tutora a entregar-lhe annualmente 600$000 réis até final pagamento.

Fez-se a obra, e ficou bem feita, porque resistiu ao terremoto, padecendo comtudo alguma coisa[1].

Ha dezenas de annos que a familia Lumiares não reside ali. Aquillo por dentro é uma grande colmeia de aluguel para muitos inquilinos, com escadas varias sobre os quatro lados; a antiga entrada principal, com um atrio vasto, está toda aproveitada e alugada em lojas.

*

Como o palacio viesse a pertencer no fim do seculo XVII ao morgadinho Manuel Ignacio, não o direi ao certo; mas visto que esse ponto nos interessa mais que muito, por se referir á casa solar do Bairro alto, e antiga residencia da familia Andrade, verei se posso dar a algum curioso mais feliz do que eu o fio que me guiou nas conjecturas.

Era Manuel Ignacio senhor de dois morgados, que eu saiba: um denominava-se das Cachoeiras; fôra fundado por Luiz Ribeiro, e sua mulher Izabel Pacheca, com acrescentamentos de Bernardim Ribeiro Pacheco; a filha herdeira de Bernardim casou com Luiz da Cunha senhor do morgado de Payo Pires, juntando-se assim os dois vinculos[2]; o outro morgadio fôra instituido por Fernão Alvares de Andrade

[1] Mor. de Mend. *Hist. dos terrem.*, pag. 134.
[2] *Hist. gen. da C. R.*, tom. x, pag. 622.

(de quem tratei no capitulo XI) com acrescentamento de seu filho Alvaro Pires de Andrade.

Ora evidentemente a esta linha Andrade pertencia o palacio do relogio de S. Roque; o que não percebo é como esta posse derivou do ramo da geração de Nicolau de Altero, para o outro ramo da Annunciada, Andrades tambem, do mesmo tronco sim, mas menos proximos que outros. É ponto que o registo dos vinculos podia esclarecer.

Manuel Ignacio da Cunha casou com D. Josepha de Menezes, filha de D. José de Menezes, e tiveram José Felix da Cunha. D'este foi filho outro Manuel Ignacio, que veiu a ser conde de Lumiares pelo seu casamento com a terceira condessa herdeira de Lumiares, senhora do morgado do Carneiro.

*

Como quer que fosse, a casa de S. Roque foi onerada ha mais de um seculo com um grave compromisso, de que nunca se viu livre, em quanto não foi allodial.

O bisavô do actual sr. conde tomou de emprestimo a juros á Santa Casa da Misericordia, por escripturas de 25 de janeiro e 12 de maio de 1754, e de 31 de outubro de 1755 (na vespera do terremoto!) uma avultada somma de mil cruzados. Para pagamento de juros e amortisação foram em 27 de julho de 1779 dados pelo dito senhor os rendimentos d'este palacio. Por fallecimento d'elle os filhos responderam nobremente por todos os encargos paternos, que por motivos independentes da vontade do honrado mutuario se não tinham solvido. O pri-

mogenito era Manuel da Cunha e Menezes. A este succedeu seu filho o conde de Lumiares D. José Manuel da Cunha e Menezes, continuando umas entaboladas demandas e pendencias com a Misericordia. Em 26 de março de 1816 foi ratificada judicialmente a consignação dos rendimentos do palacio, para amortisação da divida.

Extinctos os vinculos, o ultimo administrador vendeu a casa de S. Roque em 1875 ao abastado negociante o sr. Antonio Eduardo Guimarães.

O proprietario é hoje o sr. Delphim Guedes, por cabeça de sua mulher, filha do mencionado sr. Guimarães.

CAPITULO XV

Explicações topographicas da velha Lisboa.—O postigo da Trindade.—O grande mosteiro da Trindade.—Papel guerreiro dos monges trinos.—Pagina de historia portugueza.—A invasão castelhana.—As ultimas tentativas do prior do Crato.—Doações ao mosteiro.—O bairro do almirante.—A rua da Oliveira.—O grande convento do Carmo.—Ruinas e tristeza.—Como um proloquio popular contém muita vez historia e philosophia.

Descendo de S. Roque, e seguindo sempre por fóra da muralha, encontrava-se, como disse, outra porta, ou postigo, da circumvalação; não era do tempo do rei fundador, mas posterior uns duzentos annos. Foi esta a sua origem:

Defronte da face principal do convento do Carmo, abria-se um largo, um pouco mais estreito que o de hoje na direcção leste oeste. Desembocavam n'elle sete ruas; a saber: pelo norte a calçadinha do *Carmo* (hoje calçada do *Carmo*); pelo poente a calçadinha da *Trindade* (hoje rua da *Trindade*), a travessa do *Arco de D. Manuel* (que não existe, e ficava ao centro do quarteirão fronteiro ao templo), e a tra-

vessa *da Marquezinha* (hoje, pouco mais ou menos, a travessa *nova do Carmo*); pelo sul a travessa dos *Poyaes* (talvez pelo sitio da travessa *nova do Sacramento*), e a travessa *do Sacramento* (hoje calçada do *Sacramento*); e pelo poente, encostada ao lado sul da egreja, e passando-lhe por baixo dos gigantes, a travessa *das Escadinhas do Carmo* (hoje o pateo arborisado entre o club e as ruinas).

A calçadinha *da Trindade* era, pela differença de nivel, muito mais empinada do que é a rua que a substituiu; esta hoje tem pequena inclinação; levava ao largo *da Trindade* (hoje *da Abegoaria*) sobre o qual deitava ao norte o lado e a frontaria da egreja dos Trinitarios. Ora uma curta rua que da frente d'esta egreja conduzia á muralha foi, só em 1560, aberta sobre um quintal, para melhor serventia do povo, que até ali tinha de dar uma grande volta para saír para os lados occidentaes, ou pela porta de Santa Catherina, ou pelo postigo de S. Roque.

Essa nova rua[1] ia entestar na muralha da cidade, sobre a estrada que subia para o olival e recente casa professa da companhia; ao postigo aberto na muralha deu o povo, por memoria de uma antiga ermida que ali houvera, o nome de Santa Catherina, como já dera egual denominação á grande porta torrejada que se abria mais abaixo, no sitio do actual largo *das Duas Egrejas*. Mas aquella invocação mudou-se em breve, e o postigo de Santa Catherina passou a chamar-se postigo da Trindade.

Ficava, sem tirar nem pôr, no meio do hoje cha-

[1] S. José. Tom. 1, pag. 180.

mado impropriamente largo *da Trindade*, passagem inclinada que liga a rua *larga de S Roque* com a *nova da Trindade*. Do lado direito vemos o theatro, edificado nas ruinas de um palacio da casa d'Alva; do lado esquerdo os predios que formam a esquina ressaída da rua larga; e em frente uma habitação alta de azulejo, que marca muito ao certo o sitio da antiga egreja do convento, cujas portas principaes olhavam tambem ao poente, e cujo lado da epistola tornejava sobre o actual largo da *Abegoaria*.

Do postigo da Trindade nem vestigios existem; pois existiam ainda em 1750, que o diz um investigador laborioso, frei Apollinario da Conceição[1], apezar de demolida a porta, por inutil, menos de cem annos antes.

*

No proprio logar onde se estendia aquelle templo, e todas as dependencias do convento de trinitarios fundado em 1218 por el-rei D. Affonso II, campeara desde tempos antiquissimos uma ermida de Santa Catherina, a que alludi pouco acima, e cuja memoria ainda se conserva no titulo *official* da rua *do Chiado*. Doara-a aquelle soberano aos primeiros frades, para junto d'ella erguerem casa, servindo-lhes de egreja a dita ermida, pobre fabrica muito humilde, com sua alpendrada de quarenta palmos de fundo e vinte de largo, e que, menos de um seculo depois

[1] *Demonstração hist. da parochia de Nossa Senhora dos Martyres,* cap. XXIV, num. 247.

da fundação do convento, já não bastava ao povo, que de todas as bandas concorria. Foi por isso que a rainha santa, mulher do neto do que fundara o pequeno mosteiro, reedificou ampliado sobre a velha ermida um templo condigno á magestade do culto, e ao nome da já florescente casa da Trindade[1].

Basta a confrontação das datas para se ver quanto, até então, tudo isso ficava extra-muros. Quando el-rei D. Fernando fez a sua muralha, ficou o mesmo convento pertença da cidade. Ora como a cortina da cerca lhe passava rente, apossaram-se os frades do lanço e das torres com que entestavam; do que se originaram com a camara de Lisboa taes demandas, que só em tempo d'el-rei D. João III e D. Sebastião terminaram, por composição entre as partes[2].

O certo é que, pertencessem, ou não, aos trinitarios a muralha e os cubellos, dos seus terrados praticaram os trinta monges[3], que viviam em tempo de D. João I, prodigios de valor durando os longos quatro mezes e vinte e sete dias do cerco de Lisboa[4]. Aceitaram os clerigos e frades, como então a egreja admittia n'estes casos extremos, o duro officio de defensores da cidade; a armadura revestiu a estamenha; e as dextras que usavam suster o calix da Eucharistia ergueram sem tremer o montante

[1] Frei Jeron. de S. José.—*Hist. chron. da ord. da SS. Trindade*, tom. I, pag. 173 e seg.

[2] S. José. Tom. I, pag. 179.

[3] Idem., pag. 191.

[4] Idem., pag. 180.

patriotico. Ao primeiro rebate acudiam armados os religiosos com as melhores armas que podiam haver; alternavam-se na vela nocturna dos eirados, e rondavam em quadrilhas todo o seu lanço, desde a porta de Santa Catherina até á torre de Alvaro Paes[1] (os antigos nunca mencionam o postigo da Trindade, pela simples razão que só existiu, como disse, desde 1560). As setenta e sete torres da muralha estavam bem bastecidas de pedras, dardos, béstas, e virotões para os tiros; e, segundo o chronista, tremolavam d'entre as ameias os estandartes, ora com a figura de S. Jorge, ora com as armas da cidade ou do reino, ora com as dos senhores e capitães.

*

Uma vez... (ahi vae um dos muitos episodios d'aquella guerra, copiado para esta vinheta do quadro gothico original de Fernão Lopes). Acabava el-rei de Castella de chegar junto de Lisboa; estanceava n'um monte ao norte, chamado então *Monte Olivete*. Começavam os preparos do arraial, o corte do arvoredo, o arrazamento das vinhas e sementeiras. Era geral a angustia, a indignação nas phalanges sitiadas.

Um troço de temerarios, a quem ferve o sangue perante as provocações do castelhano, presenceadas de longe, pede venia ao chefe, e sae em tropel pela porta de Santa Catherina direito ao inimigo. El-rei

[1] Fernão Lopes. *Chron. d'el-rei D. João* I.—Part. I, cap. 116. —S. José, Tom. I, pag. 180.—Duarte Nunes. *Chron. d'el-rei D. João* I, cap XXIX.

de Castella, ao ver acercarem-se aquelles destemidos, pergunta raivoso aos seus:

—«Vós outros não vedes? como aquelles villões andam fóra da cidade sem se temerem de nós? a elles! a elles! façamol-os recolher, que villãos são todos.»

Arma-se, encavalga, ordena ao mestre de Santiago que o preceda com o seu pendão, e avança. Os seus eram muitos, e os portuguezes poucos; facil foi aos invasores o ennovelal-os, o accossal-os até á muralha.

O nosso mestre de Aviz, que velava sempre, o mestre de Aviz, que era o primeiro e o mais bravo dos seus soldados, observava do eirado da torre de Alvaro Paes todo o manobrar da escaramuça; prevê imminente a irrupção dos inimigos, já pelo postigo proximo á torre, já pela porta de Santa Catherina, ao entreabrir-se qualquer d'ellas para os foragidos. Desce, cerra uma por sua propria mão, manda cerrar a outra, e tornado ao seu miradoiro, ergue aquella voz vibrante como um clarim de batalha, e grita aos portuguezes, que por serem tão minguados sustinham mal o pesado impeto da arremettida castelhana:

—«Eu vos farei que sejais bons, ainda que o não queirais.»

Foi então o mais renhido. Batiam-se de parte a parte como leões. Os bésteiros desfechavam contra as cimeiras aonde acudira grande mó de povo armado, e entre elle sem duvida os nossos fradinhos da Trindade. De cá respondia-se com ancia ás investidas. Ia alto arruido por Lisboa. Todos os sinos tangiam a rebate.

Durou a porfia grande espaço; caíram mortos, caíram feridos. Aos sobresaltos primeiros succedera o enthusiasmo.

E bastou. Deixaram o campo livre os assaltantes, e tornaram-se n'um prompto ás estacadas, logrando os portuguezes manter Lisboa illeza n'esta estreia de optimo auspicio.

Oh! terra da patria!...

*

Findo o cerco dos castelhanos, e expulsos elles na mais triste debandada que pode imaginar-se, festejou-se tão fausto successo com altas demonstrações populares e cortezãs de regosijo; solemne procissão de acção de graças atravessou a cidade em direcção ao convento dos frades trinos, escolhido por ter sido, como vimos, aquella paragem theatro das pelejas mais sangrentas; e á festa que ahi celebraram os grandes da egreja assistiram com o mestre todos os grandes de Portugal.

*

Dois seculos depois, volvia guerra á mesma parte da muralha. Quereis saber quando? foi na regencia do cardeal archiduque Alberto. Acordou outra vez com as suas pretenções o mallogrado prior do Crato. Trazia uma pequena armada, que lhe emprestara a rainha Izabel de Inglaterra. Desembarcou em Peniche, e caminhou sobre a capital sem achar opposição, mas sem já levantar enthusiasmo[1].

[1] Ericeira.—*Port. restaur.* Tom. 1, pag. 38.

Eram 3 de junho de 1589, um sabbado. Foram os seus de parecer que se accommettesse Lisboa pela porta grande do poente. Os cercados fortaleceram os cubellos, e para desembaraçarem o campo da peleja lançaram fogo ás casas que já então orlavam por fóra a muralha, desde a porta da Trindade até á de Santa Catherina[1];

«*desde la puerta de Elvira*
hasta la de Bemvirambla»

Deu o animoso prior do Crato o maior assalto que poude, mas pouco poude, e foi para logo rechaçado. Novo e cruel desengano!

*

Assim, figuremos na mente quanto aquelle sitio, hoje coração da cidade nova, hoje pacifico e festival, encerra de memorias piedosas e guerreiras! Tudo ali são recordações; e por pouco que detenhamos o espirito, avultam aos nossos olhos mil façanhas herculeas praticadas n'aquella ladeira, em prol dos direitos offendidos do mestre de Aviz, dos do infeliz e tenaz D. Antonio, e dos da patria ultrajada pela invasão.

*

Por estas e outras circumstancias, foi crescendo em fama e em haveres o mosteiro d'el-rei D. Affonso II.

[1] Frei Ap. da Conc.—*Dem. hist.*, cap. XXIV, num. 147.

Em 1401 Constança Esteves legou-lhe por sua morte uma herdade com seu olival e um campo, o que tudo veiu com o andar dos tempos a ser aforado em ruas, chamadas *do Olival* (e subsequentemente *da Oliveira*, como logo direi), *da Condessa* (que foi uma de Cantanhede, segundo li, não me lembra onde), e *de Alvaro Paes* (que era o chanceller do rei de Boa Memoria), até ao postigo de S. Roque[1].

Parte dos campos do arredor pertenciam á casa do almirante micer Carlos Manuel Peçano. Elle trocou-os com os religiosos da Trindade por outros bens; e em 1410 vendeu a el-rei D. João I outro campo que ainda ali possuia, para se abrirem varias ruas, desde o convento do Carmo até ao sitio onde hoje passa a rua *larga de S. Roque*[2].

*

Fallei pouco acima na rua *do Olival*, ou *da Oliveira,* aberta nas terras de Constança Esteves. É curioso notar que no tempo de Balthazar Telles, isto é dois seculos e meio depois de traçadas essas serventias publicas, ali se conservava em terreno do povo uma oliveira das antigas, como *testemunha abonada,* diz o padre, de que o monte fôra todo coroado de copioso e formoso olivedo[3]. Ficava na mencionada rua *da Oliveira;* e os moradores tratavam o venerando Nestor vegetal com especial cuidado, como reliquia do tempo antigo. Balthazar Telles fal-

[1] S. José. Tom. I, pag. 179.
[2] Ibid., pag. 177 e 179.
[3] Balth. Telles.—*Chron. da C. de Jesu*, 2.ª parte, pag. 92.

leceu em 1675; pois quarenta annos depois da sua morte ainda vivia a notavel oliveira, como attesta Carvalho da Costa[1], fallecido em 1715.

Hoje (desde quando não sei) só resta o nome da arvore no sitio de S. Roque. Quem passar pela rua *da Oliveira*, ao Carmo, recorde-se, uma vez ao menos, d'aquelle verde symbolo da paz, nascido n'um dos recantos mais lidados e mais guerreiros da nossa tumultuosa Lisboa. O mesmo farão sem duvida os madrilenos ao passarem na *calle del Olivo,* cujo nome lhes traz á mente, segundo Montpalau[2], uma das muitas oliveiras que por lá verdejaram.

*

Como era natural, varios incendios padeceu a casa claustral dos trinitarios, até que o grande de 1755, consequencia do terremoto, que o arruinara em muita parte, com perda de vidas, varreu o que restava de tão nobre edificio[3]. Reedificado o mosteiro sob um risco inteiramente novo, durou até 1836, em que as obras intentadas pela camara municipal, e a abertura da rua *nova da Trindade*, paralella á rua *larga de S. Roque,* arrancaram ao sitio as ultimas lembranças do convento d'el-rei D. Affonso II e da rainha santa. O titulo, que ficara devoluto, pregaram-n'o ultimamente as musas scenicas no theatro mais folgasão de toda Lisboa.

[1] *Chorog.* Tom. III, pag. 474.

[2] *Las calles de Madrid.* pag. 315.

[3] S. José. Tom. I, pag. 189.—Tombo do marquez de Pombal conservado no Real Archivo.

*

Posto que sae um tanto fóra do nosso proposito, lancemos uma vista de olhos á admiravel egreja gothica tão visinha da Trindade, ás historicas ruinas de um dos templos mais interessantes de Lisboa e da peninsula, o Carmo. Não é já propriamente o Bairro alto, mas liga-se tanto com a indole perscrutadora e quasi religiosa d'estas memorias, que não resisto a levar o meu leitor, ainda que só de relance, a contemplar comigo um dos melhores padrões de glorias portuguezas.

Não o deterei muito tempo. Aquellas arcarias merecem volume sobre si. Não lhe direi pois as circumstancias e os motivos da fundação. Não lhe pintarei a nobre figura melancolica e sombria do santo conde, tão popular e tão grande; a sua ancia de despir, como Amadiz de Gaula, a armadura das batalhas, e envergar o borel de penitente; a sua caridade; a sua perseverança no agro caminho que soubera escolher.

Direi apenas (visto que se liga com o que pouco acima expuz da casa da Trindade) que de duas fontes principaes proveiu o terreno obtido pelo condestavel para a sua fundação verdadeiramente realenga: uma compra, e uma troca. Foi a compra feita aos trinitarios: uma herdade e um olival na encosta que se empinava sobre o Rocio. Foi a troca feita com o almirante Carlos Peçano, cunhado de D. Nuno: a sua casa e *bairro* pegados com a dita herdade, por outra casa que n'outra parte possuia o mesmo condestavel.

Da compra da herdade não acho vestigio documental. Do *escambo* com o almirante existe traslado de escriptura[1]. Pela tal casa que deu em troca obteve o santo fundador o serro e campo, doado por el-rei D. Diniz, com os senhorios de Unhos, Camarate, e Friellas, ao avô do dito almirante, o genovez micer Manuel Peçano. Chamava o povo ao campo em que se erguia a casa hereditaria dos almirantes, o *bairro do almirante*, isto é, a sua quinta com honras de couto, que era o que se entendia por *bairro*, e havia varios em Lisboa[2]; e este mesmo conservou a sua denominação depois de já não pertencer aos Peçanos ou Peçanhas[3].

Ora das arvores que vestiam essa encosta (hoje calçada *do Sacramento* e rua *nova do Carmo*) perseveraram seculos muitas oliveiras na cerca do convento, como aconteceu mais acima, na rua *da Oliveira*. Dil-o o chronista carmelitano, reportando-se ao que lhe contavam por 1740 religiosos muito velhos.

E basta. Despeço-me do Carmo. Está bem entregue hoje a pobre ruina. A sociedade dos archeolo-

[1] *Chron. dos Carmelitas,* por Frei José Pereira de Sant'Anna. Tom. 1, pag. 803.

[2] Christovam Rodrigues de Oliveira. Summario, pag. 9, 12, etc.

[3] N'uma antiga carta de emprasamento passada por D. Jorge, arcebispo de Lisboa, a Joanne Annes em 15 de Junho de 1468, diz-se da casa emprazada, sita *na rua pubrica que vai para a porta de Santa Catherina* (o nosso Chiado), que tinha o portal *em frente do bairro do almirante,* quando já propriamente o bairro era cerca do Carmo. É manuscripto de pergaminho, em poder do auctor d'este livro.

gos tem a peito o defendel-a de mais vandalismos. Honra lhe seja!

*

Mas é triste. Do Carmo restam umas naves solitarias; da casa proxima resta o nome imposto a um palco de opera comica.

O convento da Trindade, que por mais de seis seculos figurou nobremente na historia de Lisboa; o mosteiro, cuja torre era uma maravilha, cujos claustros dominavam grande terreno em volta, cuja livraria e cujos archivos eram dos mais famigerados do reino; a vivenda monachal, que se ufanava com varões de grande fama; o ninho piedoso cuja dedicação se empregava em remir captivos, sem baquear jámais na sua perseverança proverbial; a nobre fundação de Affonso II, derruida á porfia pelos incendios, pelos terremotos, pelo camartello brutal dos legisladores, e pela picareta incançavel dos municipios, sumiu-se para sempre; que digo eu? vive ainda, a despeito de tudo, n'um proloquio popular, d'onde se pode apreciar até certo ponto a sua magnificencia. *Caír o Carmo e a Trindade* significa hoje (hoje que o Carmo caíu, e a Trindade se transformou) um completo derrocar, um inesperado esfacellar de grandezas.

É que, se a egreja de Izabel de Aragão foi, dezenas de annos, a mais formosa da capital e seus arredores, só achou rival, até certo tempo, na grande fabrica arrogante e sumptuosa ali perto levantada pelo avô de monarchas; templo e mosteiro cujo traçado era espantoso para aquellas eras, cujo nome e

cuja causa era sublime, e que em suas fidalgas ogivas, erguidas para o ceo e cortinadas de hera, ainda hoje attesta a passada opulencia das suas tres naves collossaes.

A Trindade teve larga historia; foi, como vimos, um dos campeões da nossa independencia; com a fé, lá por fóra, na moirama; com as armas, aqui, sempre que era mister.

O Carmo teve não menos larga historia, mas de outro genero. O Carmo, sobranceiro á casaria vulgar da baixa, tem muito do antigo cavalleiro; entrevê-se a cota de armas sob o manto; ha n'aquelle alto bastião feudal um mysticismo, que se não confunde. O espirito melancholico de Nuno Alvares ali é que habita.

Depois, em tempos de grande cultura artistica, veiu a erguer-se lá em baixo, na Ribeira, a Misericordia com as suas archivoltas imaginosas, todas realçadas de efflorescencias classicas e mouriscas; e bastou essa nova creação do rei feliz para desbancar como novidade as outras duas maravilhas[1].

*

Foi sempre cioso e ufano da sua linda cidade o lisboeta popular. Assim como no seculo XVI veiu a

[1] *Nihil spectatius templo Misericordiæ*—diz Adriano Romano na sua *Urbium præcipuarum descriptio generalis.*—E diz o bom padre Manuel Bernardes na sua *Nova Floresta* (IV, 176): *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa é uma das mais notaveis grandezas que illustram e acreditam esta real cidade, com maior razão do que o colosso a Rhodes, as pyramides a Memphis, o labyrintho a Creta, e os amphitheatros a Roma.*

ser para elle a celebre *casa dos bicos* na Ribeira velha a expressão proverbial da elegancia e do requinte, já a egreja e a torre da Trindade, mais as ogivas e botaréos do Carmo, eram até ali aos seus olhos o supra-summo da arte e do poderio humano.

Pois tudo se perde, lisboeta amigo! tudo; até a casa dos bicos. Pois tudo cae, Santo Deus! tudo, tudo; até o Carmo, e a Trindade.

CAPITULO XVI

Continúa a digressão.—A porta de Santa Catherina.—Descripção d'ella.—Sua demolição em 1702.—Os elegantes da Casa havaneza nem suspeitam o que tudo aquillo foi.—A ermidinha de Santo Antonio.—Transformação d'essa ermida na egreja do Loreto.—O incendio de 1651.—Novas obras.—Um documento inedito.—A egreja nova.—Esculturas e pinturas.—A estanqueira do Loreto.

Poderia continuar a investigar minuciosamente a origem de muitas outras casas religiosas, que por estes contornos se foram levantando. Não o farei. Dediquei mais espaço á Trindade por ser a Trindade, por ser uma das casas mais antigas e de mais fama da nossa Lisboa, por se achar intimamente ligada com a historia do cerco, de que folheámos algumas paginas no decurso d'estas memorias.

*

Esbocei n'um dos capitulos primeiros a porta fortalezada de Santa Catherina, que atalaiava, toda arrogante e soberba, com quatro cubellos ameiados, o sitio onde hoje se abre o largo *das duas Egrejas*.

Era um monumento historico e militar aquella porta; era por assim dizer o fecho da grande cinta; devia ter merecido alguma commiseração aos demolidores; mas não mereceu: arrazaram-n'a por inutil no anno de 1702, como se atira para uns desvãos um arnez de batalha. Não lhe valeram os seus trezentos e quasi quarenta annos, perante a intolerancia já tradicional dos nossos municipios. Foi isso durante a gerencia de um activo presidente do senado da camara, o terceiro conde de Aveiras, João da Silva Tello e Menezes, de quem diz um escriptor, ter feito na cidade obras notaveis *que mereceram applauso universal*[1].

Na face oriental da demolida porta existia a imagem de Santa Catherina; e na face do poente a de Nossa Senhora do Loreto; ambas ellas, toscas estatuetas de pedra lioz, se acham na frontaria da egreja da Encarnação; não as julgo de grande antiguidade; provavelmente do seculo XVII. Por fóra d'esta mesma porta, e um pouco abaixo para a banda do mar, lia-se uma inscripção latina egual ás que se liam nas portas da Cruz e de Santo Antão, composta pelo ministro Antonio de Sousa de Macedo, de ordem d'el-rei D. João IV; era uma allusão ao preito de vassalagem votiva tributada pelo mesmo monarcha á Senhora da Conceição, padroeira do reino[2].

Era esta porta em tudo semelhante á porta da Cruz. As columnas que a enfeitavam foram apro-

[1] *Hist. gen. da C. R.* Tom V, pag. 332.
[2] Tral-a frei Apollinario na *Dem. hist.*, pag. 195.

veitadas em 1702 na entrada principal do açougue publico, situado no Terreiro do Paço, e lá existiam em 1750, e depois [1].

O sitio exacto em que ella se achava corria pelo centro do actual largo *das duas Egrejas*, na direcção norte-sul, desde a *Maison Damien* até á antiga casa *Huguet*, hoje das machinas *Singer* de costura.

Mas o que é certo é que ninguem, ao conversar á tarde socegadamente nos grupos da Casa havaneza, ao *flanar* nos asphaltos do passeio pelo braço de algum amigo, ao comprimentar attencioso as elegantes que passam nos seus *coupés*, ao jantar no restaurante Sousa ou no hotel Alliança, ao atravessar para uma primeira representação no Gymnasio ou na Trindade, ao presencear, emfim, a vida que se condensa ali, n'aquelle ponto parisiense de Lisboa, ninguem já se lembra da porta sombria e guerreira de Santa Catherina, que tanto pelejou pela nossa independencia. É partilha dos mortos o esquecimento.

Bem sei que tudo melhorou consideravelmente; bem sei; bem vejo que, em vez dos raros nichos allumiados apenas pelos tristes lampadarios da devoção, rutila á noite o gaz e a luz electrica; bem vejo que, em vez de uns bastiões altaneiros e enrugados que obstruiam o transito, se alastra um largo desafogado e commodo, orlado de lojas riquissimas; bem vejo que, em vez das simalhas negras de uma portada já inutil e anachronica, d'onde pendiam não

[1] *Dem. hist.* citada, pag. 197 e 198.

raro os quartos sangrentos dos justiçados[1], campeiam as nitidas frontarias de duas egrejas de marmore e jaspe; bem vejo que, em vez da solidão e das trevas, tão propicias aos frequentes assaltos nocturnos dos rufiães[2], ha os pregões dos jornaes, o rodar dos caleches e *tilburys*, o encontro de bons amigos, o bulicio cidadão, que é uma companhia tão apreciavel. Bem sei tudo isso; e tenho pena, apesar de tudo, de que não conservassem as proporções e a feição exacta do destruido monumento, de que por gratidão o não assignalassem com uma singela memoria, e de que tudo tenda a obliterar as recordações que enchameiam n'uma paragem como esta, illustre entre todas. O carro triumphal do progresso tem direito a passar, mas não tem direito a esmagar e vilipendiar.

*

Se no seculo XV examinassemos este fragmento da muralha d'el-rei D. Fernando, notariamos que para a banda norte-occidental da porta existia uma muito antiga ermida de Santo Antonio. É raro o ponto onde se não ache pelas chronicas monasticas o vestigio de capellinhas a povoarem os ermos em volta dos centros grandes. Foi esta ermida escolhida para parochia pelos italianos residentes em Lisboa, em 1518, no pontificado de Leão X, trocando-se comtudo a invocação do orago; e Antonio de Bulhões, o portuguezissimo thaumaturgo que Padua nos rou-

[1] *Dem. hist.* citada, pag. 197.
[2] *Miscell.* Dial. XVIII, pag. 403.

bou, cedeu logar á rainha dos anjos. A *casa santa* teve uma filial em Lisboa; e a Virgem do Loreto passou a receber ali as oblatas dos fieis.

Contigua á egreja campeiava ao norte uma das torres da circumvallação. Por alvará de 10 de julho de 1573 concedeu el-rei D. Sebastião á irmandade licença para a demolir, convindo, mas ordenou que, se sobreviesse guerra, fosse atulhada a egreja até á altura bastante para servir á defensa da cidade[1]. Tanto não foi necessario; e graças ao zelo dos contribuintes, a casa do Loreto foi crescendo em fama e em haveres, até que lhe adveiu um grave contratempo.

Das oito para as nove da manhã de 29 de março de 1651[2] declarou-se na egreja dos italianos um medonho incendio, que tomou proporções assustadoras, zombou de todos os soccorros prestados á tôa pelos cidadãos, e em tres quartos de hora devorou o rico tecto do templo, coberto de talha doirada e valiosas pinturas, a capella mór, e todos os altares, perdendo-se do espolio sagrado peças importantissimas pelo valor estimativo e real. A devoção dos

[1] Documentos no cartorio da irmandade, os quaes eu pude compulsar por mercê do sr. Peragallo, a quem muito agradeço. Não menos agradeço a quem me denunciou como boa fonte o rico archivo do Loreto; foi o meu respeitavel amigo o sr. Antonio José de Figueiredo, digno official da secretaria da Nunciatura apostolica. Por minha vez aconselho aos curiosos das archeologias lisboetas não deixem de obter licença, como eu obtive, para folhear tão abundante cartorio. Oxalá se encontrasse em toda a parte egual hospitalidade.

[2] E não 28 de março, como dizem alguns. Era quarta feira da semana da Paixão.

italianos lisbonenses mostrou então para quanto era; fintaram-se, alguns deram de contado avultadas sommas, os outros offereceram uma percentagem annual sobre os futuros rendimentos dos seus negocios, e pozeram todos mãos á grande obra, começando-se desde logo a desentulhar a ruina, e a dar ordem á reconstrucção.

Em quanto duraram os impedimentos, a séde da parochia passou para uma ermida de Nossa Senhora, muito proxima da egreja, ao poente, mais para o sul, e de que logo tratarei. Foi emprestada á irmandade do Loreto, por escriptura de 7 de maio de 1651 por seus donos Antonio Moniz de Carvalho, fidalgo da casa real, commendador de Christo, desembargador da Casa da Supplicação, e juiz dos cavalleiros, e sua mulher D. Izabel Soares de Albergaria, moradores na rua das Flores[1].

Segundo se vê, e fossem as causas quaes fossem, o trabalho não correu pela posta. Possuo um traslado fiel de um documento que existe no cartorio do Loreto, e que foi tirado pelo meu amigo e collega o sr. José Gomes Goes, cujo amor ao estudo e variado saber todos louvamos. Reconhece-se por aquelle papel, que, tendo o dr. Diogo de Gouveia de Miranda procedido em 26 de março de 1657 a uma vestoria nos destroços do incendio, ordenou se fizesse junta dos officiaes mestres pedreiros, com o architecto do rei e mais algum outro, para examinarem tudo miudamente, e dizerem quanto seria necessario occupar ao longo do lanço da muralha de defeza da cidade

[1] Documentos que vi no cartorio da egreja.

para o novo templo, a sacristia, a via sacra, e as mais officinas. O architecto era o engenheiro Matheus do Couto, provavelmente antepassado dos distinctos officiaes Coutos Valentes, nossos contemporaneos[1]. Elle e os seus companheiros declararam conveniente que se fosse fazendo ao longo do muro a obra do novo recinto da egreja, para por dentro a fechar, tudo até á torre em que se achavam então os sinos (que devia ser uma das setenta e sete da circumvallação); ficando o Loreto, que até ali era separado, adjacente e pegado á muralha. Ora a serventia por cima da corredoira do muro, que ligava cada dois cubellos, era damnosa para a nova egreja, por devassar de alto os seus telhados, e dar azo a latrocinios; propunha a junta dos peritos que se cortasse a dita serventia no muro, pois era inutil; e que, no caso de vir a haver guerra, e ser necessario o servirem-se da muralha os cercados, se fizesse uso de uns pranchões que os empregados da egreja eram obrigados a collocar para restabelecer a passagem, e resguardar ao mesmo tempo os telhados. Assim se fez. Felizmente os pranchões dormiram a somno solto, e a guerra não voltou. Estavam passados os dias cavalleirosos da velha cerca.

A mesa da irmandade no intuito de alargar as officinas, comprou por 417$000 rs. (717$240 réis da nossa moeda actual) as casas de Joanna de Aguiar junto á egreja, em 29 de julho do mesmo anno de

[1] Era homem muito considerado. Foi sargento mór, e ainda vivia em 1688, segundo vejo a pag. 275 das *Memorias sobre chafarizes,* pelo sr. Velloso de Andrade.

1657; deitou-as abaixo, e construiu a sacristia. Em 1668 augmentou-se o adro, precedendo licença da camara; e n'esse adro vasto vieram estabelecer-se muitas mulheres vendeiras de fruta, construindo logares de madeira, com que o pejaram, a ponto de ser indispensavel que a irmandade representasse, passados annos, á vereação, contra o abuso, obtendo provimento [1].

A obra nova ficou bellissima; abriu-se ao publico em 7 de setembro de 1676. Pouco mais ou menos tinha o traçado que na reconstrucção posterior ao terremoto se conservou; com a differença de que em volta do templo corria um cemiterio, gradeado de ferro, com escadas para a rua publica. O campanario era alto, com tres sinos e duas campas. A egreja era de uma só nave [2]; a capella mór, de ordem corinthia com columnas salomonicas de pedra verde; as doze capellas do corpo da egreja, de ordem composita; sobre a cornija estatuas de marmore, representando em nichos os doze apostolos e os evangelistas S. Lucas e S. Marcos, todas vindas de Italia [3]. Porta principal ao sul, e travessa ao poente, sobre a qual se lê a data de 1785.

A reconstrucção posterior ao terremoto seguiu as linhas geraes da antiga; ha ali muita coisa primitiva. Gosto da frontaria; não é muito notavel, mas tambem não é de desenho vulgar, nem pretencioso. Pena é que o ponto de distancia não seja mais ex-

[1] Documentos no cartorio vistos por mim.

[2] Carvalho.—*Chorogr.* Tom. III, pag. 478.

[3] Documentos do cartorio, inventario, *Memorie generali*, etc.

tenso, e que a balaustrada do adrosinho corte com uma semsaborissima horisontal a porta do sul, que é muito boa.

Gosto muito de algumas das pinturas dos retabulos. Raczynski cita por exemplo o *S. Francisco de Paula* de Lambruzzi, e a *Madonna del Carmine* de Rossi; eu n'este quadro chamo a attenção para os anjos e o menino Jesus, que são primorosos. Victor Hugo devia pintar assim os seus quadrinhos de creanças. A Virgem parece-me menos bella; mas a creançada ouve-se palrar e chilrear.

No portal do sul, que é de estylo muito puro, chama a attenção um lindissimo grupo de anjos em marmore de Carrara, que seguram o escudo pontificio, e são attribuidos a Borromino.

Emfim, para concluir não deixarei de notar os honorarios minimos, ridiculos, absurdos, por que se remunerou a Cyrillo Wolkmar Machado o seu trabalho de pintura até 17 de dezembro de 1785. Parece impossivel que seja verdade o que eu proprio vi em recibos seus authenticos! por exemplo: toda a pintura do tecto... custou 102$400 réis! cada um dos doze apostolos a claro escuro, para substituir as antigas esculpturas... 6$400 réis!! Triste Portugal! Tudo que eu acrescentasse de commentario estragava a eloquencia da mudez.

Pela muita obsequiosidade do actual prior, o meu amigo sr. padre Peragallo, examinei uma parte do cartorio; vi na sacristia os retratos de Francisco André Carrega e Nicolau Micon, genovezes bemfeitores da casa, fallecidos, aquelle em 1625, este em 1675; vi na casa do despacho o retrato de José Fon-

tana, e uns curiosos quadros em madeira, uma especie de mosaico, offerecidos em 1822; e vi os tambores da antiga companhia de italianos, que, segundo um compromisso, auxiliava as guardas de policia portugueza, do mesmo modo que o faziam os homens das outras nações domiciliarios em Lisboa. Existem no archivo as eleições para capitão e alferes, do seculo XVII, até 1729 (que foi o mais moderno anno a que cheguei). Conserva-se tambem a bandeira da companhia, que não vi, mas que o sr. prior me disse ter por inscripção *Terra tuta bonis, infesta* ou *infensa malis* (se me não falha a memoria). Era um lembrete rhetorico aos ladrões latinistas; os que o não fossem deviam contentar-se com a rude eloquencia do que Azurara chamava *provar o sabôr do ferro frio.*

*

Não posso sair da egreja do Loreto, sem mencionar a falladissima estanqueira, que tinha loja pegada com o templo, e a quem coube a honra de inspiradora de Bocage. *Era hedionda*—diz um investigador—*com uma interminavel cara, e um descompassado nariz, que ficou historico, e deu mais que fazer aos poetas de anagrammas e epigrammas, que o nariz do padre Genest nos ultimos tempos de Luiz* XIV [1].

Depois de ter accendido o rastilho de mil decimas facetas, e ter sido uma *leoa* no seu genero, aca-

[1] Castilho (José Feliciano).—*Biographia de Bocage.* Tom. II, pag. 234.

bou miseravelmente, ralada de privações e fome, a triste Helena, victima das chufas insolentes dos desalmados peraltas litteratos.

Il neige, il neige, et là, devant l'église,
Une vieille prie à genoux.
Sous ses haillons où s'engouffre la bise,
C'est du pain qu'elle attend de nous.

Ia por fim sentar-se, muito triste, n'um mocho ao Calhariz, vivendo de esmolas, e na sua resignação silenciosa inspirando (quem sabe?) aos antigos *rapazes travessos* o remorso das más acções.

CAPITULO XVII

Vista de olhos á proxima egreja da Encarnação.—A condessa de Pontével.—De Brunelleschi até Borromini vae um abysmo.—Denuncia-se ao leitor uma joia artistica.—A Madonna de Machado de Castro.—Guerras de sacristia.—As Madonnas da arte antiga.—O palacio dos Marialvas, e os casebres do Loreto.

Basta do Loreto, amigo leitor; basta. Volta-te para o meio dia, e contempla comigo a Encarnação.

Não é para te dizer que foi sua fundadora no fim do seculo xvii uma dama da rainha D. Luiza de Gusmão, e da rainha D. Catherina de Inglaterra, a viuva condessa de Pontével, D. Elvira; isso t'o dirá muito melhor o padre Carvalho.

Não é tambem para as bellezas architectonicas que chamo os teus olhares; a fallar a verdade sou quasi hospede em tão ingremes materias. Creio porém que pouco teriamos que admirar n'essa frontaria, de proporções elegantes, sim, mas quanto a mim vulgares. Parecem-me (talvez seja heresia) parecem-me todas o mesmo as egrejas neo-italianas da architectura borrominesca; não me tocam; ha n'ellas uma em-

phase balofa, e umas falsas rhetoricas, que destoam do ideal que formo do redil christão. Não sou dos que dizem que o *unico* templo catholico é o ogival,

à vitreaux coloriés, à longs arceaux pointus;

não vou tão longe, mas confesso que o prefiro quasi sempre.

Bem sei que ha templos modernos no estylo romanisado dos Brunelleschis, dos Bramantes, dos Migueis Angelos, que são admiraveis como idéa, e como realisação. Cito apenas o templosinho circular de S. Pedro em Montorio, em Roma, e S. Pedro do Vaticano, aquelle poema giganteu de sabia estructura, que, se á primeira nos subjuga e nos não commove, depois de analysado e meditado nos assombra como um portento de genio sobrenatural. São as grandes excepções. Mas confesso que a decadencia d'esse genero é aos meus olhos profanos muito mais pobre do que a decadencia do estylo gothico: o puro ogival ao precipitar-se deu as concepções hybridas mas inspiradas do estylo florído, e do flammejante, e cá as do chamado manuelino; o classico christão ao declinar produziu o borrominesco, e d'este brotou o *rocócó*. Esse quanto a mim poderá ser como um soneto bem trocadilhado a tal ou tal santo, uma decima-madrigal-Pompadour perfeitamente rimada a tal ou tal personagem, mas nem mesmo quando se eleva nos eleva a nós; e o bom classico, e o bom ogival, elevam-nos sempre.

Quem pois olhar para esta fachada da Encarnação, encontra uma obra proporcionada, bonita, rica,

se quizerem, na nossa nitidissima pedra de Lisboa que maravilha os estrangeiros, mas nada mais encontrará. Acho-lhe, n'aquelle seu pyramidar convencional, um indefinivel garridismo, um salpicado de massas escuras, que me desagrada.

E digo-o por esta, e por outras muitas egrejas: ha mau, e ha *rocócó* sempre que a fórma se burne só pela fórma, sempre que o architecto perde de vista o seu pensamento inicial, para só se embrenhar, a sangue frio, no delirio voluptuoso do pormenor, sempre (isto custa a dizer hoje) sempre que a innovação dos filhos degenerados da arte, cogumelos da grande arvore caída chamada Miguel Angelo, vem tentar substituir com entablamentos arbitrarios, com proporções arbitrarias, com columnas multiformes, com avellorios ficticios, com laçarias de grinaldinhas, com platibandas grotescas, com o abuso das curvas, com almofadas polygonaes immotivadas, com todo o luxo doentio das imaginações caducas, as fórmas puras, calculadas, severas, motivadissimas, da arte antiga.

É desenganar: aquillo lá é grande, é grandioso mesmo quando não é grande, é facil, é uno, é simples. Commove; domina. Isto... não.

*

A quem entrar na egreja da Encarnação, o que desejo é denunciar uma joia bem preciosa: é a estatua do orago, esculpida n'um troço de cedro por Joaquim Machado de Castro; *niente meno*. No altar mal pode apreciar-se, porque muita vez estará revestida, e, quando o não esteja, acha-se tão rodea-

da de accessorios, que não brilham, como deveriam brilhar, as suas linhas grandiosas e simples. Eu tive a fortuna de a ver n'um santeiro da rua do Ouro, quando ha quatro ou cinco annos lá esteve a encarnar e estofar de novo; e digo «tive a fortuna» porque a vi branca de todo, com o mordente apenas para a pintalgação, ou (mais francamente) estragação convencional. O branco é uma nudez na arte; por isso a trivialidade o esconde.

Posso affirmar que me pareceu uma linda estatua; notei o harmonioso (um pouco vulgar talvez) dos panejamentos; o modelado das mãos comprimidas sobre o peito; o sentido e leve dos pés nus, que, segundo as regras da arte, não são escondidos; a magestade maternal e virginea ao mesmo tempo; o immaculado esplendor d'aquella fronte, illuminada de um sorriso feminino e divinal; a castidade da sua posição concentrada e extatica. É uma mulher em todo o viço da fórma, e parece que não pesa sobre o pequenino pedestal onde assenta.

As nossas Madonnas antigas, a *do cacho* da torre de Belem, a do Rastello, a da Batalha, teem sempre o que quer que seja de rainhas; por mais tosco que fosse o escopro, dir-se-hia que imperava n'elle uma idéa vaga de lisonja de côrte; as nossas Madonnas historicas (e ás de lá de fóra succede o mesmo) parecem bellas estatuas erguidas dos seus leitos funerarios dos carneiros reaes; insensivelmente desejamos chamar-lhes Mafaldas, Beatrizes, ou Leonores. No ademane, no alongado bysantino das figuras, no porte sereno e altivo, até no manto e na corôa, são rainhas profanas, como as princezas eram per-

sonagens semi-divinos. Procura-se o pagem e o palafrem.

As Virgens da arte nova perderam aquelle cunho, e ficaram, pela maior parte das vezes, na esteira burgueza d'onde saíriam de certo os seus modelos. O cinzel democratisou-se. Foi então que o artista de verdadeiro merito sentiu o esforço que lhe era mistér para topetar com as nuvens onde pairava o seu ideal; e como quasi nunca attingia até lá, pois começava a escassear nas officinas o grande elemento creador, a fé, as Madonnas ficaram umas mães mais ou menos formosas, mais ou menos garridas, mais ou menos convencionaes, e rimaram com o *rocócó*. A Madonna realenga descera do seu throno e sumira-se.

Ora n'esta de Machado de Castro (ou eu me engano, pela sympathia, já hereditaria, que tributo á memoria do mestre) encontrei um cunho de distincção serena, que julgo muito superior á grandissima maioria das imagens dos nossos melhores templos. Só tenho pena de que não a deixassem de todo branca, ou da sua propria côr de cedro.

Foi esculpida em 1803; tem agora setenta e seis annos; o motivo por que a fizeram foi este:

Possuira a condessa de Pontével, D. Elvira Maria de Vilhena uma imagemsinha de dois palmos e tanto, representando a Virgem da Encarnação; doou-a á egreja que ali fundou; a estatueta lá permanecia em 1755, escapando ao terremoto, e continuando por mais quarenta e sete annos a ser venerada no seu altar; até que em 18 de julho de 1802, por occasião de uma festa, em que ardiam muitas luzes na

capella mór, aconteceu atear-se nos paramentos um fogo inesperado, que de repente destruiu a machineta e a imagem, e damnificou a capella antes de ser apagado, o que breve se conseguiu.

A irmandade do Santissimo resolveu então commetter ao escopro illustre do estatuario nacional, a feitura de uma nova imagem condigna d'elle, do templo, e do assumpto; e o mestre saíu-se da empreza como quem era, não sem se terem dado entre os irmãos e elle grandes discussões sobre a composição do modelo que apresentou, discussões azedas, que lá veem muito por miudos no folheto que o erudito artista escreveu no assumpto[1].

A proposito de incendio: resta-me dizer que em 1651, segundo mencionam escriptores[2], houve além do fogo do Loreto um na Encarnação. A séde da freguezia passou então para a Trindade; depois de 1676, para o Loreto; em 1679 para a ermida do Alecrim; e finalmente voltou á casa propria em 8 de setembro de 1708.

*

Bem defronte das duas egrejas levantavam-se ha dezasete annos uns restos de maior quantia, a que

[1] Veja-se a *Analyse grafic'orthodoxa e demonstrativa de que..... a escultura e pintura podem ao representar o..... Mysterio da Encarnação figurar varios Anjos.....* por Joaquim Machado de Castro. Lisboa, 1805, 4.º, 1 folh. de 77 pag.

[2] Frei Ap. da Conc. *Dem. hist.*, pag. 211, n.º 263 e J. B. de Castro, a pag. 154 e 192 da 2.ª ed. do *Mappa de Portugal* acrescentado pelo meu amigo e collega o sr. Manuel Bernardes Branco.

o povo chamava por epigramma *os casebres do Loreto*, emmoldurados pela rua *do Alecrim*, rua *da Horta secca,* rua *do Loreto*, e travessa *dos Gatos.* A geração nova só conhece de tradição os casebres, e ouve fallar na travessa *dos Gatos* como ouve fallar em Memphis; parece-lhe fabula que houvesse o que houve no perimetro da actual praça *de Luiz de Camões*, bandeja equilibrada entre duas ruas de nivel differente. A geração nova só conhece esse mesquinho terreiro gradeado, onde se ergue *longe do mar, longe das Tágides,* a formosa estatua do poeta esculpida pelo insigne Victor Bastos, meu amigo, estatua a que fazem tristissima moldura renques de casas das mais prosaicas de Lisboa. Pois o que é certo é que todo esse centro era occupado pelos restos de um antigo palacio dos Marialvas, que figurava ter sido grande, porém sem belleza, como quasi todos os nossos solares. Depois do terremoto nunca fôra restaurado; o unico fragmento inteiro fazia o angulo para a rua *do Loreto*. Eram umas sacadas altas e severas, um cunhal de pedra lioz com uns brazões firmados na esquina. Tudo mais não passava de casas estreitas e plebeias pela rua *do Loreto* até á travessa *dos Gatos.*

O interior era um dédalo de pateos e cabanas ridiculas, de um pittoresco de má catadura; não habitava ali o pudor, certamente, mas formigava toda uma *ménagerie* de infortunios e vicios. Nos baixos dos predios da rua *do Loreto*, industrias varias: um hervanario, um santeiro, um botequim na esquina, e já sobre o largo uma taberna muito afreguesada, um dentista, uma especie de armario en-

crustado na parede, e onde escanhoava um barbeiro, uns ferradores já sobre a rua *da Horta secca*, e, além d'estas, outras industrias mais ou menos embuçadas.

As varandas aristocraticas onde assomavam no seculo XVII as empoadas senhoras da casa de Marialva, como grandes retratos de Rubens, habitava-as um relojoeiro (lembro-me bem). Por baixo dos brazões, na parte inferior do cunhal, eram afixados os cartazes dos theatros. Muita vez ali fomos, nós os rapazes d'aquelle tempo, lêr o que se dava em S. Carlos, saber se entrava a Tedesco ou a Bernardi. Nas outras janellas que seguiam, altas, baixas, de todos os feitios e côres, ou gorgeava o laborioso pintasilgo, que tira agua do seu potesinho, ou prégava o esganiçado papagaio lisboeta, ou emfim espreitava os passeantes algum rosto moreno por traz de taboinhas verdes.

Os Marialvas velhos e os Cantanhedes é que de todo não reconheceriam n'aquelle cahos o seu solar. Aquillo era um campo onde parecia que tinham ido os gigantes jogar á bola; ou antes: parecia que um encontrão da sorte desmantelara um paço para fazer d'elle muitas barracas de títeres.

Tudo muda. Tambem o palacio já não reconheceria os sitios da sua fundação, depois de arrazadas as portas historicas de Santa Catherina.

É pensão de quem vive o ir vendo demolir-se tudo.

Na ordem moral, esquecer é demolir. Ha entes infelizes, para quem viver é esquecer. Não os invejo! Recordar é reviver.

CAPITULO XVIII

A rua do Alecrim.—Ermida de Nossa Senhora do Alecrim. —Sua fundação e historia.—Aproxima-se aos olhos do leitor a ermida dos Fieis de Deus e historia-se a sua lenda.— Visita á linda egreja das Chagas.—Recordações litterarias. —Catherina de Ataíde e Luiz de Camões.—Os sinos das Chagas.—Um poeta doido engaiolado n'um campanario.— O recolhimento das convertidas.—O alto de Belver e a egreja de Santa Catherina.—Pedido á camara municipal em nome das *bonnes d'enfants* e de outros personagens.

Deixando as duas egrejas e o palacio varrido, e descendo para o mar pela nossa formosa rua *do Alecrim*, ou, como se dizia logo depois do terremoto, rua *das duas Egrejas*, ou, como se diria em 1730 e tantos, rua da *Encarnação*, ou, como diriam outros então e antes, rua *do Conde* (que era o de Vimioso, cujo palacio ficava logo abaixo do actual palacio Farrobo), encontrava-se do lado direito, um pouco ao sul do sitio que é hoje a esquina nordeste do largo *do Quintella*, uma ermida, que tem historia interessante.

A topographia do logar era assim: na linha que descia da esquina da nossa rua *da Horta secca* para

o mar levantava-se uma propriedade nobre, cujos dois andares deitavam sobre a rua *do Conde.* Depois havia muro e seguia-se a ermida, formando esquina para a chamada travessa *de Braz da Costa,* que ia desembocar na rua *das Flores;* e esta, seguindo a mesma directriz que hoje segue, ia acabar, como agora, na rua *da Horta secca.* Todo este quarteirão só comprehendia, creio, a casa nobre, a sua ermida, e um logradoiro ou quintalão, onde houvera um poço publico chamado do Chapuz.

É natural o desejo de se saber a origem da ermida; ella aqui vae como a estudei.

Era no seculo XVII D. Anna de Vilhena uma senhora illustre da ilha de S. Miguel, filha de Francisco Ramalho de Queiroz e de Leonor Dias Neto [1], e mulher do desembargador Alvaro Lopes Moniz.

Quando veiu para Lisboa, trouxe D. Anna comsigo uma muito devota imagem da Senhora, que levou para os Olivaes, onde ficou habitando. Pensava, e já de muito, em erigir uma capella á Virgem, mas não atinava com invocação nova que lhe desse. Uma vez, estando D. Anna em oração na freguezia, andava por ali a trastejar um filho pequenino, que ella levara comsigo; e de repente, eis que sem mais nem mais a creança começa por brinco a pedir esmola aos circumstantes, como via pedirem os sacristães, mas para uma Senhora, de cujo appellido não resava até então a lithurgia: Nossa Senhora do Alecrim. «Esmola para Nossa Senhora do Alecrim!»

Ouve a mãe aquelle nome, proferido espontanea-

[1] D. Tivisco. *Theatro geneal.—Arvore* Castello Branco

mente por labios innocentissimos; sobresalta-se sem saber porquê; ao mesmo tempo acha-lhe immensa graça;

a voz da infancia eccos no Empyrio dá;

e tem como certo ser aquelle um sobrenatural aviso com que a illumina o ceo[1].

Deliciosas crenças dos corações puros! a feliz mãe abraçou o filho pequenino, e metteu hombros á empreza.

Compraram logo, ella e seu marido, por escriptura de 9 de novembro de 1624, um terreno em Lisboa a D. Anna de Mendonça; custou 100$000 réis, ou 327$000 réis da moeda actual. Esta vendedora tinha havido o terreno por herança de sua avó D. Brites de Mendonça, a cujo marido, Antonio da Silveira, a camara o tinha aforado por escriptura de 5 de julho de 1535 por 50 réis annuaes[2]. Obtido o chão, enviuvou D. Anna de Vilhena, casando segunda vez com Christovão Soares de Albergaria, desembargador da casa da supplicação, e vereador da camara de Lisboa. Quanto a este sujeito ha divergencia de opiniões; não tive meio, nem necessidade, de esclarecer o caso, que importa pouco; mas dizem uns[3] que elle falleceu no 1.º de dezembro de

[1] *Santuario Mariano.* Tom. I, pag. 329.

[2] Informações extraídas a pedido do auctor pelo sr. Ferreira Chaves dos livros de aforamentos da camara municipal de Lisboa. Novamente agradeço a este sympathico amigo todo o trabalho que teve por minha causa, e a boa vontade com que sempre me auxiliou.

[3] Por exemplo Agostinho de Santa Maria no *Santuario.*

1640; e outros[1] que não foi elle mas seu filho Francisco Soares de Albergaria, corregedor do crime.

Foi já depois d'este segundo casamento de D. Anna, que se deu principio ás obras; mas tendo sido isso sem licença da camara, esta as mandou embargar. Em 18 de maio de 1628 deu a mesma camara a licença indispensavel; e em 6 de junho se passou provisão regia permittindo definitivamente a edificação, em conformidade com os despachos dos vereadores, e parecer do respectivo syndico.

Não sei se houve novo motivo que paralizasse os pedreiros; mas, segundo o *Santuario,* mais de treze annos depois é que se dava por concluida a empresa, com grande gosto da fundadora; e tanto gosto, que instituindo morgado de seus bens lhe deu como cabeça a nova ermidinha da Senhora do Alecrim.

Pelo casamento da neta da fundadora, que se chamou D. Izabel Soares de Albergaria, passou o morgado á varonia dos Sousas Castellos Brancos (Curutellos), senhores do Guardão, e em 1735 pertencia a Pedro de Sousa Castello Branco. Este fez no juizo do tombo da camara uma justificação de lhe pertencerem as casas e ermida, pelas ter herdado de seu pae José de Sousa Castello Branco, marido da herdeira dos instituidores do vinculo. Os instituidores achavam-se sepultados na ermida, como ainda ao tempo do terremoto se via das inscripções tumulares[2].

[1] Por exemplo D. Tivisco.

[2] Informações do sr. Chaves, do *Santuario,* dos *Nobiliarios*, da *Hist. gen.* etc.

A ermida do Alecrim, parochial temporaria do Loreto e da Encarnação nos impedimentos das matrizes[1] (como apontei no logar opportuno), teve a gloria de impôr a sua denominação á grande rua que descia ao longo do muro, prolongada sobre dois arcos até ao Tejo pelo marquez de Pombal; depois desappareceu inteiramente na reconstrucção delineada por Eugenio dos Santos de Carvalho.

Bem fadada e mal lograda. Pouco durou a piedosa fundação de D. Anna de Vilhena. Deixei-lhe ao menos o epitaphio assignalado n'este livro, que, a bem dizer, é um vasto cemiterio.

*

Se a ermida do Alecrim teve por fundadora uma boa mãe, inspirada pela veleidade innocente de uma creança nobre, muito perto, mais para o poente, existia outra fundação, que se ligava com os pobresinhos plebeus da antiga cidade. Vamos a visital-a; é a ermida dos Fieis de Deus.

Nos principios do seculo XVI tudo por ali eram campos a perder de vista, olivaes, matto, e terras de pão. Vivia no sitio da actual ermida um pobre ermitão, que tinha um singular encargo: era elle só por si o asylo de infancia desvalida, ou antes: a *creche* da era de quinhentos: recolhia no seu albergue de colmo todos os meninos que encontrava extraviados de seus paes, e mantinha-os em quanto lh'os não iam reclamar. Dil-o o auctor do *Santuario Mariano.*

[1] *Santuario Mariano.* Tom. I, pag. 330.

O que era isto de meninos perdidos? pois Lisboa seria tão desordenada, que as creanças se andassem a sumir, como se perdem contas desenfiadas, meu caro frei Agostinho?

Pelas ruas mil cambos, mil recambos,
cargas vem, cargas vão, mil mós, mil traves,

escrevia o nosso Horacio quinhentista, ao atravessar de manhãsinha a rua nova e a porta do ferro, de caminho para a casa do civel no Limoeiro; mas ainda assim, não percebo que o sumiço de *bambinos* portuguezes fosse tão consideravel, que necessitasse uma estação especial. É esta a lenda que nos ficou; o aceital-a não prejudica a chamada severidade da historia. Quando os paes, depois de farejarem por todos os recantos da populosa capital, se lembravam de ir áquellas terras occidentaes interrogar cheios de lagrimas o bom do ermitão, era com um sorriso benevolo e paternal que os elle acolhia, e tirava da manga do borel o menino perdido, que era coberto de beijos.

Eu cá por mim estou persuadido de uma coisa: os taes meninos sumiam-se por quererem; provavelmente o bom modo do santo velho, as historias da carochinha com que os fazia rir, e as gulodices com que os regalava, tinham mais attractivos para a pequenada pobre de Alfama, do que todas as *cartinhas* de João de Barros ou Ignacio Martins. O segredo deve ser esse. Os carinhos são o segundo pão dos pequeninos; fazem milagres!

É lenda; será; e então que tem? a origem da his-

toria tambem é fabulosa; não admira que principie por lenda este ramo da historia da beneficencia portugueza.

Pobres começam muitos rios nobres

dizia algures o Viriato tragico.

Foi no anno de 1551 que um tal Affonso Braz determinou edificar ali mesmo á sua custa uma capella decente, e fel-o, dedicando-a ás almas do purgatorio, e dispondo que, por morte d'elle fundador, passasse a administração para umas suas sobrinhas, e por morte d'ellas para a Misericordia.

Sei que em 1620 quiz alguem fundar na ermida dos Fieis de Deus um recolhimento da ordem da Santissima Trindade, mas vejo prohibida essa fundação, sem se darem os motivos, na carta regia de 17 de junho do mesmo anno.

E fiquemos por aqui, quanto á ermida dos meninos perdidos.

*

N'um dos cabeços mais pittorescos, e de mais extensa vista, de quantos sobresaem n'esta varanda de duas leguas debruçada sobre o Tejo, como diz o meu dilecto amigo e poeta Rodrigues Cordeiro, eleva-se a modesta e sympathica egrejinha das Chagas. É filha do convento da Trindade, segundo attesta o já tantas vezes citado chronista d'aquella ordem [1], porque não passava até 1542 de uma capella

[1] S. José. Tom. I, pag. 178.—*Santuario Mariano*. Tom. I, pag. 324.—Carvalho. *Chorog*. Tom. III, pag. 477.

da egreja do mencionado convento, a qual n'esse anno levantou o vôo, como a santa casa da Palestina, e foi poisar n'aquelle cume, vista e querida dos mareantes, e estendendo o olhar até fóra da barra. No anno seguinte celebrava-se ali a primeira missa.

Poucos sitios em Lisboa levam a este a primazia no arejado, no bem posto, no retirado, e ao mesmo tempo no central.

Depois de tanta ausencia eis-me sentado
na conhecida pedra em face ao templo,
que ri de longe ao marinheiro luso.
Aquellas são as arvores; oh! troncos
troncos da minha infancia! aquella a torre
dos tão sonoros tão contentes sinos!

exclamava ha quasi cincoenta annos uma alma de poeta, ao chegar de um desterro entre brenhas ao largo *das Chagas*, onde o esperavam tantas memorias suavissimas da mocidade.

D'ali domina-se o Tejo, a Outra banda, a barra, uma grande parte da Lisboa occidental, ali correm uns ares de recordações patrioticas, e não sei que se tenha infamado aquelle taboleiro (como tantos outros sitios de Lisboa) com memorias lugubres da nossa chronica. Está impolluto; de mais a mais guarda-o, como genio tutelar, a imagem graciosa e fugitiva de uma mulher amada; nada menos que a Natercia de Luiz de Camões.

Foi ali (segundo uma tradição esquecida, ou uma interpretação forçada de tres versos), que elle viu pela primeira vez, n'um officio da Semana santa,

a neta dos viscondes de Villa-nova de Cerveira, a formosa filha de D. Antonio de Lima, e cantou o celebre

SONETO

O culto divinal se celebrava
no templo d'onde toda a creatura
louva o Feitor divino, que a feitura
com seu sagrado sangue restaurava.

Amor ali que ao tempo me aguardava
onde a vontade tinha mais segura,
com uma rara e angelica figura
a vista da razão me salteava.

Eu, crendo que o logar me defendia
do seu livre costume, não sabendo
que nenhum confiado lhe fugia,

deixei-me captivar; mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
do tempo que fui livre me arrependo.

*

. . . .

Um dos encantos da nossa Lisboa são os sinos; parecem ás vezes marimbas ethereas tangidas pela mão dos serafins. Pois entre os mais agradaveis e crystallinos campanarios figura o das Chagas, o

dos tão sonoros, tão contentes sinos!

Os seus repiques e menuetes choram tristezas funebres a quem vae rio abaixo, dizendo adeus, sem sa-

ber por quanto tempo, ao esplendido panorama de Lisboa; sim, mas quantas alegrias não expandiam, ao repicarem, como era seu officio, quando entravam o Tejo as naus da India!

Lá vêm galés Tejo acima!
lá vêm as galés d'El-Rei!

*

O relogio é que não gosava de grande reputação, coitado, a julgal-o por um ditado plebeu: *Em mulher de Alfama, homem do mar, relogio das Chagas... ha pouco que fiar.*

Tinha desculpa; é que provavelmente, habitando n'aquelle miradoiro tão lindo, o relogio das Chagas tornara-se poeta; devaneava quando devia contar quartos; observava as caravelas ou pensava em Catherina de Ataíde, quando devia calcular minutos. Convençamo-nos d'isto: em poetas não ha muito que fiar.

*

Na parte occidental do quarteirão formado hoje pelas ruas *do Loreto* (Calhariz), *das Chagas, da Horta secca,* e *da Emenda*, fundara o cardeal archiduque Alberto em 1586, por esforços e suggestões dos beneficentes padres da Companhia, um recolhimento para mulheres *convertidas*. A sua organisação era severa e grave, como cumpria; o provedor sempre um titular, superintendendo a direcção de doze nobres eleitos annualmente. Os exercicios piedosos, as boas praticas, e os bons exemplos, traziam de

todo ao aprisco as ovelhas desgarradas, e muitas vezes se conseguiu que as convertidas, regeneradas pela indulgencia maternal da religião, se tornassem verdadeiros modelos, chegando não raro a casar nas nossas conquistas ultramarinas[1].

O terremoto arruinou, e o novo plano transformou inteiramente aquella paragem. Dava para o sul, sobre a Horta secca, a frontaria da egreja do recolhimento.

*

O monte fronteiro ás Chagas, para a parte do poente, estava mesmo a chamar por outro templo; ahi eram os altos de Belver[2], ou da Boa Vista, assim denominados pela sua alegre perspectiva de terras e mar.

Em chãos doados gratuitamente, como vimos acima, por herdeiros da rica familia de Bartholomeu de Andrade, edificou-se em 1557, segundo J. B. de Castro, uma egreja a que a rainha fundadora, a senhora D. Catherina, quiz que se pozesse o nome da sua santa padroeira, Catherina do Monte Sinai. Era fabrica de tres naves, elevada sobre columnas, e a que um contemporaneo não duvida chamar *magnifica na grandeza, e primorosa no ornato*[3].

O nome antigo do sitio ainda o conservaram, quando acertadamente foi chrismada ha bem poucos annos a rua *do Lambaz* em rua *de Belver*. Do

[1] Carvalho. *Chorog*. Tom. III, pag. 477.

[2] Idem., pag. 489.

[3] O informador do padre Luiz Cardoso. Vi isto na parte inedita do *Diccionario* conservada na Torre do Tombo.

primitivo templo nada resta. Ainda ali vimos todos, até 1860 ou 61, uma egreja velha derrocada pelo terremoto grande, e habitada só de mochos e corujas; hoje substituiu-a a elegante morada do sr. Collares, precedida de um jardim gradeado, e ornado de estatuas e candieiros de ferro fundido.

*

Foi uma parte do morro de Santa Catherina que se subverteu, em julho de 1597. De tanto destroço nada resta n'aquelle sitio pacifico e sereno, onde as moradas ricas e grandes dão á calçada uma agradavel apparencia. O que é indispensavel é que os nossos municipios, que tão raramente apreciam a importancia vivificante do bello entresachado no util, se lembrem de impedir sempre que a orla meridional do alto *de Santa Catherina* se obstrua de novas construcções burguezas. Ajardinem á ingleza toda a vertente, com arbustos e relva. Aquillo é um respiradoiro necessario; é uma sacada aberta aos bairros proximos. Vae-se ali ha seculos tomar o ar marinho, e ver nas tardes de outomno a destroçada panoplia multiclor do sol poente, quando elle se recolhe ao seu camarim nocturno. Vamos d'ali contemplar a linha sinuosa dos oiteiros de Caparica, e espraiar olhos no ambito do nosso golpho napolitano do Barreiro e Seixal, semeado de velas brancas; observar se chegou o paquete, ou se a esquadra ingleza ou a prussiana fundeou em linha e com o garbo costumado; espreitar no Aterro, lá em baixo, as carruagens e os americanos. Para ali iam encontrar-se os dois velhos da anecdota, que esta-

vam toda uma tarde calados em frente um do outro a sorver pitadas de simonte,

Je ne lui parlais pas, il ne me disait rien,
Ainsi se termina ce superbe entretien;

e que se despediam sempre com a recommendação mutua de «Venha ámanhã mais cedo para conversarmos». Emfim, as amas *bonnes d'enfants* n'aquelles bancos é que vão encontrar os municipaes dos seus devaneios. Pese bem o senado de Lisboa todas estas considerações momentosas, e nunca permitta que o dito popular de *ver navios no alto de Santa Catherina* venha a tornar-se um quebra-cabeças para os archeologos da era de 4000.

CAPITULO XIX

A rua da Cruz de Pau.— Pára-se no largo do Calhariz e medita-se no que é a proxima rua do Almada.—El-rei D. Affonso v e a sua côrte.— Um esquisso para quadro historico. —A Alfarrobeira.

Quem sae do alto *de Santa Catherina* e toma pela rua *da Cruz de pau*, a que deu nome uma enorme cruz, que d'aquelle cabeço servia de baliza aos mareantes até fóra da barra, acha-se a poucos passos andados no Calhariz; encontra na esquina da esquerda a casa onde mora D. Antonio da Costa, e onde, desde dezembro de 1863, todas as obras d'aquelle grande engenho teem sido escriptas; e na esquina da direita o palacio que foi dos marquezes de Vallada, hoje renovado por seu dono o sr. Torres, digno par do reino.

Ora este palacio, sobre cujo portal campeavam, ha poucos annos ainda, as armas dos Menezes de Tarouca, e as dos Castros de treze arruelas, tem a fachada occidental para a mencionada rua *da Cruz*

de Pau, e para a *do Almada,* em que esta se bifurca em angulo muito agudo. Ao escrever n'este momento esse appellido illustre de *Almada,* a minha penna estremeceu involuntariamente; e sabe o leitor porquê? e quer sabel-o? Não adivinha o que um tal nome diz; nenhum lisboeta, ao pronunciar hoje com indifferença o letreiro d'essa viella obscura, suspeita sequer que está evocando das sombras da historia um dos mais completos e perfeitos cavalleiros, que jámais honraram o brio portuguez: nada menos do que o grande Alvaro Vaz de Almada.

Pois é tal qual. Trata-se d'elle; d'elle, e não de outro.

*

Ladrava descomposta e atrevidissima a intriga e a traição cortezã, nos paços de el-rei D. Affonso v, contra um homem cujo crime era ser grande, era ser popular, era ser querido, era ser leal. O perseguido era o tio do soberano, um dos da cohorte dos filhos de Filippa de Lencastre, o legendario, o liberal D. Pedro da Alfarrobeira.

Esporeado da veleidade do mando, e adulado pelo duque de Bragança e pelo conde de Ourem, entendeu o juvenil monarcha arrancar das mãos do regente, a quem devia tudo, o sceptro que elle honrava sustendo-lh'o, e resguardando-lh'o na sua menoridade. Demittiu logo o regente, e do melhor grado, a sua realeza interina; seguiram-se ainda assim as differenças que todos sabem, porque os embustes recresceram, e sobre o reino começou a acastellar-se o negrume da tormenta.

*

Por entre a confusão d'esse periodo ha um vulto feminino que sobresae, e que hoje podemos considerar uma victima das etiquetas estreitas: é a rainha, a filha do perseguido, a formosa e quasi infantal Izabel; presa a um lado pelo coração, como filha; presa ao outro lado pelo dever, como esposa.

*

Chegou ao infante D. Pedro um assomo de justissima altivez; e quando o tredo duque de Bragança, o occulto machinador do trama, depois de acabar de insultar a seu irmão na pessoa de todos os seus partidarios e amigos d'entre-Douro-e-Minho e de Lisboa, lhe mandou pedir com fingida cortezia licença para lhe passar pelas terras do ducado de Coimbra, negou-lh'a o infante, saindo-lhe ao encontro de mão armada.

El-rei, que só buscava pretextos, deu a seu tio por traidor e desleal, e ordenou que marchassem sobre elle.

*

No paço de Lisboa, entretanto, reunia-se conselho, um dos mais ascorosos conselhos que jámais foram vistos de arrazes de côrte. Queria el-rei saber o que fizesse de seu tio, no caso de o colher ás mãos; accordou-se em que lhe daria uma só de tres coisas, que era deixada á clemencia do filho de D. Duarte: ou carcere perpetuo, ou perpetuo desterro, ou morte.

E as paredes da Alcaçova não tremeram! E as torres dos Estáos não caíram!... E o sol de Lisboa continuou sereno a illuminar o Tejo!...

Terminou abruptamente o conselho. Levantou-se el-rei, de aspecto agitado e torvo. Levantaram-se os conselheiros; mas no coração de alguns franzia os seus esgares negros o prazer baixo e lugubre da vingança.

Perdôe Deus a el-rei D. Affonso v, que veiu a expiar tão culpaveis fraquezas.

Só Deus sabe que amargas cogitações elle curtiria depois; sósinho, n'aquella sua solemne cadeira, que eu vi, e se conserva com tanto apreço no Varatojo!

*

. . . .

A rainha, que passava os dias entre lagrimas; a rainha, para quem seu pae era ainda, e sempre, mesmo modelo de varões, e que não acabava de entender, como doce creança que era, noiva e inexperiente, o porque assim se amotinava contra tamanho ancião um reino todo; determinou-se em avisar o duque de Coimbra; expediu-lhe um pagem com uma carta, em que lhe dava conta do que fôra tratado, e o prevenia de que el-rei ia abalar-se em som de guerra.

*

Quando virmos um homem grande, procuremos-lhe o amigo, que ha de ser digno d'elle. O amigo

intimo, o *outro eu* do infante D. Pedro, é a flor da cavallaria portugueza, é o galhardo e senhoril conde de Abranches, é Alvaro Vaz de Almada.

—Alvaro!—lhe dizia o infante D. Pedro n'uma camara do seu castello de Coimbra, onde ia entrando Alvaro Vaz, atonito do aspecto alquebrado e merencorio do duque.—Alvaro!—(e não proseguia; e amarrotava convulso a carta, que n'esse momento acabara de lêr)—Alvaro!...

—Meu senhor—acudia carinhosa a voz do velho conde de Abranches—Quão demudado vos encontro! que novas temos?

—Alvaro, lê-me essa carta outra vez; é da minha pobre filha.—E caía-lhe a fronte nas mãos.

—Da rainha?—perguntava o conde, tomando respeitosamente a carta e lendo-a, pasmado e repassado de dôr.

E o infante não desfitava do papel os olhos marejados de chôro; mas ao concluir-se a leitura, já o seu aspecto era outro. Ergueu-se. Raiava-lhe no rosto um lampejo de colera expansiva e leal, e bradou como trovejando, e batendo com as mãos abertas no peito:

—Vive Deus, que não sou eu, eu filho de reis, homem a quem se desterre nem encarcére; entendo que entra já a morte a acercar-se de mim. Pois bem; aceito a morte.

Concertaram entre si o que havia que fazer: aperceberem-se os homens de armas, por cautela, e marchar para Lisboa a desfazer com a presença e com a palavra o effeito de tanto embuste.

Ao outro dia, na velha egreja de S. Thiago de

de Coimbra, que lá está, juravam sobre a hostia consagrada os dois amigos não sobreviverem um ao outro, no caso de succumbir um d'elles em peleja que estivesse para ferir-se; e na face rugosa dos dois cavalleiros, ajoelhados e abraçados, foi por ventura vista deslizar uma lagrima de estranha commoção.

*

...... Mas a Rainha não socegára; antes ao ver tantos aprestes que iam e vinham em Lisboa, tantas ordens que se expediam, tão feroz catadura no rei seu senhor, que ella amava com todas as veras d'alma, tal sobrecenho com que a olhavam de soslaio por baixo da viseira servil os cortezãos, tantos conciliábulos nas antecamaras, tanto chegar de capitães, tanta ordenança de ginetes no Rocio; em summa todos os alardos e rebates da guerra (guerra entre a familia portugueza!); a rainha D. Izabel, que passava os afflictos dias em oração com suas donas, encheu-se de valor. Saindo de sua camara ao encontro d'el-rei, quando percebeu que elle se encaminhava para o conselho, e lhe sentiu os passos na sala grande, quiz fallar, mas caiu-lhe de joelhos aos pés, a soluçar, a soluçar, semi-morta, sem conseguir soltar uma phrase!

Condoeu-se o imberbe e formoso principe da afflicção da sua noiva, pouco antes tão feliz e tão alegre; parou sem proferir palavra; viu-a pallida, com as olheiras do pranto e da insomnia, com os labios trémulos da amargura; levantou-a serio e carinhoso pelas mãos; enlaçou-lhe a cintura com o braço; e como respondendo ao silencio e ás lagrimas da rainha, que explicavam tudo, só disse por fim, em voz

lenta e grave, inclinando para ella a fronte, com doçura e quasi em confidencia:

—Pois bem, linda, pois bem; fallemos claro: se meu tio o duque de Coimbra me mandar pedir perdão da sua altivez em negar passo ao duque de Bragança, ouviste? e em me negar a mim as armas do seu castello, por satisfeito me haverei, e embainho de vez a minha espada. Escreve-lh'o tu mesma; pois bem; pois bem; vamos...

E afastou-se, preoccupado, deixando entregue nos braços das suas donas de honor a espavorida Izabel, que se desfazia em soluços, n'uma crise nervosa inexplicavel, e atroava com os seus alaridos de creança as abobadas dos paços roqueiros das Alcaçovas, ella em cujo seio... (silencio; só ella o sabia) palpitava já o herdeiro do reino.

Passada a primeira torrente do chôro, escreveu a doce medianeira a seu pae, e mandou-lhe um expresso a todo o galope. Veiu a resposta. A resposta eram duas cartas: uma official para el-rei pedindo-lhe (sabe Deus com que mau grado) desculpas como vassallo; outra particular, em que o animo insoffrido do ex-regente desabafava no peito de sua filha. Ahi dizia o duque: *Faço mais por vos comprazer e fazer o mandado, que por me parecer razão que o eu assim faça.*

Acertou el-rei de ver ambas as cartas; rasgou n'um impeto de furia a de perdões; e mais agreste ainda do que até ali, cresceu em sua colera, e partiu de Lisboa com gente armada, como quem fosse já a tomar Arzilla!

*

Jornadeava caminho de Lisboa o infante D. Pedro com os seus sequazes. Tenho apesar de tudo cómo certo que a prudencia, e não a rebellião, lhe armara o pulso.

Descançava no logarejo da Castanheira junto ao Carregado, quando lhe vem dizer o vigilante Alvaro Vaz:

—Sus, meu senhor infante! lá vem el-rei meu senhor com os seus vassallos; e brilham ao sol aquelles murriões, que parece que vem accezos. Não duvideis. Vem vosso sobrinho como inimigo; busca cercar-nos.

—Prompto, meu conde;—responde o infante armando-se —acharme-ha.

Mas por não ser o logar asado ao encontro, foi postar a hoste junto de um ribeiro chamado da Alfarrobeira, ali ao pé, espiando, de ouvido alerta, serio como homem de consciencia pura, mas prevenido para o que viesse.

*

Chegou-se o fanfarrão d'el-rei, e com a insolencia das causas ruins cercou o mesquinho arraial de seu tio, e mandou arautos pregoar ao som de trombetas que eram rebeldes os que seguissem ao infante; que lhes cumpria desamparal-o, e tornarem-se para o seu rei e senhor natural.

Ninguem obedeceu, antes muitos do arraial de el-rei se passaram para o do duque de Coimbra, onde estava a razão, o prestigio, e a verdadeira força.

Seguiu-se um espaço de tregoa soturna.

Romperam emfim os de Lisboa. Responderam os coimbrões.

Alvaro de Almada, que fôra observar o arraial inimigo, veiu descoroçoado ao comparal-o com as minguas do seu. Nada disse á gente, mas disse-o ao duque, e aconselhou-o:

— Senhor, eu vol-o peço, eu o vosso Alvaro; senhor, ponde-vos em cobro; fico eu, e basto; e se houver de morrer, morrerei só. Parti, senhor!

A resposta do infante foi apertar-lhe a mão, entrar logo na tenda, d'onde saíu armado com uma cervilheira na cabeça, e uma cotta de malha com uma jornea carmesim sobre ella; depois montar no seu grande cavallo de guerra, que lhe sustinham os pagens. O bom Alvaro de Almada fizera o mesmo, e começaram, cada um por seu lado, a dirigir a batalha, já inevitavelmente perdida de antemão.

Romperam-se os diques. Travou-se a peleja sem mandado, mas com o alvoroço feroz do sangue, do muito sangue.

Entrado o campo do duque por todas as partes, e começando a declinar a estrella propicia, principiaram os seus a desertar em turba para o arraial d'el-rei, onde morava o mando, a força, e a victoria proxima.

Era um luctar braço a braço, um esgrimir corpo a corpo, uma justa desesperada, um arremetter de rufiães.

O infante descavalgou, e ao ver-se tão disimado em sua gente, acordaram os seus impetos com maiores furias. Era vel-o! era ver aquella fronte alvejante illuminada de furor! era vel-o lampejando a um lado,

a outro, os seus olhares fulvos! era vel-o correr, como o infimo dos bésteiros, a linha de maior perigo, delirando de ira, e sarilhando sobre a peleja o seu montante das batalhas.

N'isto ha um tropel; ouviu-se um rugido de leão; uma setta inimiga varara o coração do duque D. Pedro; e eil-o caíu de bruços, o grande homem, como um miseravel, assassinado por um archeiro anonymo de seu sobrinho, por um filho do povo, d'aquelle povo que elle tanto amara!

. . . .

*

Por outro lado andava na faina Alvaro Vaz.

E diz-lhe um, todo desorientado:

—Senhor, é morto o nosso infante! é morto o nosso infante! caíu! além! além! é morto! Fugi, senhor!

—Eu? fugir?—pergunta com serenidade apparente o cavalleiro—eu?

Entrou na sua barraca de campanha; comeu um pouco de pão; bebeu um golo de vinho; tornou a tomar a espada, e saíu a pé pelo arraial, que já todo era d'el-rei. Executou prodigios de valor, com animo feito de acabar ali; pelejou como um tigre; vendeu tão cara a vida quanto poude.

E, terrivel, sentia faltarem-lhe as forças; brandindo a um lado, a outro, a pesada lamina, gritava:

—Ó corpo, já sinto que não podes mais! e tu, ó minha morte, que já tardas!...

E caíu banhado em sangue. E acutilado, rasgado por um troço d'elles, arrancava estas palavras, que a historia repete com respeitoso terror:

—Agora... fartar, rapazes! vingar! vingar, villãos!

E rendeu a grande, a nobilissima alma.

Estava cumprido o juramento.

....

Tal foi, leitor amigo e portuguez de lei, tal foi a chamada batalha da Alfarrobeira; tal foi o inglorio fim de dois dos maiores cavalleiros da nossa boa e leal terra.

....

*

Morto o conde de Abranches, foram-lhe logo os bens confiscados como de reo de alta traição: a casa da actual rua *do Almada*, sobre o Calhariz, campo então, e afastado, e mais uns terrenos em Caparica. Tudo se doou em 25 de agosto de 1449 a Alvaro Pires de Tavora, chamado o velho, filho de Lourenço Pires de Tavora e de Alda Gonçalves, e do conselho d'el-rei D. Affonso v[1]. Esses bens conservam-se ainda, na sua maior parte, em poder do actual representante dos Tavoras, o sr. marquez de Vallada, segundo s. ex.ª me disse n'uma das suas conversações sempre tão eruditas e agradaveis; ex-

[1] *Historia dos varões illustres do appellido de Tavora*. Paris, 1648, 4.º, 1 vol.

ceptuo o palacio de Lisboa, edificado no proprio logar da modesta casa do grande Alvaro Vaz.

Bastam estas indicações, summarias como são, para encher do maior interesse aquelle sitio, e aquella rua *do Almada;* bastam ellas para provar mais uma vez aos municipios, que a alteração impensada e cerebrina de certos nomes de ruas é muita vez uma inutilidade ignara, e muita outra um sacrilegio.

CAPITULO XX

Palacio Sobral.—A Academia real das sciencias em peregrinação.—As festas dos Sobraes.—29 de abril de 1793.—Palacio Palmella.—A legação de Hespanha habita o Calhariz.—Menção de um grande saráo diplomatico-litterario.—A ermida da Ascensão.—André Valente e Catherina de Pina.—A parochia das Mercês.—Uma rua que ninguem suspeita.—Paulo de Carvalho e a nova egreja das Mercês.—Recolhimento dos Fieis de Deus.—Ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo.—Outras ermidas, hospicios, e recolhimentos no bairo.—Basta por hoje.

Defronte do palacio que pertenceu á casa de Vallada, e sobre a mesma rua do Calhariz (no meio do seculo XVI chamada da Esperança, quando tudo aquillo era campo [1]) vê quem passa a grande e muito regular habitação que hoje pertence aos srs. condes do Sobral, como representantes do fundador, Joa-

[1] Christovam Rodrigues de Oliveira no *Summario* menciona com tal nome aquella rua logo depois da da porta de Santa Catherina, por ser a Esperança, desde uns vinte annos, o convento maior que para aquella direcção se encontrava.

quim Ignacio da Cruz Sobral. É uma casa bellissima, no gosto mais opulento do seculo passado, e com magnificos salões, e soberbas escadarias; occupa todo um quarteirão.

Na esquina occidental da fachada do Calhariz descobri umas lettras gothicas esculpidas em pedra, e que não consegui ler. Que pode significar tal inscripção ali? verosimilmente foi lage antiga encontrada perto, e conservada por lembrança.

N'este grande palacio se alojava no primeiro quartel do seculo a Academia real das sciencias, logo depois, se não me engano, de ter estado no palacete do beco *do Carrasco*, onde se aquartelara tambem uma esquadra da guarda real da policia, onde morou em 1800 o tenente general D. Francisco Xavier de Noronha, e onde no seculo XVII era a casa da embaixada de Inglaterra[1].

Da residencia da Academia no palacio Sobral conservo, pelo ouvir a um douto academico, um pormenor interessante para a historia das alfaias e dos usos domesticos: viu elle na sua meninice aquellas salas, onde seu pae, tambem academico, o levou de passagem alguma vez; o grande salão das sessões solemnes era illuminado aos cantos por enormes arvores de metal doirado, como uma especie de serpentinas collossaes, d'onde rutilavam d'entre a ramaria e o folhedo as velas de cera.

[1] Encontrei esta minucia n'uma phrase incidente da *Hist. gen. da C. R.* Diz o auctor assim: *O enviado de Inglaterra que morava nas casas da rua direita, que vão dar ao poço dos negros, no beco que chamam do Carrasco.* Refere-se ao tempo d'el-rei D. Affonso VI. Tom. VII, pag. 399.

Nos mesmos salões, occupados hoje pelos hospedes do grande Hotel Matta, se deram no seculo passado sumptuosas festas, em que o rico Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, do conselho d'el-rei D. José, e do da fazenda, e depois seu filho Anselmo, reuniam toda a côrte em deliciosa confraternidade com as classes do commercio e das artes. Isso era fructo dos desejos civilisadores do marquez de Pombal, e das suas diligencias indirectas.

Deram brado os concertos do Calhariz; ali se ouviram os grandes artistas, e os curiosos de mais nomeada. E não só concertos; tambem ali houve operas em fórma, em todo o rigor da pragmatica theatral.

Quando a 29 de abril de 1793 nasceu a princeza da Beira D. Maria Thereza, filha do principe regente (depois rei), o dono da casa Anselmo José da Cruz Sobral, filho do fundador, celebrou esse successo com a representação do *dramma per musica* intitulado *Il natale augusto,* lettra de Gaetano Martinelli, e arias de Antonio Leal Moreira, mestre do seminario de Lisboa. Era peça de grande espectaculo, a que assistiu toda a Lisboa illustre. Tenho pena de não possuir a lista dos convidados; possuo a dos cantores, que eram nada menos que a celebre Todi, Valeriano Violani, Francesco Angelelli, Guiseppe Forlifesi, Ansano Ferracuti, e Antonio Puzzi, alguns dos quaes encontro como actores de profissão nos librettos do tempo.

Foram brilhantes as luminarias e festas de Lisboa na noite de 29 de abril e nas seguintes; deram motivo a um pasquim malicioso, que me não

atrevo a repetir, e a estampas commemorativas, que os colleccionadores certamente conhecem. Entre tudo porém obtiveram um dos logares primeiros as salas de Anselmo Sobral.

Antes de saír d'ellas mencionarei que ali morou, até poucos mezes antes de fallecer, um estudioso academico o sr. marquez de Sousa Holstein, genro do primeiro conde do Sobral, e um dos moços mais precocemente eruditos do nosso tempo.

*

Ao poente do palacio Sobral, e separado d'elle apenas pela rua *da Rosa*, vemos o bello solar, que deu nome ao sitio; pertence aos antigos morgados do Calhariz, duques de Palmella. Era muito mais resumido do que hoje, até que o celebre primeiro duque D. Pedro, o renovou e ampliou consideravelmente, embellezando-o com um pequeno jardim improvisado, no sitio onde vinha desembocar a rua *do Trombeta.* Para isso aforou o nobre duque o pedaço da dita rua á camara municipal, obrigando-se a macadamisar do seu bolsinho a impossivel calçada *do Combro*, que era uma ladeira silvestre, abrupta, desegual, uma escada de Jacob sem degraus.

*

Defronte do palacio Palmella existe, na esquina da rua *das Chagas*, um palacete de antiquada estructura, que julgo pertenceu ao principal Lazaro Leitão Aranha, benemerito fundador do recolhimen-

to de Santa Apollonia[1]. A ser esse, morou ali em 1755 o embaixador de França, marquez de Baschi *(sic)*[2].

Nada sei da sua fundação; limito-me apenas a apontal-o por ter sido a residencia do ministro de Hespanha n'esta côrte em 1870, 71 e 72, o sr. D. Angel Fernandes de los Rios, e ter sido theatro de uma festa lindissima, que tem o seu logar nos nossos modernos annaes litterarios.

Terminara o cantor do *Amor e melancolia* a sua versão do *Fausto* de Goethe. O ministro de Hespanha, que frequentava a casa do poeta, e tinha já sido admittido, como entendedor que era, aos antegostos dos principaes trechos da obra monumental do semi-deus de Weimar, desejou que a primeira leitura em fórma se realisasse n'uma data celebre, e perante o corpo diplomatico e o litterario. Obtida annuencia do poeta, convidadas centenas de pessoas, o palacio do Calhariz illuminado, por ser o dia do santo do nome d'el-rei Amadeu, recebia no principio da noite de 31 de março de 1871 toda a Lisboa intelligente e culta; e os salões sumptuosos da legação de Hespanha viam-se transformados por encanto na mais hospitaleira academia. Os jornaes do tempo dirão quem assistiu; eu quero deixar consignado como curiosidade o horario da festa, seguido

[1] José Silvestre Ribeiro. *Historia dos estabelecimentos.* Tom. I, pag. 200.

[2] *Relação da magnifica e pomposa entrada que n'esta côrte fez no dia 11 de junho d'este anno de 1755 o ex.mo sr. marquez de Baschi embaixador d'el-rei Christianissimo.* Lisboa, 1 folheto.

pontualmente: entraram todos ás seis horas e meia da tarde; o primeiro trecho da leitura, feita por um dos filhos do traductor no grande salão do palacio, começou ás seis horas e tres quartos, e durou até ás oito horas; ás oito horas veiu o chá; ás oito horas e meia recomeçou a leitura até ás nove horas e meia; serviram-se então gelados e refrescos; a leitura recomeçou ás 10 horas, e terminou ás 11 horas e meia. Pela meia noite serviu-se no bufete uma bonita ceia, e discursaram durante ella, além do dono da casa, muitos dos principaes convidados[1].

Eis ahi o que foi a leitura do *Fausto* na legação de Hespanha, convivio puramente litterario e artistico, abraço *iberico*, mas no bom sentido, e preito fraterno da cavalleirosa Castella ás lettras de Portugal.

★

Desçamos alguns passos da calçada *do Combro*, ou *dos Paulistas*, como tambem se chama.

Deixando o palacio do Correio geral, encontraremos á direita a ermida da Ascensão. Poucos sabem ter ella sido a séde primitiva da parochia das Mercês[2]. Pois assim foi. Creou-se a parochia em 1622; e como não tinha ainda casa propria, ali se estabeleceu interinamente. Era a mesma ermida cabeça de

[1] N'essa noite se inauguraram a porta e a escadaria que são hoje as principaes do palacio, construidas expressamente para serem estreadas n'aquella solemnidade. Até ali a serventia era pelo portão que tem o numero 27 sobre a mesma rua *das Chagas*.

[2] P. Luiz Cardoso. *Dicc. mss.* Tom. 20.

um morgado instituido por Antonio Simões de Pina[1], *pessoa nobre e rica pelos annos de 1500 pouco mais ou menos*, segundo Agostinho de Santa Maria.

Por morte do fundador passou o morgado a sua filha Catherina de Pina, mulher do desembargador André Valente de Carvalho; o nome d'este ainda se conserva na travessa contigua ao palacio, por onde é a porta principal.

É o *Sanctuario Marianno* que diz que o velho Simões de Pina vivia por 1500 pouco mais ou menos; mas inclino-me a que seria antes pelo terceiro quartel do seculo; e direi o porquê:

As portas n.os 76, 78, e 80 da calçada *do Combro* marcam ao certo o logar onde findava, até aos principios do seculo XVII, a tal travessa que hoje se chama *de André Valente*, e que liga com um angulo recto a rua *Formosa* com a calçada. O ramo norte occidental do angulo era d'antes maior que o ramo norte sul. Foi o dr. André Valente, vereador de Lisboa, quem aforou em 8 de novembro de 1610 á camara a extremidade da travessa, e a abriu mais acima, prendendo as suas propriedades á torre da egreja dos Paulistas[3].

Ora se o genro (que parece ter fallecido antes do sogro) vivia em 1610, claro está que existia Antonio Simões, não podendo por tanto ser vivo em 1500.

Aproximarei d'este aforamento de rua publica outro analogo contracto que celebrou em 1646 um es-

[1] P. Luiz Cardoso. *Dicc. mss.* Tom. 20.

[2] *Sant. Marianno.* Tom. VII, pag. 99.

[3] Esclarecimentos tirados do archivo da camara municipal, e dados ao auctor d'este livro pelo sr. J. Ferreira Chaves.

trangeiro n'este mesmo bairro. O chão era uma travessinha muito estreita, entre a *do Conde de Soure* e a calçadinha *do Tijolo*, a qual travessinha ligava a travessa *da Cruz de Soure* (antiga travessa *das Parreiras*) com a rua *Formosa*. O emphytheuta foi o inglez João Rider. O sitio ainda se conhece, e é marcado pela porta hoje n.º 13[1].

Pode vêr-se em Carvalho da Costa[2] a linha genealogica, por onde a administração da ermida da Ascensão, assim como a posse do morgado, passou no tempo d'aquelle auctor a Francisco Corrêa da Silva, que no dizer d'elle era grande humanista, auctor de uns Commentarios a Suetonio sobre as vidas de Julio e Augusto Cesar; eram então ineditos, e creio que assim ficaram, porque os não vejo mencionados por Barbosa nem por Innocencio.

Hoje o palacio e a ermida pertencem á casa de Murça.

*

Foi a expensas do desembargador do paço Paulo de Carvalho que se construiu na segunda metade do seculo XVII a ermida de Nossa Senhora das Mercês, que ficou sendo cabeça do vinculo instituido por esse senhor, tio do primeiro marquez de Pombal. Transferiu-se então para o novo templo a matriz da freguezia.

Fica esta ermida justamente na esquina da rua

[1] Esclarecimentos tirados do archivo da camara municipal, e dados ao auctor d'este livro pelo sr. J. Ferreira Chaves.

[2] *Chorogr.* Tom. III, pag. 509.

Formosa para a *das Mercês*, e faz o angulo diametralmente opposto ao que é formado pela aresta da ermida dos Fieis de Deus. Da tão proxima visinhança da pequenina ermida dos meninos perdidos, veiu o nome de *recolhimento dos Fieis de Deus* a um asylo de mulheres, que se creou na casa contigua ao sitio onde posteriormente se erigiu a egreja de Paulo de Carvalho, e onde hoje é a benefica associação *Gremio popular*, de que foi digno presidente e fundador o humanitario e bondoso Silva e Albuquerque, fallecido ha dois mezes, e justamente pranteado por toda a imprensa de Portugal.

Na collecção da legislação encontrei algumas providencias governamentaes relativas áquelle recolhimento, para acrescentar ao que lêra nos manuscriptos do padre Luiz Cardoso. Não achei quando foi a fundação, mas deveu ser pelo segundo decennio do seculo XVII. Ahi se acolhiam as mulheres, mães, irmãs, e filhas, de creados do paço, e de outros servidores fóra do reino. O alvará de 2 de outubro de 1624 consigna 100$000 réis annuaes, por tempo de seis annos, para o custeio da casa, saíndo metade do desembargo do paço, e a outra metade da casa da supplicação. O alvará de 21 de julho de 1644 renova por mais seis annos a mesma mercê.

O recolhimento durou assim constituido até 1671[1], e não sei que destino deram depois ás recolhidas. O que sei é que a parochial das Mercês caíu em parte pelo terremoto; e em quanto se não restaurou passou outra vez a ser matriz a ermidinha da As-

[1] P. Luiz Cardoso. *Dicc. mss.* Tom. 20.

censão de Christo e Senhora do Amparo na calçada *do Combro*[1], que resistira á catastrophe do 1.º de novembro.

Hoje é a séde da freguezia, desde 1835, no magnifico templo de Jesus; e a egrejinha de Paulo de Carvalho, pobre e pequenina como é, nobilita-se com ser a ultima jazida de dois grandes homens: o grande marquez de Pombal, para lá trasladado por diligencias do seu illustre neto o duque de Saldanha, sendo presidente do conselho em 1856, e o grande Bocage, fallecido ali a dois passos, na travessa *de André Valente,* casa hoje n.º 25.

*

Pertence tambem á visinhança a ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na rua *Formosa,* annexa ao palacio que foi de Manuel de Sampaio e Pina, avô do sr. visconde da Lançada, Ignacio Julio de Sampaio e Pina de Brederode, actual proprietario. N'este palacio mora hoje a ex.ma sr.a D. Maria Krus de Brito do Rio.

*

Houve nas immediações muitas capellas particulares, assim como recolhimentos e hospicios; mencionarei o recolhimento do Espirito Santo, quasi defronte do convento (hoje Academia Real das Sciencias). Esse recolhimento era na casa da esquina da rua *de S. Marçal* para a rua *do Arco do Marquez;* ainda ha dez ou doze annos existia a ermida conti-

[1] P. Luiz Cardoso. *Dicc. mss.* Tom. 20.

gua, que hoje é a porta n.º 131. Fundou-o D. Maria Borges em 1671 [1].

Havia mais o recolhimento de Nossa Senhora do Carmo, que era dos condes de S. Lourenço, na freguezia de Santa Catherina [2]; o hospicio dos eremitas da Serra d'Ossa, á Cruz de pau [3]; o dos missionarios do convento de Brancanes; o dos franciscanos da Custodia, da ilha da Madeira; o dos carmelitas de Pernambuco; e o de religiosos de Santo Antonio do Rio de Janeiro [4]. Não sei ao certo onde ficavam essas casas; mas sei onde fica o celebre *cunhal das bolas,* e ahi é que desejo agora conduzir o leitor. Se porém prefere descançar, paremos aqui, e recomeçaremos no capitulo seguinte esta cabotagem litteraria. Ferremos a vela, e até ámanhã.

[1] *Chorog.* Tom. III, pag. 501.
[2] *Chorographia.* Tom. III, pag. 490.
[3] Idem, pag. 493.
[4] P. Luiz Cardoso. *Dicc. mss.* Tom. 20.

CAPITULO XXI

O palacio do Cunhal das Bolas, hoje *Asile Saint Louis.*—A videira da rua da Rosa.—Palacio da senhora baroneza de Almeida na rua da Barroca.—O visconde de Almeida Garrett seu inquelino.—Palacio do sr. Carlos Relvas na rua da Atalaya.—Gomes de Amorim e o seu lindo escriptorio.—Antonio Diniz na rua da Vinha.—Convento dos Cardaes, hoje asylo de cegas.—O collegio dos inglezinhos.—O conservatorio.—Os theatinos, Garrett, e Duarte de Sá.—O convento de Jesus, e a Academia real das sciencias.—Visita ao real collegio dos cathecumenos, hoje asylo da rua dos Calafates.—Francisco Luiz Ameno, Morando, e Antunes.—Menciona-se o *Diario de Noticias.*—A alameda de S. Pedro de Alcantara.—O palacio Ludovice.—O convento de S. Pedro, hoje recolhimento.—A casa dos srs. Salemas.—Conclusão.

Ha n'este bairro, que os transeuntes não suspeitavam ser tão interessante, um casarão, sobre que pairam lendas ha já seculos. Todos as mencionam, e ninguem as sabe ao certo; todos prestam ouvidos para as escutar, e ninguem as ouve; todos as perguntam, e ninguem as explica. Fallo do palacio chamado do *Cunhal das bolas*, nas ruas *do Carvalho* e *da Rosa*. É um predio enigmatico, e, ha poucos an-

nos ainda, de quasi lugubre aspecto, hoje porém convertido n'um alegre pombal da beneficencia franceza, e por tanto perfumado de bemquerença e hospitalidade pelas bondosas irmãs.

N'um manuscripto quinhentista encontrei logo depois da rua *dos Fieis de Deus* uma denominada *das Bolas*, que de certo tinha relação com o palacio, e conseguintemente lhe remonta a origem a mais de tres seculos[1].

Segundo Ribeiro Guimarães no seu *Summario*, obra noticiosa que é pena não continuasse, é tradição que o palacio *fôra fabricado por um judeu muito rico*, *que pretendera figurar pomos de oiro* no cunhal que ainda lá se conserva. Quem fosse o israelita fantasioso não sei; o que se lhe podia affirmar é não ser seu o invento. Não são raras na arte estas exhibições architectonicas; em Lisboa tivemos pelo mesmo tempo a celeberrima *casa dos bicos*, que lá está, toda ouriçada de pyramides de pedra com o vertice para fóra; e lembro-me de que a porta fortificada de Provins, em França, tem as suas duas torres revestidas de bicos de pedra, como a fundação de Braz de Albuquerque.

Fosse ou não fosse reminiscencia, ou imitação, o que é innegavel é que, se o judeu não conseguiu figurar muito exactamente os pomos de oiro do jardim das Hespérides, como Albuquerque os diamantes da conquista, conseguiu pelo menos uma popularidade que zombou do tempo.

[1] É a *Estatistica* tantas vezes citada, pag. 104. Ribeiro Guimarães analysa e aprecia esse precioso codice no seu *Summario*, e fel-o com a sua costumada erudição.

Disse-me um amigo que no cartorio do Loreto se encontrava não sei que documento relativo á casa do Cunhal das bolas; procurei-o, mas sem fio que me guiasse não o topei. Não me é pois facil investigar o como viesse o palacio a tocar á familia Mello e Castro, parenta dos nobres condes das Galveias; a ex.^{ma} sr.^{a} D. Maria Rosa de Mello, ultima administradora do vinculo a que pertencia o palacio, casou com um filho segundo da casa de Olhão, o sr. D. Pedro da Cunha, e em segundas nupcias com o sr. general Rufino Antonio de Moraes.

Foi a mesma senhora quem vendeu o palacio ao governo imperial francez. Ali se mantem desde 1866, sob a inspecção da legação de França, e direcção do meu respeitavel amigo o reverendo padre Miel, o *Asile Saint Louis,* onde se ensinam, com um carinho notavel, as disciplinas da instrucção secundaria. Faz gosto entrar ali; ha uma alegria communicativa, que só se poderia encontrar n'uma escola bafejada, como aquella, pela religião.

No seculo passado e primeiro quartel d'este, era ali o chamado *Geral do Cunhal das bolas*, isto é, um dos poucos estabelecimentos officiaes de instrucção secundaria e preparatorios. Entre outros discipulos, cursou, de outubro de 1810 a 1815, um alumno cego chamado Antonio Feliciano de Castilho.

*

Na casa que fórma a esquina sul fronteira ao Cunhal das bolas, e que é antiga, ha uma curiosidade, que prende a attenção de todos os que passam: é uma videira, nascida dentro de casa, e que atraves-

sando uma abertura feita de proposito na parede, vae, serpeando, e estendendo-se, no comprimento de muitos metros, expandir a sua verdura e os seus cachos nas varandas do segundo e terceiro andar da casa fronteira. Custa a crer como aquelle pobre vegetal vive ali, e se desenvolve em tão apertadas condições. Conheço-o desde que me entendo, e espero que ha de continuar a vicejar, e a lembrar ao bairro alto a quinta velha.

*

Não devo ommittir o palacio da rua *da Barroca,* esquina sueste da travessa *dos Fieis de Deus,* que pertence á casa da sr.ª baroneza de Almeida, D. Constança de Menezes Jacques de Magalhães. Graças á muita bondade de s. ex.ª pude examinar os titulos, que infelizmente nada me esclareceram quanto á fundação e outras circumstancias. Sei porém de um inquilino, cujo nome basta só por si para dar fama áquellas paredes: o visconde de Almeida Garrett, ainda parente da senhora baroneza, habitou ali por 1839 e 40, no primeiro andar. Com a affabilidade propria d'elle recebia n'aquellas mesmas salas o laureado poeta da *D. Branca* os mancebos principiantes, e animava-os, e aconselhava-os. Foi nos ultimos mezes de 1839 que o joven D. Pedro da Costa, hoje o meu amigo conde de Villa Franca, ali procurou com seu pae o sr. conde de Mesquitella, os conselhos do restaurador do nosso theatro nacional. Foi ali que o imberbe auctor leu a sua estreia dramatica *Os dois campeões,* peça tão applaudida no theatro da rua *dos Condes*, em janeiro de

1841, e que tanto contribuiu, ao par das primeiras tentativas romanticas de Mendes Leal, coripheu da geração nova, para vulgarisar e enraizar as doutrinas do regenerador da scena portugueza. Sinto prazer em deixar consignados estes factos, que, se honram o mestre, não honram menos os seus dignos e aproveitados discipulos.

Pois apesar de tantos annos, ainda aquellas paredes não desaprenderam a hospitalidade. A casa da senhora baroneza de Almeida é uma das pouquissimas em Lisboa, que todas as noites recebem; é um centro, onde se reunem, como a descançar em terreno neutro, os homens de lettras e os homens politicos. Diante da proverbial bondade das amaveis donas da casa não ha partidos, não ha escolas antagonistas, não ha odios; todos ali são irmãos, todos encontram, entre os fingimentos da capital, uma boa amostra da franqueza leal do Portugal antigo, e abençoam aquelle oasis delicioso, onde, como em poucas partes, a boa conversação e a boa muzica se entremeiam muita vez com a melhor poesia.

*

Na rua *da Atalaya,* aqui ao pé, tem o sr. Carlos Relvas um grande palacio antigo, que se distingue pela sua physionomia nobre seiscentista. Infelizmente os titulos nada me deram. Diz o sr. Pinho Leal que os condes da Atalaya possuiam residencia n'aquella rua[1]; seria esta?

Objectos de arte não se encontram lá; nem es-

[1] *Portugal ant. e mod.* Tom. IV, pag. 167.

culpturas, nem azulejos. Disse-me o sr. Relvas que uma capella arruinada que havia na casa, se desmanchou; que nada continha de notavel, senão obra de talha em carvalho. S. ex.ª como apreciador que é, e alto cultor das artes, fez presente de todas as esculpturas em madeira ao nosso commum amigo Francisco Gomes de Amorim; e o poeta, que até herdou do seu mestre o apurado gosto da mobilia e das alfaias historicas, mandou fazer d'esses pranchões ricamente lavrados os mais lindos armarios que tenho visto. Lá os tem no seu escriptorio, que é ao mesmo tempo um interessante museu; lá os tem entre bufetes e cadeiras de preço e apreço; lá os tem junto da poltrona abbacial do visconde de Almeida Garrett, presente do rei artista.

*

Já que se falla de poetas, não deixarei de recordar a estada que fez na rua *da Vinha,* segundo andar da casa hoje n.º 43, sita n'uma especie de largosinho que faz a rua, o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, o auctor das *Pindaricas* e do *Hyssope*. Conjecturo que seria por 1790. Veremos o que a tal respeito nos vae dizer breve, no seu eruditissimo estudo sobre o *Hyssope,* o meu dilecto poeta José Ramos Coelho, traductor do *Tasso*.

*

Na esquina da rua *Formosa* para a dos *Cardaes,* encontra-se o antigo edificio que primeiro foi recolhimento, depois mosteiro de Nossa Senhora da Con-

ceição de carmelitas descalças de Santa Thereza, e ha um anno ou dois, comprado pela Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos, se converteu no Asylo de cegas pobres. Pelo terremoto a casa padeceu muita ruina, sendo as religiosas obrigadas a abarracarem na pequenina cerca.

*

Temos que visitar aqui perto o collegio de S. Pedro e S. Paulo, vulgarmente chamado *os inglezinhos*. Está já muito mudado desde o tempo em que na minha meninice eu lá frequentava os officios. Fizeram-se ha annos obras na portaria, que deram áquelle lado do edificio uma nova apparencia.

Fundou este seminario em 1632 (como ainda attestam as cinco estrellas em aspa sobre o portal) D. Pedro Coutinho para viveiro de sacerdotes inglezes catholicos[1] auctorisado por carta regia de 20 de novembro de 1621, sob a inspecção do inquisidor geral[2].

O que nos seculos XVII e XVIII foram as festas de S. Roque, são-no hoje as dos *inglezinhos;* ali concorre cada semana, e principalmente na semana santa, o que se chama a sociedade elegante, levada da maneira devota por que celebram o culto. O collegio dos *inglezinhos* timbra na observancia rigorosa da lithurgia; tudo se lá faz com raro primor, e devoção encantadora. Praticam-se n'aquella casa todas as virtudes christãs, e o bom exemplo é lá uma tra-

[1] P. Luiz Cardoso. Tom. 20.

[2] Encontrei-a na *Coll. da legisl.*

dição nunca interrompida. É bello ver aquelles estudiosos e sisudos mancebos, a quem toda Lisboa respeita, começarem tão cedo e tão bem o aprendisado da vida!

O templo não possue, que eu saiba, coisa que se recommende aos olhos da arte. A cerca tem extensa e magnifica vista sobre o poente, e boas sombras.

★

Fronteiro aos inglezinhos é o Conservatorio. Pois ao Conservatorio mesmo é que vamos agora, com licença do meu amigo Luiz Palmeirim, actual director.

Foi pelo alvará de 12 de dezembro de 1650[1] que el-rei D. João IV permittiu ao padre D. Antonio Ardizzone a fundação de uma casa em Lisboa para os seus confrades theatinos. Era D. Antonio um venerando sacerdote, clerigo regular, napolitano (como o fundador principal da ordem), doutor em theologia, e muito affecto aos portuguezes e á nova dynastia de Bragança. Alcançou facilmente isso que era de tanta utilidade para os clerigos, que até então viviam em Lisboa em casas de aluguel, no sitio exacto onde é hoje a egreja dos Martyres[2], hospicio estreito para os numerosos religiosos da Divina Providencia, que vinham ao nosso porto esperar a saída das naus de

[1] Vem na *Coll. da legisl.*, e tambem a pag. 734 do tomo IV das *Provas da hist. gen.*, assim como nas *Mem. dos cler. reg.* por D. Thomaz Caetano de Bem.

[2] D. Thomaz Caetano de Bem. *Mem. dos cler. reg.* Tom. I, pag. 154.

viagem para se irem á India trabalhar na conversão dos infieis.

Procurou-se no novo bairro um dos melhores sitios; a concessão e os termos d'ella são prova sobeja da consideração que tributava aos doutos theatinos o nosso governo.

O terreno escolhido foi na rua então chamada *dos Fieis de Deus* (hoje *dos Caetanos*), freguezia das Mercês, logar alto e sadio, com bellas vistas de mar e terra. Ali havia o palacio de um nobre (não sei quem), e horta, pomar, e logradoiros até á rua *Formosa*, mais umas casas contiguas e quintaes[1], o que tudo se comprou, e se converteu na decente habitação dos novos clerigos.

Quem a delineou foi tambem um theatino, o padre Guarini, de Modena, architecto do duque de Saboia[2]. Não me parece ter feito grandes gastos de imaginação na traça d'aquella arca cheia de janellas; tambem, em consciencia, não o devia. Aquillo ficou um symbolo da singeleza da vida da familia dos clerigos regulares, a quem os fundadores, o cardeal Caraffa, e os piedosos Caetano de Siena e Paulo Consiglieri tinham imposto a pobreza como a primeira das riquezas.

Se pois não brilha pelo lado artistico, brilhou a casa pelas muitas virtudes e sciencia dos seus habitantes. D'aquellas paredes a dentro moraram homens bondosos e applicadissimos, a quem deve ser-

[1] D. Thomaz Caetano de Bem. *Mem. dos cler. reg.* Tom. 1, pag. 166.

[2] Cyr. Wolk. Machado. *Mem.*, pag. 162.

viços incalculaveis a nossa ingrata e revolucionaria litteratura hodierna.

Não fallando já no incançavel Ardizzone, fundador da casa, nem nos seus benemeritos companheiros, citarei os nomes academicos de D. Manuel Caetano de Sousa, de D. Luiz Caetano de Lima, de D. José Barbosa, de D. Thomaz Caetano de Bem, de D. Antonio Caetano de Sousa, de D. Raphael Bluteau; por outra: apontando para aquella vivenda, digo ao leitor: ali nasceram, nos estudiosos serões e nas estudiosas manhãs do claustro, o *Cenaculo mystico*, a *Geographia historica*, o *Catalogo das Rainhas*, as *Memorias dos clerigos regulares*, a *Historia genealogica da casa real*, e d'ali brotou um livro encyclopedico, um dos nossos mais efficazes vulgarisadores, que o auctor intitulou modestamente *Vocabulario portuguez e latino*. Ali nasceu todo esse thesouro. Geração nova, respeito áquelle sanctuario!

O que é bem verdade é que a poucas mãos deve mais a litteratura portugueza do que a este bom e sympathico Bluteau, inglez pelo nascimento, francez pelo sangue, mas portuguez pelo coração. O seu caracter austero e concentrado, a sua indole investigadora cheia da bonhomia facil e communicativa, que dos seus retratos se revê, e o seu alastradissimo saber, quasi universal, fazem do padre Bluteau um luminar, que ainda hoje resplandece sobre as lettras do seculo XVIII.

Criei-me na veneração do douto clerigo; meu pae era seu enthusiasta; e lembro-me da devoção (mais que só litteraria) com que uma vez elle visitou co-

migo a cella modesta onde falleceu o nonagenario escriptor em 14 de fevereiro de 1734; é hoje o gabinete do director do conservatorio; mostrou-nol-a o nosso amigo Duarte de Sá, predecessor do sr. Palmeirim.

Depois da extincção das ordens religiosas, áquelle edificio coube um papel importante no periodo da liberdade: vinculou-o á restauração da arte dramatica o visconde de Almeida Garrett, quando ali collocou, cheio do enthusiasmo santo de iniciador, o conservatorio real e a inspecção dos theatros. Destruida e inutilisada na sua maior parte a obra de Garrett, lá está ao menos o conservatorio, ainda ha poucos annos tão habilmente dirigido por outro enthusiasta do palco, o sempre lembrado Duarte de Sá.

Este foi talento ainda pouco avaliado, espirito cheio de sal attico, e do que se chama *verve*, e artista de tão subidos quilates, como os melhores de profissão.

Todos vimos o quanto elle brilhou ha muitos annos nas Laranjeiras, n'aquellas representações unicas do conde do Farrobo, o mais bizarro *grand seigneur* que teve Portugal; e todos nos lembramos com saudade do que eram ultimamente as deliciosas soiréesinhas semanaes no conservatorio, na casa do director. Não havia muitos centros em Lisboa como aquelle. Que variada conversação! que boa musica sempre nova! que amavel sociedade! que aproveitadas leituras! Aquellas salas tinham um cunho parisiense inconfundivel; ali até as paredes mostravam intelligencia; e no meio de tudo avultava como fi-

gura principal o mais espirituoso e gasalhador dos amphitriões.

Pobre amigo! não chegaste a completar o teu papel util nas lettras portuguezas.

*

Quem quer hoje procurar a academia real das sciencias, ou a sua secretaria, bibliotheca publica, e typographia, o curso superior de lettras, ou a secção photographica da direcção geral dos trabalhos geodesicos, encontra tudo isso no vasto edificio do ex-convento de Nossa Senhora de Jesus. Quem fosse áquellas paragens ha tres seculos, que encontrava? nada senão uns cardaes, e no meio do deserto uma ermidinha da Senhora, servida por um ermitão, unico folego vivo que se gosava de tal remanço.

Os frades franciscanos da terceira ordem regular não tinham casa em Lisboa; quizeram fundal-a; aprouve-lhes o sitio dos cardaes; espalhou-se o piedoso intento; receberam logo de um Luiz Rodrigues e seu irmão a doação espontanea de uma casa proxima, e tomaram posse da ermida, em 1595, segundo Carvalho da Costa, ou em 1599, segundo o auctor do *Agiologio,* diligenciando logo alcançar permissão para edificarem um templo e mosteiro apropriado. Em 1615, aos 30 de junho (faz hoje, dia por dia, duzentos e sessenta e quatro annos) lançou-se com solemnidade a primeira pedra, entre grande concorrencia de povo da cidade inteira.

Hoje são muito diversos os destinos do edificio: a egreja é matriz da parochia das Mercês; o convento aloja muito á larga repartições publicas; a

cerca ha de ser, mais cedo ou mais tarde, rota de lez a lez para communicar o *Poço novo* com a rua *do Arco*. Entretanto ha mosteiros muito mais dignos de dó pelo vandalismo com que a liberdade os deshonrou: este, hospedando a academia real das sciencias teve a ventura de acolher uma corporação, a quem incumbe respeitar o passado.

A magnifica sala da livraria dos frades, hoje bibliotheca da academia, uma das mais sumptuosas, e talvez a mais bella, de Lisboa, conserva-se intacta, e vae de dia para dia augmentando de valia bibliographica.

*

Houve no convento de Jesus um frade, o padre José Mayne, zeloso cultor e promotor das lettras, espirito d'aquelles para quem ensinar os ignorantes é um dos preceitos que mais obrigam. Fundou e dotou do seu patrimonio um instituto de sciencias naturaes, e um museu publico de historia natural e bellas artes nas salas do mosteiro. O *Instituto maynense* foi modernamente annexado á Escola polytechnica. O museu foi em parte vendido, em parte unido ás collecções da escola, e em parte conservado cuidadosamente na academia. Era dos nossos dias a romaria popular, que todas as quintas feiras levava a Jesus centenares de observadores, cujos commentarios eu consideraria ainda mais curiosos do que as proprias *vitrinas* da ornithologia, as melhores conchas de Ceilão, ou os mais gabados quadros de Pillement.

Na sala sobre o claustro, onde tem a sua séde o curso superior de lettras, professava-se a cadeira maynense de introducção á historia natural; e antes da extincção das ordens religiosas a aula publica de philosophia racional e moral regida pelos padres franciscanos. Hoje a cadeira de introducção é regida n'outra sala do mesmo edificio, e custeada pelos rendimentos que para isso deixou o fundador.

A sala das sessões da academia é nova e bonita (não lhe chamarei bella); foi inaugurada na sessão de 7 de março de 1872 em presença de sua magestade o imperador do Brasil.

*

Resta-me mencionar a secção photographica, fundada por iniciativa do director geral o benemerito general Filippe Folque, e inaugurada pelo distincto lente e meu amigo o sr. dr. José Julio Rodrigues; e finalmente a bem mantida typographia da academia real das sciencias, que hoje conta noventa e nove annos de existencia. N'ella se estão imprimindo estas fugitivas paginas, e muitas obras importantes teem visto a luz. A imprensa, graças á sua illustrada administração e direcção, consegue desempenhar-se dos seus encargos com applauso dos entendidos. Peço á modestia dos srs. compositores que se não offenda [1].

[1] São actualmente administrador e director d'esta util, necessaria, e indispensavel typographia, que tão bem motiva a sua fundação e conservação, dois amigos meus, a quem este

*

Poderia dizer-se alguma coisa do collegio real dos cathecumenos, fundado em 1579 pelo cardeal infante D. Henrique, *por causa de quatorze moiros que vieram de Berberia movidos de Deus* (como narra Balthazar Telles[1]), *a pedir o santo bautismo, aos quaes logo acudiram alguns padres buscando-lhes esmolas para os sustentar, e dando-lhes a doctrina necessaria.*

Mas para quê? repetir servilmente o que diz tal narrador, não o farei. Basta mencionar que vi na legislação o alvará de 8 de junho de 1604, a carta regia de 28 de fevereiro, e o aviso de 16 de setembro de 1605, a carta regia de 4 de março, e o regimento de 10 de agosto de 1608, que tudo se refere ao real collegio dos cathecumenos, de que trata mui detidamente o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro[2]; e concluirei dizendo que n'esta mesma casa da rua *dos Calafates,* onde durante seculos se deu o baptismo d'alma aos infieis, existe desde 1834, por iniciativa de uma grande princeza, o primeiro dos asylos de infancia, onde se ministra com proverbial carinho o baptismo da instrucção á pobreza desvalida.

livro muito deve: o sr. Antonio da Silva Tullio, socio de merito da academia, e o sr. Carlos Cyrillo da Silva Vieira.

[1] *Chr. da Comp.*, part. II, pag. 182 e seg.

[2] *Historia dos estabelecimentos.*

*

Proximo d'este asylo, e na mesma rua, existe o palacete que faz esquina para a travessa *do Poço*, e onde são hoje os escriptorios e officinas do *Diario de Noticias*, o jornal mais activo e influente da imprensa portugueza, e aquelle, talvez, a quem a beneficencia publica mais deve. É singular a attracção que tem para taes paredes a arte de Gutenberg! No seculo passado ali manteve o seu estabelecimento o nosso Francisco Luiz Ameno, que era um erudito, uma especie de Didot e de Elzevier em formato pequeno, traductor de muita peça estrangeira, e enthusiasta da sua nobre arte. De 1820 a 1835 ali funccionou a imprensa do conhecido João Baptista Morando[1]; depois a imprensa de Aguiar Vianna; em 1853 a do emprehendedor e intelligente Eduardo de Faria associado com Jorge Cleiffe; depois a do sr. Albano Anthero da Silveira Pinto, associado (se me não engano) com o illustre Rebello da Silva; finalmente, passado tempo, a do sr. commendador Thomaz Quintino Antunes, proprietario do *Diario de Noticias* juntamente com o meu amigo o sr. Eduardo Coelho, redactor principal.

*

Da alameda de S. Pedro de Alcantara nada direi, depois da descripção que d'ella fez o meu mestre Vilhena Barbosa[2]. Se o leitor o consultar verá

[1] Indicações ministradas pelo sr. Quintino Antunes, a quem muito agradeço.

[2] *Estudos hist. e archeol.*

confirmado o rifão que principia: *Em casa cheia....* Lembro apenas que o grande tanque da alameda superior pertenceu ao antigo paço da Bemposta.

Dos palacios fronteiros á alameda do terrapleno superior, quasi todos modernos, e quasi todos bonitos e graciosos, ha um que é indispensavel citar: é o que faz esquina para as travessas *da Boa-hora* e *da Cara*. Edificou-o o celebre Ludovice, architecto de Mafra, e a data de 1747 esculpida na frontaria remonta-lhe a origem a muito antes do terremoto.

*

Pouco adiante encontra-se o recolhimento, que foi outr'ora o mosteiro de S. Pedro de Alcantara, fundado pelo marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes, primeiramente n'uma casa abaixo da ermida da Senhora do Alecrim, com serventia para a rua *das Flores*, em 27 de março de 1670, e transferido, passados poucos annos, para o sitio actual, por ser mais desafogado e mais ermo.

Eram ahi umas casas do conde de Avintes, e outras de Marcos Rodrigues Tinoco. Tudo se demoliu para dar praça á nova casa monachal, e em 19 de abril de 1685 se abriu ao povo a egreja nova [1].

*

Pouco adiante, na rua *do Moinho de vento* encontra-se a casa dos srs. Salemas, cuja capella deita para a rua *da Rosa*, e cuja fundação ignoro.

[1] Carvalho. *Chorog.* Tom. III, pag. 475.

*

Paremos agora aqui, e no capitulo seguinte iremos investigar o que é um enigma de pedra e cal, que defronte da ermida dos Salemas está a negacear ante a imaginação do chronista, um monte de ruinas, d'onde o leitor, se quizer ajudar-se da lanterna da sua imaginação, poderá ver sair um mundo!...

CAPITULO XXII

Travessa e pateo do conde de Soure.—O palacio dos condes de Soure.—Quem eram esses fidalgos.—A rainha D. Catherina de Inglaterra vem habitar o Bairro alto de Lisboa.—Suas varias residencias.—Á rainha succede o judeu Antonio José no palacio Soure.—Nicolau Luiz e o theatrinho de bonecos.—Peças representadas.—Ao theatrinho de bonecos succede theatro de gente.—Os empresarios, os pintores scenographos, os actores.—O marquez de Pombal.—Lista de peças do theatro do Bairro alto.—Um serão de recita na *opera* em tempo d'el-rei D. José.—Onde se prova que tudo acaba n'este mundo.

Quem hoje passa pela insignificantissima travessa *do conde de Soure*, ao Bairro alto; quem lê na esquina de uma especie de pequeno largo sobre a rua *da Rosa* o lettreiro *Pateo do conde de Soure;* quem encara os restos de um palacio que ali campeiam ainda, amostra ridicula de passadas opulencias; não suspeita que está junto de um dos logares mais cheios de memorias da vida publica e artistica de Lisboa, um dos logares por onde mais pululam as anecdotas e noticias de todo o genero, desorientando a quem as deseja dar a conhecer.

Pateo do conde de Soure! e a um lado um cunhal de pedras lavradas; e ao outro a portinha caruncho-sa de um pardieiro; e acolá umas janellas de ricas ombreiras; e além os restos de uma escadaria, que sentiu os *chapins* das condessas; e por sobre tudo a mesquinhez e a miseria! é um manto de farrapos a cobrir um fragmento de tremó á Luiz xv.

Aquillo hoje nada significa; não passa de uma ag-glomeração cahotica e semsabor de casitas pobres, nascidas como cogumelos na carcassa derrocada de uns paços senhoriaes. O presente nada é; mas que brilhante não foi o passado! [1]

Ali se erguia um sumptuoso palacio dos condes de Soure. Os condes de Soure são Costas, ramo destacado do tronco da casa dos do armeiro mór; este é hoje representado pelos condes de Mesqui-tella; o ramo Soure anda, por femea, na casa do Re-dondo.

O primeiro conde, D. João da Costa, creado em 1652, foi homem muito notavel, e bem assim seu neto o terceiro conde; juntaram a pericia nas armas e o valor marcial ao amor entranhado ás lettras e sciencias. Não sei em que tempo fizeram casa; o pouco que vemos deve ser do seculo xvii; no meio d'esse seculo achava-se a residencia em todo o es-plendor, e, segundo deprehendo de uma narração do

[1] Não sei se se chamava ali algures a *Cordoaria* no seculo xvii, mas suspeito que sim, e que havia ahi um largo qualquer, se entendo umas phrases do *Portugal Restaurado*, tom. ii, pag. 17. Fica esse problema para quem m'o souber resolver. Pelo sitio onde é o *Thesouro velho* era a *Cordoaria nova;* seria no Bairro alto a *Cordoaria velha?*

Portugal restaurado, habitado pelos proprietarios o conde D. João, e sua mulher a condessa D. Francisca de Noronha, que era Villa-Verde. Por signal que uma vez, em 1657, ia ali custando cara ao conde de Soure a sua dedicação ao serviço do estado. Attentaram-lhe contra os dias os seus emulos da côrte. O caso foi assim:

Recolhia elle a casa, de volta do paço, onde estivera conferenciando com a rainha D. Luiza sobre negocios politicos; eram umas nove horas da noite. Ia de carroagem, apenas com um creado fiel, que lhe servia de arrimo ao apear-se e ao ter de caminhar, achacado como era de gotta nos pés. Parou a carroagem, veiu o criado á portinhola, e inclinou-se o conde para elle, a fim de lhe dar uns dinheiros, que, por signal, se haviam de levar a um soldado pobre seu protegido.

Pelo escuro da noite não foram vistos dois embuçados a cavallo, que chegaram, e á queima roupa desfecharam dois bacamartes na direcção da carroagem, fugindo logo logo a todo o galope. As balas atravessaram, sem ferirem o conde, pela posição muito curva e retraída em que elle por acaso tinha o tronco.

Ao estrondo, e na imminencia do risco, esqueceram-lhe os seus achaques, e correu como poude, de espada em punho, no encalço dos fugitivos; correu pouco, porque ninguem soube dizer a direcção que elles tomaram. Juntou-se gente, vieram luzes, houve alarido e commentarios; o conde recolheu tranquillo ao palacio; mas todo o serão foi um affluir de visitas para lá, porque, não se sabe como, a noticia pro-

pagara-se a voar. No dia seguinte a propria rainha ordenou grandes diligencias, que ficaram infructiferas, para se alcançarem os rufiães.

As causas de tão estranho assalto a um cidadão illustre, rivalidades por causa do governo das armas do Além Tejo, não vem para aqui, mas conta-as a quem o consultar o noticioso Ericeira[1].

*

Não foram só os Soures que moraram no palacio do Moinho de vento. Aquella casa, hoje morta, foi até habitação temporaria da rainha D. Catherina de Inglaterra, infanta portugueza, a mesma senhora de quem o meu amigo e illustrado academico o sr. Silva Tullio foi tão consciencioso quanto elegante chronista[2].

Desgostosa da côrte ingleza a rainha viuva, e muito saudosa do seu Portugal, voltou á patria, como todos sabem, em tempo de seu irmão el-rei D. Pedro II, em 1693. Primeiro estabeleceu-se nos paços suburbanos do Calvario, preparados para tal recepção. Passado algum tempo mudou-se para o palacio dos condes do Redondo a Santa Martha; ahi parece não se ter dado bem, porque passou para o dos condes de Soure; ainda não ficou a seu commodo, porque se transportou pouco depois para o dos condes de Aveiras em Belem, muito proximos parentes dos Soures por duas affinidades; era um palacio (hoje paço real da praça de D. Fernando),

[1] *Port. rest.*, tom. II, pag. 17.
[2] Vid. no tom. IX do *Archivo Pittoresco*.

em cujos augmentos e ornatos se applicava com grande desvelo o seu proprietario o terceiro conde de Aveiras, que era maniaco por obras[1]. Finalmente, farta já de vivendas particulares, que, apesar de ricas, deviam contrastar bastante com as residencias soberanas e antigas de *Hampton-court,* ou de *White-hall,* a que a viuva de Carlos II se habituara, passou-se de vez para o bello paço da Bemposta, que ella propria fundou muito a seu gosto, e onde veiu a fallecer em 31 de dezembro de 1705[2]. Ainda os brazões bipartidos de Inglaterra e Portugal, em escudos em lisonja, lá attestam a mão feminina, e duas vezes real, que levantou esse palacio celebre.

Ora foi indubitavelmente depois de fevereiro de 1699 que a mesma augusta senhora se transferiu para Belem, porque ainda a 14 d'esse mez se achava no palacio Soure ao Bairro alto, ou aos Moinhos de vento, como lhe chamavam, onde lavrou testamento, que existe.

Julga o auctor de um dos nossos mais preciosos Diccionarios historicos e chorographicos, que a rainha de Inglaterra morou no *palacio dos condes de Soure á Penha de França.* É, segundo creio, manifesta confusão do douto investigador. Os Soures tinham, já então, é verdade, á Penha de França o enorme palacio de Monte-agudo, que lá está, se bem que muito mutilado; mas o testamento da rainha não deixa duvida, porque é datado do palacio *sito*

[1] *Hist. gen. da C. R.*, tom. v, pag. 332.
[2] Ibid., tom. VII, pag. 333.

ao Moinho de vento, na côrte e cidade de Lisboa. Ora esse não deve confundir-se com o de Monte-agudo, pois que nem este logar se chamava o Moinho de vento, como o outro; nem era em Lisboa, e sim no termo de Lisboa. Tomei a liberdade de rectificar este lapso de penna, porque, vindo de tão instruido escriptor, podia induzir em erro os estudiosos.

*

Direi agora como o palacio do Monte-agudo pertenceu á casa de Soure.

Fazia parte do morgado dos Carvalhos[1], provedores das obras do paço. Era, pouco antes, o administrador Henrique de Carvalho e Sousa, que veiu a morrer n'uma pendencia[2] com D. Luiz de Lencastre, depois conde de Villa-nova; estando a bater-se com D. Luiz, foi traiçoeiramente assassinado por um lacaio[3]. Herdou o vinculo o primogenito, Gonçalo José de Carvalho, que falleceu em 30 de agosto de 1698.

As palavras são como as cerejas; quer-se uma, veem logo muitas; direi, como curiosidade, que n'uma *Miscellanea* manuscripta que possuo[4], ha uma carta de um amigo para outro, dando-lhe minuciosas novidades lisbonenses de 1697 a 1699; lá encontrei a morte de Gonçalo, por estes termos:

Falleceu Gonçalo Joseph, filho de Henrique de Car-

[1] *Santuario Marianno.* Tom. I, pag. 433.
[2] *Hist. gen. da C. R.* Tom. XI, pag. 497.
[3] Ibid. pag. 238.
[4] Pertencia aos manuscriptos da livraria de meu pae.

valho, sem deixar successão; deram-lhe umas bexigas, que, correios da morte, lhe trouxeram os ultimos desenganos; preparou-se com tal conhecimento, como se não fôra fidalgo e moço; fez seu testamento, mostrando em tudo que os desenganos da vida o resgataram da mesma opinião em que o tinham posto as mocidades. Deram abalo n'esta côrte os eccos da sua morte, por não serem repetições dos desmanchos da sua vida. Ficou sua mulher duas vezes peregrina[1]*: uma por estrangeira, outra por solitaria. Seu marido lhe deixou quanto poude; tem a sua sogra ao seu lado, ao mesmo tempo que lhe assistem com todo o cuidado Lourenço Pires de Carvalho, e seus cunhados.*

Pelo fallecimento de Gonçalo José, passou o vinculo para sua irmã, que era já condessa de Soure, mulher do terceiro conde; e é desde então que ficou o palacio de Monte-agudo pertencendo aos successores da casa de Soure. Ainda hoje, porém, que saíu para outras mãos, parentas por affinidade do auctor d'este livro, comprova a sua primitiva origem com um escudo sobre um portal dentro do pateo, onde as quadernas de meias luas, e o cisne por timbre, estão dizendo: Carvalho.

*

A circumstancia de uma hospedagem régia, e de tão illustre e respeitavel princeza, como a regente D. Catherina, não se podia deixar passar desperce-

[1] Era Maria Clara de Bretanha, filha do marquez francez de Avaugour, conde de Vertus, etc.

bida em annaes tão minuciosos. Nem todos os bairros de Lisboa se ufanam de terem dado hospedagem a testas coroadas; pois ao de S. Roque nem essa nobilitação faltou; e por isso é que a reivindico.

★

Este paço da rainha de Inglaterra devia ser muito bem situado, quanto a hygiene, porque ficava mesmo no extremo do bairro; devia gosar extensissimas vistas, e dominar para o nordeste e poente grande desafogo de terras de pão e largos pastíos. Ainda ao tempo do terremoto os cumes da Patriarchal eram chãos de semeadura, desde o alto da rua *de S. Bento* até á travessa *do Pombal* e *Cardaes de Jesus;* apenas uma ou outra rara habitação povoava a linha que seguia desde o conde de Soure ás fabricas das sedas; menciono o solar de D. Rodrigo de Mello (hoje Imprensa Nacional), e a casa do noviciado dos jesuitas (depois collegio dos nobres, e hoje escola polytechnica [1]); até ainda não existia o bonito palacete que foi da casa Penalva, fundado depois de 1738 pela quarta condessa de Tarouca, D. Joanna Rosa de Menezes, para ahi passar a sua viuvez [2].

O sitio era pois todo um verdadeiro deserto, en-

[1] Pode ver-se Raton. *Record.*, pag. 26.

[2] É na esquina da praça do Principe Real (Patriarchal queimada) para a rua da Mãe d'agua. Pertence hoje ao sr. Francisco Ribeiro da Cunha, que o comprou ha poucos annos ao sr. marquez de Penalva. Da condessa de Tarouca, e de seu talentoso marido João Gomes da Silva (Alegrete) trata a *Hist. gen.*, tom. IX, pag. 693.

cantador pela magnificencia da accidentada perspectiva. Teve bom gosto na escolha a rainha viuva.

O seu senhorio era um mancebo de vinte e dois annos, o terceiro conde de Soure D. João José da Costa e Sousa, que pelas suas prendas de militar, e pela sua intelligencia e cordura, deixou bom nome a accrescentar ao herdado, e melhor deixaria se não fallecesse novo.

*

Pela saída da augusta inquilina, e das numerosas pessoas do seu serviço, ficou provavelmente deserto o casarão; os seus salões enormes alugaram-se então a empresarios de theatrinhos de bonecos, e de presepios. Ali se representou o variado repertorio do talentoso e mallogrado advogado judeu Antonio José da Silva, e o do fecundo e faceto traductor e imitador Nicolau Luiz. Começou isso creio que em 1733. O theatrinho floresceu; os títeres tiveram fama que soube egualar a dos actores de maior merecimento; e pelos títeres suspiraram e derramaram muita lagrima as nossas sensiveis bisavós. É curioso; é uma prova da infantilidade innata no homem. Desde tempos remotissimos se viram os bonifrates entreter os ocios dos povos mais cultos da Europa. Houve-os na Grecia, houve-os em Roma, ha-os em toda a parte[1]; e os que o maganão do Cervantes nos apresenta no D. Quichote não são, quanto a mim, dos menos saborosos ainda hoje.

[1] Pode ver-se entre outras a curiosa obra de Charles Magnin *Histoire des marionettes en Europe* etc.

Nem só no theatro do Moinho de vento houve títeres; houve-os n'outras partes de Lisboa, por exemplo na rua dos Condes; mas esses não nos importam agora; limitemo-nos aos do Bairo alto, que, segundo creio, e se é exacto o que diz a advertencia da collecção do *Theatro comico*[1], só principiaram, como apontei pouco acima, no anno de 1733, e duraram muitos annos[2]. Ahi se deram as seguintes peças, todas do judeu Antonio José:

Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança.—Outubro de 1733.

Esopaida ou vida de Esopo.—Abril de 1734.

Os encantos de Medêa.—Maio de 1735.

Amphitrião ou Jupiter e Alcmena.—Maio de 1736.

Guerras do Alecrim e Mangerona.—Carnaval de 1737.

As variedades de Protheu.—Maio de 1737.

O precipicio de Phaetonte.—Janeiro de 1738.

Pouco depois desabava sobre o auctor e sua triste familia a perseguição iniqua da intolerancia, em nome da mais tolerante, da mais doce, da mais maternal das religiões; e em 19 de outubro de 1739, no campo da lã, em Lisboa, com trinta e quatro annos apenas, no viço do talento e da mocidade, aquelle inoffensivo homem expiava com a vida n'um auto

[1] *Theatro comico portuguez.*—Lisboa, 1744, 8.º

[2] Julgo menos exacta uma asserção do sr. J. M. A. Nogueira no seu interessante estudo intitulado *Archeologia do theatro portuguez* (Jornal do Commercio de 5 de abril de 1866 e numeros seguintes). Diz o erudito auctor que as primeiras recitas do theatro do Bairo alto datam de 1742, quando já nove annos antes houvera theatro ali.

de fé inquisitorial o crime nefando de.... de ter sido judeu!!

O theatro não fechou, ainda assim; e vejo que se deram lá as peças:

Adolonymo em Sidonia.--(Sem data).

A nympha Syringa.—1741.

Adriano na Syria—opera traduzida de Metastasio, recitada, e com arias de vez em quando.

Semiramis—do mesmo auctor—1741 [1].

Além d'estas peças da collecção, encontro ainda vestigio authentico da representação de outra opera de Metastasio n'este theatro; foi o *Achille in Sciro* traduzido em verso portuguez;[2] talvez o canto do cisne.

*

Houve tambem por aquelles annos, e ali proximo, um theatro denominado *a Academia,* arranjado n'uma sala da praça da Trindade, hoje largo da Abegoaria. Começou em 1735, e a provisão de 15 de setembro de 1738 [3] caracterisa-o de *opera representada e cantada por musicos italianos, em casas que para isso alugaram defronte do convento da Trindade.*

A casa era provavelmente um palacio (que tambem foi de Fernão Alvares de Andrade) cujos cu-

[1] Vide *Theatro comico,* 1759.

[2] Temol-o na collecção dos librettos da bibliotheca nacional de Lisboa.

[3] Citada pelo sr. J. M. A. Nogueira no seu noticioso escripto intitulado *Archeologia do theatro portuguez,* serie de artigos publicados em folhetins no *Jornal do Commercio* de 5 de abril de 1866 e seguintes.

nhaes e envasamento de forte cantaria ainda lá estão, como se fossem muralha de castello feudal. Aquillo foi de certo muito grande e muito vasto; e assim devia ser para se darem, como se deram na Academia de musica, dramas adornados de riquissimo scenario.

Por exemplo:

Em 1736 deu-se o *Alexandre na India* do melodioso Metastasio, com musica de Gaetano Maria Schiassi, de Bolonha, musico do principe de Darmstadt. O scenographo era Roberto Clerici. Os actores eram a bolonheza Helena Paghetti; o milanez Caetano Valetta, musico da camara do grão duque da Toscana; a bolonheza Angela Adriana Paghetti; o cortonense Domingos José Galetti; o urbinense Alexandre Veroni; e o pistoiense Felix Checcacci.

Deu-se tambem o *Artaxerxes* do citado poeta, mas não sei se n'esse anno; calculo que sim; são identicos os nomes dos seis actores do drama, assim como os do musico e do scenographo.

Em 1737 subiu á scena a sentimental *Olimpiade* do mesmo auctor, com musica não sei de quem. Entravam os mesmos cantores, e o scenario era de egual pincel.

Além d'estas operas tambem acho rasto da *Semiramis* (a de Metastasio); não sei quem foi o *maestro;* sei que o decorador foi o nosso já conhecido Clerici. Os cantores tinham alguma differença dos que citei: eram Helena Paghetti, Angela Adriana Paghetti, provavelmente sua irmã, Francisco Grisi, Giaccoma Ferrari, Felix Checcacci, e Thereza Zanardi. Havia danças, em que entraram Bernardo Gavazzi, Ga-

briel Borghesi, Jozé Fortini, Anna Ronzi, e Lourença Fortini.

Eis tudo que sei da Academia de musica do largo *da Trindade,* que fez as delicias da illustrada *fidalguia de Portugal,* a quem eram dedicadas as representações[1]. Creio terem sido estas de curta duração, porque já no anno de 1739 havia opera italiana de canto no então chamado *Theatro novo da rua dos Condes,* entrando na companhia, senão todos os actores da Trindade, pelo menos alguns d'elles[2].

★

Entrava aqui a descripção do actual theatro da Trindade, visinho proximo da velha *Academia* sua avó; mas confesso ingenuamente, que, apesar de ter alguns materiaes, não me atrevi a coordenal-os, lembrando-me de que roubaria um lindo folhetim á penna humoristica do meu amigo Francisco Palha. Seja elle o chronista do seu theatro; cabe-lhe esse dever. Que brilhantes novidades nos não dará! com que deliciosas illustrações não saberá entremear a sua grave narrativa! Se de todo não quizer desempenhar-se da incumbencia, então acceital-a-hei; mas o auctor da *carta ao Faustino* e da *Fabia* já demonstrou o alto amor que lhe merecem os estudos historicos, e

[1] Colhi estas noticias á vista dos proprios librettos das operas que citei, encontrados por mim no volume de papeis varios da bibliotheca nacional de Lisboa, collecção *Cabrinha,* n.º 2814.

[2] Collecção de *librettos* da bibliotheca nac. de Lisboa.

já provou que o tinteiro de Tolentino é deveras erudito.

★

Voltemos agora á rua *da Rosa*.

Chegou o anno fatal de 1755, e com elle o terremoto do 1.º de novembro. Caíu grande extensão de Lisboa, e arruinou-se em muitas partes o nobre palacio dos condes de Soure[1], ficando comtudo outras em bom estado[2]. Ninguem por então pensava em theatros.

Serenada a tormenta, e passados apenas cinco annos, aos dispersos bonifrates succederam actores de carne e osso; reanimaram-se, graças a elles, as solidões do paço meio derrocado da rainha viuva. Foi assim o caso:

João Gomes Varella, boticario em Lisboa, associou-se com João da Silva Bairros, entalhador, e Francisco Luiz, mestre pedreiro; arrendaram o palacio, fizeram obras, construiram nos salões um theatro, e dotaram com elle a capital, já sequiosa de diversões d'aquelle genero. Quem fez o theatro e pintou para elle alguns scenarios, foi o melhor especia-

[1] Moreira de Mendonça. *Hist. dos terrem.*

[2] Na parte insignificante que ainda resta do palacio, justamente n'aquella que ainda conserva um antigo cunhal e janellas sobre a travessa do conde de Soure, está hoje o seu dono o sr. conselheiro Anselmo José Braamcamp, actual presidente do conselho de ministros, edificando um predio. A obra principiou por estes dias (escrevo esta nota em 30 de julho de 1879) havendo ordem de conservar as paredes mestras, que são optimas.

lista que havia então: Lourenço da Cunha, pintor de architectura e scenographo distinctissimo (pae, digamol-o em parenthesis, do celebre José Anastacio da Cunha[1]).

As obras principiaram em outubro de 1760; e oito dias antes do carnaval de 1761 foi a inauguração. A empresa dramatica era composta de João Pedro Tavares, e José Duarte, ex-empresario das operas de bonecos da rua dos Condes. Oito dias depois falleceu José Duarte, que era o socio capitalista; em seu logar entrou um irmão, Silverio Manuel Duarte, pintor, discipulo de Bento de Sousa, e a quem coube a direcção artistica do theatro. O homem, segundo parece, tinha pouco dinheiro; Melpómene exigia-o; Melpómene é insaciavel; foi necessario refundir-se a empresa dramatica, entrando para socios os rendeiros da casa, os primeiros donos das obras do theatro; e assim continuaram até ao carnaval de 1762, mas com grandes perdas. O socio Varella comprou então aos companheiros o recheio todo, e ficou senhor absoluto d'aquelle tempestuoso imperio de papelão e lentejoilas.

Falleceu por 1762 o socio Silverio Duarte; seguiu-se-lhe Antonio Stoppani, bolonhez; e a este, pelos annos de 1767, Joaquim dos Santos de Araujo; d'ahi a pouco tornou a entrar Stoppani[2].

[1] Cyr. Wolk. Machado. *Collecção de memorias*, pag. 197 e 198.

[2] Pode consultar-se Wolk. Machado, *Coll. de mem.*, pag. 197 e 198, e além d'este noticioso escriptor o manuscripto da bibliotheca de Lisboa *Contas do principio do theatro da casa da opera do Bairro alto,* d'onde extraio a maior parte das noticias que ahi apresento.

Em quanto Silverio e Stoppani trabalhavam de scenographos no theatro do Bairro alto, regia na rua dos Condes o mais acreditado artista de Lisboa (depois de Lourenço da Cunha), que era Simão Caetano Nunes, architecto decorador; mas quando, pouco depois, as duas companhias se fundiram n'uma só, foi elle o preferido, e ahi deixou nome nas recordações publicas, como auctor applaudido dos scenarios e *tramoias* das peças *O magico de Salerno, D. João de Spina,* e outras magicas[1].

Em 1762 esteve o theatro fechado quasi dois mezes, porque o publico fugiu de Lisboa, com susto dos terremotos de março d'esse anno.

A empresa continuou com fortuna varia, até que em 1764 já era outro o dono d'ella, um tal Agostinho da Silva, e perco-lhe o rasto.

Havia causa sulapada, e incuravel, dos transtornos da casa da opera. Explique-a o livro das contas, livro manuscrito que tenho aqui presente, e que por certas paginas serve para a historia dos costumes da côrte, assim como para a physiologia do *calote* elegante. Transcrever aqui essa lista aristocratica poderia offender melindres hereditarios, mas não deixava de ter graça.

Não foram porém só os lucros cessantes que paralysaram as sociedades gerentes; mais contribuiram, creio, para a sua ruina as desavenças entre os socios, desavenças que foram verdadeiras guerras nos tribunaes, e inteira ruina no theatro.

[1] W. Mach., pag. 202.

*

Entre os nomes dos melhores frequentadores e *dilettanti* figuram os dos negociantes nacionaes e estrangeiros, que o sagaz marquez de Pombal começava a querer considerar, e mesclar com a sociedade antiga, tendo já, na pasmosa previsão do seu genio, o traçado completo da nossa agradavel e variadissima sociedade contemporanea. Esse elemento dos homens de negocio (como se dizia) classe em que se contavam poderosos argentarios e animos nobilissimos, concorria sempre que havia empresa util; e por isso certamente eram elles assiduos á nova opera. No principio do seculo passado, dos mercadores estrangeiros domiciliados em Lisboa aquelles que mais extensamente commerciavam eram os inglezes; depois os hamburguezes; depois os italianos; depois os francezes; e emfim os hollandezes; ás suas bolsas deveram muito, sem o saberem talvez, a maior parte dos commettimentos uteis da nossa terra[1].

Quando se escreve a nossa historia de certo periodo, encontram-se em tudo os vestigios do marquez de Pombal, nos grandes traços politicos, e nos minimos pormenores administrativos. Até a sociedade frivola das salas se animava á sua voz; e essa animação, esse buliçoso ir e vir do enxame doirado é sempre civilisação, é a electricidade dos commercios, é o acordar do bello, é a fecundação da moda,

[1] *Explication de l'estampe de Lisbonne, avec une description succincte,* etc. folheto.

é o reinado da polidez e da mutua bemquerença, é a elevação do nivel moral e intellectual da nação.

Lisboa restaurada dos destroços ia, sem o suspeitar, experimentando as influencias do grande homem, cujas crueldades inqualificaveis são talvez resgatadas até certo ponto, aos olhos indulgentes e conciliadores da posteridade, pelas extraordinarias qualidades do seu genio. O commercio animava-se; os altos commerciantes entravam na ordem da nobresa, e da fidalguia; a sociedade, isolada até ali por falta de centros, via desde 1764 transformar-lhe Reynaldo Manuel as hortas da cera no lindissimo bosque de freixos do seu vasto passeio publico (onde, este verão de 79, assistimos todos aos admiraveis concertos instrumentaes regidos com tanta mestria pela graciosa e talentosissima madame Ahmann); as companhias, os concertos, e as funcções, irmanavam as classes; e o theatro portuguez não tardaria em receber da mão do ministro omnipotente a sua mais liberal nobilitação, com o alvará de 17 de julho de 1771, primeiro passo dado para a elevação da arte scenica, e justa rehabilitação dos actores, que são cidadãos e não párias, e cidadãos dos mais uteis quando o querem ser.

*

Tornando porém ao theatro do Bairro alto, em cujos progressos não poude deixar de influir, directa ou indirectamente, o marquez de Pombal, continuarei a observar que se lutava ali com apertadas difficuldades pecuniarias, pelo que a empreza lançava mão de todos os meios para realisar fundos; por

exemplo: como o palacio era grande de sobra, os seus arrendatarios sublocavam dependencias d'elle a diversos inquilinos, o que já diminuia a crueza dos 288$000 reis do aluguel ao conde de Soure, que hoje equivaleriam a 352$200 reis.

Trabalhava muito a empresa; forcejava sinceramente por agradar. Só no anno de 1764 se representaram os dramas seguintes:

O creado astucioso,
Codro,
O lavrador honrado,
Amor de patria;

e os vistosos bailados

O engenho de assucar,
A dança chineza,
A dança do serralho,
A dança hollandeza, e
As quatro partes do mundo.

Mas isso ainda é pouco; só no anno de 1769 subiram á scena pela primeira vez:

O hypocondriaco (seria o de Rotrou?),
O tambor nocturno,
As inconstancias da fortuna,
O creado de dois amos,
A escola das mulheres,
Zara,
A escola dos casados,

A beata falsa,
A herdeira venturosa,
O avarento,
A Probiana,
O doente fingido,
Alzira,
A serva brilhante,
A constante Colmene,
O doente imaginativo (boa versão do titulo *Le malade imaginaire,* mas que assim mesmo não chega a *O doente de scisma),*
A segunda parte do D. João de Spina, e
Demetrio na Russia (drama que foi prohibido pela auctoridade).

Não creio que do elenco apresentado se possa inferir que na *opera* do Bairro alto fosse grande a influencia das idéas classicas, que a Arcadia, fundada em 1756, tentara introduzir no decadente theatro nacional, influencia apontada, e com fino criterio, por Trigoso de Aragão Morato, no seu estudo[1]; assim como não creio que a arte poetica do bom Candido Lusitano, repetindo desde 1748, e em alta voz, os preceitos scenicos de Horacio, se podesse ainda fazer ouvir no tablado do conde de Soure. Essas propagandas levam muito tempo. A influencia ali era decididamente moderna, franceza e italiana, como a companhia; as peças vinham de fóra, como as lentejoilas e as actrizes; o grande poeta da *Ericia* estava por nascer.

[1] Memoria sobre o theatro portuguez, nas *Mem. da Acad. R. das Scienc.* Tom. V.

Trabalhava-se porém, como se vê; é innegavel; mas as despezas eram grandes. Só no artigo ordenados encontro verbas avultadas para os preços do seculo; vejamos:

O dançarino Orlandi recebia em 1767 a quantia de 576$000 réis, que seriam hoje 704$400;

A dançarina castelhana Pepa Olivares tinha, além de bons honorarios, casa paga, viagem paga, etc.;

Cecilia Rosa e sua irmã ganhavam entre ambas 708$000 réis, ou 865$825 réis de hoje;

Maria Joanna e seu pae 500$000 réis, ou 611$452 réis;

José Felix 288$000 réis ou 352$200 réis da nossa moeda actual.

Tudo isso era muito, e levava aos capitalistas bom cabedal, que junto aos apertos e pobrezas da era, arrastaram o theatro pela agua abaixo, apesar de que o paladar dos frequentadores encontrava theatro portuguez, e theatro italiano, com boa musica, e scenario do melhor, e a melhor sociedade, e dança... em hespanhol. Já não é mau.

*

Se o observador d'estas minucias quizer continuar a saborear-se n'ellas, dê uma vista de olhos ao quadro dos actores que pisaram as taboas do palco do conde de Soure; verá em 1762, por exemplo, *monsiur* Antonio, mestre de dança, que esteve cá até ao carnaval de 1763; ouvirá no verão de 1765 a bellissima *Didone* do grande Metastasio (fallemos baixo; Metastasio hoje é reputado, por alguns modernos sabios, creio que um pessimo sujeito; negam-

lhe até a qualidade de poeta! a elle! ao auctor do *Artaserse* e d'*Il Palladio conservato!* concedem-lhe, quando muito, a prenda de *metrificador;* é o que succede a muita gente boa; miserias!); mas, como ia dizendo, ouviria a *Didone* de Metastasio em italiano, com musica do insigne David Peres, cantada por Angiola Sartori (Dido), Antonio Mazziotti (Eneas), Gaetano Quilici (Jarba). Veria a Cristiani e a Gertrudes, cantoras em 1764; a Petraia dançarina em 1765; a Cecilia Rosa e sua irmã, a Maria Joanna, o José Felix, e *monsiur* Pasabiló, e outro dançarino mestre Orlande, e a formosa Pepa Olivares, e o Nery, e o Barrade, e a Vicencia pequena, e outros mais, cujos nomes nada nos dizem, mas que tanto fizeram palpitar a mocidade doirada que usava guinguetas e rabicho!

No verão de 1770 assistiria ao divertido drama de Goldoni *Il viaggiatore ridicolo*, musica de Giuseppe Scolari cantada pela Cecilia Rosa de Aguiar, Maria Joaquina, Luiza Todi, e outras.

No outono d'esse mesmo anno de 1770 applaudiria *L'incognita perseguitata,* com musica de Nicolò Piccini, cantada pela Cecilia Rosa, Angiola Brusa, que fazia papel de homem, Luiza Todi, e outras.

*

Pertenceria talvez mais ao riquissimo genero litterario que se chama romance de costumes historicos, do que propriamente a este livro borboleta, a pintura animada de um serão da *opera* do Bairro alto. Pode ser que algum estudioso a emprehenda qualquer dia; dava-lhe uma galeria de retratos á manei-

ra de Reynolds, ao mesmo passo que um painel á maneira de Crafty.

Quando a delinear, passeie primeiro algum tempo, ao luar, na travessa *do conde de Soure*, que foi no seculo passado chamada travessa *da Opera;* o luar é um grande poeta, e um grande pintor. Detenha-se a contemplar, por uma boa lua cheia, aquella ruina silenciosa, que tanto quer dizer, coitada, e que tão pouco diz a quem não a sabe escutar (porque toda a ruina falla; o grande caso, a difficuldade litteraria, é sabel-a ouvir).

Se o observador chamar em seu auxilio as memorias do tempo, a genealogia, os escandalos de sala, a chronica do mundo cantarino e choregraphico; se passar em revista esse panorama variegado, ouvirá fallar a ruina, e verá ressuscitada ao vivo toda a existencia feliz e brilhante do antigo palacio.

Verá á porta do theatro a guarda de soldados que o policiam[1].

Verá ao cair da noite virem chegando as seges, que por ordem da empresa conduzem á recita as damas e dançarinas[2], melindrosas creaturinhas feitas de alcorce e pétalas de rosa, santantoninhos onde te porei, cuja saude se traduz em metal, e que dão tanto que fazer a quem nos seus sorrisos só vê prosaicamente o lucro do fim do anno.

Verá rolar pela rua *da Rosa* uma fila de coches mais ou menos doirados, e apear-se uma turba elegante, empoada, emproada e affavel ao mesmo tem-

[1] Historico.
[2] Historico.

po, a turba que é o reddito das commendas e dos vinculos, e que é o privilegio do sangue; que é o presente, e que é a tradição.

Verá apear-se uma ou outra vez do seu estufim de vidraças, precedida de um esquadrão, e escoltada de tudescos, a figura altiva, nulla, e descontente d'el-rei D. José[1], para quem a opera do Bairro alto é um desenfado, e que vem da Ajuda pressuroso para ouvir gargantear as celebridades da Italia de Clemente XIII e Ganganelli.

Entrará na casa do botequim do theatro, mantida por um tal sr. José Alexandre[2], e onde os grupos dos peraltas desdenhosamente envolvidos nos panejamentos dos seus capotes, e discutindo, de tricornio ao lado e em alta voz, os bemoes e sustenidos, lhe lembrarão os grupos buliçosos do antigo Marrare, ou os do Martinho, ou os do Suisso, discutindo, entre chascos espirituosos, e de charuto ao canto da bocca, a balela politica da tarde, a chegada de um principe estrangeiro, ou a ultima edição da casa de Antonio Maria Pereira.

E contente-se o observador com essas visões do que passou. Não tenha (dou-lhe eu este conselho) não tenha a veleidade de penetrar no palco; tive-a eu, curioso incuravel, *insanabile vates,* examinando a lista dos objectos comprados pelos socios para a gerencia da empreza; tive o mau gosto de correr os roes das olandilhas, os roes das cassas para nuvens

[1] Historico; vide a pag. 332 do citado volume *Mss. de contas.*

[2] Historico.

e azas de genios, os roes das tijelas de barro para fogos de Bengala, arreboes, glorias, e incendios de Troya, os roes das lentejoilas e tafetás para fadas e rainhas, os roes das espadas de madeira e dos capacetes de papelão para monarchas e heroes; e arrependi-me. O ver um theatro pelo avesso é dos maiores desenganos que se podem dar. Não ha fé que lhe resista.

No capitulo illuminação tambem me caíu a alma ao encontrar sómente cebo, cera, e azeite! Oh! horror! nem sequer um bico de gaz, senhores! (já não fallo de luz electrica; não exijo tanto).

*

Sim; e apesar d'essa pobreza relativa, imagino bem que, visto cá de fóra, dos camarotes e da platêa, em noite de enchente, em noite de furor, devia deslumbrar com os seus setins, as suas plumas, os seus guardinfantes, os seus enormes toucados, e os seus sorrisos de boa franqueza lusitana, esta côrte portugueza, para quem o theatro do Bairro alto, mesquinho como era, figurava então mais do que para nós S. Carlos de Lisboa, a Scala de Milão, ou a grande opera de Paris.

Devia deslumbrar, e deslumbrava. Correr o elenco dos frequentadores é correr o almanach de Valdez, ou o livro dos grandes de Portugal; é ver aquellas physionomias doces e finas da aristocracia lisboeta, ora comprimentando-se de camarote para camarote, ora voltadas para o palco, e apreciando as piruetas voluptuosas da Petraia, os passos arrojados de *monsiur* Antonio ou de *monsiur* Pasabiló, dan-

çarinos que Londres applaudira tambem, ou emfim os garganteados tão floridos da Gertrudinhas ou da Cristiani!

—Tudo isso morreu, meu querido Julio, não te exaltes;—me dizia, interrompendo-me ha pouco um amigo, a quem eu contava enthusiasmado os meus descobrimentos.—É triste, mas tudo isso é pó: tanto as dançarinas, que fizeram dançar a cabeça á roda aos casquilhos de ha cem annos, como as cantoras, que transportavam as duquezas em raptos ideaes ao setimo ceo da arte. Vê tu a que chegam as coisas humanas! o palacio dos poderosos condes de Soure, o paço da rainha de Inglaterra, o templo brilhantissimo das musas scenicas, é hoje um quarteirão heterogeneo, pobre, chato, e pouco bem habitado; tem umas carvoarias, uns ferreiros, umas lojas, e não sei que mais.

E eu respondia com os meus botões:

—Destinos!...

CAPITULO XXIII

Considera-se o desenvolvimento do Bairro alto.—Providencias da governação.—As antigas corregedorias.—É assassinado o corregedor do Bairro alto.—Accumulação de fogos, e encarecimento das casas.—Perde o Bairro a sua feição campestre.—O aceio municipal na Lisboa velha.—Noticia das antigas calçadas.—Chamam-se a testemunhas varios escriptores antigos.—Jacome Ratton.—O guano da cidade e o *agua vae*.—Abastecimento de agua potavel no Bairro alto; tentativas frustradas.—As praias da cidade quinhentista.—Fica o leitor conhecendo um original, o vadio mais laborioso de Lisboa.—Memoria do sr. visconde de Villa Maior.—Conclusão do assumpto para perfumar o capitulo.

Agora, que percorremos casas religiosas e casas particulares, paremos aqui; mas, sem sairmos ainda do Bairro alto, consideremos que importante não foi o seu desenvolvimento! segundo é claro, teve uma razão de ser, e respondeu a exigencias imperiosas da população. Eram já estreitas as muralhas torrejadas d'el-rei D. Fernando; Lisboa forçou essa prisão incommoda, e extravasou-se pela campanha. O extravasamento deu o bairro de S. Roque.

*

Que foi consideravel n'aquella area o movimento

policial, tudo o faria crer *a priori;* mas comprova-o *a posteriori* a disposição do alvará de 25 de março de 1742, dando á corregedoria do Bairro alto as freguezias da Encarnação e Sacramento, que já possuia, e de mais o suburbio de Campo-lide e freguezia nova de Santa Izabel, com os julgados de Bemfica, Friellas, e Appellação. O mesmo alvará creava um corregedor especial para o bairro de Santa Catherina, com alçada sobre as freguezias de Santa Catherina e Mercês, e abrangendo no termo os julgados do Milharado, Povoa de Santo Adrião, Odivellas, e Lumiar.

*

O corregedor do Bairro alto foi, como se vê, um personagem de influencia; e a sua vara um sceptro que regia leguas em contorno. Pois era tal, ainda no fim do seculo XVII, o predominio altivo da nobreza, e em summa a attracção que tiveram para estas paragens as rixas e arruaças, que houve dois dos mais qualificados senhores da côrte d'el-rei D. Pedro II, que attentaram contra os dias do corregedor, o licenciado Ignacio Sanches de Goes. Foi assim o caso (releve-se-me esta digressão):

*

Eram 8 de março de 1694; saía grande turba da egreja de S. Roque, pelas 5 horas da tarde. O corregedor, que assistira á festa, seguia pela rua larga de S. Roque a baixo conversando com um amigo; parou com elle á esquina da travessa que ia para a Trindade (hoje o largosinho defronte do theatro).

N'isto subia um coche com dois mancebos elegantes, o conde do Prado e o conde da Atalaya. Comprimentou-os civilmente o amigo do corregedor; mas este, que estava de costas para o lado da rua larga, e que por isso não conheceu os condes, não poude cortejal-os a tempo, o que elles tomaram imprudentemente como insulto intencional.

O coche vira para a travessa; pára; apeiam-se os dois peralvilhos; aproximam-se do magistrado, insultam-n'o de palavras, arrancam-lhe a vara, dão-lhe com ella no rosto, e possesso de ira desembainha o conde do Prado o espadim, e atravessa de lado a lado o inerme corregedor.

Ao verem-n'o caír morto, entre o tropel de gente que se juntava, fugiram os dois infelizes, e acolheram-se á hospitalidade do embaixador de França, d'onde lograram evadir-se.

Teve um sentença de morte, e o outro de degredo. Por fim, passados annos, vencido el-rei das supplicas de sua mulher, e das de sua irmã a rainha da Grã Bretanha, indultou-os por sentença de 6 de fevereiro de 1699.

O que é notavel (chamem-lhe coincidencia fortuita, ou o que quizerem) é que veiu a morrer assassinado pelo espadim de um D. João de la Cueva, á saída da portaria dos padres do Espirito Santo, em 17 de setembro de 1722, o conde do Prado; e que o seu antigo complice morreu dois dias depois, a 19, em Vienna de Austria[1].

Terminou a diggressão.

[1] Vejam-se sobre tudo isto as sentenças de Moreira.

*

Em dois seculos, até ao terremoto grande, a população agglomerou-se de modo pasmoso na nova região que estudamos da vasta Lisboa. Foram-se os jardins dos palacios; reduziram-se as cercas das casas monasticas; acabaram os muros das quintarolas e cerrados, que davam no principio áquellas ruas uma feição aldeã e desafogada, de que os poderosos se deixaram seduzir. Supprimiram-se os quintaes, e os pateos. Os moradores, conglobados na area já estreita, a que os ligavam interesses e commodos, altearam-se por terceiros, quartos, e quintos andares; os casitéos pobres multiplicaram-se, e a colmeia começou a tornar-se menos elegante, e menos salubre certamente. Ha villas e cidades não tão populosas como estas poucas ruas hoje são.

Já no meio do seculo XVII as casas tinham encarecido desmedidamente em Lisboa; a ponto de motivarem providencias repressivas d'el-rei D. João IV[1]; se as podesse haver hoje para o desatino dos senhorios, não veriamos as iniquidades que em nome da liberdade se commettem.

Da successiva accumulação de gente nasceu no Bairro alto o desenvolvimento dos commercios. Multiplicaram-se as lojas de comestiveis, e de tudo mais. A visinhança dos conventos attraíu concorrencia; não menos a attraíram os paços reaes, e as representações scenicas, tão populares, da rua da opera; tudo motivos de condensação crescente.

[1] Fallo do alvará de 11 de junho de 1644.

Com ella começaram os contras, perdendo, de todo, o bairro dos jesuitas não só a sua feição campestre de Buenos ayres quinhentista, que essa já tinha abalado, mas até as vantagens de nobreza e luxo de ruas, elegancia e formosura, claridade e bom ar, tão preconisadas dos escriptores coevos da fundação, assim como perdeu o aceio e alinho das suas serventias.

*

Nos primeiros seculos da monarchia é impossivel que houvesse cuidado no tratamento das calçadas das cidades, nem sequer em Coimbra, onde residia a côrte, nem no Porto, onde varias vezes appareceu, nem em Lisboa, que as suas especialissimas condições tinham fadado capital do reino.

Frei Nicolau de Santa Maria, que era muito noticioso, deu-nos parte de que no seu tempo as ruas da *inclyta Ulyssêa,* que n'um dos meus precedentes capitulos mostrei ladrilhadas (seguindo uma indicação que não encontrei senão na citada fonte), eram limpas, duas vezes por semana, por uns chamados *carretões das immundicias.*

Antonio Prestes, o poeta dos *Autos,* alludiu algures aos monturos das ruas, e aos *Almotacés da limpeza,* que presidiam ao aceio da capital[1].

Balthazar Telles extasiava-se ante o limpo e saluberrimo dos cumes do Bairro alto, isentos, segundo elle, dos incommodos que se padeciam nas mais paragens da cidade velha[2]. As chuvas, no dizer do

[1] *Auto da ciosa.* Edição do Porto, 1871, pag. 339.
[2] *Chron. da comp.* Parte II, pag. 101.

padre, encarregavam-se da limpeza das calçadas, que eram concavas, em vez de convexas, como hoje são. Aos declivios da nossa montuosa capital, e a essa tal torrente chamada o enxurro, attribuira tambem o velho Luiz Mendes incalculaveis vantagens hygienicas[1].

*

Infelizmente quando chegou o terremoto de 1755 essas vantagens tinham diminuido muito, a crermos, (como devemos) o sincero Raton nas suas *Recordações*. Lisboa carecia já então, segundo elle, de providencias radicaes, sem o que seria sempre (textuaes palavras) *um manancial de molestias, a vergonha da nação, e um objecto ascoroso pelos montões de immundicies accumuladas nas ruas, por effeito do descuido inveterado de se não varrerem, e se não tirarem com a devida regularidade, não obstante as rendas que ha destinadas para isso*[2].

Diz elle tambem que antes do terremoto o despejo se fazia por meio de pretas, que o iam deitar á praia em apparelhos apropriados. Era uma especie das *fosses mobiles* de Paris.

Creio que era feito isso quasi tudo por conta particular, e que a vereação pouco dispendia em tal serviço; houve até, não sei em que tempo, a idéa de tributar as *negras calhandreiras* (como o povo chamava ás serviçaes do guano cidadão); não me consta se se chegou a levar a effeito o iniquo tributo; o

[1] Do sitio de Lisboa. Dial. II.
[2] *Record.*, pag. 297.

que sei é que o alvitre motivou uma saraivada de decimas satyricas, algumas muitissimo engraçadas, que possuo n'um livro manuscripto do fim do seculo XVII; infelizmente não são publicaveis, por demasiado nuas e cruas.

Este mesmo systema, que Raton, o elegante francez-lusitano, chama abjecto, como homem de gosto que sempre foi, esqueceu ainda mais, depois que el-rei D. José libertou por alvarás de 9 de setembro de 1761, e 16 de janeiro de 1773 os escravos entrados no reino. Escassearam os tristes industriaes do enxurro; e os moradores de Lisboa, a quem a lei benefica e humanitaria arrancava os instrumentos do *toilette* da cidade, mas a quem os architectos não canalisavam as habitações, como fizera em Roma Tarquinio o Prisco, acharam-se na urgencia, ou de conservarem comsigo focos de infecção, ou de os despejarem da janella abaixo, com pasmo e vergonha da Europa civilisada. Optaram pela vergonha da Europa, e fizeram melhor.

No entretanto continuaram em parte algumas poucas negras no seu immundo mister. Não ha quarenta annos, talvez, que ellas ainda iam despejar no canto da praia do Corpo Santo, no sítio occupado hoje pelas edificações novas do arsenal, uns boiões especiaes, da fórma pouco mais ou menos do chapeo de Sganarello, e a que o povo no seu calão grotesco ainda usava chamar *calhandros.*

*

Desde a libertação dos escravos, e mesmo desde alguns annos antes, tornaram-se em Lisboa as

ruas perfeitos tremedaes; falta-me o termo proprio, e ainda bem! Lisboa, a cidade das sete collinas, a formosa rainha do Tejo, a senhora do mar Oceano (e outros titulos), ficou recoberta de um tapete infamissimo, que não rescendia certamente a essencia *bouquet*, nem a *jockey-club*. Nós mesmos ainda na nossa mocidade assistimos a esse escandalo do bom gosto e do olfato, a esse alardo miserando da incuria nacional.

Então suspirou-se pelos passados tempos, pelas pretas, e pelos carretões!

As posturas das camaras (isto é que tem graça) pactuaram com o uso, e obrigaram a população a apurar a voz n'um falsete adoravel, dizendo «*Agua vae!*» cada vez que havia diluvio parcial de alguma janella. O *agua vae* entrou na linguagem, e nos costumes; tornou-se necessario; de mais, era o conselho paternal em nome do aceio, e á falta de chapeos de chuva adequados á situação.

Ha, por exemplo, uma antiga postura de Coimbra, que prohibia muito explicadamente deitar agua á rua sem dizer *duas* vezes «*Agua vae!*»

Agua! como os vocabulos mudam de sentido! ó Pimenteira! ó chafariz d'el-rei! ó Castalia!

E acrescenta n'uma nota, com toda a gravidade, o articulista do velho jornal de 1819 onde apanhei isto: *É esta a pratica das cidades bem policiadas.*

*

Apesar de haver pouquissima agua para os gastos municipaes, se os compararmos com as exigencias de hoje, não faltava superintendencia official na lim-

peza das serventias publicas; estava a cargo da intendencia geral da policia, desde o seculo passado; os residuos adjudicaram-se a empresarios, por quem eram removidos. Notava-se porém n'esse trabalho a maior irregularidade e o mais culpavel desleixo.

Depois de 1833, extincta a intendencia, passaram aquellas suas attribuições para a camara municipal.

*

A proposito de agua: chegou o logar de fazer menção das tentativas que houve para d'ella abastecer o Bairro alto.

Ocorrem-me as seguintes: um Antonio de Miranda, que não sei o que fosse, requereu a el-rei D. Pedro II licença para trazer agua áquella região toda, por meio de um engenho novo, e sob certas condições pecuniarias e honorificas para si, seus filhos e sua mulher. El-rei mandou consultar o senado; este em 13 de fevereiro de 1688 respondeu, insistindo muito em que se exigissem as maiores fianças, e precedessem grandes experiencias, attendendo a certa má fama que pesava sobre o nome do pretendido concessionario. Parece não se ter realisado contracto algum.

Em 1700 houve outra tentativa, por parte de um francez Théophile Dupinaut, mas tambem não surtiu effeito [1].

Hoje a companhia das aguas suppre com vantagem todos os Dupinaut do mundo.

[1] Podem ver-se maiores esclarecimentos no livro de Velloso de Andrade *Memoria sobre chafarizes*, etc., a pag. 273 e seguintes.

★

Ora (voltando atraz) uma curiosidade verdadeira é isto: sabe o leitor que as praias ao longo da cidade se pareciam tanto, nos seculos XVI e XVII, com o nosso caes do Sodré, o nosso Terreiro do paço, e a nossa Ribeira velha, como com o jornal *A Arte* ou *O Occidente* se parecem as *imprimissões* de Germão Galharde ou Herman de Campos; eram uns monturos desamparados, medonhos (como disse no capitulo I), infamados de detritos de todo o genero. O mais antigo signal de providencias policiaes no sentido de resguardar as nossas praias, achei-o em 1632; é uma carta regia, em que o rei Filippe III manda se conservem limpas para decencia da cidade, e se não entulhem, as praias *do Terreiro do paço e Ribeira das naus,* e ordena que a vigia d'ellas toque ao corregedor do bairro, devendo este encarregar ás semanas o meirinho dos contos, o da casa da India, e o da alfandega, de tão importante serviço[1].

Pois bem: por essas praias desertas do Tejo (tirei esta novidade velha do citado livreco manuscripto de estatisticas lisbonenses quinhentistas), quando os despejos eram arrojados ao mar nos taes receptaculos proprios de que fallei pouco acima, andavam ao longo da orla extensa da nossa bahia, cabisbaixos, parando de onde em onde, aos torcicollos indecisos, como o *héron* de Lafontaine,

......*sur ses longs pieds allant je ne sais où,*

[1] Carta regia de 15 de dezembro de 1632.

uns pobres homens... a fazer o quê?
a scismar?
não;
a fazer versos?
não;
a fazer philosophias?
não, não;
a examinar as areias como mineralogistas?
tambem não; ninguem pode adivinhar:

a lavar as lamas immundas nas suas gamellas apropriadas. Para quê? querem saber para quê? para viver. Como? achando n'esses detritos de uma cidade populosa coisas preciosas perdidas; ora uma colher de prata, ora uma corrente de oiro, ora aneis, ora dinheiro!... É pasmoso isto. Industrias vivas de industrias mortas. A attenção alimentando-se da negligencia. O parasitismo do superfluo. A ociosidade tornada officio. A vida tirada do nada. A vida? sim a vida, porque essas buscas minuciosas da sua pedra philosophal lá d'elles, faziam viver, com suas familias, nada menos que *vinte* dos taes scismadores da praia.

Parece incrivel, mas é verdade; dil-o muito á séria o anonymo auctor a el-rei D. João III[1].

Á vista do exposto, digam lá que o Tejo não é aurifero!

*

Veiu o marquez de Pombal com a sua iniciativa sempre vigorosa, e com o seu olhar de lince, que

[1] Estatistica já citada, pag. 46.

abrangia tudo, o grande e o minimo; e que fez, por mão do intelligente architecto da cidade Eugenio dos Santos de Carvalho? dotou as casas novas com os competentes canos de despejo, segundo era tão facil, mas creio que não pensou em utilisar systematicamente os detritos na agricultura. Não podia tudo. Começou-se a innovação, e não se continuou. O *statu quo* tem muita força; e então na descuidosissima Lisboa! em Lisboa, onde, por desleixo, andavam soltos ao pasto pelas ruas mais publicas animaes de varios generos, a ponto de ser necessario um edital do senado da camara impondo penas severas a quem os deixasse vaguear, como até ali, pela cidade, por Belem e pela Ajuda![1]

Com taes usos menos que aldeãos, e que nos attraíam os apódos dos estrangeiros, o que mais valeu para nos não attraír doze epidemias por anno, foram estes optimos ares tão lavados do *aguião,* como chamavam os nossos velhos ao vento norte.

Ficou feito desde a reedificação de Lisboa um principio da rede da canalisação, continuada em nossos dias, com damno da saude publica, e perda considerabilissima de forças economicas. Essa tal Lisboa subterranea custa diariamente sommas avultadas de adubo, que empregado no amanho das terras duplicaria ou triplicaria a producção da provincia. Tudo isso vem largamente explicado, á luz da sciencia, n'uma memoria especial de um res-

[1] Edital de 14 de dezembro de 1773; ha outra disposição providenciando ácerca da limpeza das praças de Lisboa, é o decreto de 6 de julho de 1775.

peitavel sabio portuguez, o sr. visconde de Villa Maior[1]. Ahi demonstra o illustre chimico a insensatez, com que a nossa populosa capital arroja ao mar tantos superfluos, que facilmente se lhe converteriam em bom oiro, se quizessemos, como s. ex.ª propunha, adoptar o alvitre usado lá fóra.

*

Seja como for, e remettendo o leitor curioso áquelle importante estudo, mencionarei apenas um ermitão das trevas, unico habitante da catacumba lisbonense. Com elle conversou o sr. visconde de Villa Maior, e d'elle tirou noticias interessantes da geographia da necropole. Como os antigos exploradores das praias da Ribeira e do Cataquefaraz, este nosso industrioso conterraneo saca a sua subsistencia do farejar continuo pelos emmaranhados labyrintos do sub-solo. *Ha muitos annos os explora*, diz o sr. visconde de Villa Maior, *para recolher alguns objectos preciosos, que por descuido dos habitantes das casas mais proximas ali vão cair. Este homem singular é dotado de incrivel atrevimento para aquella sorte de explorações, e por vezes tem estado a ponto de ser victima das suas audazes e sordidas pesquizas. Não sendo a abertura dos canos accessivel durante a prêamar, tem-se elle visto muitas vezes bloqueado n'aquellas immundas paragens, vivendo ali noites e dias inteiros. Em muitas das suas excursões tem-se visto repentinamente cercado de chammas; estas são produ-*

[1] *Memoria sobre hygiene publica,* inserta no 1.º anno dos *Annaes das sciencias e lettras* da Academia de Lisboa.

zidas pelo gaz dos pantanos, que se inflamma em presença da luz artificial, de que elle se serve para se allumiar.

Não sei se existe ainda o tal verme bipede, melancholico mineiro da escuridão; talvez exista, ou tenha successores. Já se vê que a industria rende.

*

Ás vezes, no Gremio, n'algum baile, ou n'um theatro, vendo-me cercado de vida, de expansão, de flores, de luzes, penso sem o querer no ermitão. A essa mesma hora, talvez, lá por baixo, sosinho, calado, meio sentado a um canto da sua Babylonia tenebrosa, calcula cheio de anciedade a occasião em que a vasante da maré lhe deixe passagem por algum boqueirão do Aterro ou da Ribeira velha. Em quanto junto a mim se joga, se conversa, se commenta a politica de Bismarck, ou se escuta a voz da Nadal ou da Giuli Borsi, penso eu n'aquelle laborioso industrial das trevas, e vejo-o cosido com a parede humida do seu carcere, curvado pela volta da abobada, já escabeceando de somno, já assobiando por desfastio, no meio do silencio opaco, alguma trova que lhe lembra o sol, as ruas, a mocidade, e apertando, com a avareza soffrega de quem sabe o que lhe custam aquellas labutações, o fardel pequenino de tres ou quatro dias de buscas. Dias? pois ha dias sem ar? sem ceo azul? sem sol? tem-n'os elle.

E scismo comigo: a quantas desgraças obscuras, a quantos repudios da sociedade não corresponde aquelle homem?! Como será feito o coração d'elle? de que côr serão as suas ambições? Haverá cá fora,

n'alguma agua furtada de Alfama, um grupo de pobres famintos, a quem elle chame a sua familia? Como serão as expansivas alegrias d'essa gente ao verem anciosos surdir da sua excursão o desenterrado pae, o esposo, o chefe do casal? Em que poderão entreter-se, por tantas longas horas, aquellas faculdades intellectuaes lá por baixo, na rede lôbrega e mephitica onde elle não teme os transeuntes nem a policia, onde elle é cidadão unico, legislador, commerciante, cão vadio, guarda nocturno, onde elle se alimenta, mas não paga decima, onde elle é o furavidas sepulchral, como os ratos impunes, seus collegas de monturo? Que lhe dirá nas horas mortas o lugubre rodar dos carros cá por cima, que elle sabe que são a vida, as festas, a opulencia d'esta grande cidade que despresou, e em cujos forros vive? Como avaliará pelo avesso o movimento da nossa engrenagem politica, elle que só fareja nas sobejidões de uma capital?

★

Basta por hoje. Faço votos para que o pobre e perseverante operario encontre meio mais propicio de ganhar o seu pão, e espero que um dia (não tarde) os nossos municipios, seguindo os conselhos da sciencia, aproveitem na agricultura portugueza o que hoje se arroja ao fundo do Tejo, com grave incommodo do olfato, do bom gosto, e do senso commum[1].

[1] Felizmente pensa-se n'isso. O *Diario de Noticias* de 27 de agosto corrente, na secção *Assumptos do dia*, insiste para que se tomem providencias para o saneamento da capital, e refere-se a disposições officiaes. No mesmo jornal de 29 um dis-

*

. . . .

Confesso que, para contar tudo isto que contei, deixei muito no tinteiro. O meu estylo teve de ir saltando de poldra em poldra, com susto de se enlamear. Feliz eu, se chegando ao fim do capitulo não precisar offerecer ao leitor um frasco de agua de Labarraque, e outro de *miel d'Angleterre.*

Vamos assim mesmo respirar o ar puro.

tincto engenheiro, o sr. José Emilio de Sant'Anna da Cunha Castel-Branco, que fôra encarregado de ir estudar lá fóra os systemas de canalisação usados, declara que em 28 de janeiro ultimo entregou no ministerio das obras publicas o seu relatorio o qual se acha em via de publicação. Poucas vezes se tem visto nos pelouros da vereação lisbonense tanto zelo, tanta intelligencia, e tanto enthusiasmo. Espera-se por tanto muito da illustrada camara, e com direito.

CAPITULO XXIV

Comprova-se a decadencia do bairro.—Intrusão de fogos suspeitos.—Correm-se algumas providencias legaes no assumpto.—O fadista do Bairro alto.—A comedia das ruas.—Os pregões lisboetas.—Venda a retalho na Lisboa antiga.—O mercado do Rocio.—A carne em Lisboa.—Açougues e talhos.—Os alquiladores e os caiadores.—O sr. Camillo Castello Branco apresenta ao leitor a Luizinha das camoezas.—As marisqueiras.—As doceiras.—As negras do pote.—Outra vez os pregoeiros.—Pregões de primavera, de verão, de outono, e de inverno.—Os pregões das diversas horas do dia.—Os domingueiros.—Uma celebridade do pregão lisboeta moderno.—Outra celebridade do pregão antigo.—O decano dos pasteleiros.

Visto que nos propozemos correr o bairro em todos os sentidos, precisamos notar que uma das suas feições mais accentuadas são uns fogos, que a policia arrebanha n'aquellas desventuradas ruas, decaídas, como as de Persépolis ou Palmyra, do seu antigo esplendor. N'outras eras a Cotovia é que arrematara o exclusivo da mercancia avariada. Quem poderia esclarecer o ponto era Ulysses, de quem trata o mais á séria possivel o bom de Luiz Marinho de

Azevedo na sua obra, e alguns outros, como frei Apollinario na sua.

Não sei quando começou tal intrusão no bairro mystico de S. Roque; mas sei que ha já seculos se destina em Lisboa arruamento ao genero. O mais antigo vestigio que achei é do seculo XV[1]; e a rua da *mancebia*, não sei onde, e as hortas do mesmo titulo sobre o Valle verde (hoje Passeio publico), parecem indicar em algum recanto suburbano algum parenthesis da castidade publica.

Se quizesse continuar a pesquizar etymologias no cerco de Lisboa pelos castelhanos, citava (a modo de gracejo) palavras de Fernão Lopes. Encarecendo os commodos e abastanças do acampamento do pretensor, diz que até uma rua de taes habitações havia no arraial, *tamanha como se acostumava nas grandes cidades*.

Ahi está pois remontado bem alto, e nobilitado com uma genealogia, não mais falsa que muitas outras, o povoléo *mundanario*, que pululla hoje pelo bairro que é o assumpto d'este livro, e por onde foi, ha cinco seculos, o abarracamento dos nossos invasores.

Isto porém era extramuros da cidade. Lá dentro não tratavam tão bem aquellas habitantes em tempo de guerra. Como não serviam para amasonas, foram lançadas fóra; eram boccas inuteis; vieram mendigar ao castelhano[2].

Os reis D. Manuel, D. João III, e D. Sebastião,

[1] Viterbo.—*Elucidario*, tom. II, pag. 110, col. 2.ª

[2] Fernão Lopes.—*Chron. d'el-rei D. João* I, cap. 148.

promulgaram leis n'este espinhoso assumpto[1]. Um alvará policial do principio do seculo XVII allude claramente a sitios, que não nomeia, destinados a habitações de contrabando[2]. Na Hespanha antiga vigiava-as um magistrado chamado *alcaide da honra,* cargo que o *Elucidario* de certo explicará melhor ao leitor do que eu o poderia aqui[3]. Em Portugal era, por meio dos seus quadrilheiros, o meirinho das cadeias quem tinha para si tão melindrosa judicatura. As inquilinas viam-se obrigadas a varrer, por turnos, a casa das audiencias do corregedor do crime; resgatavam-se porém do encargo, pagando ao seu meirinho dois reaes brancos cada sabbado[4].

Finalmente a propria Universidade de Coimbra prohibia, em 1591, que do arco de Almedina para cima vivessem os grupos, onde o nosso pudibundo Antonio Ferreira encontraria talvez as Faustinas do seu *Cioso*[5].

*

Junto d'esse elemento caracteristico move-se, na mesma área estreita e escura, outro elemento cidadão não menos pittoresco; é o *fadista,* retratado a primor por Luiz Palmeirim no seu livro de Typos.

Não tentarei aqui uma nova edição do *fadista.*

[1] Nunes do Leão.—*Coll. de leis extrav.*

[2] Ver o artigo XXII do curioso alvará de 25 de dezembro de 1608.

[3] Além da palavra *Alcaide,* pode consultar-se para este assumpto o mesmo *Elucidario,* tom. II, pag. 110, col. 2.ª

[4] Viterbo, loc. cit.

[5] *Estatutos da Univ.* de 1591, liv. III, tit. III, § 8.º

Deixal-o lá, sentado na borda do mocho da taberna, arranhar na banza truanesca os amores do conde de Vimioso, mais os seus; deixal-o ir saracotear-se na espera dos toiros, todo chibante com a sua calça de bocca de sino, e a sua jaleca de alamares; deixal-o ir para as hortas ao domingo, deleitar, com os chistes ambiguos do ultimo fadinho corrido, os bulhentos freguezes da Perna de pau e do Alto do Pina.

Estou-o a ver, encostado a uma ombreira, de chapeo para traz e mãos cruzadas nas costas, com os olhos piscos do fumo azul de um cigarrito engelhado, que de quando em quando lhe pende ao canto da bocca, exprimir no rosto encorreado, na fronte baixa e estreita, na nuca de cão de agua, e na melena recurva, que elle enchota com as costas da mão, todos os segredos ignobeis dos antros que lhe são theatro. A sua voz avinhada e rouquenha come umas palavras, e estropia outras, ao prantear a morte da Severa, n'um tom silvestre de acre melancholia indescriptivel:

Ponde no braço da banza
um laço de negro fumo;
e este signal diga a todos
que o fado perdeu o rumo.

Assim como as flores vivem,
minha Severa viveu;
assim como as flores morrem,
minha Severa morreu!

Levantae-lhe um mausoleo,
co'um negro cypreste ao lado;
e o epitaphio que diga:
Aqui jaz quem soube o fado.

Estou a ver o fadista; estou-o a ouvir; e por isso é que proponho que voltemos a folha. Ramalho Ortigão com as suas poderosas faculdades observadoras, ao contrapol-o aos homens dos ares lavados da montanha, aos ingenuos camponezes do Minho, aos cantadeiros sympathicos e francos da nossa Beira, exprimiu, sem o saber, em duas pennadas, toda a *physiologia* da faca, da faca má das viellas, da faca traiçoeira das tabernas, da faca doentia e ignorante, borboleta sinistra das noites sem aurora, e das flores do mal [1].

O fadista do Bairro alto é o *marialva* do rez do chão da sociedade, escoria das tendencias elegantes de uma cidade grande, producto bastardo da ociosidade e do vicio. É o triste frequentador da galeria das causas crimes, e muita vez o pobre Othello obscuro da parte de policia. O fadista é um aleijão nos costumes; tarde lhe chegará a sua vez de regeneração, lôbrego vadio inconsciente, a quem o Limoeiro fascina, com o magnetismo escancarado de um sapo collossal!

E ponhamos ponto no assumpto.

Acharia alguem por ventura intempestivas, importunas, ou inopportunas, as duas menções que ahi deixo? inopportunas é que não. Se são justamente uma parte das mais caracteristicas da comedia d'aquellas ruas!

[1] É digno de reler-se o que vem a pag. 69 do numero das *Farpas* de abril de 1872.

*

A comedia das ruas de uma cidade é por si só estudo serio, e dos mais interessantes. N'essa comedia, como nas do velho Aristophanes, reflecte-se todo o viver de um povo. Concentram-se ali, como n'um foco, os raios dispersos. Basta observar esse kaleidoscopo multicor, para deduzir n'um relance a indole, as usanças, as posses, a civilidade, a graça, a historia, de uma cidade populosa. No vendilhão ambulante (figura cujo pregão me parece exclusivamente lisboeta), no vendedor fixo de balcão, no passante das horas certas, no transeunte adventicio, no tunante aperaltado, no despertar matinal e curioso da gelosia, na catadura do soldado da policia, no operario, na costureira, nos vehiculos diversos, em cada um finalmente dos variados actores da farça, nunca ensaiada e sempre sabida, sempre a mesma e sempre nova, ha confidencias, que o espreitador minucioso não pode nem deve deixar passar despercebidas.

*

Fallei ha pouco dos pregoeiros; voltemos a elles. É notavel, quanto a mim, na nossa linda e variadissima Lisboa, esta usança popular dos pregões em musica. Não riam; ha não só melodia, mas harmonia, na maior parte d'elles; não lhes é estranho um certo contraponto, singelo e pobre, mas claro; obteem ás vezes effeitos graciosos, que não deixam de ter sentimento. Com a lettra de

Merca o par de melancias!

ou

Quem quer azeitonas novas!

com a de

Rica amora da horta!

Amora fria!...

exprimem-se frequentemente motivos amorosos, que desferem vôo por sobre o rugido surdo da população, como as arietas de azas iriadas de um Bellini ou de um Donizzetti.

E é antigo isto. Já na Lisboa quinhentista encontramos os pregoeiros. Não me lembra de ter achado vestigio d'elles em Gil Vicente, que tanto pintou a vida popular, nem nos seus congéneres; no proprio buliçoso e animado *Auto da feira,* as fallas em que os diversos vendedores recommendam as suas mercancias são perfeitos annuncios, mas não pregões; achei-os porém em outros escriptores do tempo d'el-rei D. João III. Os heroes da India e da Africa ouviram por tanto os nossos pregões cantarolados.

*

Logo ao amanhecer principiava a reviver a cidade, ao passo que se ia despindo das brumas da noite. Rompia o sol detraz dos paços da Alcáçova; e logo saía á rua uma chusma de vendeiras, brancas, pretas, forras, e captivas, trazendo á cabeça grandes panellas cheias de arroz, cuscuz e chícharos, e apregoando esses piteos de almoço. *E*—diz um coevo—

como os meninos as ouvem da cama, se levantam chorando por dinheiro a seus paes e mães[1].

Outras negras saíam a vender ameixas passadas cosidas, em vasos bem aceados, cobertos com pannos muito lavados, como ainda hoje as raras pretas da fava rica. Era o conducto do almoço dos pobres, para quem, além d'isso, vinham a ser alimento habitual, no dizer de outra testemunha contemporanea, as sardinhas cosidas e salpicadas[2], porque não se podia obter carne por preço accessivel, attendendo a um costume egoistico, a que logo alludirei.

Andavam tambem os *grumetes das Berlengas* vendendo perrexil de conserva, segundo uma phrase da *Aulegraphia*[3].

Animava-se a permuta no correr do dia; o commercio ambulante ia promiscuamente distribuindo ao povo letria, pastilhas de perfumar, obreias, agua ardente, açafates[4], e mechas[5]. Encontro signal da venda de peixe na Ribeira (hoje Ribeira velha), onde não menos se achava toda a hortaliça, no Rocio, e, além d'isso, pela rua tambem, segundo o verso de Ferreira

pelas ruas mil cambos, mil recambos.

Os *cambos,* ou *cambadas,* eram enfiadas de peixe

[1] O anonymo auctor da *Estatistica* mss. da bibliotheca nacional de Lisboa, citada; fol. 27, 27 v. e 28.

[2] *Relação da viagem dos embaixadores venezianos Tron e Lippomani.—O Panorama*, vol. VII, pag. 98.

[3] Act. I, sc. VI.

[4] *Estatistica* citada.

[5] *Ulysippo*, act, V, sc. VII.

n'um vime comprido á maneira de pinhões. A palavra tomou hoje uma accepção insultuosa, e o peixe já se não empala pelas guelras.

Li n'uma Miscellanea de manuscriptos antigos, que possuo, uma esparsa que dá tambem testemunho da venda ambulante de peixe fresco; eil-a:

A UMA MOÇA VENDENDO SEM SAL

Ó moça, fazes bem mal
em mentir nos teus pregões:
tu, que salgas corações,
porque apregoas sem sal?

Nem já posso entender tal;
quem m'o fizera entender!
ter sal, e ensosso vendêr!!
ser tão linda, e não ter sal!!!

*

O Rocio, grande centro commercial que já descrevi n'esta mesma obra, era, antes do decreto que gisou em terrenos do hospital de Todos os Santos, a nossa Praça da Figueira[1], todo atravancado com cabanas portateis e enormes chapeos de sol de mulheres de venda, com gigas de collarejas, celhas de regateiras, rebolos de barbeiros, caixões de legumes[2] (como ainda hoje nas pittorescas praças do Porto), e até com barracas de pelle para os sapateiros nómadas que havia em Lisboa, e ainda ha nos nossos

[1] Decreto de 23 de novembro de 1775.
[2] Relação estupenda, citada.

campos, figuras que nem debaixo dos seus alpendres escaparam ao muito observador Antonio Prestes, o qual as soube retratar em dois traços, quando disse:

> .... *muito sapateiro,*
> *que co'uma pel de carneiro*
> *põe tenda*[1].

No largo terreiro do Rocio, rodeado de mercearias, tabernas, e outras lojas, havia ás terças feiras no tempo do auctor das *Grandezas de Lisboa*[2], uma feira semanal, avó da nossa feira da ladra[3] (que é antiga, e se celebrava primeiro ali mesmo, e a que a *Eufrosina* chama algures *a feira da Santa Ladra*).

Por baixo de edificio sumptuoso do hospital corria uma arcada gothica; n'essa arcada muitos mercadores possuiam armarios e balcões fechados, de que pagavam renda ao hospital, e onde vendiam ao povo toda a sorte de panno de linho, canequim, cassa e olanda, linhas, rendas, tranças, franjas, e outras coisas semelhantes, além de artigos de calçado e estopa[4]; e na escadaria da egreja central do mesmo edificio tinham poiso certo os cegos distribuidores e pregoeiros ambulantes de papeis e novidades, assim como o tinham, não ha muitos annos, na arcada do norte do Terreiro do Paço[5].

[1] Isto vem algures no *Auto da Ciosa*, se me não engano.

[2] Fr. Nicolau de Santa Maria, pag. 221.

[3] *Relaç. estr.*, citada.

[4] Frei Nicolau de Santa Maria, pag. 222, e Ratton, *Record.*, pag. 304.

[5] Ribeiro Guimarães. *Summ. de var. hist.*, tom. IV, pag. 59.

A praça do Rocio ás terças feiras devía ser um verdadeiro pandemonium, pela variedade dos trajos dos saloios, ribatejanos, e alemtejanos, dos lisboetas, dos negros, assim como dos forasteiros (que os houve então por cá em grande numero, e já de tempo antigo), e finalmente dos escravos turcos, chinas, chingalas, abexins, cafres e maracatas.

*

Além de tudo que apontei, encontrava-se ali tambem feira de gado n'esses dias; e, segundo um escriptor já citado [1], era uso das pessoas particulares o comprarem as rezes vivas para matarem em suas casas, o que, sendo facil aos ricos, tolhia ás classes pouco abastadas o uso de carne. Entre o tempo a que se refere frei Nicolau, e o anno de 1618, estabeleceram-se açougues ordinarios da camara; não sei quando começassem; mas vi n'uma carta regia d'esse mesmo anno [2], que era então prohibido cortar-se carne fora dos taes açougues. Já se reconhece ahi um pequeno progresso. A acertada disposição foi porém illudida por muitos particulares, *e até fidalgos,* que vendiam em suas casas a carne das rezes que iam comprar ao mercado. Ora como tal abuso defraudava o tributo do real d'agua, que se cobrava da venda nos açougues publicos, foi prohibido por uma severa provisão de 23 de setembro de 1641.

Passado tempo (não acho rasto de quando fosse)

[1] Frei Nicolau de Santa Maria. *Grand de Lisb.*, pag. 22.
[2] Carta regia de 11 de setembro de 1618.

o senado de Lisboa fez contracto com uma companhia obrigada a abastecer de carnes verdes a cidade. O açougue geral era no Terreiro do paço, ao nascente. Parece não ter a companhia correspondido ao que d'ella se esperava, pois que em 1773 [1] o senado se via obrigado a extinguil-a, restituindo aos marchantes e outros fornecedores de carnes a sua liberdade sob certas clausulas, e estabelecendo trinta talhos em Lisboa. Omitto por superflua a relação d'elles; limito-me a dizer, que ao nosso Bairro alto couberam quatro, o que prova quão populosa era já então aquella paragem: um no *Cunhal das bolas,* outro na travessa *da Agua de flor,* outro *defronte do Loureto na rua que vae para a calçada do Combro,* outro na rua *da Cruz de pau.*

Mas cá nos afastámos nós do Rocio. Voltemos a elle. Não tenho pena, assim mesmo, de me ter entretido com estes pormenores, que tanto se distanceiam dos nossos usos, e por isso não deixam de ser saborosos.

Hoje o esplendido matadoiro da Cruz do Taboado, os muitos talhos fixos, livres, liberrimos, e os talhos ambulantes nos carros municipaes, poupam á população lisbonense os descommodos a que se calcula esteve sujeita em antigas eras.

*

Complete-se o quadrinho de costumes populares da feira que esbocei, juntando-lhe os grupos de vendedores e alquiladores de cavalgaduras, que tam-

[1] Edital de 20 de março.

bem tinham ali, no sitio onde é hoje o largo de S. Domingos, o seu poiso habitual. O nosso Borratem ainda conservava, ha bem pouco, restos moribundos d'essa industria, prejudicada pelos modernos meios de locomoção. O José Caetano, alquilador de jumenticos, e de alcunha o *Bairro alto*, era uma celebridade no genero; e ainda ha vestigios de tal commercio nos extremos septentrionaes da travessa *da Palha,* e da rua *dos Douradores,* onde são as arriarias de aluguel; assim como na rua *do Amparo*, onde se fabrica toda a sorte de arreios para os muares e cavallinhos de carga dos saloios do termo.

Se se attender a que no seculo XVI (segundo frei Nicolau) eram mais de quatro centos em Lisboa os animaes de aluguel, afóra os particulares, e rarissimos os coches (segundo outro narrador), não deixará de augmentar consideravelmente o movimento do mercado do antigo Rocio de Lisboa.

★

Outra industria peculiar do sitio, e que chegou ao nosso tempo, mas desappareceu, era o dos caiadores, que ali se encontravam, e cuja memoria vive ainda n'um esquecido proloquio popular: «Vá caiar o tecto do Rocio.»

★

Agora, agora que vimos em todo o trafego das suas funcções commerciaes a celebre praça, melhor se entenderá a cançoneta de um certo poeta seiscentista ressuscitado pela vara magica do nosso immortal Camillo Castello Branco. Chamava-se o poeta

Antonio Serrão de Castro. Das grades do carcere da inquisição, onde curtiu alguns annos de judiaria, como bom judeu que era, avistava e oúvia elle no mercado do Rocio uma saloia esbelta e formosa, a Luizinha das camoezas; e que lhe fez? emmoldurou-lhe de longe o gracioso vulto no quadro breve de nove redondilhas em toantes. Ellas aqui vão extraídas das *Noites de insomnia:*

Para a feira vae Luiza
co'o seu balaio[1] *á cabeça,*
todo enramado de loiro,
e cheio de camoezas.

Leva saia de jilezia,
tambem jubão branco leva,
que serve o jubão de branco[2]
d'onde Amor atira as flechas.

Sobre os dedos, pendurados
leva seus punhos de renda.
Tão valentona caminha,
que treme o bairro de vel-a.

Lá no meio do Rocio
levanta a voz mui serena
como se aprendera solfa:
«Eu já tenho camoezas.»

Á voz tão divina e grave,
á voz tão de prata e bella,

[1] É a cesta de palha entrançada que usam as vendeiras. Já hoje perdeu o nome.
[2] Ou *alvo* como diriamos hoje.

os galantes se alvorotam,
e ferve a bulha na feira.

Deixam todos as boninas
só por ver esta assucena;
em um momento cercada
se viu esta fortaleza.

Os requebros que lhe dizem
são balas de feras peças;
mas no muro do seu peito
acham grande resistencia.

Uns apreçavam a fructa,
Outros tiram da algibeira
ás mancheias os tostões,
aos alqueires as moedas.

Mas Luiza, mui de espaço,
levantando a voz tão bella,
de quando em quando repete:
«Eu já tenho camoezas!»

Ha graça, ha colorido, ha toque espirituoso n'esses versos. Aqui penduro pois o elegante quadrinho da vendeira, n'esta galeria de costumes tão nossos. Tenho para mim que rima com a figurinha da outra

saloia
dos queijinhos frescos, villã vaqueirinha,

que assim esboça de passagem o curioso auctor do *Auto da Ave Maria*[1].

[1] *Autos* de Antonio Prestes, pag. 9. Sirvo-me da edição nova

*

Á noite percorriam o ermo das ruas as marisqueiras, que d'este modo se chamavam as duzentas negras que vendiam marisco de concha, e legumes cosidos. Ainda ahi andam nos bairros orientaes e alfamistas, e no Bairro alto, as pretinhas do mexilhão, netas d'aquellas outras, e cujo pregão metallico, monotono e sinistro, é provavelmente reproducção tradicional das antigas marisqueiras da era de quinhentos.

*

A agua vendia-se, como hoje, pela rua. Hoje temos tambem a companhia, que fez mortifera concorrencia aos nossos *açacaes*, nome primitivo dos vendedores de protoxydo de hydrogenio, segundo o *Elucidario,* e a *Eufrosina* de Jorge Ferreira. Tambem havia aguadeiras; eram as chamadas *negras do pote,* por andarem *ao pote,* isto é, a acarretar a agua em potes dos chafarizes para as casas[1].

*

Do Natal aos Reis umas trinta mulheres, na Ribeira e no Pelourinho velho, punham umas mezas cobertas de toalhas muito brancas, onde vendiam gergelim, pinhoada, nogada, marmelada, laranjada, ci-

com que o sr. Tito de Noronha enriqueceu a nossa bibliographia.

[1] *Estatistica* citada, pag. 33 v.

drada, fartes, e toda a sorte de outras gulosinas [1], predecessoras das borôasinhas que nós comemos pelo mesmo tempo, e a que nada deviam por certo as obras dos antigos confeiteiros, então chamados *alfeloeiros*.

*

Ahi deixo quatro traços caracteristicos do mercado na Lisboa de Camões e de Nicolau de Altero. Tudo isso passou; tudo isso mudou; e porque mudou, é que taes noticias miudas são interessantes para nós outros.

*

E o que hoje existe vae mudando tambem de dia para dia; é tarefa para quem escrever d'aqui a cem annos. Vimos nós proprios, talvez, ou antes viram nossos paes, varios centros mercantís que de todo desappareceram. No largo *de Santo Antonio da Sé* era, ha cincoenta annos ainda, o mercado especial dos peros verdes e seccos (chamados *bofes,* quando são enfiados em juncos); de tal venda restam vestigios pelas immediações, pelas Mercieiras, e pela Sé. No largo *de S. Paulo* era a venda privativa do pão, quasi todo ordinario, proprio para embarque; isso acabou, a não ser que dure ainda por alguns *logares* da Ribeira nova. Em S. Paulo foi tambem, não ha quarenta annos, a venda de hortaliças finas, feita ali por genovezes e outros italianos. Finalmente no Terreiro do paço, hoje desobstruido e aristocra-

[1] *Estatistica* citada, pag. 34 v.

tisado, vendiam-se queijos do Alemtejo, em mezas portateis de pau com umas balanças em cima, queijos comprados em primeira mão ás faluas do sul, ou obtidos nas execuções fiscaes á porta da alfandega.

Pois essas mesmas variadas fórmas da venda a retalho se apagaram, com serem de hontem, e pertencem á historia morta dos usos e costumes [1].

Como estas, quantas coisas preciosas nos não fugiram! que de traços caracteristicos se não riscaram, que tanto ajudariam o retrato do Bairro alto!

Oh! se as esquinas podessem fallar! se podessem collaborar comigo n'este desenterrar laborioso de velharias!

*

Tornando mais detidamente aos pregões: no Porto são seccos, aridos, apressados; parece que teem muito que fazer; ha n'elles um certo positivismo mercantil, ás vezes lugubre. Nos nossos Açores quasi

[1] Devo algumas d'estas noticias ao sr. J. Gomes Goes, que da melhor vontade contribuiu sempre com o seu muito saber para esclarecer o que eu ignorava. É notavel a massa de conhecimentos especiaes que este meu amigo tem armazenados na sua rica memoria. Sabe conservar, o que é raro, e sabe ver, o que é difficillimo. É um espirito essencialmente observador, que ajudado de uma grande sagacidade abrange relações curiosissimas e novas, entre objectos que á primeira vista parecem incompativeis. Muito me teem servido as suas instructivas conversações; só lamento que não escreva para o publico uma parte ao menos do muito que estudou. Não ha direito para alumiar só para dentro; deixemos esse egoismo ás lanternas de furta-fogo, como dizia meu pae.

não ha pregões. Em Madrid, dizem que tambem não. Os de Paris são poucos, e não muito melodiosos. Em Roma não os ha de todo. Será isto pois mais uma peculiaridade de Lisboa? serão as cantilenas dos nossos vendilhões os verdadeiros *pregões do ninho meu paterno,* de que falla o grande epico?

Mas porquê, e d'onde virá esta espontanea *palestrinata* matutina, que diz tão bem com o sorriso perpetuo do nosso bello sol a brilhar na face caiada da casaria?

*

Os pregões variam conforme os bairros; e é natural. Cada vendedor gira, como os planetas, n'uma orbita definida. Ha porém alguns, que são communs a varias paragens da capital; e ha-os até que a percorrem toda.

Mais ainda: os pregões differem, não só com as horas do dia, mas tambem com as estações do anno.

Ha os da primavera, a offerecerem os cabasinhos de morangos acamados em fetos, as hortaliças tenras recem-colhidas nas varzeas de Arroios ou de Odivellas, toda a *novidade* emfim, com que se estreia o anno agricola.

Ha os de verão, denunciando as frutas-sorvetes, com que se engana a calma, as melancias rubicundas de Abrantes ou Alcochete, as laranjas de Setubal, os melões e romãs da borda d'agua.

Ha os do outomno, com a invasão da fruta nova.

D'onde vem a fruta nova?
Não n'a vi senão agora,

dizia uma cantiga quinhentista[1]; a fruta opulenta e perfumada dos pomares de Bemfica e de Collares, os figos de capa rota das nossas hortas do termo, as famosas azeitonas dos nossos olivaes da Estremadura.

Depois, começam insensivelmente os que entram a adivinhar inverno, a castanha cosida, tão melancolica (ia dizendo tão sentimental!) na doce toada com que vem, inconsciente e pobre, annunciar entre as primeiras chuvas os primeiros folguedos invernaes, a abertura dos theatros e dos bailes, a vida elegante da nossa côrte, onde ella não entra.

Ha pela manhãsinha os pregões idyllicos do leite mugido, que nos veem despertar á cama, e logo nos pintam ao espirito os grupos bucolicos, a que o insigne animalista Annunciação não sabia ser indifferente, pregões que são uma especie de paraphrase portugueza do

......pressi copia lactis

do virgiliano Melibeu.

Ha os pregões domingueiros da tarde, que revelam a salutar interrupção do trabalho nas classes operarias, o passeio da familia aos grandes centros, ou aos ocios das hortas da Rabicha ou de Xabregas, por onde, segundo um personagem da comedia *Ulysipo* de Jorge Ferreira, se ia de bom grado *lançar uma cã fóra;* a fava torradinha, o tremoço saloio, o pinhão novo, que lembra el-rei D. Diniz.

[1] Ant. Prestes. *Auto da Ave Maria.*

Repare o leitor com attenção, e verá que não exagera a minha phantasia, nem o meu affecto filial a esta cidade que nos viu nascer. Ha pregões ternos e melancholicos; ha outros engraçados e burlescos; ha outros indifferentes, sem côr e sem intelligencia; uns são preguiçosos e indolentes como lazarones; outros finos e flexiveis como enguias; outros fleugmaticos e calculadores como os argentarios da rua *dos Capellistas;* uns são gordos, outros magros; uns são garotos, outros circumspectos.

Em summa: o pregão é uma feição especialissima da comedia das nossas ruas, e um espelho do caracter nacional.

D'onde virão estes usos todos?—torno a perguntar. Serão moiriscos? não sei. Ás boas aguas da cidade, principalmente ás do chafariz d'el-rei, attribue Luiz Mendes, que era muita vez um visionario como eu sou, a pureza crystallina das vozes do nosso povo[1]. Talvez tenha razão; decidam os especialistas. Mas o que é certo... (é preciso examinar isso depois de se terem curtido lá fóra as saudades da ausencia), o que é certo é que os pregões em Lisboa são affectuosos, afinados, e theatraes.

*

Nada mais inverosimil do que o tom dramatico e grandioso do pregão de um vendilhão de laranjas, que por ahi andava ha quinze annos. Interroguei uma vez o pobre homem; explorei-o, e achei n'elle um romance, que não vem para aqui, mas cuja men-

[1] Do sitio de Lisboa. Dial. II.

ção deve explicar, para quem o conheceu, a indole sombria e amorosa do seu motivo. Tenho pena de o não poder notar musicalmente.

1.er COUPLET

(con bravura)

Merca a laranja

(con amore)

da China!...

Longa pausa.

2.ème COUPLET

(Sforzando, con affetto)

Merca o queijo

saloio!...

Como aquella voz possante de baritono exprimia em tão singelas palavras mil sentimentos de ciume, de saudade, de soffrega dedicação, de terna confidencia... com laranjas e queijo saloio! Ahi é que está o talento: pequenos meios, grandes effeitos.

*

Sem sair do assumpto:

Lembra-me ouvir a meu pae, que ha bons setenta annos, na meninice d'elle, toda passada n'este arrua-

mento pittoresco de que eu vim a ser o chronista, sobresaía, entre os pregões habituaes e diarios do sitio, um que a todos desbancava: era o de uma vendeira, saloia alta, bem parecida, a quem chamavam de alcunha a *Praça da Figueira,* pela muita e optima hortaliça de que o seu burrinho ia ajoujado. Ressoava aos eccos sonoros do bairro de Nicolau de Altero a voz musical e estridente d'este contralto de obra grossa; e tanto, que se ouvia de muito longe, como uma tuba clangorosa, entre o côro inharmonico de todo o vosear matinal das travessas.

A *Praça da Figueira!* Quem se lembra d'ella hoje em dia? passou, como passam todas as glorias.

*

Não quero despedir-me sem recordar outro actor da comedia d'aquellas ruas; era o velho pastelleiro da rua *da Rosa.* Muita vez lhe comi os deliciosissimos pasteis de carne e os de nata; muita vez lhe ouvi blasonar com certo entono a sua primazia chronologica sobre todas as lojas do Bairro alto. Ficava no quarteirão comprehendido entre a rua *da Rosa,* o *Cunhal das bolas,* a rua *do Carvalho,* e a travessa *dos Inglezinhos.* Era um velho de poucas palavras, meio dormente, e já successor do fundador da dynastia; esse remontava a sua estirpe culinaria a muito antes de 1755.

Tudo isso acabou haverá dez annos. Os seus brilhantes confrades da rua *dos Capellistas* e *do Chiado,* nem lhe querem ouvir o nome. Pois fazem mal. O pasteleiro da rua *da Rosa,* como n'outras paragens aconteceu ao pastelleiro de Belem, res-

suscitado pelo brilhante e consciencioso pincel de Bordallo Pinheiro (pae), foi uma illustração da arte, e outra do Bairro alto; e por isso apanhou logar n'esta minha galeria. Ao menos feliz eu, se com esta recordação lhe poder dar a immortalidade... de algumas semanas!

CAPITULO XXV

E ULTIMO

Começa o auctor d'este livro a fazer as suas despedidas aos leitores.—Recapitula o exposto.—Menciona os auxiliares que teve.—Os *typos* do Bairro alto em todos os tempos.—Exhortação ao romance para que os aproveite.—O Bairro alto e a rua de Coruche.—O progresso; suas tropelias civilisadoras.—Physionomia antiquada do sitio.—A historia nos bairros da cidade.—O seculo XII na Alcáçova.—Os seculos XIV e XV na Mouraria.—Procura-se de balde o XVI.—O seculo XVIII na baixa.—Onde avulta o seculo XIX?—O Bairro alto é o XVII.—Insiste-se na feição *sui generis* do Bairro dos jesuitas.—Quadrinhos a fugir.—O porvir das ruas que se descreveram.—Tendencias de Lisboa.—A grande Lisboa do futuro.—O bello e o bom.

E agora, emfim, já que, sem esgotar o meu assumpto, esgotei talvez a paciencia dos mais benevolos, ficar-me-hei por aqui, preparando-me para traçar em lettras versaes a palavra cabalistica final, por que suspira o leitor.

Sentemo-nos a descançar da fadigosa jornada que emprehendemos.

É mais que provavel que até o papel se sinta de véras saturado de Bairro alto; eu é que o não es-

tou, confesso; tomado o fôlego, cá me irei continuar as minhas buscas n'outras regiões da grande cidade; e siga-me, quem quizer seguir um mau *cicerone*. Sou um mau *cicerone*, e digo em quê: em inventar o menos que posso; repito o que outros disseram; apenas; ao mostrar Pompeia não a povôo de fabulas conscientemente; se offereço algumas conjecturas, não vendo mentiras. Ora o bom *cicerone* não é isso; paciencia; é este o meu feitio litterario.

*

Pintei como soube e pude a banda occidental da Lisboa d'el-rei D. Manuel e d'el-rei D. João III; fiz assistir o estudioso á edificação de Villa-nova; apresentei-o aos senhores directos do terreno; mostrei-lhe o viver d'elles, as suas allianças, os seus usos; percorremos as casas religiosas, e as moradas dos cidadãos principaes; emfim estudámos juntos a feição peculiar d'esta divisão notavel de Lisboa.

Haveria mais que dizer, sem duvida; o Bairro alto pode ser muito explorado ainda, sob o aspecto historico, artistico, archeologico, economico, e até anecdotico. O caso era ter paciencia para seguir os varios filões da mina inexhaurivel, e desenterrar d'aquella grelha de ruas o seculo XVII portuguez.

Chronista consciencioso, fiz o que me era dado para conservar aos vindoiros o traslado da povoação que se deve ao pensamento dos jesuitas; digo como Miguel Leitão, que prometto citar pela ultima vez:

Quiz-vos contar estas antigalhas, por ser isto hoje uma tão nobre parte de Lisboa.

*

O que sinto é não ter conseguido mais. Os livros deram-me o que tinham; esses são sempre serviçaes e bons.

Outros amigos vivos prestaram-me, conforme attestei, grandissimos obsequios, já com os seus conselhos affectuosos, já com o emprestimo de documentos de valia. Especialiso muito os meus collegas José Gomes Goes e José Ramos Coelho. Do primeiro espero que por utilidade dos estudiosos se resolva a coordenar alguns dos muitos apontamentos historicos que deve possuir. Do segundo aguardo que sem demora conclua a sua erudita memoria sobre o infante D. Duarte, demonstrando assim mais uma vez que as altas faculdades poeticas não excluem os mais distinctos dotes de historiador.

Pessoas houve tambem, que poderiam contribuir para o feliz exito da empresa, pois possuiam titulos e papeis importantes, e o não fizeram; algumas nem responderam aos pedidos com que directa ou indirectamente as importunei. Escrever a historia do Bairro alto? a quem interessam taes velharias? Revolver cartorios particulares? é indiscrição; papeis são para se guardarem; não são coisa que se mostre; que tem o publico em geral com os titulos dos predios? ha exigencias exquisitas!

O que é triste é que em Portugal quem quer investigar seja o que fôr, tem de se fazer uma especie de mendigo, e preparar-se para o *Tenha paciencia, não pode ser,* ou para o silencio, que ainda é peor. Que o digam outros queixosos de bem maiores me-

recimentos que o meu!: os Barbosas Machados, os Agostinhos de Santa Maria, os Baptistas de Castro, os Innocencios, os Pinhos Leaes.

★

Imagine-se, no entanto, a quantos Gavarnis, antes a quantos Callots, não inspirariam as antigas ruas de Lisboa... ou (restrinjamo-nos a estas) as ruas do nosso Bairro alto! quantos *typos* não passaram, desluzidos já hoje de todas as memorias! quantas revelações deliciosas de *humour* não saltariam no bocejo d'aquelles recantos, ou se não agarrariam, como gárgulas grotescas, áquellas esquinas indifferentes!

O peralta assucarado, que deslisava aos pulinhos de pôldra em pôldra para não salpicar a meia!

A marisqueira das Trindades, com a sua voz roufenha de fazer rir!

As véstias bordadas de dom Fulano!

O escudeiro fallador da fidalga emplumada e donairosa da casa amarella!

As visitas e os comprimentos do principal Cicrano!

O escrevente magrizel, que atravessava todas as manhãs, de mãos nas algibeiras, e com cara de frio, de caminho para a sua banca no Pelourinho velho!

Os ditos sentenciosos de frei Beltrano arrimado no seu enorme chapeu de sol de panno azul!

O poeta Nicolau Luiz com a sua grande cabelleira de rabicho, o seu capote de baetão, e o seu fiel canzarrão de agua![1]

[1] Assim o descreve Costa e Silva no *Ensaio*.

A tosse secca e sabida, com que ao bater das Trindades o adamado dava signal para a adufa!

A chegada dos coches da rainha viuva ao paço do Moinho de vento!

As modinhas á viola da filha do arameiro!

As saídas da turba-multa alegre do theatro do judeu!

As entradas para a prédica dos padres de S. Roque!

A loja do barbeiro mestre tal!

A celeberrima estanqueira do Loreto!

O pregoeiro do jergelim, com as suas petas e casos para rir!

Um mundo! um mundo de coisas! Á obra, á obra, romancistas de observação! sois vós os verdadeiros chronistas da era moderna; á obra!

*

O Bairro alto conserva, em alguns pontos, certa semelhança com as ruas da velha Coimbra; e na velha Coimbra (segundo as anecdotas que escuto sempre avido), na rua de Coruche, por exemplo, vivia como que em familia a população rasteira do pequeno commercio, e dos visinhos e visinhas das casas baixas. Por cá era o mesmo; e ainda é em algumas ruas. Fazem uma especie de rancho á parte; commentam-se mutuamente; auxiliam-se quando é necessario, mas sabe cada um da vida de todos, e todos do fraco de cada um. As anecdotas travêssas, as carapuças malignas, saltitam de porta para porta, e de janella para trapeira; impera a alcunha; as chronicas a retalho alastram-se de bocca em bocca na

gazetilha maliciosa e augmentativa da senhora visinha; o gallego, tão decaído hoje, depois da companhia das aguas, é ainda ali um Mercurio, e um complemento; n'uma palavra: reina em todo aquelle arruamento buliçoso e trivial uma certa originalidade de velharia, uma indefinivel autonomia de villa, que não pode escapar aos desenhistas de tão curiosa pagina lisboeta. Hogarth havia de illustrar com gosto uma tal pagina.

*

O Progresso, o da rasoira inexoravel, o que não attende ás considerações dos *amadores,* nem ás supplicas das adufas e dos frades de pedra, o Progresso, o grande egualitario, não esqueceu o Bairro alto, nem podia esquecel-o.

Viu que o terremoto grande o tinha poupado quanto possivel, incendiando-lhe sim muitos predios[1], e arruinando-lhe alguns dos melhores palacios, mas conservando a disposição da primitiva grelha de ruas; e que fez então o Progresso? entrou affoito a ellas; concertou, aqui, ali, as frontarias; azulejou algumas; coroou-as de platibandas pretenciosas de barro pintado.

Canalisou as calçadas, que a altiva negligencia das pretas fôrras deixara uma lastima desde o tempo d'el-rei D. José.

Assoprou na mão dos creados o archote e a lanterna, com que eram precedidas as familias nas suas

[1] Assim se vê no tombo manuscripto feito por ordem do marquez de Pombal, e existente na Torre do tombo.

visitas aos serões e partidas da visinhança. Accendeu, pela iniciativa do intendente Pina Manique, e depois pela do emigrado conde de Novion, os candieiros suspensos, de azeite de purgueira, que ainda nós outros apanhámos[1]; depois, não lhe parecendo boa essa illuminação mortiça, apagou-a; apagou não menos os lampiões dos nichos e dos Santos de azulejo, e substituiu-lhes o gaz, com a sua risada de luz a cada esquina.

Não gostou dos poiaes que ladeavam frequentemente os portões; arrancou-os.

Não gostou das gelosias gradeadas que disfarça-

[1] Em 17 de dezembro de 1780, dia de annos da rainha D. Maria, viu Lisboa pela primeira vez o grande melhoramento da illuminação das suas ruas principaes. Foi um grande successo, a que ficou ligado o nome já illustre de Pina Manique. Eram setecentos e setenta os candieiros, todos comprados á custa do estado, e mantidos, segundo a ordem do intendente, por subscripção particular, devendo cada habitante concorrer com um quartilho de azeite por mez. As ruas illuminadas foram: do Terreiro do paço á Boa vista, Alcantara, Tapada, até á Ajuda; do Terreiro do paço até á Cruz da pedra; ruas do Ouro, Augusta, da Prata, Rocio, nova do Carmo, nova do Almada, Chiado, Loureto, largo e calçada do Carmo; ruas de S. Roque até ao Rato, Alecrim, nova dos Martyres, calçada do Duque, do Combro até á Esperança, rua da Rosa, do Carvalho, Arsenal do exercito, Paraizo, campo de Santa Clara, largos de S. Lourenço e S. Christovam, e ainda outros sitios. Este notavel melhoramento encontrou, não obstante, solapada resistencia no publico, que achava pesado o tributo; e a incuria portugueza não corou de ver apagar-se a illuminação publica em 1792, por falta de azeite!! Assim se ficou até 1801, em que novamente se providenciou no sentido civilisador, e se conseguiu. Extraí estas noticias do livro do sr. F. da Fonseca Benevides *Rainhas de Portugal,* tom. II, pag. 190 e 191.

vam as varandas, e davam ás moradas cidadãs o aspecto recolhido de mosteiros; derrocou-as, e fez entrar ar puro nas vivendas [1].

Reprovou as tabernas, a cujas portas tremulava um ramo ignobil de loiros seccos, como nas da Maria Parda, e fez d'esses antros botequins [2].

Aperfeiçoou quanto poude o pequeno commercio, alargou-lhe o ambito, repartiu as diversidades das vendas. Amodernou as lojas e officinas dos mistéres, tirando-lhes umas certas meias portas, que davam só por si quadrinhos completos de Téniers e Van-Ostade, e de que ainda o Porto possue optimos exemplares.

Numerou os fogos.

Mobilou decentemente as casas.

Ensinou o uso da agua, que não é só uma bebida refrigerante.

Tirou ás horas mortas, graças aos terços da guarda real da policia do conde de Novion, á guarda municipal de D. Carlos Mascarenhas, á nossa policia civil, e aos nossos guardas nocturnos, os pittorescos ataques de ratoneiros, ladrões, e rufiães, os floretes arrancados, o inesperado das esperas, as arruaças da meia noite, que faziam de Lisboa um pinhal sem pinheiros, mas muito melodramatico, uma especialidade medievica na presença da Europa nova.

Desterrou o churrião puchado a bois, a cavalgada asinina, a liteira, o coche, e até as antigas seges de chocalhada memoria, que ainda viu a actual gera-

[1] Alvará com força de lei de 15 de junho de 1759.

[2] Alvará do senado de Lisboa de 27 de março de 1765.

ção; e mostrou ao Bairro dos jesuitas, atonito de si, o que são navarras, coupés, tilburys, cabriolets, dog-carts, caleches e americanas.

E depois de todas estas diabruras, o Progresso poz-se a olhar para a sua obra, com ar de rapaz travesso, e disse:

—«Torna á antiga se podes, Bairro alto!»

E pensando nos futuros archeologos, exclamou a rir-se:

—«Que trabalhem.»

Pois bem: apesar de tanta e tão cruel transformação, eu sustento que o Bairro tem ainda, perante a Lisboa garrida do Chiado e do arruamento, uma feição *sui generis* inconfundivel, e é um como protesto vivaz em nome do que foi.

*

Cada região da velha Lisboa é, sim, um protesto em nome do passado.

A Alcáçova, com a sua costa, com os seus desertos, as suas oliveiras seculares, as suas ruinas, que o tempo e os municipios esquecem, os seus pincaros de aguia, os seus cunhaes vetustos, que os proprietarios substituem, é para nós outros o seculo XII. A Alcáçova é guerreira como os decennios moiriscos da nossa historia; ainda se teme de incursões; para isso lá conserva os seus cubellos, as suas viellas que facilmente se acorrentam, os seus despenhadeiros de ingreme accesso; mas ao mesmo passo é scismadora, é poetica; espraia a vista, como os desejos, pelo largo Tejo em fóra; pressente as conquistas de alémmar.

★

As Escolas geraes, a Rigueira, a Mouraria, o Bemformoso, dão o quadro completo dos rumorosos seculos XIV e XV. A Mouraria, com as suas rotulas, os seus andares de ressalto, e as suas frentes de bico, é tortuosa como a politica do seculo XV, escura como as idéas do tempo, e operosa, e apressada como elle. Por aquellas lojas phantasiam-se facilmente os alfagemes; e os arrogantes palacios, encravados entre casas humildes e apinhadas, revelam bem o predominio desdenhoso da nobreza sobre o povo, sem a transição das classes intermediarias.

*

O XVI fugiu-me, confesso; caíram os paços da Ribeira, caíu a Misericordia, e obliteraram-se aos meus olhos os minimos resquicios palpaveis de um dos periodos mais notaveis da nossa historia, d'aquelle seculo poderoso e triste, que, se nos trouxe a inquisição, Alcacer-Kibir, e os Filippes, nos deixou tambem os Lusiadas, e Santa Maria do Rastello.

*

A baixa, com os seus angulos rectos, o seu aprumado de tão mau gosto, e o seu risco uniforme, imposto pelo sobrecenho de um grande ministro, a quem faltava a corda da arte, porque lhe faltava o coração, pinta-nos a energia do nosso seculo XVIII.

A baixa é symetrica e pesada, como a idéa policial. Vê-se porém na sombra o impulso do gigante administrativo, no traçado d'aquellas avenidas lar-

gas, que formam atrio junto do Tejo, no magestoso da praça commercial e *burocratica*, e na intenção com que a um tempo se levantou um monumento de bronze á monarchia, e uma colmeia austera de argamassa e pedra lioz á burguezia libertada.

Ergue a cabeça o terceiro estado.

*

O nosso aterro da Boa vista, a praça do Principe real, as ruas oriental e occidental do Passeio, com o seu desafogo, o seu rasgado, o seu variadissimo scenario sem caracter determinado, todo ecclectico, transitorio, insolente, egoista, mas já com as commodidades municipaes do viver publico, são o nosso indeciso e cahotico seculo XIX.

Lisboa nova é o complemento da revolução do conde de Oeiras.

A classe média triumpha; a riqueza publica extravasou-se dos cofres senhoriaes, cresceu nas mãos do trabalho, e á industria util chegou emfim o seu dia setimo.

Vê-se claramente o povo a dar largas ás suas veleidades; o ephemero palacio burguez, rodeado de araucarias e coroado de estatuas de loiça vidrada, sorri ao sol da Lisboa heraldica; as frontarias rutilam de todas as côres do arco-iris, e mesclam todos os estylos imaginaveis, desde Roma até Colonia, desde Londres até Bagdad; Luiz XIII acotovela-se na mesma empena com Affonso Domingues; a platibanda italiana encavalga-se no arco alhambrez; o minarete sobrepuja a architrave; porque a poetica do mestre de obras constitucional timbra em ser

meio mulher, meio peixe; o azulejo remoça n'uma feição puramente commercial; a anarchia invade a arte, julgando ser tambem liberdade politica; mas a vida moderna, agradavel, caseira, e estrangeirada, expande-se muito a seu sabor, á sombra da carta, com a largueza de *parvenue*.

Não quero grande mal, ainda assim, a tão flagrantes anomalias estheticas. Teem uma razão de ser.

Como tudo se liga n'este mundo, como entre a politica e as manifestações artisticas ha correlações estreitas, quero ver em tamanho cahos (note-se bem) não o desabrochar das sizanias demagogicas, mas o germinar das sãs tendencias liberaes; não o medonho escalar dos Encélados do chamado *socialismo*, mas o abraço filial das classes que executam, com as classes que dirigem; não as dissipações estereis de um luxo insensato, mas o desenvolvimento economico das massas laboriosas, as victorias da lida de seculos, os desacertos, ainda infantís, da propriedade que mudou de fórma; não a assolação da licença, mas a consolidação paulatina da liberdade, que ha de por sua vez consolidar a alliança do joven povo, instruido, educado, moralisado, e feliz, com a nobre e fecunda monarchia.

É isso o que eu vejo, á luz da arte, nas graves desharmonias que apontei.

*

Ora no meio d'esses quadros de feição varia, o Bairro alto de S. Roque, o assumpto d'esta primeira serie de capitulos, é, com a sua luz mitigada, as suas frontarias de um *chão*, as suas tabernas de

antiquado desenho, e a sua cara hybrida cidadã e religiosa, é, sem tirar nem pôr, o seculo XVII.

. O Bairro de S. Roque (fallando architectonicamente) é aprumado, alinhado; a casa monachal fraternisa com o palacio, e o palacio já sorri para a habitação popular; impera nas frontarias, nobres e ordeiras, o polido estylo romano do theatro e da poesia culta. Ha n'aquella grande composição urbana uma especie de pensamento de renovação, que lembra o Portugal restaurado, e os Ericeiras; porque é preciso notar isto bem: o Bairro, apesar de nascido ainda no seculo XVI, recebeu a pégada funda do seguinte.

*

Quem não quer vêr, ou quem não sabe vêr, nada enxérga de tudo que estou dizendo por aquellas ruas e viellas; mas quem observa, quem liga, quem procura através do moderno o antigo, quem emprega as suas faculdades idealisadoras, pasma do que ali se encontra. É uma guarda-roupa da eterna mascarada; uma camara optica de subido interesse (até politico); um volume truncado das historietas fugitivas dos Supicos da maledicencia lisboeta; um precioso archivo de usos e costumes; uma torre do tombo das burguezias mortas.

Ou porque o terreno seja muito caro no Bairro alto, ou pelo afogado das ruas (outr'ora tão alegres), ou por qualquer outra causa, o pedreiro tem por lá poucas encommendas; o mestre de obras, pouquissimas; o verdadeiro architecto, nenhumas; quando muito, reboca-se, e atamanca-se.

Algum senhorio mais imaginoso engrinalda com balaustrada a cornija do seu predio velho, como quem põe um chapellinho á Benoiton na cabelleira de um vegete de entrudo.

Outro substitue as varandas primitivas e simples pelos arabescos modernos de ferro fundido.

E nada, ou pouco mais, se vê; o que dá um ar heteróclyto ás frontarias, e não conseguirá nunca tornal-as artisticas.

*

Ha no Bairro minucias bem curiosas, muito á mão, a dois passos do centro mais concorrido da capital.

. . . .

Aqui levanta-se uma trapeira de bico, revestida de arroz de telhados; parece um fragmento de quadro de aldeia. Riem-lhe na frente uns honestos manjaricos e uns craveiros, resignados com o seu pouquito de sol e de ar. No escuro branqueja uma cortininha de cassa, remendada como os vidros da janella, e tão modesta como o lar de costureiras orphãs que ali adivinhâmos, ninho chilreado de palreiras andorinhas. Lá dentro chora-se alguma vez; mas no prego da parede gorgeia sempre o pintasilgo.

. . . .

Adiante, na loja mutilada de um antiquado palacete, que foi outr'ora brilhante e ocioso, apparecem as barbas grisalhas de um operario pobrissimo. Sulcam-lhe a fronte as cogitações melancolicas da fo-

me, como no quadro admiravel que Miguel Lupi está concluindo, poema da miseria, brado das lagrimas[1].

O pae trabalha ao banco ou ao torno. Entre as aparas brincam felizes umas creanças enfesadas. A mãe embala n'um canto um recemnascido, e quem passa escuta aquella triste voz:

Quem tem meninos pequenos
por força lhe ha de cantar!...

....

Acolá, onde era a portaria hospedeira e esmoler de um mosteirinho, acolá onde se apinhava a pobreza ao chamado da inexhaurivel caridade do monge, vê-se hoje o taboado secco e morto de uma estancia de madeiras, que já foram um pinhal, ou um bosque de faias.

....

Os vasos de flôres accumulados nas sacadas, contra os quaes se insurgem nas outras ruas de mais passagem as posturas municipaes, triumpham impunes no Bairro alto; ha por lá (insisto n'esta minucia, porque me recorda a primitiva quinta) verdadeiros

thronos da vicejante primavera;

ha caramancheis de trepadeiras, que enredam sobre as cimalhas os seus tugurios de veludo verde, e em-

[1] Refiro-me ao quadro que o nosso grande pintor intitulou *A falta de trabalho.*

molduram pela tardinha algum vulto gracioso, cujo perfil se projecta no opalino azul do ceo.

....

Mais além, debruçam-se para sobre quem passa umas pimenteiras a espreguiçarem-se por cima de um muro, em cuja aresta costuma achar maneira de amezendar-se o gatarrão maltez, como quem se refocilla ao sol n'uma poltrona.

....

Morreram as adufas das janellas, mas ainda ali reinam as taboinhas verdes, genero de *stores* já quasi banido no resto da cidade.

....

N'outro sitio, ha uma esquina de jardim, que dá um quadro: uma cabana de jasmins, impenetravel, sombria, com uns tons de bronze e sepia, e uns reflexos de amarello indiano; uma rua solitaria como arrabalde de povoa sertaneja; mais ao fundo uma ponte que atravessa a viella; e ao topo os cunhaes meio derrocados do conde de Soure.

....

Em summa: tudo no Bairro alto mostra uma certa independencia rebelde; em tudo porém se vae observando a transformação muito lenta e muito gradual da colmeia humana, a metamorphose pautada dos antigos usos e costumes, a pégada inevitavel dos annos que chegam, a innovação constante das idéas a ressaltar na pedra, o colorido das ultimas refor-

mações politicas a illuminar os recantos domesticos.

Ora o movimento, que se dá necessariamente pela cidade inteira, tem muito mais relevo, mais interesse, mais intensidade no Bairro alto, por isso mesmo que n'aquelle recinto se congregam, se condensam, se apertam, inconfundiveis e homogeneas, as memorias estremes do tempo que lá vae!

*

Durará sempre uma tal autonomia? durará muito ainda? não; de certo que não. Tudo tende a arrancar ao dominio dos Andrades a sua physionomia.

Dentro em pouco hão de rasgal-o de sul a norte os *americanos* do Rato e Campo-lide; algumas ruas hão de alargar-se necessariamente; observo uma tendencia na industria a retalho para ir occupando as cercanias da Patriarchal; essa tendencia ha de sentir-se no Bairro cada vez mais.

E não é só por aquellas immediações; é geral, é progressiva a descentralisação espontanea dos commercios; morreram os arruamentos, como odiosos privilegios que eram; os mercados e lojas inundam os quatro pontos cardeaes.

*

Lisboa tende a crescer enormemente para o lado da barra. Belem ha de vir a ser (se o não é já) um arredor do Chiado; as communicações faceis hão de perfazer essa inverosimil juncção.

Aos terrenos de Buenos ayres, ás terras do Des-

embargador na Cova da moira, aos quintalões da Triste-feia, ás quintas de Alcantara, ha de succeder o que já está succedendo á quinta real do Calvario, ao casal do Rolão, dos marquezes de Sabugosa, e succedêra á herdade de João de Altero: tudo isso ha de cobrir-se de um vasto lençol de casaria lindissima, seguindo os riscos mais graciosos, e mais apropriados ao nosso viver e ao nosso clima, riscos que parece vamos agora começando talvez a querer aprender.

Do Grillo a Pedroiços ha de orlar a beira do Tejo um aterro cortado de docas e pequenos canaes, povoado de fabricas de todo o genero, sombreado de alamedas, e variegado de *squares* e *chalets*. Por essa linha horisontal ha de correr o trafego mercantil em ponto grande, hão de seguir apressados os vehiculos mais commodos e elegantes; já se vê que não fallo nos nossos melhores *coupés*, nem nos nossos melhores *americanos;* tudo isso ha de chegar a ser ante-diluviano; refiro-me a uma invasão de carros que estão por nascer: uns bellissimos vagões de todos os tamanhos e feitios, particulares, de aluguel, de corda, a vapor, a electricidade, garbosos e serviçaes como não podemos imaginar.

Ao longo das largas ruas, regadas a miude (porque além do Alviella, que esperamos em breve, hão de ter affluido outros veios de agua) abrir-se-hão arcadas monumentaes de optimo gosto, abrigos para a calma e para a chuva.

A casaria moderna, os novos hoteis sumptuosos, de um gosto ecclectico fundido sabiamente de muitos elementos, hão de emmoldurar as longas aveni-

das. O gosto não se deve, quanto a mim, impor á força; parece-me até que as camaras não teem direito para isso; obrigar de antemão a taes ou taes riscos é attentar contra a liberdade artistica de cada um. O proprietario deve poder edificar *onde* e *como* quizer, assim como o pode *quando* quizer. Ás camaras o que pertence é ensinar indirectamente o bom gosto, fomental-o, espalhal-o, animal-o; isso sim. Para tal fim servem tambem os lyceus, os institutos industriaes, as academias de bellas artes, a propaganda das bibliothecas populares, as publicações graphicas accessiveis aos cobres. Essas revoluções no gosto assim é que se perfazem. O seu melhor auxiliar é a palavra do homem de lettras technico; oiçam-n'o. A auctoridade consegue menos quando impõe e ordena, quando, de codigo na mão, obriga o particular a seguir tal ou tal caminho (embora util), do que quando convence pelo exemplo, e arrasta pela sympathia; esse é que é o segredo da boa administração.

Os *boulevards* que se projectam, a avenida da Liberdade, e outras, cortarão, como raios de uma grande estrella, os arrabaldes em todas as direcções; serão as leiras da civilisação nova; servirão as variadas exigencias do movimento sempre crescente do publico, dotando a capital do reino com magestosas entradas, cheias de arvoredo, galerias, theatros, estatuas, e jardins, como o *Graben* de Vienna, o *Broadway* de Nova-York, o *Unter-den-linten* de Berlim, ou o *Corso* de Milão.

A academia das bellas artes terá emfim um palacio; a bibliotheca nacional, outro; dois solares não

indignos de uma cidade, dois templos condignos das artes e das lettras.

Os passeios publicos serão hortos botanicos, e museus a um tempo, centros de reunião, praso-dado de concertos e coros ao ar livre, gymnasios da mocidade das escolas, e até galerias e bibliothecas populares dos ociosos. E depois, ha de comprehender-se emfim que um passeio publico deve ser um refugio para quem não possa sair de Lisboa, um descanço bucolico para os espiritos exhaustos de tanto Chiado e tanta rua do Oiro, um poemeto com alguma pagina recolhida e scismadora, para os devaneios sem fito das horas tristes. A tristeza melhora; deem-lhe alimento. Aqui abrir-se-hão umas alamedas de cyprestal, tortuosas, indefinidas, com umas perspectivas vagas e grandes; inscripções tiradas dos nossos melhores poetas serão a linguagem muda da pequenina selva improvisada; e em alguma harpa eolia pendurada na ramagem cantarão os genios do ar as suas longas endeixas argentinas. Acolá, sobre um monticulo, surgirá um sacello classico á maneira do templo de Canova, rodeado de pinheiros de Italia; será uma exposição permanente de quadros e esculpturas nacionaes. Mais além, d'entre um massiço de murtas e salgueiros, avultará coberto de heras um gracioso mausoleo gothico a modo de capella; será uma livraria de recreio e instrucção. Ver-se-hão, não raro, esses recintos habitados nas horas mortas do dia, tornadas assim horas vivas do maior proveito. E entretanto, em volta d'este silencio inspirativo, lá mais por longe, nas outras clareiras do bosque, pela margem dos lagos, e junto aos core-

tos de musica, os kiosques e os cafés hão de attrair os alegres, os indifferentes, os que vão para serem vistos, os que dançam a uma réstea do sol da vida, a turba-multa das mundanas elegancias, a que se crê no direito insolente de ser feliz com ruido e com estrepito. Ha logar para todos. Deíxal-os folgar!

Os governos, os particulares, e as vereações hão de empenhar-se á porfia em não deixar jazer no ocio os talentos distinctos. Vasco da Gama e o infante D. Henrique, Affonso de Albuquerque e D. João I, serão assumptos em que se aproveitem os cinzeis arrojados dos Bastos, dos Simões de Almeida, dos Soares dos Reis, e dos Nunes, nobilitando-se as praças e as rotundas, obrigando-se o marmore a fallar, a bradar, a incitar a mocidade. Onde ha maior eloquencia que a da estatua?

Á sombra de numerosos platanos, laranjeiras, e acacias, bancos e cadeiras deterão os viandantes em frente dos nossos mais lindos pontos de vista, que tanto fallam, que tanto dizem á imaginação, como quadros que são de um grandissimo auctor!

Nas noites de verão serenatas de gondolas illuminadas sulcarão o Tejo, a que tão pouco apreço temos dado.

Um bem apercebido porto maritimo, com todas as commodidades do trafego naval, ha de attrair á nossa barra os navios de longo curso, como uma *caravançára* das cabildas marinheiras dos mares austraes e boreaes, acabando então o dito insolente dos nautas inglezes, que preferem fogo a bordo ás arribadas a Lisboa.

Com a viação accelerada em toda a Europa, com

a rede de ferro-vias e vapores intelligentemente combinada, ficaremos a dois passos de S. Petersburgo e de Washington; e (o que muito nos interessa) o abraço fraternal da nova Hespanha, independente e autónoma, duplicará n'esta monarchia autónoma e independentissima o nosso brio, o nosso fervor no trabalho, a nossa esperança no futuro, a nossa confiança no que valemos.

*

Ao crescer d'este modo em área, em luxo, em civilisação a capital portugueza, hão de obliterar-se-lhe algumas das suas feições mais pronunciadamente comarcãs, mantido comtudo o seu caracter nacional, que esse não se adultéra assim.

O que é certo é que ha ainda muito que fazer para levantar a cidade do estado anachronico em que se encontra em relação com os primeiros centros europeus e americanos; ha muito que fazer, mas d'aqui a tres seculos ha de estar feito, espero.

*

Assim pois, ao passo que os nucleos commerciaes de Lisboa se acheguem da barra, se irmanem com o serviçalissimo Tejo, hão de por acaso o Bairro alto de hoje e suas immediações ir definhando á mingua de alimento? Não; não.

Aconteceu isso aos morros orientaes, aos povoadissimos sitios que foram berço da côrte; aconteceu-lhes passar de serem côrte a serem aldeia; de serem a séde e o foco da historia viva, a serem o museu da historia morta; mas porquê? porque até

aqui Lisboa não tinha a força expansiva que vae tendo. Bastava-lhe a deslocação de um centro nervoso qualquer, um mosteiro, uma universidade, um paço, para comprometter a existencia do todo.

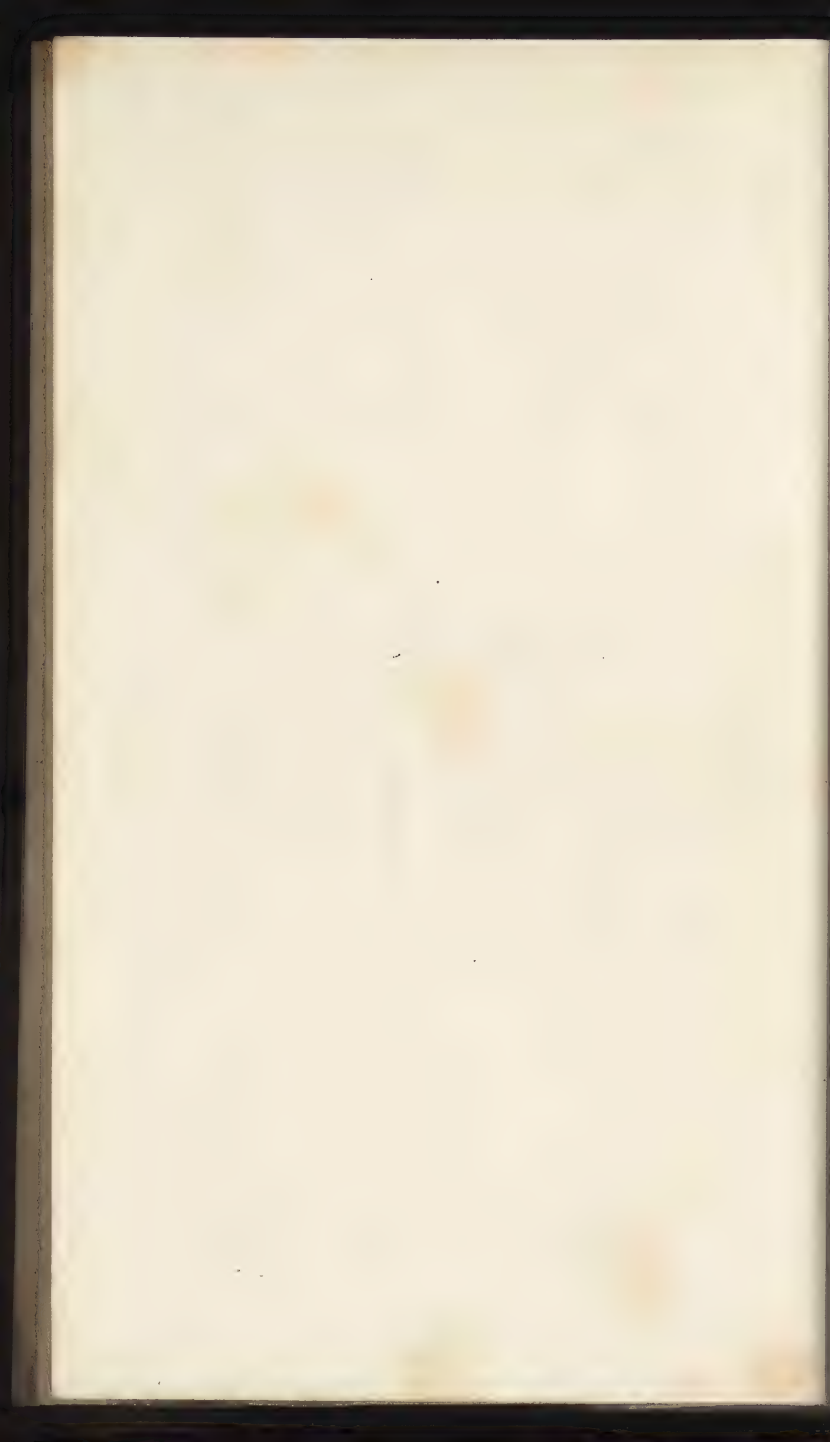
De ora avante não será assim: Lisboa ha de irradiar a sua actividade accrescida progressivamente; e ao passo que ha de fundar bairros novos desde o alicerce, ha de renovar o succo vital dos bairros velhos. Esperemol-o em Deus! tenhamos animo; não descoroçoemos perante o referver prodigioso da Europa. Os municipios já conseguem muito; ainda não conseguem tudo; continuemos a ajudal-os; aprendamos o *self* dos inglezes; o *self* faz milagres. Justifiquemos cada vez melhor as palavras do meu mestre, esculpidas no frontão d'este volume.

Gaste-se muito com a arte; a arte não é luxo, é pão; a arte é a grande civilisadora; todo o segredo do progresso reside ali.

E quando se entender geralmente a valia altissima do bello, como elemento creador do bom, como despertador dos mais altos sentimentos religiosos, como linguagem de um Deus que é todo luz e todo amor, felizes nós! teremos chegado ao pincaro da verdadeira civilisação.

FIM

NOTAS

I

LISBOA NO SECULO XVI

(GRAVURA DO FRONTISPICIO)

A estampa de Lisboa, que vae acompanhando este volume, é extraída do tomo IV do *Archivo Pittoresco,* publicação que infelizmente morreu, e que os governos deviam ter subsidiado por utilidade publica.

D'esta estampa diz o meu illustre mestre o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, o escriptor que mais sympathia me soube influir para este genero de estudos, e aquelle em cujas obras mais aprendi, ter sido *copiada, ou antes reduzida, de uma vista de Lisboa, a que o estampador poz a data de 1645; mas* (acrescenta) *vê-se que é anterior a 1584, porque o paço da Ribeira não tem ainda o torreão nem o forte que lhe mandou fazer Filippe* II *quando esteve em Portugal, além de outras alterações menos visiveis.* Por isso julga o sr. Vilhena Barbosa que a mesma vista é *pelo menos do tempo d'el-rei D. Sebastião.* Foi o sr. Vicente Jorge de Castro, antigo editor do *Archivo,* quem, com a maior promptidão, emprestou ao editor d'este livro, o sr. Antonio Maria Pereira, a chapa de buxo, que se imprimiu agora com os mesmos dizeres com que saíra primeiro, embora eu tome a liberdade de não concordar com alguns d'elles, e os repute equivocadamente postos.

Possuo uma gravura ingleza em aço representando a nossa capital no fim do seculo XVII ou principio do XVIII; não houve

tempo de a reproduzir para aqui em heliogravura, e foi pena; é um raro exemplar, de que apenas me consta possuir outro quasi egual o sr. conselheiro Jorge Cesar de Figanière, e ainda assim sem muitas das indicações de sitios conhecidos, casas particulares, e edificios publicos, que se encontram no meu.

O meu collega e amigo Francisco da Fonseca Benevides, nos dois volumes da sua obra *Rainhas de Portugal, estudo historico*, recentemente publicada, vulgarisou numerosos documentos ineditos, assim como retratos e traslados de monumentos celebres. Entre as mais interessantes illustrações do livro figuram duas vistas de Lisboa: uma no primeiro volume, tirada de uma miniatura do museu britannico, e a outra, no segundo, de um desenho contemporaneo d'el-rei D. João IV. Das duas é aquella para mim a mais preciosa pela ingenua verdade que revela, e pelas muitas indicações topographicas que nos transmitte.

O sr. Benevides com o seu espirito observador, e com a sua longa pratica dos estudos scientificos, comprehendeu bem que não ha minucias despiciendas, que tudo tem valia, que de qualquer pederneira pode sair faisca; armazenou com um trabalho insano uma serie de curiosissimas miscellaneas, que tornam o seu livro um amavel album historico, um archivo de variedades, um museu de preciosidades, a maior parte desconhecidas, mas todas uteis.

O livro *Rainhas de Portugal* foi um serviço innegavel que o douto academico prestou aos seus conterraneos. A muitos respeitos pode ser considerado, sem favor, uma resumida historia de Portugal. Como luxo typographico, bem poucas obras egualam esta edição, o que faz d'ella o mais erudito do *keepsakes*, e o mais gracioso dos livros uteis.

Já lá vae, e não torna, o tempo em que o livro, para ter visos de serio, havia por força de ser impresso em papel pardo, sem paragraphos, e em pessimo typo. Esses usos rimavam com o desalinho tradicional e intencional dos costumes e trajos de alguns dos antigos poetas bohemios, para quem a gaforina era uma lei, a escova um preconceito, a agua uma fraqueza. O sr. Benevides entendeu perfeitamente (como toda a gente hoje) que a seriedade da historia não consiste n'isso.

—*Des poètes! vous des poètes?! mais vous n'avez pas les yeux hagards, l'air sauvage, ni les cheveux ébouriffés, de ceux que l'on appelle de ce nom!*—dizia pouco mais ou menos Graziella ao elegante Lamartine e ao seu companheiro.

Analoga exclamação poderiam soltar alguns ao verem entre edições de Paris o livro das Rainhas. Pois aquillo é um livro de historia portugueza? tão amavel! tão bonito! tão attractivo! tão facil!

Amigos, é tal qual. É um livro de historia, um livro serio, e um livro bom.

Bemvindo seja pois no campo das investigações litterarias o applicadissimo escriptor, que até aqui só provara o seu alto merito no campo scientifico.

Concluirei denunciando ao leitor uma grande vista de Lisboa, pintada a oleo; existe n'um corredor da academia das bellas artes; mede de comprimento 4m,30 e de altura 1m,31. Para ali foi levada do collegio dos nobres, tendo pertencido primeiro á antiga casa do noviciado da companhia. Por acaso fui eu quem descobriu o esquecido auctor d'essa pintura, lendo a pag. 219 das *Memorias* de Wolkmar Machado, e communiquei logo a novidade ao meu amigo o sr. Delphim Guedes, vice-inspector da academia. O pintor foi Simão Gomes dos Reis, filho do capitão José Pinhão de Mattos. Calculo que seria executada esta vista, assim como a outra que lhe corresponde (a cidade de Goa), nos principios do seculo XVIII. Lisboa e Goa querem ali ser accessorios, e são o principal assumpto; o pintor pretendeu representar a despedida e o embarque de S. Francisco Xavier para o oriente, e a sua chegada á India. Não seria uma boa especulação financeira a publicação da vista de Lisboa n'uma grande chromo-lythographia? Ahi fica a lembrança. Que seria um bello serviço ás lettras e ás artes affirmo eu.

II

PAGINA 114, LINHA 14

Tambem procurei o processo de Miguel Leitão de Andrada no rico archivo do tribunal da relação de Lisboa; e apesar das diligencias obsequiosamente empregadas pelo sr. conselheiro José de Menezes Toste, guarda-mór, e pelo official da secretaria o sr. Antonio Carlos de Figueiredo Feyo, nada se encontrou. Agradeço cordealmente a ambos os seus bons officios, assim como a paciencia e franca amabilidade, com que outro bom amigo, o sr. João Pedro da Costa Basto, official maior do real archivo da torre do tombo, me auxiliou na busca do mesmo celebre processo em todos os papeis dependentes da sua repartição.

A quantas pessoas não incommodou o supposto criminoso Miguel Leitão! Se o livrei da nodoa de assassino, não o posso pois livrar da de *massador* posthumo.

III

PAG. 222, LIN. 9

As lettras gothicas, que eu não soubera lêr, foram interpretadas por um bom epigraphista, segundo me disse o meu sabio amigo o sr. Estacio da Veiga; dizem *Jesus avante!* parecem um grito de guerra; o que, além do caracter da lettra, ainda mais confirma ter sido aquella pedra encontrada em sitio que nada tinha com o moderno palacio Sobral.

LISTA DAS PRINCIPAES OBRAS

CONSULTADAS

PELO AUCTOR D'ESTE LIVRO

Almeida Garrett (Visconde de).—*Obras.*

Alvares Pedrosa (Manuel).—*Nobiliario de familias portuguezas.* Mss. da B. N. de Lisboa.

Assiz Rodrigues (Francisco de).—*Diccionario technologico e historico.*

Barbosa Machado (Diogo).—*Bibliotheca Lusitana.* Lisboa, 1747 a 59, fol., 4 vol.

Bem (D. Thomaz Caetano de).—*Memorias historicas, chronologicas da sagrada religião dos clerigos regulares em Portugal e suas conquistas.* Lisboa, 1792, 4.º gr., 2 vol.

Braunius (Georgius).—*Urbium præcipuarum theatrum.*

Capmani y Montpalau (D. José).—*Las calles de Madrid.* Madrid.

Cardoso (Jorge).—*Agiologio lusitano.* Lisboa, 1652 a 66, fol., 4 vol.

Cardoso (Padre Luiz).—*Diccionario geographico.* Continuação mss. e inedita na torre do tombo.

Carvalho da Costa (Padre Antonio).—*Chorographia portugueza.* 1706 a 12 fol., 3 vol.

Castello Branco (Camillo).—*Noites de insomnia.* Porto.

Castilho (Antonio Feliciano de).—*Quadros historicos de Portugal*. Lisboa, 1838, fol. max., 1 vol.
Idem.—*Revista universal lisbonense.*
Castilho (José Feliciano de).—*Memoria sobre a vida e as obras de Bocage*. Na collecção da *Livraria classica*.
Castro (João Baptista de).—*Mappa de Portugal*, 3.ª ed. revista e acrescentada por M. Bernardes Branco. Lisboa, 1870, 8.º 4 vol.
Collecção dos «librettos» dos theatros, na B. N. de L.
Collecções varias de legislação portugueza.
Compromisso da irmandade do bemaventurado S. Roque em a egreja da Companhia de Jesus ordenado pelos irmãos d'esta antiga confraria em Lisboa no anno de 1605, mss.
Conceição (Frei Apollinario da).—*Demonstração historica da parochia de Nossa Senhora dos Martyres*. Lisboa, 1750, 4.º, 1 vol.
Conceição (Manuel da).—*Supplemento ao Summario de noticias de Lisboa de Chr. Rodr. de Oliv.*, impresso com ellas em 1755.
Contas do principio do theatro da casa da opera do Bairro alto dos annos de 1761 a 1766. Mss. da B. N. de L.
Costa (D. Antonio da).—*A instrucção nacional*. Lisboa, 8.º, 1 vol.
Ericeira (Conde da), D. Luiz de Menezes.—*Historia de Portugal restaurado*. Lisboa, 1698, 4.º gr., 2 vol.
Esperança (Frei Manuel da).—*Historia serafica da ordem dos frades menores da provincia de Portugal*. 1656 a 66, fol. 2 vol.
Estatistica de Lisboa. Mss. gothico da B. N. de L.
Ferreira de Vasconcellos (Jorge).—*Comedia Eufrosina.*
Idem.—*Comedia Ulisippo.*
Idem.—*Comedia Aulegraphia.*
Fonseca Benevides (Francisco da).—*Rainhas de Portugal, estudo historico*. Lisboa, 1879, 8.º, 2 vol.
Goes (Damião de).—*Chronica do felicissimo rei D. Emmanuel*. Lisboa, 1566 a 67, fol., 4 vol.
Herculano (Alexandre).—*O monge de Cister.*
Idem. *O Panorama.*

Historia dos varões illustres do appellido de Tavora. Paris, 1648, 4.º, 1 vol.
S. José (Frei Jeronymo de).—*Historia chronologica da ... ordem da Santissima Trindade.* Lisboa, 1789 a 94, fol., 2 vol.
Juromenha (Visconde de).—*Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico.* Lisboa, 1860 a 69, 8.º, 6 vol.
Lacrois (Paul).—*Les arts au moyen age.*
Leitão de Andrada (Miguel).—*Miscellanea*, 2.ª ed. Lisboa, 1867, 8.º, 1 vol.
Leitão Manço de Lima (Jacintho).—*Familias de Portugal.* Mss. da B. N. de L.
Lopes (Fernão).—*Chronica d'el-rei D. João* I. Lisboa, 1644, fol.
Idem.—*Chronica d'el-rei D. Fernando.* Na collecção dos ineditos da academia.
Machado (Simão).—*Comedias portuguezas.* Lisboa, 1631, 4.º, 1 vol.
Maria (Frei Agostinho de Santa).—*Santuario Marianno.* Lisboa, 1707 a 23, 4.º, 10 vol.
Marinho de Azevedo (Luiz).—*Fundação, antiguidades, e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa.* 1652, fol., 1 vol.
Mendes de Vasconcellos (Luiz).—*Do sitio de Lisboa. Dialogo.* Lisboa, 1608, 8.º, 1 vol.
Moreira (Antonio Joaquim).—*Collecção de sentenças que julgaram os reos dos crimes mais graves e atrozes commettidos em Portugal e seus dominios.* Mss. da B. Nac. de L.
Moreira de Mendonça (Joaquim José).—*Historia universal dos terremotos.* Lisboa, 1758, 4.º, 1 vol.
Mouro de Sousa (Diogo de).—Mss. citado pelo sr. visconde de Juromenha na *Biographia de Camões.*
Nasao Zarco e Colona (D. Tivisco de).—*Theatro genealogico.*
Nogueira (J. M. A.)—*Archeologia do theatro portuguez;* serie de artigos publicados no *Jornal do Commercio* de Lisboa de 5 de abril de 1866 e seguintes numeros.
Nunes de Liam (Duarte).—*Chronica d'el-rei D. João* I. Lisboa. 1643, fol.
Idem.—*Descripção de Portugal.* Lisboa, 1610, 4.º, 1 vol.
Idem.—*Leis extravagantes colligidas e relatadas.* Lisboa, 1669, fol., 1 vol.

Oliveira (Frei Nicolau de).—*Livro das grandezas de Lisboa*. 1620, 4.º, 1 vol.

Oliveira Freire (Antonio de).—*Descripção chorographica do reino de Portugal.* Lisboa, 1739, 8.º 1 vol.

Pereira de Sant'Anna (Frei José).—*Chronica dos carmelitas.* Lisboa, 1745 a 51, fol., 2 vol.

Pina (Ruy de).—*Chronica d'el-rei D. João* II. Nos ineditos da Academia.

Pinho Leal (Augusto Soares de Azevedo Barbosa de).—*Portugal antigo e moderno.* Lisboa, 1873 a 76, em seguimento, 8.º, 6 vol.

Prestes (Antonio).—*Primeira parte dos autos e comedias portuguezas feitas por Antonio Prestes e por Luiz de Camões, e outros auctores portuguezes.* Lisboa, 1587, 4.º, 1 vol. Servi-me da nova edição do Porto, dirigida habilmente pelo sr. Tito de Noronha.

Raczynski (Conde de).—*Les arts en Portugal.*

Ratton (Jacome).—*Recordações.* Londres, 1813, 1 vol.

Rebello da Silva (Luiz Augusto).—*Historia de Portugal nos seculos* XVII e XVIII.

Relação estupenda do sentimento do Apollo do Terreiro do paço contra o Neptuno do Rocio. Folheto da B. N. de L.

Relação individual dos bens de D. Francisco da Gama, conde da Vidigueira, decimo setimo viso-rei da India, e entre os governadores trigesimo quinto, quinto do nome, terceiro do appellido, e dos condes quinto. Mss. da B. N. de L.

Relação da magnifica e pomposa entrada, que n'esta côrte fez no dia 11 de junho, este anno de 1755 o ex.mo sr. marquez de Braschi embaixador d'el-rei christianissimo. Lisboa, 1 folh.

Rezende (Garcia de).—*Cancioneiro geral, com privilegio.* Lisboa. 1516, fol., 1 vol.

Ribeiro (José Silvestre).—*Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios, e artisticos de Portugal.* Lisboa, 1871 a 79, em seguimento, 8.º, 8 vol.

Ribeiro Guimarães (José).—*Summario de varia historia.* Lisboa, 1871, 8.º, 5 vol.

Rodrigues Acenheiro (Christovam).—*Coroniquas dos Reis de Portugal.* Na coll. dos ineditos da Acad., tom. v.

Rodrigues de Oliveira (Christovam).—*Summario, em que brevemente se conteem algumas coisas... que ha na cidade de Lisboa.* Lisboa, 1755, 4.º, 1 vol.

Romano (Adriano).—*Urbium præcipuarum descriptio generalis.* Francoforti, anno 1595, 4.º, 1 vol.

Santa Rosa de Viterbo (Frei Joaquim).—*Elucidario das palavras,* etc. Lisboa, 1798, fol., 2 vol.

Sá de Miranda (Francisco de).—*Obras.*

Sanches de Baêna (Visconde de).—*Archivo heraldico-genealogico.* Lisboa, 1872, 8.º grande, 1 vol.

Silva (Innocencio Francisco da).—*Diccionario bibliographico portuguez.* Lisboa, 1858 a 70, 8.º, 9 vol.

Silva Tullio (Antonio da).—*Archivo Pittoresco.*

Soledade (Frei Fernando da).—*Historia serafica chronologica de S. Francisco da provincia de Portugal.* Lisboa, 1705, fol., 1 vol.

Sousa (D. Antonio Caetano de).—*Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal.* Lisboa, 1742, 8.º, 1 vol.

Idem.—*Historia genealogica da casa real.* Lisboa, 1735 a 48, 4.º, 19 vol.

Teixeira de Aragão (Augusto Carlos).—*Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governantes de Portugal.* Lisboa, 1874 a 77 em seguimento, 8.º, 2 vol.

Telles (Balthazar).—*Chronica da companhia de Jesus na provincia de Portugal.* Lisboa, 1645 a 47, fol., 2 vol.

Theatro comico portuguez, ou collecção de operas portuguezas que se representaram na casa do theatro publico do Bairro alto de Lisboa. Lisboa, 1744, 8.º, 4 vol.

Tombo de Lisboa, mandado executar por ordem do marquez de Pombal. Mss. do real archivo da torre do tombo.

Trigoso de Aragão Morato (Francisco Manuel).—*Memoria sobre o theatro portuguez, lida na assembléa publica de 24 de junho de 1817 (na Academia real das sciencias). Memorias,* tom. v.

Tron e Lippomani.— *Commentario per Italia, Francia, Spania e Portogallo, ovvero relazione del viaggio,* etc. 1581. (Vem traduzido por Herculano no *Panorama*).

Velloso de Andrade (José Sergio).—*Memoria sobre chafarizes. bicas, fontes, e poços publicos.* Lisboa, 1851, 4.º, 1 vol.

Venturino (João Baptista).—*Relação da viagem do cardeal Alexandrino, legado do papa Pio* v *á côrte de Portugal. Panorama,* tom. v.

Vicente (Gil).—*Obras.*

Vilhena Barbosa (Ignacio de).— *Estudos historicos e archeologicos.* Lisboa, 1874 a 75, 8.º, 2 vol.

Villa Maior (Visconde de).— *Memoria sobre hygiene publica.* inserta no 1.º anno dos *Annaes das sciencias e lettras da Academia real das sciencias de Lisboa.*

Wolkmar Machado (Cyrillo).— *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, esculptores, architectos, e gravadores,* etc. Lisboa, 1823, 4.º, 1 vol.

INDICE

Capitulo I

PAG.

Quadro campestre do Bairro alto.—O que eram todos esses terrenos no primeiro quartel do seculo XVI.—Onde e como findava para o lado do poente a muralha de Lisboa.—O postigo de S. Roque.—O postigo da Trindade.—A porta de Santa Catherina.—O postigo do duque de Bragança.—A praia deserta do Tejo.—Os Andrades ou Andradas senhores de uma grande quinta.—Quem eram elles.—João de Altero de Andrada.—Seus filhos.—Nicolau de Altero.—Bartholomeu de Andrada.. 5

Capitulo II

A ermidinha de S. Roque no chamado Rocio da Trindade.—Descreve-se a construcção da ermida.—Quadro de costumes.—Entra em Portugal a companhia de Jesus.—Estabelece-se na casa de S. Roque.—As predicas dos padres.—A morada do visinho Nicolau de Altero.—Uma gravura do seculo XVI.—A capella de S. Roque na nova egreja dos jesuitas.—Progressos da companhia.—Menciona-se entre todos os padres o bondoso Ignacio Martins.—Comprova-se com um facto curiosissimo

PAG.

a sua pasmosa influencia nos costumes do tempo.—Entra no espirito dos dinheirosos a construcção de um novo bairro na quinta dos Andradas.—Villa Nova de Andrade.—Cita-se Balthazar Telles.—Lisboa velha e Lisboa nova.................................. 13

Capitulo III

Recapitulação do exposto.—Investiga-se a origem do nome de algumas ruas do novo bairro.—Feição campestre do sitio conservada nas denominações cidadãs.—Exemplos.—A rua da Barroca.—Frei João e o Mestre de Aviz.................................... 26

Capitulo IV

A rua da Atalaya.—A travessa da Queimada.—A rua das Gavias.—A travessa dos Fieis de Deus.—A travessa da Espera.—A rua das Salgadeiras.—A rua da Rosa.—A rua Formosa.—A rua dos Calafates.—A travessa do Poço.—A rua do Norte.............................. 32

Capitulo V

Visita aos lares de um nobre lisboeta no seculo xvi.—É apresentado o leitor na casa de Nicolau de Altero.—Penuria de noticias.—Exhortação para que todos guardem papeis antigos.—É mencionado o douto Innocencio.—Retrato de um fidalgote lisboeta.—Sobriedade e severidade do seu lar domestico.—As vivendas nobres em Portugal.—O azulejo.—A mobilia portugueza.—A renascença italiana.—As modas.—O conchego domestico do casal.—Entretenimentos fragueiros.—A caça e as cavalgadas.—O que era o Rocio no seculo xvi.—Os exercicios physicos de nossos avós.—Quadros de genero copiados de auctores antigos.—Divertimentos da plebe.—Cita-se, para concluir, o Palito metrico....... 51

Capitulo VI

PAG.

A gastronomia do seculo XVI.—A loiça, os crystaes, e as iguarias.—Opinião dos estrangeiros ácerca das vitualhas em Lisboa.—Averigua-se a propriedade de mais uns terrenos pela familia Andrade.—Curiosa noticia sobre as antigas calçadas da capital.—O ladrilhador Jorge Fernandes.—É apresentado o leitor ás senhoras da casa de Nicolau de Altero.—Martha de Andrade.—Brites de Andrade.—O viver das antigas portuguezas.—Os mosteiros.—As festas de egreja.—A musica sacra.—As rebuçadas.—Providencias legislativas contra essa tal moda.—Retrato dàs portuguezas por um coevo.—Os serões na casa de S. Roque.—As amas e as escravas.—O macaco e o papagaio.—As leituras.—Livreiros antigos.—Os jogos dos homens.—Os serões de dança.—As allianças de familia.—Novo casamento de Brites de Andrade.—Apresenta-se ao leitor o noivo Miguel Leitão de Andrada.......................... 72

Capitulo VII

Miguel Leitão de Andrada e o seu precioso livro.—Analyse rapida da *Miscellanea*.......................... 86

Capitulo VIII

Resolve-se o auctor a bosquejar a biographia de Miguel Leitão de Andrada.—Em que anno nasceu o cavalleiro é ponto controverso.—Seu pae o bondoso Belchior de Andrada.—Infancia de Miguel no Pedrogam Grande.—Recordações da sua buliçosa meninice.—Sua mãe Catherina Leitôa, grande mãe e digna esposa.—Mencionam-se a correr os irmãos do nosso heroe........... 94

Capitulo IX

PAG.

Frei João de Andrada.—Partida para Salamanca.—Volta a Coimbra.—A faculdade de canones.—Historia de mais um mau estudante.—Rebate geral em todo o reino.—Sôa em Coimbra a trombeta de alarma.—A segunda jornada de Africa.—Parte a expedição.—O dialogo VII.—Quadro historico.—Tornada de Miguel Leitão ao reino.—Entrada na casa materna.—Morte da boa mãe.—O prior do Crato.—A sua ultima casa em Lisboa.—Ingrato comportamento de Miguel Leitão de Andrada.. 103

Capitulo X

Casamento de Miguel Leitão.—D. Ignez de Athouguia.—Trata-se de investigar um caso escurissimo.—Drama domestico.—Folheiam-se debalde os tombos do reino, e os archivos genealogicos.—Instituição de um morgado de Leitões e Andradas.—Enumeração de varios bens do vinculo.—Onde morava em Lisboa o cavalleiro Miguel Leitão.—As freiras de Sant'Anna e Luiz de Camões.—Monumentosinho á memoria do grande poeta.—D. Brites de Andrada segunda mulher de Miguel Leitão.—D. Francisca de Sousa sua terceira mulher.—Testamento d'elle em 1627.—Seu fallecimento em 1630.—Conclusão.. 113

Capitulo XI

Menciona-se de novo Bartholomeu de Andrade.—Sua filha Izabel, riquissima herdeira.—Casa com Vasco de Pina.—Quem é o noivo.—Menção de Ruy de Pina.—Izabel de Andrade casa segunda vez com D. Martinho da Cunha.—Passa todo o seu haver para a geração dos senhores de Taboa.—A casa das Chagas.—A Horta secca.—Apresenta-se ao leitor outro Andrade illustre.

PAG.

A sua casa á Annunciada.—A residencia dos condes da Ericeira.—Um Niza bibliophilo.—Francisco de Andrade chronista e guarda mór.—Diogo de Paiva de Andrade.—Frei Thomé de Jesus........................ 127

CAPITULO XII

Excursão archeologica pelo bairro.—O largo de S. Roque.—Enumeram-se os principaes palacios e casas nobres do Bairro alto.—Memorias celebres concentradas no estreito recinto do largo de S. Roque.—A torre de Alvaro Paes.—Sua demolição em 1836.—Palacio de D. Henrique de Noronha.—Palacio Niza e suas tradições.—O alfarrabista.—O theatrinho do pateo do patriarcha....................................... 137

CAPITULO XIII

Dá-se uma vista de olhos pela encosta abaixo.—Incurias da velha Lisboa.—A calçada do Duque e a linda casa do sr. Caldas Aulete.—Onde se escreveram os *Quadros historicos de Portugal*.—O mercado das flores em S. Roque.—Entra-se com o leitor na egreja dos jesuitas.—O adro.—As festas de S. Roque reflectidas no espelho da poesia popular.—A cerca da casa professa e os Recreios Whittoyne.—Analyse estethica do templo de S. Roque. 146

CAPITULO XIV

Estado actual do palacio de Nicolau de Altero de Andrade.—Sua reconstrucção no principio do seculo XVIII.—Investigações genealogicas frustradas.—Dividas que oneraram o palacio.—Seus actuaes donos................ 157

Capitulo XV

PAG.

Explicações topographicas da velha Lisboa.—O postigo da Trindade.—O grande mosteiro da Trindade.—Papel guerreiro dos monges trinos.—Pagina de historia portugueza.— A invasão castelhana.—As ultimas tentativas do prior do Crato.—Doações ao mosteiro.—O bairro do almirante.—A rua da Oliveira.—O grande convento do Carmo.—Ruinas e tristeza.—Como um proloquio popular contém muita vez historia e philosophia 162

Capitulo XVI

Continúa a digressão.—A porta de Santa Catherina.—Descripção d'ella.—Sua demolição em 1702.—Os elegantes da Casa havaneza nem suspeitam o que tudo aquillo foi.—A ermidinha de Santo Antonio.—Transformação d'essa ermida na egreja do Loreto.—O incendio de 1651.—Novas obras.—Um documento inedito.—A egreja nova.—Esculturas e pinturas.—A estanqueira do Loreto 177

Capitulo XVII

Vista de olhos á proxima egreja da Encarnação.—A condessa de Pontével.—De Brunelleschi até Borromini vae um abysmo.—Denuncia-se ao leitor uma joia artistica. —A Madonna de Machado de Castro.—Guerras de sacristia.—As Madonnas da arte antiga.—O palacio dos Marialvas, e os casebres do Loreto.......... 188

Capitulo XVIII

A rua do Alecrim.—Ermida de Nossa Senhora do Alecrim.—Sua fundação e historia.—Aproxima-se aos olhos do leitor a ermida dos Fieis de Deus e historia-se a sua

PAG.

lenda.—Visita á linda egreja das Chagas.—Recordações litterarias.—Catherina de Ataíde e Luiz de Camões.—Os sinos das Chagas.—Um poeta doido engaiolado n'um campanario.—O recolhimento das convertidas.—O alto de Belver e a egreja de Santa Catherina.—Pedido á camara municipal em nome das *bonnes d'enfants* e de outros personagens.......................... 196

Capitulo XIX

A rua da Cruz de Pau.—Pára-se no largo do Calhariz e medita-se no que é a proxima rua do Almada.—El-rei D. Affonso v e a sua côrte.—Um esquisso para quadro historico.—A Alfarrobeira.......................... 209

Capitulo XX

Palacio Sobral.—A Academia real das sciencias em peregrinação.—As festas dos Sobraes.—29 de abril de 1793.—Palacio Palmella.—A legação de Hespanha habita o Calhariz.—Menção de um grande sarão diplomatico-litterario.—A ermida da Ascensão.—André Valente e Catherina de Pina.—A parochia das Mercês.—Uma rua que ninguem suspeita.—Paulo de Carvalho e a nova egreja das Mercês.—Recolhimento dos Fieis de Deus.—Ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo.—Outras ermidas, hospicios, e recolhimentos no bairro.—Basta por hoje.......................... 221

Capitulo XXI

O palacio do Cunhal das Bolas, hoje *Asile Saint Louis*.—A videira da rua da Rosa.—Palacio da senhora baroneza de Almeida na rua da Barroca.—O visconde de Almeida Garrett seu inquilino.—Palacio do sr. Carlos

PAG.

Relvas na rua da Atalaya.—Gomes de Amorim e o seu lindo escriptorio.—Antonio Diniz na rua da Vinha.—Convento dos Cardaes, hoje asylo de cegas.—O collegio dos inglezinhos.—O conservatorio.—Os theatinos, Garrett, e Duarte de Sá.—O convento de Jesus, e a Academia real das sciencias.—Visita ao real collegio dos cathecumenos, hoje asylo da rua dos Calafates.—Francisco Luiz Ameno, Morando, e Antunes.—Menciona-se o *Diario de Noticias*.—A alameda de S. Pedro de Alcantara.—O palacio Ludovice.—O convento de S. Pedro, hoje recolhimento.—A casa dos srs. Salemas.—Conclusão 232

Capitulo XXII

Travessa e pateo do conde de Soure.—O palacio dos condes de Soure.—Quem eram esses fidalgos.—A rainha D. Catherina de Inglaterra vem habitar o Bairro alto de Lisboa.—Suas varias residencias.—Á rainha succede o judeu Antonio José no palacio Soure.—Nicolau Luiz e o theatrinho de bonecos.—Peças representadas.—Ao theatrinho de bonecos succede o theatro de gente.—Os empresarios, os pintores scenographos, os actores.—O marquez de Pombal.—Lista de peças do theatro do Bairro alto.—Um serão de recita na *opera* em tempo d'el-rei D. José.—Onde se prova que tudo acaba n'este mundo 250

Capitulo XXIII

Considera-se o desenvolvimento do Bairro alto.—Providencias da governação.—As antigas corregedorias.—É assassinado o corregedor do Bairro alto.—Accumulação de fogos, e encarecimento das casas.—Perde o bairro a sua feição campestre.—O aceio municipal na Lisboa velha.—Noticia das antigas calçadas.—Chamam-se

PAG.

a testemunhas varios escriptores antigos.—Jacome Ratton.—O guano da cidade e o *agua-vae.*—Abastecimento de agua potavel no Bairro alto; tentativas frustradas.—As praias da cidade quinhentista.—Fica o leitor conhecendo um original, o vadio mais laborioso de Lisboa.—Memoria do sr. visconde de Villa Maior.—Conclusão do assumpto para perfumar o capitulo 276

CAPITULO XXIV

Comprova-se a decadencia do bairro.—Intrusão de fogos suspeitos.—Correm-se algumas providencias legaes no assumpto.—O fadista do Bairro alto.—A comedia das ruas.—Os pregões lisboetas.—Venda a retalho na Lisboa antiga.—O mercado do Rocio.—A carne em Lisboa.—Açougues e talhos.—Os alquiladores e os caiadores.—O sr. Camillo Castello Branco apresenta ao leitor a Luizinha das camoezas.—As marisqueiras.—As doceiras.—As negras do pote.—Outra vez os pregoeiros.—Pregões de primavera, de verão, de outono, e de inverno.—Os pregões das diversas horas do dia.—Os domingueiros.—Uma celebridade do pregão lisboeta moderno.—Outra celebridade do pregão antigo.—O decano dos pasteleiros 292

CAPITULO XXV
e ultimo

Começa o auctor d'este livro a fazer as suas despedidas aos leitores.—Recapitula o exposto.—Menciona os auxiliares que teve.—Os *typos* do Bairro alto em todos os tempos.—Exhortação ao romance para que os aproveite.—O Bairro alto e a rua de Coruche.—O progresso; suas tropelias civilisadoras.—Physionomia antiquada do sitio.—A historia nos bairros da cidade.—O seculo XII na Alcáçova.—Os seculos XIV e XV na Mouraria.—

PAG.
Procura-se de balde o XVI.— O seculo XVIII na baixa. —Onde avulta o seculo XIX?—O Bairro alto é o XVII. —Insiste-se na feição *sui generis* do Bairro dos jesuitas. —Quadrinhos a fugir.—O porvir das ruas que se descreveram.—Tendencias de Lisboa.— A grande Lisboa do futuro.— O bello e o bom........................ 316

ERRATA

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	EMENDE-SE
63	17	que é tantas saudades	que é de tantas saudades
64	30	Frey Nicolau de Santa Maria,	Frei Nicolau de Oliveira
65	31	Idem.	Idem.
73	1	Reluizam	reluziam
77	31	*ayto de devoção.*	*ayto de devação,*
87	19	amavel, tagarella!	amavel tagarella!
90	16	Manuseia de bom grado	Folheia de bom grado
106	9	e da artilheria, as grandes	e da artilheria, percebem-se as grandes
151	28	Frey Nicolau de Santa Maria,	Frei Nicolau de Oliveira
211	6	infantal Izabel:	infantil Izabel:
212	13	depois; sósinho,	depois, sósinho,
280	16	Frey Nicolau de Santa Maria,	Frei Nicolau de Oliveira
301	14	de edificio	do edificio
»	27	Frey Nicolau de Santa Maria,	Frei Nicolau de Oliveira
»	29	Idem.	Idem.
304	21	o dos caiadores	a dos caiadores
307	9	das antigas	do das antigas